

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E  
MATEMÁTICA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

**ROSIMÉRI DOS SANTOS**

**AVALIAÇÃO NO ENSINO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS SOB A  
PERSPECTIVA DISCENTE**

**Porto Alegre  
2006**

ROSIMÉRI DOS SANTOS

**AVALIAÇÃO NO ENSINO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS SOB A  
PERSPECTIVA DISCENTE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Maurivan Güntzel Ramos

**Porto Alegre**

**2006**

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237a Santos, Rosiméri dos  
Avaliação no ensino interdisciplinar de ciências sob a perspectiva discente / Rosiméri dos Santos. – Porto Alegre, 2006.  
254 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Fac. de Física, PUCRS, 2006.  
Orientador: Prof. Dr. Maurivan Gützel Ramos.

1. Aprendizagem – Avaliação. 2. Educação – Avaliação.  
3. Avaliação Escolar. 4. Estudantes – Avaliação.  
5. Interdisciplinaridade (Educação). I. Ramos, Maurivan Gützel. II. Título.

CDD 371.27

Bibliotecária Responsável  
Iara Breda de Azeredo  
CRB 10/1379

ROSIMÉRI DOS SANTOS

***AVALIAÇÃO NO ENSINO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS SOB A  
PERSPECTIVA DISCENTE***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 15 de março de 2006, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Maurivan Guntzel Ramos(PUCRS)

---

Prof. Dr. Cláudio Galli (PUCRS)

---

Prof. Dr. Roque Moraes (PUCRS)

### ***Dedicatória***

***Dedico este trabalho aos meus pais José e Enedina.  
O exemplo deixado por ele, de perseverança e de esforço,  
inspirou-me durante a realização desse trabalho . O carinho,  
o cuidado e o incentivo de minha mãe, permitiram  
a sua finalização.***

## **AGRADECIMENTOS**

Reconheço e agradeço a atenção, o carinho e o incentivo de minha mãe, Enedina dos Santos, a qual propiciou condições para que eu dedicasse o tempo necessário à elaboração desta pesquisa.

O olhar atento e criterioso do professor Doutor Maurivan Güntzel Ramos que orientou, aconselhou e indicou caminhos que possibilitaram a construção deste relatório.

À direção e colegas do Instituto Estadual de Educação Paulo da Gama, especialmente aos professores Sérgio Queiroz, Elisete Aires e Marilu Krás Borges, que facilitaram a realização das atividades descritas neste trabalho.

Aos colegas de turma do Mestrado, com atenção especial a Silvana Lumertz Model e Áurea Inês Spies, que acompanharam e incentivaram a elaboração do projeto de pesquisa.

Aos professores do curso de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, que sempre estavam disponíveis para conversar, acompanhar, desafiar e incentivar os seus alunos.

A amizade de Vilma Eleonora Barata Martins, Rosa Maria Rolim e Ana Laura Frota, amigas que acompanharam cada etapa desse trabalho.

Um agradecimento especial à grande amiga Denise Kriedte da Costa que motivou o ingresso no curso de Mestrado e auxiliou na realização do curso, através da troca de impressões, sugestões, materiais e pelo exemplo de competência e dedicação.

Aos colegas das escolas em que trabalho, Egon Pedro Lerner, Lisiane Eick, Rosangela Moreira e Silvia Otero, que demonstraram carinhoso e sincero interesse pelo sucesso do trabalho.

À colaboração dos alunos da terceira série do Ensino Médio do Instituto Estadual de Educação Paulo da Gama do ano de 2004, que gentilmente colaboraram e possibilitaram a realização dessa pesquisa com seus depoimentos sinceros sobre o trabalho realizado na escola.

## RESUMO

O objetivo desta dissertação foi pesquisar a percepção do aluno das disciplinas de Ciências sobre o processo de avaliação da aprendizagem. Investigou-se o tipo de envolvimento do aluno na avaliação. A investigação foi realizada com alunos e professores da terceira série do Ensino Médio de uma escola pública de Porto Alegre. O foco do trabalho foi a análise dos aspectos que envolvem a participação do estudante na construção do processo de avaliação em atividades interdisciplinares. Os pressupostos da pesquisa relacionam-se à avaliação da aprendizagem, à investigação necessária para uma avaliação qualitativa e participativa, às questões éticas vinculadas às relações de poder, autoridade e autonomia, aos valores entre educando e educador e tendências para os novos caminhos da avaliação a serem implementadas pela escola neste novo século, à renovação do ensino de Ciências e às concepções que influenciam os novos currículos escolares. A metodologia proposta envolveu a redação de depoimentos pelos alunos sobre o processo de avaliação realizado pelos professores. A partir da análise de conteúdo dos textos foram selecionados dez alunos para entrevista, com objetivo de esclarecer questões surgidas na análise dos depoimentos. O estudo apresenta evidências de que os professores estão promovendo mudanças no processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, na avaliação. É feita uma escuta atenta ao estudante sobre o quê e como ele aprende, a partir do momento em que se envolve na execução de uma proposta de trabalho, que precisa ser coerente com os seus interesses e suas necessidades.

**Palavras – chave:** avaliação da aprendizagem; avaliação da avaliação; avaliação participativa; percepções dos alunos sobre avaliação.

## **ABSTRACT**

The aim of this paper was to research Sciences' subjects student perception on the evaluation learning process. It was researched the kind of student's involvement in the evaluation process. The research was fulfilled with Public High School third grade students and teachers in Porto Alegre city. The work's focus was the analysis of aspects that involve the student's participation in the construction of the evaluation process in the interdisciplinary activities. The research's purposes were related to the learning evaluation, to the necessary research for a qualitative and participant evaluation, to the ethical points linked to the relations of power, authority and autonomy, to the values among student, educator and tendencies for the evaluation new routes to be implemented by the school in this new century, to the renewal of Sciences' teaching and the conceptions that influence the new school syllabus. The proposed methodology involved students' written testimonies about the evaluation process accomplished by the teachers. Starting from the texts content analysis, ten students were selected for interview in order to explain questions that emerged from the testimonies analysis. The study presents evidences that the teachers are promoting changes in the teaching and learning process and, consequently, in the evaluation. It is done an attentive 'listening' to the student about what and how he/she learns, since the moment that he/she gets involved in a work proposal achievement, that he/she needs to be coherent with his/her interests and needs.

**Key words:** learning evaluation; evaluation of the evaluation; participant evaluation; students' perception on evaluation.

## RESUMEN

El objetivo de esta disertación fue investigar la percepción del estudiante de la asignatura de Ciencias en el proceso de evaluación del aprendizaje. La manera por la cual el estudiante se empeña en la evaluación fue investigada. La investigación fue realizada con los estudiantes y maestros del tercer año de la enseñanza media de una escuela pública de Porto Alegre. El enfoque del trabajo fue el análisis de los rasgos que abarcan la participación del estudiante en la construcción del proceso de evaluación en las actividades interdisciplinarias. Las presuposiciones de la investigación se relacionan a la evaluación del aprendizaje, a la investigación necesaria para una evaluación cualitativa y participativa, a las cuestiones éticas unidas a las relaciones de poder, autoridad y autonomía, a los valores entre estudiante y educador y tendencias para nuevos caminos de la evaluación por ser implementada por la escuela en este nuevo siglo, a la renovación de la enseñanza de Ciencias y a las concepciones que influyen en los nuevos currículos escolares. El método propuesto abarcó la redacción de declaraciones por los alumnos sobre el proceso de la evaluación logrado por los maestros. Desde el análisis de contenido de los textos, fueron seleccionados diez alumnos para la entrevista, con el objetivo de aclarar las cuestiones que surjan en el análisis de las declaraciones. El estudio presenta evidencias de que los maestros están promoviendo cambios en el proceso de enseñanza y aprendizaje y, por consiguiente, en la evaluación. Se escucha atentamente al estudiante sobre lo qué y cómo él aprende, desde el rato en que se comienza la elaboración de una propuesta de trabajo que necesita ser coherente con sus intereses y sus necesidades.

**Las palabras claves:** evaluación del aprendizaje; evaluación de la evaluación; evaluación participativa; percepciones de los alumnos sobre la evaluación.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 ORIGENS, CONTEXTO E QUESTÕES DE PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
2.1 Origens da investigação.....	15
2.2 Problematização da avaliação escolar.....	22
2.3 Questões de Pesquisa.....	30
2.4 Etapas da pesquisa.....	31
<b>3 A AVALIAÇÃO COMO UM CAMINHO DE SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DA APRENDIZAGEM ESCOLAR.....</b>	<b>34</b>
3.1 Questionamentos sobre avaliação.....	37
3.2 Os paradigmas educacionais e o processo de avaliação escolar.....	43
3.3 Um novo paradigma e o processo de avaliação participativa.....	48
3.4 Os métodos de pesquisa de ensino e de avaliação: rompimentos necessários.....	53
3.4.1 O processo de avaliação de um professor que luta para romper com as ações que não contribuem para aprendizagem.....	57
3.4.2 O professor de Ciências e o processo de avaliação.....	60
3.5 A construção da participação do estudante no processo de avaliação escolar.....	65
<b>4 A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR.....</b>	<b>69</b>
4.1 Desafiando o aluno a participar.....	69
4.2 Desafiando o professor a mudar sua prática.....	73
4.3 Apresentação da proposta interdisciplinar.....	77
4.4 Áreas de conhecimento selecionadas pelos estudantes.....	78

<b>4.5 Visão geral da proposta interdisciplinar.....</b>	<b>79</b>
<b>4.6 Novas atitudes e suas implicações.....</b>	<b>80</b>
<b>5 AS CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO ESCOLAR DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.....</b>	<b>84</b>
<b>5.1. A finalidade da educação institucional e o ensino multidisciplinar.....</b>	<b>88</b>
5.1.1 Investimento e qualificação do ensino.....	89
5.1.2 Vínculo entre o conhecimento científico e matemático.....	90
5.1.3 O processo de avaliação num contexto multidisciplinar.....	92
5.1.3.1. <i>O papel da avaliação na formação do cidadão atuante</i> .....	94
5.1.3.2. <i>A influência da linguagem no processo de avaliação</i> .....	95
<b>5.2. A metodologia utilizada nas aulas de Ciências.....</b>	<b>103</b>
<b>5.3 Os instrumentos de uma avaliação formativa e os enfoques qualitativo e quantitativo.....</b>	<b>110</b>
5.3.1 Avaliação formativa no ensino de Ciências.....	111
5.3.2. A integração dos aspectos qualitativos e quantitativos na avaliação.....	118
<b>5.4 O processo de auto-regulação do aluno sob a perspectiva de uma avaliação formativa e qualitativa.....</b>	<b>125</b>
5.4.1 As contradições da prática avaliativa.....	126
5.4.2 A regulação das aprendizagens a partir da avaliação formativa.....	130
5.4.3 A auto-avaliação e o processo de metacognição.....	135
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESGATE DA AUTONOMIA NA BUSCA DE UMA PRÁTICA DE TRANSFORMAÇÃO .....</b>	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>154</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>157</b>
ANEXO A - Mapa dos conceitos centrais da unidade .....	158

ANEXO B – Roteiro da Unidade de Aprendizagem.....	160
ANEXO C - Ficha de inscrição .....	166
ANEXO D - Instrumento de avaliação .....	168
ANEXO E - Ficha de auto-avaliação .....	170
ANEXO F - Textos elaborados pelos alunos sobre o processo de avaliação .....	172
ANEXO G - Mapa conceitual das habilidades desenvolvidas na unidade de aprendizagem.....	191
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>193</b>
APÊNDICE A - Transcrição das entrevistas com os alunos .....	194

## **1 INTRODUÇÃO**

A Educação desafia constantemente aos professores, principalmente, quando se refere à efetivação do processo de avaliação. O Ensino Médio com a sua característica pluridisciplinar dificulta o acompanhamento do professor em relação à formação integral dos alunos. A carga horária reduzida em algumas disciplinas, o elevado número de alunos em sala de aula e os critérios de avaliação, essencialmente quantitativos, contribuem para um parecer avaliativo parcial e injusto. Muitos professores acabam por desconsiderar o desenvolvimento integral dos estudantes, os quais são exigidos segundo critérios rígidos que, na maioria das vezes, inibem a autonomia, a criatividade e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Assim, esta investigação busca respostas sobre o modo como os alunos da terceira série do Ensino Médio, de uma escola pública, participam da construção da aprendizagem e da avaliação desse processo. Nesta pesquisa, o grupo de alunos escreveu depoimentos referentes às experiências de avaliação, nas disciplinas de Ciências. No período de escrita desses depoimentos, os alunos vivenciaram um projeto interdisciplinar de pesquisa proposto pelos professores da série.

A proposta de avaliação desse projeto foi diferenciada, baseada na troca de informações entre alunos e professores, na auto-avaliação e na possibilidade de refazer e retomar o rumo da atividade pedagógica, partindo dos interesses e dificuldades relatados pelos alunos durante a execução das atividades propostas. A

atividade incentiva o “Educar pela Pesquisa”, ou seja, envolve os sujeitos num processo de questionamento de suas ações, favorecendo a construção de argumentos capazes de validar as concepções elaboradas a partir dos eventos vivenciados nesse período.

O texto a seguir apresenta este trabalho. O capítulo inicial explicita a origem do problema, contextualiza o local e o público investigado e apresenta o problema e as questões de pesquisa que nortearam a investigação.

O capítulo três discute algumas impressões da pesquisadora fundamentadas por autores reconhecidos pela comunidade acadêmica. Essas concepções estão vinculadas à evolução do processo de avaliação, às novas tendências da Educação, entre elas o Educar pela Pesquisa, às questões associadas à construção de um processo de avaliação dialógico entre professor e aluno e ao desenvolvimento de estratégias que tentam romper com a memorização e com a reprodução do conhecimento, bem como o incentivo à participação dos alunos.

No quarto capítulo há uma descrição do projeto interdisciplinar **ver, brincar, tocar, sentir e aprender** que propiciou uma reflexão sobre os fundamentos, as etapas e as relações entre o processo de planejamento da atividade, a necessidade de ajustes na execução das propostas e a construção do processo de avaliação da aprendizagem do aluno. São descritas as atividades, assim como os objetivos e os cuidados com o processo avaliativo em cada uma das etapas.

No capítulo cinco, as informações obtidas por meio dos depoimentos escritos e das entrevistas são analisadas. As entrevistas foram transcritas e os depoimentos digitados, constando dos anexos, que acompanham este relatório. Esse material foi categorizado e interpretado, em busca de respostas às questões de pesquisa associadas a aspectos como: a finalidade da educação institucional e o ensino

multidisciplinar; a metodologia utilizada nas aulas de Ciências; os instrumentos de avaliação formativa e os enfoques qualitativo e quantitativo como processo de autorregulação da aprendizagem do aluno. Estas categorias foram identificadas a partir do problema de pesquisa dessa investigação.

No último capítulo, procura-se responder às questões de pesquisa e apresentar as conclusões obtidas a partir da análise dos dados. Além disso, são propostas algumas sugestões para o aperfeiçoamento do processo de avaliação àqueles educadores que aceitam o desafio de trabalhar com os fundamentos do Educar pela Pesquisa.

## **2 ORIGENS, CONTEXTO E QUESTÕES DE PESQUISA**

Isolados os homens aprendem a odiar. Juntos é que terminam se amando.  
(LIMA, 1967 *apud* FERREIRA, 2002, p.15).

Este capítulo apresenta algumas das inquietações que deram início ao planejamento da pesquisa. São apresentados os problemas enfrentados na atividade docente da pesquisadora, referentes à avaliação da aprendizagem e ao envolvimento do estudante no contexto escolar onde a pesquisa ocorreu. As etapas da pesquisa são descritas e envolvem, especificamente, a participação do aluno a partir da realização de um projeto interdisciplinar.

### **2.1 Origens da investigação**

Desde o momento em que se faz a opção pelo exercício do magistério, percebe-se que o futuro do professor está indissoluvelmente ligado ao de outras pessoas. Nesta prática, professores e alunos são companheiros solidários, que agem um com o outro e um para o outro. Há muito mais do que informações, regras e equações. Existe “partilha”.

A partilha é uma das características do envolvimento dos agentes da Educação. É nesse exercício que o cidadão contribui para a mudança de uma sociedade que pretende ser fraterna.

As dificuldades de trocar, repartir e cooperar, impedem, aparentemente, uma convivência social e harmoniosa. Chegou o tempo em que todos os homens têm de reconhecer, em termos concretos, seus limites, suas fraquezas e seus erros. A insegurança e a incapacidade de lidar com as conseqüências de decisões e atitudes tomadas por motivos políticos e econômicos, desvinculadas das relações sociais conduzem a um quadro de desigualdades, com o acúmulo de bens, por poucos, e de aflições, por muitos.

Cabe ao educador contribuir para mudanças nessa realidade, ajudando as pessoas a analisarem realidades e verdades, com precisão e coerência. Assim, pretende-se estabelecer relações entre os fatos e, com isso, construir novas perspectivas e caminhos mais dignos na conquista de uma nova sociedade.

O homem, naturalmente, busca a liberdade, mas enfrenta dificuldades em manter, nessa busca, uma convivência harmoniosa. Desenvolver valores como a igualdade, a justiça, a paz, o amor à vida e a fraternidade são tarefas difíceis.

Dessa tendência pela busca do aperfeiçoamento, presente nas relações humanas, vem a necessidade da manutenção de um trabalho educativo coerente. A tarefa é delicada e ninguém pode realizá-la só, surge a necessidade de vislumbrar formas mais humanas de conviver no grupo e de sustentar as concepções solidárias e voltadas ao bem comum.

Não é utopia atribuir ao professor parte da responsabilidade de libertar o homem das escravidões culturais, políticas, econômicas e sociais. A busca pelo aperfeiçoamento do ser humano depende da maneira como o processo de ensino e aprendizagem é realizado. Propiciar ao estudante desafios que estimulem o diálogo, a participação, a autonomia e a crítica favorecem a construção de um cidadão que questiona e valoriza o conhecimento e o uso que dele se faz.

A forma como se dá a avaliação da aprendizagem pode facilitar, para o professor, o alcance desses objetivos, por isso o tema avaliação foi objeto desta investigação, que é influenciada pelas experiências de uma professora envolvida, há quinze anos, com a docência em várias faixas etárias, pois terminado o curso de Magistério, iniciou, imediatamente, a graduação em Licenciatura Plena em Física.

Na graduação eram grandes as expectativas, referentes ao tipo de trabalho que seria desenvolvido em sala de aula. Com certa ingenuidade, não havia indicações sobre as condições das escolas, motivação dos alunos e as dificuldades que esta geração enfrenta para aprofundar conhecimentos. O trabalho com a Educação Infantil, na época, propiciou uma atividade lúdica. A educação pré-escolar e o currículo por atividades eram a referência profissional, que foi exercitada até a conclusão da graduação. Concluído o curso, teve início o desempenho do ensino da Física.

Foi um início difícil, porque era esperado um trabalho prazeroso e divertido. Listas de conteúdos, com instrumentos formais e específicos de avaliação, que mantinham as aulas organizadas num calendário e que contemplavam as expectativas de uma prova final, interferiam na rotina de sala de aula. Os alunos assistiam às aulas, resolviam questões, mas não tinham espaço para trabalhar dificuldades ou curiosidades específicas.

Nesse quadro, era possível perceber nos alunos uma falta de motivação e redução no prazer pelo aprender. Isso era um balde de água fria no sonho que existia até aquele momento. É claro, que um professor não se acomoda num quadro desses. Por isso, a necessidade de uma investigação sobre as causas e a busca por possíveis soluções para esses problemas.

Inicialmente, a causa do desinteresse, que chegava à indisciplina, à forma como a professora conduzia às atividades em sala de aula. Por isso, era importante qualificar a formação profissional. Assim, em 1994 concluiu-se o Curso de Especialização em Informática Educativa, a partir do qual tentou-se adaptar a disciplina aos interesses manifestados pelos alunos. Mas isso não aconteceu.

A mudança de enfoque, que passou a ser interdisciplinar, a aplicabilidade dos conhecimentos trabalhados e a mudança na forma de conduzir as atividades docentes foram bem recebidas pelos alunos. No entanto, a presença constante de atividades práticas realizadas no laboratório da escola e as demonstrações, feitas em sala de aula, não provocaram a mudança esperada. O conceito e a nota continuavam sendo os fatores mais importantes do processo de ensino e aprendizagem. O número de alunos que demonstrava estar integrado à escola, desenvolvendo suas habilidades e potencialidades, era cada vez menor.

Há cinco anos foi possível assumir um papel diferenciado em uma das escolas, a regência de turma. Inicialmente, euforia, depois ansiedade e, finalmente, partilha. A euforia inicial deve-se pela valorização da escola, ao reconhecer que o desempenho profissional era satisfatório, a ponto de receber uma turma para “cuidar”. Após alguns dias, a constatação de que os cuidados seriam muitos, pois não eram apenas os alunos que estavam sob a tutela do professor, mas as famílias, os colegas professores e a supervisão escolar iriam acompanhar o processo educativo com maior atenção. O receio de falhar e de não corresponder às expectativas era considerável. Em um determinado momento, houve a troca de experiências, relatos, registros, documentos, dicas e conselhos.

Um dos fatores que contribuiu para a permanência nessa nova função foi a possibilidade de investigar os motivos que levam ao desenvolvimento e ao amadurecimento do jovem.

Através de entrevistas com alunos e pais e de relatos e questionamentos, que apresentavam os fatos cotidianos de aula com pontos de vista diferentes, foi necessário adaptar ações e escolher a linguagem mais adequada para apresentar os resultados da aprendizagem. A forma de redigir os registros aumentava o interesse e o envolvimento do estudante com o processo de avaliação da aprendizagem. Estes fatos despertaram para a necessidade de envolver o aluno na avaliação de sua aprendizagem.

O diálogo proporcionado por essa função estimulou o questionamento, principalmente, em relação ao papel do professor dentro do processo de construção do conhecimento, já que as dificuldades manifestadas pelos alunos estão diretamente vinculadas às propostas feitas por ele em sala de aula.

Na trajetória que conduziu à realização desta investigação, esta pesquisadora entende que os alunos do Ensino Médio são desafiadores, mas têm, muitas vezes, atitudes agressivas e inesperadas. Dessa forma, precisam de professores que demonstrem segurança e afeto. É necessário ajudá-los a manter o equilíbrio, promovendo o convívio fraterno e solidário na escola.

Por isso, a busca da verdade e o compromisso com a Educação fazem com que o professor esteja pronto para ouvir. E, para isso, é importante ser responsável no agir e consciente das implicações de suas ações. Conseguir o equilíbrio entre esses dois papéis é uma vitória. Os alunos precisam de professores que não reajam às provocações no mesmo nível, construindo sua autoridade com base no diálogo, na confiança e no respeito.

Uma das tarefas é propiciar o diálogo entre os professores e os educandos. Algumas vezes, é constrangedor conversar com a turma sobre situações polêmicas criadas na prática docente. É comum tentar intermediar essas situações, procurando soluções satisfatórias para todos, mas nem sempre possíveis.

Procura-se valorizar a conduta ética, proporcionando aos envolvidos, segurança, tranquilidade e objetividade. Muitas vezes, as famílias não colaboram, fazem exigências inadequadas, omitem e/ou inventam fatos, tentando manipular as decisões dos professores. Como identificar esses momentos? O que fazer para conscientizá-las?

Usa-se a escuta, para tentar estabelecer um contato dessas famílias com a realidade da escola. Ouvem-se relatos de enormes dificuldades, que parecem tornar insolúveis os problemas familiares e surge um sentimento de impotência na tentativa de construir uma convivência amigável e harmoniosa com os alunos e professores.

Exige-se do educador um acompanhamento eficiente do desenvolvimento do aluno. Isso depende, em grande parte, da integração entre a família e a escola. É importante que exista um elo muito forte entre esses personagens. A família precisa amparar o jovem; o professor precisa acompanhar os avanços e as dificuldades manifestadas pelo aluno na escola; e a supervisão escolar precisa apoiar os professores que tentam atender, da melhor maneira possível, as exigências de sua função.

Aceitar que as pessoas são diferentes é um dos fatores que nos ajudam a conduzir a prática docente. Valorizar e incentivar as pessoas a inovar, ajudando-as a romper seu isolamento e a estabelecer vínculos de confiança e credibilidade, também, é importante.

Ser um mediador é uma das tarefas que competem ao educador, pois permitir que os pontos de vista defendidos por ele e pelo aluno fiquem em extremos opostos é negar a relação pedagógica.

A formação profissional do professor envolve a área de conhecimento que irá lecionar. Ela prepara-o para o manejo de ferramentas, que identifique, analise e influencie sentimentos, atitudes e motivações. Além disso, o estudo de tendências pedagógicas e metodologias alternativas pode auxiliar o professor no exercício de sua profissão.

A participação em um Curso de Mestrado em Educação no Ensino de Ciências está fundamentada na busca pela compreensão dos processos relevantes no ensino das Ciências e pela qualificação necessária para a manutenção e o aprimoramento da prática docente.

O educador necessita de informações, relatos e orientações para encaminhar uma nova proposta de trabalho, vinculada diretamente às necessidades do grupo de alunos. As dificuldades para adaptar, com criatividade, conteúdos específicos para a série e atender às expectativas de jovens agitados, curiosos e que dominam o uso de recursos tecnológicos, mas que não conseguem, em sua maioria, organizar um método próprio de estudo por vincular o trabalho escolar às recompensas oferecidas pelo professor, são desafiadoras.

A motivação do estudante e o método de estudo que ele utiliza estão diretamente vinculados à forma como é realizada a avaliação do desempenho escolar. Assim, de maneira geral, os professores vivem em questionamento constante: O que fazer? Como fazer? Por que fazer? É necessária uma base filosófica e psicológica para nortear a prática, pois essa função requer do professor, uma identidade profissional bem definida.

Procura-se na realização desta pesquisa um leque de possibilidades que possa aprimorar a ação docente dos agentes engajados com a construção de uma realidade solidária e livre de receitas previamente estabelecidas. Desta forma, a prática do educador tem na sua conclusão a obrigatoriedade de um parecer sobre o desempenho, conquistas e dificuldades do educando. A forma como é realizada essa etapa do processo será aprofundada. A avaliação está no centro da discussão!

A necessidade de o professor ressignificar seus referenciais teóricos pode favorecer o surgimento de novas estratégias e estruturas de acompanhamento pedagógico, as quais retomadas a partir da reflexão sobre os resultados dos instrumentos de avaliação utilizados, podem criar uma ação educativa dinâmica e coerente. Essa coerência necessita estar adequada à busca pela construção de um cidadão consciente, responsável, criativo e autônomo, apresentado utopicamente no início deste texto.

## **2.2 Problematização da avaliação escolar**

O professor deve ser um bom “fazedor de histórias”, procurando manter os seus parceiros de construção do conhecimento atentos, participativos e engajados na elaboração e seleção da teia de relações que constituem o enredo que está sendo vivenciado.

No início da atividade docente tinha uma visão diferente desse papel e considerava o professor um bom “contador de histórias”. Assim, a avaliação que realizava julgava desempenhos, baseada em critérios formais e nos padrões determinados por um manual metodológico e por objetivos que classificavam habilidades.

A mudança de conceito mostra que a avaliação tem a função de acompanhar o aluno, auxiliando-o a superar dificuldades no processo de aprendizagem. Reconhecidamente, esse é um processo contínuo, e que permite o acompanhamento dos avanços do educando, permitindo “mapear” o caminho construído por ele.

Essa mudança de paradigma e a necessidade de reformular iniciativas, programas e saberes, são questionadas por Libâneo (2001):

O que deve ser a escola em face dessas novas realidades? A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação. Nessa escola, os alunos aprendem a buscar a informação (nas aulas, no livro didático, na TV, no rádio, no jornal, nos vídeos, no computador etc.), e os elementos cognitivos para analisá-la criticamente e darem a ela um significado pessoal. Para isso, cabe-lhe prover a formação cultural básica, assentada no desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas. Trata-se, assim, de capacitar os alunos a selecionar informações, mas, principalmente, a internalizar instrumentos cognitivos (saber pensar de modo reflexivo) para aceder ao conhecimento. (LIBÂNEO, 2001, p.26).

A partir da reformulação do papel da escola, dos espaços de aquisição da informação e de construção do conhecimento, exige-se do educador o estudo dos níveis de maturidade dos alunos no alcance da autonomia e no desenvolvimento de habilidades. Dessa forma, esta educadora modificou sua prática docente. Novas metas de trabalho foram estabelecidas, mas ainda existem dificuldades e dúvidas que não foram respondidas, principalmente sobre o tema **avaliação**.

O professor constrói o processo de avaliação baseado em critérios pessoais e nas habilidades e competências a serem desenvolvidas com o aluno. Isso pressupõe um envolvimento dialógico do educador com o aluno, pois a troca de expectativas entre estes agentes exige diálogo, envolvimento e parceria. Sobre este assunto Demo (2000) traz para discussão o fato de que:

[...] o aluno aprende reconstruindo o conhecimento com mão própria, ora de maneira individual, ora coletiva. Precisa ter a chance de errar, de discutir, de testar, de achar soluções próprias, de divergir e de argumentar. (DEMO, 2000, p. 26).

Esse movimento deve ser percebido pelo professor, por exemplo, ao permitir que o aluno realize uma auto-avaliação criteriosa. A análise do acompanhamento e do desenvolvimento de habilidades que permitam ao educando observar, selecionar, relacionar e criticar dados constitui os referenciais para o professor realizar uma avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

A avaliação é uma das ferramentas que o professor dispõe para modificar e aprimorar o processo de construção do conhecimento. Segundo Grillo, essa tarefa deve envolver cooperativamente professor e aluno, pois:

A avaliação já não pode ser simplesmente considerada constatação, aferição, tampouco aprovação ou reprovação. Implica a compreensão da trajetória do aluno em seu processo de aprendizagem (que é sempre uma construção), reconhecendo seus avanços e paradas com partes integrantes de um processo. (GRILLO in ENRICONE;GRILLO, 2003, p.35).

Entende-se que deve haver um trabalho conjunto entre o professor e o aluno. Por outro lado, espera-se que a avaliação seja mais do que a expressão de um resultado, que pode definir o futuro de um indivíduo e a indicação de caminhos para ambos.

Exige-se, portanto, um trabalho de parceria entre o professor e o aluno. A rivalidade entre eles, comum numa sala de aula, deve ser substituída pelo envolvimento integrado, em uma construção coletiva do processo avaliativo. Esta busca coletiva constitui uma ferramenta primordial para a prática de um professor de Ciências.

A construção desse espaço coletivo é interpretada com falhas por muitos professores, que mantêm um pensamento empirista sobre a avaliação escolar.

Nesse caso, trabalham com o que é mensurável e de fácil manuseio e desconsideram a avaliação como instrumento de aprendizagem. Caberia a eles instigar a curiosidade natural, a descoberta, o questionamento e a argumentação do aluno.

Nesse sentido, esse trabalho se propõe a analisar a percepção dos alunos em relação à avaliação usualmente utilizada em sala de aula, especialmente pelos professores de Ciências, do Ensino Médio.

Dessa forma, chega-se à reprovação escolar. Será que esta tem um significado prático na vida do aluno ou apenas acarreta uma retomada de informações desvinculadas de significado?

O papel da reprovação na construção de aprendizagens significativas precisa ser discutido. Até que ponto um professor pode determinar com exatidão se, ou seja, será que o estudante construiu conhecimento e pode, com ele, estabelecer relações entre conceitos? Vasconcellos (1998 a) constata que:

É preciso desmontar a lógica da classificação por considerarmos que é injusta do ponto de vista ético-político, e ineficaz do ponto de vista pedagógico (não elimina ou supera as causas das dificuldades na aprendizagem), além de acarretar problemas psicológicos (auto-estima) e econômicos (gasto a mais com alunos reprovados). É certo que ela não faz tudo isso sozinha; todavia contribui e muito para tal. (VASCONCELLOS, 1998a, p.42).

Outro problema presente é que, no estudo das Ciências, espera-se que algumas habilidades e competências sejam valorizadas e desenvolvidas de forma comum, mas as disciplinas são trabalhadas desarticuladas e sem qualquer encadeamento. A metodologia utilizada pelos professores interfere no processo de avaliação oferecido aos alunos.

Há muitos anos persiste este desconforto, principalmente quando os resultados finais são divulgados no final do período letivo. O dilema que o professor

enfrenta neste momento é significativo. O desempenho do aluno é colocado “em julgamento” e, na maioria das vezes, ele não é convidado a opinar. Assim, as respostas registradas nos testes tornam-se os únicos documentos, a comprovar o desempenho ao longo do período letivo. Este é um dos problemas enfrentados pelo professor.

Desde o ano de dois mil e um, a escola onde foi desenvolvida a pesquisa busca um novo perfil para o sistema de avaliação escolar, facilitando a criação de um processo de avaliação formativa a partir da valorização e qualificação do processo de trabalho do aluno.

Entende-se a avaliação formativa como um processo que se realiza durante o processo de construção do conhecimento vivenciado pelo aluno. E sendo necessário levantar informações sobre a ação dos estudantes, é imprescindível a manutenção de condições que permitam a eles comunicar suas impressões sobre o processo de ensino aprendizagem. Charles Hadji cita Perrenoud, ao esclarecer ser:

[...] formativa toda avaliação que auxilia o aluno a aprender e a se desenvolver, ou seja, que colabora para a regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo, [...] seria melhor falar de observação formativa do que de avaliação. (PERRENOUD, 1991 *apud* HADJI, 2001, p.20).

Neste espaço de debate, a prática de avaliação das disciplinas do Ensino Médio, especialmente na área de Ciências, na maioria das vezes, é responsável pelas reprovações dessa etapa. Por isso, é importante investigar o nível de participação do aluno, solicitado pelo professor no dia-a-dia de sala de aula.

Os professores sabem que os alunos não demonstram igualmente os seus avanços na construção dos conceitos, uma vez que possuem ritmos próprios e distintos. No entanto, os instrumentos de avaliação são padronizados e

desconsideram diferenças individuais. Perrenoud colabora com a discussão, ao defender que:

Por mais selecionado que seja, nenhum grupo é totalmente homogêneo do ponto de vista dos níveis de domínio alcançados no início de um ciclo de estudos ou de uma seqüência didática. Por mais “neuro” que seja, nenhum programa está à mesma distância das diversas culturas familiares das quais os alunos são os herdeiros. (PERRENOUD, 1998, p. 94).

Dessa forma, o aluno expressa a sua opinião ou a apresenta informalmente com restrições, pois os instrumentos de avaliação contribuem para verificar o nível alcançado no domínio dos conceitos ligados às diferentes áreas do conhecimento humano. A falta de integração entre os participantes deste processo precisa ser questionada, interpretada e modificada. Esta discussão despertou a necessidade de investigar certos aspectos relacionados aos mecanismos da avaliação, tendo o olhar do aluno.

Na busca por respostas, a leitura e o contato com diferentes autores foram algumas das estratégias utilizadas. O problema que rege esta pesquisa surgiu a partir da leitura de um artigo do Caderno Catarinense do Ensino de Física “A participação de alunos na correção das provas de uma disciplina de Física no Ensino Superior”, no qual os professores Aguida Celina de Méo Barreiro e Otaciro Rangel Nascimento relatam suas experiências ao propiciarem a participação de alunos na correção das provas da disciplina de Física.

A proposta de envolver os alunos ativamente no processo de avaliação, inclusive, permitindo a atribuição de notas ou menções sob a supervisão docente e as questões levantadas pelos alunos durante a execução dessa proposta provocaram o interesse em aprofundar esse tema. Um dos relatos dos alunos chama a atenção, na medida em que evidencia ser possível integrar a participação dos alunos com as atribuições e o poder de julgamento do professor.

Com o curso de Física III aprendi a me organizar, a dar um passo de cada vez, a pensar em cima de um problema e a como estudar. Corrigindo as provas, via onde errava e, o mais importante, por quê. Muitas vezes os alunos não procuram o professor para tirar dúvidas e nem porque erram. Aprendi tudo isso. É um professor exigente, o que nos tornou mais exigentes conosco. É didático e conversa de igual para igual, o que nos deixa à vontade e mais relaxados para poder aprender. (BARREIRO e NASCIMENTO, 2000, p. 301).

Outro relato, nesse sentido, foi apresentado por Diligenti (2003). Esse autor realizou uma avaliação participativa no ensino superior e assegura que:

[...] a avaliação pode servir como instrumento de aprendizagem. Quando o ato de avaliar é discutido e construído com todos os participantes do processo educativo, quando a avaliação não se isola das práticas realizadas ao decorrer do curso, onde a compreensão e a solidariedade são estimuladas, ocorre uma ruptura em relação a uma avaliação tradicional e a reversão da avaliação com instrumento de dominação em uma avaliação com sentido libertador e emancipatório. (DILIGENTI, 2003, p.67).

Sob esse enfoque, o processo de avaliação envolve estratégias que valorizam as trocas entre os envolvidos. Nesse nível, é possível partilhar as decisões sobre os destinos dos alunos, tendo sempre presente o acompanhamento que é oferecido ao educando e os recursos de que a escola dispõe para docentes e discentes superarem juntos as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem.

Acredita-se ser viável a análise das relações que regem o processo de avaliação escolar proposta por uma escola de Ensino Médio, com uma visão e missão definidas. Os encaminhamentos desse processo são mediados por professores competentes, nas suas áreas de atuação, e validados pela comunidade escolar.

A ênfase dessa pesquisa foi determinar se os alunos do Ensino Médio têm maturidade para construir e refletir participativamente o processo de avaliação da construção do seu saber. Persistiu o desejo de averiguar a forma como as

estratégias utilizadas pelos professores, especialmente das Ciências, favorecem o diálogo e a troca de experiências com os seus alunos.

Procurou-se verificar a forma e o nível de autonomia e maturidade com que o aluno contribui para a transformação do fazer pedagógico no ato de avaliar. Assim, o centro da pesquisa é a análise da questão qualitativa da avaliação de um professor de Ciências, sob o olhar participativo do aluno. Na busca de uma fundamentação para a construção deste projeto destacou-se a coleta de alguns depoimentos de colegas professores. Tais relatos apontam para a procura de muitos professores de maneiras para estimularem seus alunos, a serem sujeitos participantes da construção de suas avaliações.

Os pressupostos de que a avaliação deveria favorecer a análise participativa do aluno e de que é necessário questionar-se a prática de sala de aula, encaminharam a realização desta pesquisa, a qual investigou a participação dos alunos no processo de avaliação da aprendizagem, no Ensino de Ciências do Ensino Médio. Assim, foi indicada a questão central para ser investigada: **Como promover a participação dos alunos no processo de avaliação da aprendizagem, em escolas públicas, em atividades interdisciplinares de Ciências do Ensino Médio?**

É proposta a discussão sobre a forma como os alunos do Ensino Médio, especialmente nas disciplinas de Ciências, participam da construção de sua avaliação, questionando se a fazem integrando-se aos instrumentos utilizados pelos professores ou se permanecem alheios ao processo de mensuração do seu saber.

### 2.3 Questões de Pesquisa

A mudança de paradigma implica em incertezas. E “o trabalho com a incerteza perturba muito os espíritos, mas exalta outros; incita a pensar aventurosamente e a controlar o pensamento” (MORIN, 1999 *apud* DILIGENTI, 2003, p. 82). Desse modo, é importante evitar, na análise, uma visão ingênua do problema (certo/errado). Por isso, indicam-se as questões de pesquisa:

- Quais são as concepções dos alunos sobre o processo de avaliação escolar?
- De que formas são desenvolvidas habilidades crítico-argumentativas para que o aluno possa participar efetivamente do planejamento das estratégias de avaliação?
- Que valores e atitudes estão associados à implementação de uma avaliação participativa do aluno?
- Como pode ser aperfeiçoado o processo de avaliação da aprendizagem nas escolas, em disciplinas de Ciências do Ensino Médio de escolas públicas?

Estas questões nortearam a investigação a partir do relato dos alunos sobre o processo de avaliação realizado pelos professores da terceira série do Ensino Médio, numa escola pública de Porto Alegre. Os professores propuseram a pesquisa de temas escolhidos pelos alunos, que executaram o projeto interdisciplinar **Ver, brincar, sentir e aprender**, e foram avaliados a partir de sua participação, interesse e habilidades desenvolvidos durante o processo.

## 2.4 Etapas da pesquisa

Por meio dessa pesquisa investigou-se a participação dos alunos da terceira série do Ensino Médio no processo de avaliação escolar realizado numa escola estadual de Porto Alegre.

A opção pelo projeto interdisciplinar foi feita a partir da leitura do artigo *Os projetos de trabalho: um mapa para navegantes em mares de incertezas*, de Fernando Hernández, onde se destaca que:

Com os projetos de trabalho pretende-se percorrer o caminho que vai da informação ao conhecimento. Um caminho que pode transitar-se por diferentes vias ou seguindo diversas estratégias (não utilizamos esse tempo no mesmo sentido do que se conhece por estratégias de aprendizagem, quer dizer, como via pré-fixada, baseada num treinamento cognitivo). Uma das estratégias mais relevantes seria a consciência do indivíduo sobre seu próprio processo como aprendiz. Consciência que não se estabelece no abstrato e seguindo princípios de generalização, mas em relação à biografia e à história pessoal de cada um e cada uma. Dado que este processo, baseado no intercâmbio e na interpretação da atitude diante da aprendizagem de cada pessoa, é singular (ainda que não único), não se pode reduzir a uma fórmula, a um método ou a uma didática específica. Somente pode ser abordado a partir de um ponto de vista diferenciado sobre quem aprende e o que se pretende conhecer. (HERNANDES, 2004, p. 4).

A partir dessa proposta, os projetos interdisciplinares são um convite à investigação e à discussão do trabalho docente. As trocas, o intercâmbio e o respeito à história pessoal dos indivíduos propiciam a análise do tema **avaliação** sob um ponto de vista diferenciado e singular. Investigou-se o modo como os professores do Ensino Médio, especialmente de Ciências, constroem a prática da avaliação, se a fazem integrando os resultados dos seus instrumentos com a participação do aluno, ou se desenvolvem uma relação dialética com o processo de construção do saber. Nesse caso, favorecendo a construção de uma identidade autônoma e questionadora e evitando o enfoque classificatório que valoriza a acumulação de informação e a exclusão a partir de resultados insatisfatórios.

A execução dessa investigação teve início no primeiro semestre de 2004. A coleta de dados envolveu algumas etapas:

1 Sensibilização dos alunos para o tema avaliação, com a redação de depoimentos sobre o tema avaliação. O auxílio do professor de Língua Portuguesa, propondo a escrita desses textos, foi significativo.

2 Redação de depoimentos dos alunos, retomando os momentos significativos desses estudantes e verificando se o acompanhamento dos professores interferiu na forma como o aluno executou as tarefas propostas. Isso ocorreu após a execução do projeto interdisciplinar, apresentado no capítulo 4, a divulgação dos pareceres avaliativos para os estudantes envolvidos e a retomada da discussão sobre os critérios de avaliação utilizados na atribuição das menções aos trabalhos apresentados.

3 Entrevistas com dez estudantes para esclarecimento de questões que surgiram após a análise e categorização dos depoimentos.

Os depoimentos desses jovens sobre avaliação foram analisados e interpretados a partir de referenciais teóricos previamente selecionados. É importante destacar que as relações interpessoais estabelecidas nesse grupo podem dificultar a postura de neutralidade da pesquisadora, porque ela está inserida no mesmo contexto dos estudantes.

A partir dos depoimentos dos alunos foi inferido como os professores realizam a avaliação formativa. Destacou-se um enfoque qualitativo/participativo, questionando os valores éticos da relação entre professor e aluno.

Os estudantes que participaram das entrevistas foram selecionados a partir da análise dos depoimentos, destacando-se aquelas escritas com clareza e consistência de argumentos. As entrevistas foram gravadas em áudio, a partir de

questões pertinentes, em relação ao ser e o fazer pedagógico nas disciplinas voltadas às Ciências. Foram feitas questões semelhantes a todos os estudantes, em horários adequados a todos os envolvidos.

As entrevistas abordaram questões envolvendo: a construção do conhecimento e a forma como entendem o processo de avaliação da aprendizagem; a compreensão do significado da avaliação; a análise da relação professor-aluno e os valores associados a ela; a forma como se efetiva a comunicação entre professor-aluno; os instrumentos utilizados no processo avaliativo; e, o nível de aceitação do parecer avaliativo.

Com o objetivo de contribuir para o processo de construção de uma avaliação democrática e justa, a escola foi informada sobre as categorias que resultaram da análise, pois a verificação do nível de maturidade e autonomia dos alunos do Ensino Médio pode ser um indicador de que é possível viabilizar a sua participação efetiva no processo de avaliação.

Sintetizando, a pesquisa foi realizada em uma escola pública, de Ensino Médio de Porto Alegre. O problema da pesquisa envolve a qualidade da participação do estudante no processo de avaliação da aprendizagem de projetos interdisciplinares de Ciências. As etapas da pesquisa envolvem a coleta de depoimentos dos alunos sobre o processo de avaliação vivenciado em diferentes níveis de escolarização, incluindo o período da execução de projetos interdisciplinares.

### **3 A AVALIAÇÃO COMO UM CAMINHO DE SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Segurança e tradição é tudo o que não teremos, na ruptura de paradigmas: desafios, conflitos, trabalho e inovação nos aguardam nesse novo caminhar. (BEHRENS, 2000, p.9).

Este capítulo traz a contribuição de vários teóricos sobre a Educação e a Ciência. A partir dessas contribuições discute-se o processo de avaliação da aprendizagem e as formas como o estudante pode participar da construção de sua avaliação sob diferentes paradigmas educacionais. Alguns métodos educacionais como o Educar pela Pesquisa e o trabalho interdisciplinar através de projetos são discutidos. Encaminha-se uma reflexão sobre a necessidade do professor romper com as formas tradicionais de avaliação escolar.

Um dos desafios do educador na busca da qualificação do ensino é, sem dúvida, a avaliação. Esse assunto está diretamente ligado à sua prática em sala de aula. A proposta de Educar pela Pesquisa, por exemplo, pode favorecer a construção de argumentos com os alunos e motivar os professores a reestruturarem suas práticas pedagógicas. No entanto, uma nova ação pedagógica implica fazer alterações no processo de avaliação.

A avaliação é um processo contínuo que possibilita a elaboração de um diagnóstico, facilitando uma tomada de decisões na tentativa de superar as dificuldades enfrentadas pelo aluno e o professor na qualificação do processo de

construção do conhecimento. Assim, ela transcende o papel de ser um “atestado do êxito ou do fracasso” do aluno, usualmente atribuído, pela comunidade escolar.

Sobre isso, Hoffmann afirma, que:

Para atribuírem significado a esses processos, educandos e educadores precisam estar engajados numa discussão que não tem por finalidade o cumprimento burocrático da avaliação, mas a reflexão conjunta, o apoio pedagógico e interdisciplinar na resolução de problemas de aprendizagem que fazem parte do seu cotidiano. [...] Projetar a avaliação no futuro dos alunos significa reforçar as setas dos seus caminhos: confiar, apoiar, sugerir e, principalmente, desafia-los a prosseguir através de provocações significativas. (HOFFMANN, 2002, p. 39).

Sob esse enfoque, o processo de avaliação necessita ser de ‘mão dupla’, pois tanto a ação e o desempenho do aluno quanto do professor precisam ser analisados com coerência e sob as concepções metodológicas que regem a prática pedagógica da escola e do educador. Não existe um modelo ideal ou uma receita. Faz-se necessário, e é urgente, evitar o condicionamento de uma avaliação imediatista, parcial e classificatória. É importante que professores, alunos, equipes diretiva e pedagógica, bem como a família, preocupem-se com o modo pelo qual se efetiva a construção do conhecimento do aluno.

Perrenoud colabora com esta discussão afirmando:

Poder-se ia dizer que a escola define o fracasso e o êxito de modo unívoco porque quer tomar, de maneira unilateral, decisões legítimas. Assim, ela explicita, critérios de êxito e de fracasso que supostamente se aplicam de modo uniforme a todos os alunos que se encontram em uma situação comparável. Mesmo quando não convence todos do fundamento de seus critérios, **usa de seu poder de dizer** (grifo do autor) em última instância, quem tem êxito ou quem fracassa e de, conseqüentemente, decidir. (PERRENOUD, 1998, p.39).

Nesse texto, percebe-se que, para a sociedade, o valor da escola fica vinculado às recompensas obtidas em um processo de acomodação do aluno e do professor. Nessa etapa, fica difícil propor uma avaliação emancipatória, pois a realidade é repetitiva e classificatória. Espera-se que a avaliação indique o caminho

a ser seguido pelo professor e pelo aluno, sendo percebida como um processo reflexivo sobre os avanços e as deficiências apresentados pelos sujeitos, no sentido de favorecer e facilitar a sua aprendizagem.

Essa forma de avaliar prioriza a cooperação e a inclusão do aluno na articulação de sua avaliação. Esse espaço favorece a criação de um ambiente, no qual ele tem o direito de aprender e o dever de assumir-se como sujeito participativo, sendo co-responsável por sua aprendizagem. Bernardo esclarece que:

Em outras palavras, é necessário dar um sentido às tarefas escolhidas, para que os alunos deixem de executá-las só porque o professor assim determinou. Mesmo que os propósitos de uma tarefa sejam eminentemente pedagógicos e, nesse sentido, se configurem também como meios para se chegar a um certo fim, isto precisa ficar claro para quem, ao final das contas, tem o trabalho. (BERNARDO, 2000, p. 53).

A construção de uma avaliação participativa e comprometida com a melhoria da produção do aluno é viável, se houver a troca efetiva e qualificada de informações entre os agentes desse processo, o qual pressupõe a implementação de um trabalho coletivo. Deveria ser comum esperar o trabalho integrado entre o professor e o aluno. Na obra *Educação pelo argumento*, há a referência de que “fora da escola, no mundo do trabalho, não se produz mais nada sozinho; o trabalho é coletivo [...]” (BERNARDO, 2000, p.194).

Vasconcellos colabora, afirmando:

O que se espera de uma avaliação numa perspectiva transformadora é que os seus resultados constituam parte de um diagnóstico e que, a partir dessa análise da realidade, sejam tomadas decisões sobre o que fazer para superar os problemas constatados: perceber a necessidade do aluno e intervir na realidade para ajudar a superá-la. (VASCONCELLOS, 2000, p. 74).

Essa análise implica o compromisso do professor com a atividade discente. Significa preparar atividades que propiciem a interação dos alunos de forma que

elaborem e produzam, numa permanente (re) construção, pois “a construção do conhecimento pelo educando se dá de maneira dinâmica e progressiva, não havendo início, meio ou fim nesse processo” (HOFFMANN, 1998, p. 35).

A seguir, alguns questionamentos sobre avaliação e a discussão de alguns dos paradigmas que influenciam o processo de avaliação da aprendizagem. Destaca-se a necessidade da ruptura com os modelos tradicionalmente classificatórios de avaliação.

A sensibilização do professor e do estudante para a promoção de mudanças significativas e suas implicações educacionais é analisada sob o olhar das inúmeras personalidades envolvidas com o estudo e a inovação em Educação.

### **3.1 Questionamentos sobre avaliação**

A forma como os professores organizam o processo de avaliação está vinculada às suas percepções sobre os paradigmas que descrevem o processo de construção do conhecimento. Thomas Kuhn, físico teórico considera “‘paradigmas’ as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1997, p.13). Atualmente, constata-se que a Ciência está mudando as estruturas do paradigma vigente. Para complementar esta afirmação, cita-se Capra:

[...] reconhecemos a mudança de paradigma em física como parte integral de uma transformação cultural muito mais ampla. A crise intelectual dos físicos quânticos na década de 20 espelha-se hoje numa crise cultural semelhante, porém muito mais ampla. Conseqüentemente, o que estamos vendo é uma mudança de paradigmas que está ocorrendo não apenas no âmbito da ciência, mas também na arena social, em proporções ainda mais amplas. Para analisar essa transformação cultural, generalizei a definição de Kuhn de um paradigma científico até obter um paradigma social, que

defino como 'uma constelação de concepções, valores, de percepções e de práticas compartilhadas por uma comunidade científica, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza. (CAPRA, 1996, p.24).

Entende-se a partir dessas definições que o conhecimento científico, indicado por Kuhn, permite o surgimento de um novo modelo voltado para as transformações das relações sociais. O professor precisa adaptar a sua prática às novas tendências culturais e educacionais vigentes, pois a manutenção de técnicas e rotinas que valorizam tendências ultrapassadas impede o avanço das novas concepções de ensino. Por outro lado, os professores trabalham com verdades que estão em constantes mudanças, visto que o conhecimento não é definitivo e sempre está atualizando conceitos e formas. Perrenoud afirma que:

A visão educacional que adotamos compreende um aspecto transformador, uma vez que exige uma postura crítica por parte do professor de forma a promover a reflexão. O professor-educador deve assumir a responsabilidade ética de ser um agente de mudanças em seu ambiente de trabalho, transformando-se em um multiplicador de novas idéias. Entendemos a educação como a possibilidade de oferecer ao outro, qualidade e condições de desenvolvimento. (PERRENOUD, 2002, p. 170).

A transição entre esses modelos é lenta, porém contínua. O professor engajado nestas mudanças está, permanentemente, analisando as questões éticas de sua prática e as necessidades e anseios de seus alunos, bem como a própria trajetória pessoal e profissional. Deve-se destacar que ele precisa criar novas estratégias pedagógicas, pois as mudanças exigem novas maneiras de interpretar a realidade e os resultados das propostas educacionais.

Espera-se que os professores sejam "capazes de inventar atividades e seqüências didáticas a partir dos objetivos visados" (PERRENOUD, 2002, p. 49). Assim, os docentes precisam exercitar a sua autonomia e criatividade adequando as rotinas das instituições de ensino com as novas tendências educacionais. Neste

momento de transformação, as etapas da aprendizagem precisam ser acompanhadas periodicamente. Sobre isso, Behrens afirma:

A passagem para um novo paradigma não é abrupta e nem radical. É um processo que vai crescendo, se construindo e se legitimando. Na realidade, o novo paradigma incorpora alguns referenciais significativos do velho paradigma e que ainda atendem aos anseios históricos da época. (BEHRENS, 2000, p.27).

A Educação enfrenta essa transição, refletindo na prática docente as dúvidas sobre os novos pressupostos teóricos e desafiando as concepções teóricas vigentes até o presente período histórico. Assim, os professores, naturalmente, tendem a resistir às mudanças, pois estas modificações implicam uma análise criteriosa das concepções teóricas que foram elaboradas nos anos de prática em sala de aula, inicialmente, como alunos e depois, como educadores.

O professor atento a essas mudanças precisa

[...] gerir a progressão das aprendizagens, não se pode deixar de fazer *balanços* [grifo do autor] periódicos das aquisições dos alunos. Eles são essenciais para fundamentar decisões de aprovação ou de orientação necessárias mais tarde. (PERRENOUD, 2002, p. 49).

O acompanhamento do avanço das aprendizagens, neste momento de transição, exige do professor uma organização pedagógica diferenciada. Os cuidados com a avaliação precisam flexibilizar as relações entre os saberes e favorecer o desenvolvimento integral das habilidades do estudante.

No final do século XX, a Ciência possibilitou um avanço tecnológico e uma explosão de informações transmitidas em tempo real e de consumo de produtos descartáveis, que comprometem a manutenção da qualidade de vida da humanidade.

Esses problemas indicam a ruptura de paradigmas e a crise do chamado paradigma newtoniano-cartesiano e o surgimento de um novo paradigma. É importante apresentar estes paradigmas que influenciam as concepções dos professores. O paradigma newtoniano-cartesiano propõe a separação entre os conceitos, portanto, exige a divisão do conhecimento em áreas específicas e a visão fragmentada do conhecimento. Assim, Cardoso afirma: “Em resumo, o paradigma cartesiano-newtoniano orienta o saber e a ação propriamente pela *razão* e pela *experimentação* [grifo do autor], revelando assim culto do intelecto e o exílio do coração”. (CARDOSO 1995 *apud* BEHRENS, 2000, p.18).

Esse paradigma gerou práticas na escola que estimulam a competição, o conhecimento sistematizado, mecanicista e a descrição objetiva da natureza. O raciocínio científico avança a partir da observação de fatos, do levantamento de hipóteses, surgem leis e teorias. As conseqüências provocadas na Educação, por este modelo, são destacadas por Behrens:

A forte influência do pensamento newtoniano-cartesiano fragmentou o saber, repartiu o todo, dividiu os cursos em disciplinas estanques, em períodos e em séries. Levou as universidades a se organizarem, dividindo a Instituição em centros, departamentos, divisões e seções. E com esse processo burocrático restringiu a Ciência e cada profissional a uma especialidade, impulsionando a especificidade, promovendo a perda da consciência global, e provocando o afastamento da realidade em toda a sua plenitude. (BEHRENS, 2000, p.22).

A estrutura especificada refere-se à forma como a Escola está organizada atualmente. Ela contribuiu para a manutenção de uma prática de avaliação classificatória e excludente. É importante especificar as conseqüências destes modelos conservadores de educação na manutenção do processo de avaliação escolar.

Tradicionalmente, a avaliação escolar, do ponto de vista teórico, é realizada com propósitos bem definidos, que são: a avaliação **diagnóstica**, a avaliação **formativa** e a avaliação **somativa**.

A **avaliação diagnóstica** diz respeito ao conhecimento de algo que já existe. Basicamente, analisa as necessidades de um indivíduo, o contexto onde está ocorrendo um problema. Na prática, deseja-se conhecer a natureza, as causas e as necessidades de uma situação. O diagnóstico consiste na “obtenção de informações sobre a natureza do problema que se evidencia em um programa, processo, pessoa ou componente de sistema escolar. [...] este tipo de avaliação tem recebido outras denominações, tais como: estimativa de necessidades [...]” (CHADWICK & ROJAS, 1980, p.168).

A partir dessa definição, entende-se que a avaliação diagnóstica pretende determinar a situação do aluno antes de iniciar o processo de ensino e aprendizagem proposto, permitindo que o professor possa adaptá-lo às necessidades do estudante. “Essa adaptação é essencial se pretendemos que o processo de ensino-aprendizagem que vai começar se sustente sobre bases sólidas, o que ajudará na obtenção do êxito desse processo”. (JORBA, SANMARTÍ, 2003, p.27).

A análise detalhada da situação do aluno, com a coleta de informações proporcionada pela avaliação diagnóstica, dá início ao processo de ensino e de aprendizagem.

A **avaliação formativa** diz respeito ao aprimoramento e execução deste processo. Ela é contínua. Pressupõe a análise permanente das informações obtidas nas ações educativas e a elaboração de estratégias a partir destas análises. Entende-se que, nesta etapa, a avaliação prioriza a compreensão do modo como o

estudante estrutura o seu conhecimento, permitindo que o professor faça os ajustes necessários ao processo educativo. Assim, identificam-se os pontos frágeis do processo, o que facilita a superação das dificuldades individuais dos alunos.

As informações obtidas durante esse processo referem-se às representações mentais e permitem a compreensão das estratégias utilizadas pelo estudante para aprender. A análise dos erros dos estudantes assume importância significativa neste processo, pois:

Por meio dos erros, pode-se diagnosticar que tipos de dificuldades têm os estudantes para realizar as tarefas propostas e dessa maneira poder arbitrar os mecanismos necessários para ajuda-los a superarem-nas. Mas também interessa destacar os aspectos da aprendizagem em que os alunos tenham-se saído bem, pois assim se reforça essa aprendizagem. Pode-se dizer, pois que a avaliação formativa destaca a regulação das atuações pedagógicas e, portanto, interessa-se fundamentalmente mais pelos procedimentos das tarefas do que pelos resultados. (JORBA, SANMARTÍ, 2003, p. 30).

Assim, a avaliação formativa permite que o professor observe continuamente seus alunos, determinando o caminho percorrido por cada um e as intervenções que deve fazer no processo para promover atitudes metacognitivas no estudante, permitindo a ele tomar consciência de seus erros e construir caminhos para a superação de suas dificuldades.

A **avaliação somativa** diz respeito à definição de sim ou não, visa à divulgação de uma opinião, a finalização de um parecer. Nessa etapa da avaliação, o professor utiliza as informações obtidas nos instrumentos utilizados no processo para assegurar a divulgação de um parecer, de uma medida da aprendizagem. Muitas escolas indicam a realização dessa etapa como a 'semana de provas', construindo um perfil classificatório e excludente, pois, neste momento, o estudante é informado sobre sua aprovação ou reprovação.

É reconhecido que a avaliação tem:

[...] uma função social de assegurar que as características dos estudantes respondam às exigências do sistema. Mas também pode ter uma função formativa de saber se os alunos adquiriram os comportamentos previstos pelos professores e, em consequência, têm os pré-requisitos necessários para aprendizagens posteriores ou para determinar os aspectos que deveriam ser modificados em uma futura repetição da mesma seqüência de ensino e aprendizagem. (JORBA, SANMARTÍ, 2003, p, 32).

Entende-se que cabe ao professor definir o papel que irá instituir para a avaliação somativa, se constitui um ensino classificatório ou forma um ambiente de inclusão e de convite à superação das dificuldades.

### **3.2 Os paradigmas educacionais e o processo de avaliação escolar**

Usualmente, é atribuída à escola a função de reproduzir e garantir a manutenção da estrutura social vigente, assim o método de ensino das diversas áreas do conhecimento reflete as concepções da sociedade. A maioria dos professores tende a se adequar às expectativas das instituições de ensino e a adotar certos padrões de conduta. A seguir, são apresentados alguns desses modelos.

O paradigma tradicional, freqüentemente usado em algumas instituições, considera a escola como o local onde se realiza a Educação e onde é permitido o acesso ao conhecimento. Em geral, é mantido, na escola, um ambiente austero e conservador no qual o professor apresenta o conteúdo e transmite informações fragmentadas referentes a uma disciplina específica. O professor se mantém:

[...] distante dos alunos, procura discipliná-los na sala de aula em nome da obediência, da organização e do silêncio. Apresenta os conteúdos de maneira fragmentada, com uma organização em partes, enfocando o conhecimento com absoluto e inquestionável. (BEHRENS, 2000, p.44).

Nesse ambiente, o questionamento e a crítica não fazem parte da rotina da sala de aula. A passividade é uma das características do aluno, que precisa assimilar as informações transmitidas pelo professor nas demonstrações realizadas na sala de aula ou nas aulas expositivas. A capacidade do estudante em reproduzir o conhecimento apresentado pelo professor é um dos indicadores de que houve aprendizagem. Neste caso, a prática da sala de aula valoriza a repetição, a disciplina e a execução de rotinas de trabalho. Segundo Behrens, “a ênfase no ensinar não abriga necessariamente o aprender. Referendada por uma visão cartesiana, a metodologia fundamenta-se em quatro pilares: escute, leia, decore e repita”. (BEHRENS, 2000, p.45).

Sob este modelo de ensino e aprendizagem o processo de avaliação valoriza respostas únicas para perguntas previsíveis. Aos alunos não são oferecidas condições para demonstrarem criatividade e autonomia, na análise e no questionamento de fatos e suas relações com outros eventos.

Esse paradigma foi, lentamente, substituído devido a crescente industrialização que ocorreu no século XX e que fortaleceu o vínculo entre a ciência e a sociedade. O desenvolvimento e a valorização da tecnologia provocaram modificações no perfil da escola. O processo de “industrialização da Ciência” fez com que surgissem vínculos entre o poder econômico e o político, tanto nas sociedades capitalistas como nas socialistas. Assim, o ensino das Ciências foi modificado, pois as definições das prioridades científicas precisavam garantir a produção, a difusão e o uso do conhecimento científico. Amaral esclarece que:

Certos setores da sociedade necessitam cada vez mais do respaldo científico para dar continuidade a sua produção e garantir respeitabilidade e aceitação para seus produtos, como bem ilustram os casos das indústrias bélicas e farmacêuticas. A sociedade de consumo, em acelerada ascensão, necessita insaciavelmente de subsídios científicos para o desenvolvimento tecnológico em que se respalda. [...] torna-se necessário

produzir mais e melhores cientistas, assim como obter o apoio da opinião pública na obtenção de verbas públicas para as pesquisas científicas. (AMARAL *in* BARRETTO, 2000, p. 214).

Assim, o ensino de Ciências tradicional, mostrou-se inadequado para incentivar a investigação e a formação de cientistas. A preocupação inicial, nesse novo paradigma, era estimular o surgimento de novas pesquisas e favorecer a formação de uma nova geração de conhecimento científico.

Na busca por novos caminhos, o modelo escolanovista embasado por nomes como Montessori e Piaget, passou a ser valorizado, porque estimulava a atividade criadora do estudante, incentivando a sua participação efetiva nas atividades de sala de aula. Amaral esclarece que:

[...] tal encaminhamento mostrava-se adequado a um novo ensino de Ciências, em que um dos objetivos centrais era levar o estudante a vivenciar o método científico, com vistas a fazê-lo familiarizar-se intimamente com ele e preparar o *pequeno cientista* (grifo do autor) por meio de uma proposta investigativa e experimental. (AMARAL *in* BARRETTO, 2000, p.215).

Essa tendência pedagógica questionava se a quantidade de informações recebidas pelo estudante estava associada a uma real compreensão de significados. Era esperado que o aluno aprendesse a aprender. Ao estudante, era sugerida a vivência do método científico.

Essa visão 'técnica' da sala de aula permitiria ao aluno participar de simulações, com procedimentos rígidos de descobertas científicas. Amaral esclarece que as técnicas de grandes cientistas eram valorizadas, "simulando simplificadaamente suas grandes descobertas, reproduziam fenômenos em situação controlada, mas não estabeleciam relações nítidas e sistemáticas com a realidade onde naturalmente se manifestavam". (AMARAL, 2000, p. 216).

Os princípios desta escola pregavam o respeito às dificuldades e habilidades dos estudantes, pois era necessário aos alunos o desenvolvimento de suas habilidades de acordo com suas capacidades e da motivação pessoal. Behrens destaca que este movimento foi teórico e pode não ter acontecido nas salas de aula, porque:

Na realidade, houve dificuldade de implementação dessa tendência em larga escala nas instituições de ensino, pela falta de equipamento, laboratório e, principalmente, pela falta de preparo do professor para assumir a nova postura. (BEHRENS, 2000, p.50).

Neste caso, a falta de estrutura das escolas, de recursos físicos e de aprimoramento teórico dos envolvidos prejudicou a execução deste modelo. Além disso, os professores, em geral, apresentam a tendência de oferecer uma abordagem fragmentada do conhecimento associada a uma visão especializada da realidade.

A partir dessa tendência de compartimentalização do conhecimento surgiram questionamentos quanto à neutralidade e o rigor do método científico que, de certa forma, desprestigiava as outras áreas do conhecimento. A função do professor também foi questionada, porque nessa perspectiva ele estava isolado do processo de ensino e de aprendizagem. Sua atividade principal estava vinculada à busca de comportamentos desejados nos alunos, utilizando, para isso, notas e prêmios.

O processo de avaliação organizado pelo professor, neste método de ensino e aprendizagem, visa o produto. O aluno é “moldado em uma fábrica”, pois enfrenta uma série de etapas que favorecem o alcance de alguns objetivos pré-estabelecidos. Nesse caso, o estudante, inicialmente, recebe um instrumento prévio de avaliação, que identifica suas habilidades, conhecimentos construídos e dificuldades a serem superadas.

A partir dos resultados dessa avaliação inicial é estabelecido um roteiro de atividades que favorecem o alcance dos objetivos pelo aluno. No final dessa série de atividades, o estudante recebe um novo instrumento de avaliação que, segundo Behrens, exige “uma dose de memória e retenção e, por conseqüência, ocasiona um alto índice de reprovação. A tônica é na informação, na palavra, e não na formação e no espírito crítico”. (BEHRENS, 2000, p.55).

O valor do conhecimento e da técnica era reconhecido pela comunidade escolar, mas faltava algo. O processo de avaliação desconsiderava a participação, a reflexão do aluno e do professor sobre o conhecimento e o questionamento sobre as relações e implicações dos temas estudados com o universo de informações que constitui a nossa realidade.

As críticas a este modelo de ensino indicavam que a escola estava atendendo a interesses econômicos que se adequassem ao mercado financeiro. Desta forma, as questões vinculadas à formação crítica, à cidadania e à participação social são menosprezadas no dia-a-dia escolar. Libâneo discute as relações entre conhecimento científico e o cotidiano ao afirmar que as:

[...] estratégias do ensinar a aprender a aprender que culminam com o *ensinar a pensar criticamente* (grifo do autor). O ensino, mais do que promover a acumulação de conhecimentos, cria modos e condições de ajudar os alunos a se colocarem ante a realidade para pensa-la e atuar nela. [...] O que se agrega aqui, em termos de um pensar crítico, é a capacidade de problematizar, ou seja, de aplicar conceitos como forma de apropriação dos objetos de conhecimento a partir de um enfoque totalizante da realidade sentido. (LIBÂNEO, 2001, p. 37).

Libâneo indica que a escola precisa revisar os seus valores, estabelecendo relações entre as ciências naturais e sociais. Entende-se que há uma busca por novas concepções sobre o conhecimento, que não será fragmentado ou específico, mas ‘total’ e voltado às questões contextualizadas com a realidade que cerca a população nelas envolvida.

Em síntese, essas questões indicam falhas no processo de ensino e aprendizagem proposto por estes “modelos” educacionais conservadores, que não estabelecem vínculos entre a escola e os valores sócio-político e econômicos. Sob estes modelos, o processo de avaliação valoriza, apenas, respostas para perguntas previsíveis. Sob estes pontos de vista não são oferecidos aos alunos condições para demonstrarem criatividade e autonomia, ou não é oferecida a oportunidade de analisar e questionar os fatos e as suas relações com outros eventos significativos.

As ações do professor, do aluno e os métodos de avaliação da aprendizagem apresentam falhas que podem ser eliminadas a partir da reorganização do processo de ensino e de aprendizagem. Assim, um novo paradigma começa a ser efetivado e a escola, lentamente, constrói um novo perfil para se adaptar as novas tendências educacionais.

### **3.3 Um novo paradigma e o processo de avaliação participativa**

A construção do novo perfil da escola passa pela definição do modelo de sociedade que irá abrigar esta nova instituição. Santos contribui indicando algumas características desse novo modelo:

[...] a natureza da revolução científica que atravessamos é estruturalmente diferente do que ocorreu no século XVI. Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela Ciência, o paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente). (SANTOS, 2002, p.37).

Conforme Santos, a ciência vivencia uma revolução que envolve a discussão de significados da cultura social e de conhecimento científico. Assim, a sociedade irá refletir essas mudanças e, conseqüentemente, a escola.

A escola busca a formação de um indivíduo capaz de superar a fragmentação e a mera reprodução do conhecimento. Assim, pretende-se formar um cidadão curioso, reflexivo, autônomo e crítico. O **ensino com pesquisa** é uma das propostas para concretizar essas mudanças.

O ensino com pesquisa exige novas atitudes docentes como:

[...] ser mediador, articulador crítico e criativo do processo pedagógico. Como produtor de seu próprio conhecimento, instiga o aluno a “aprender a aprender”, centrando sua competência estimuladora no ensino com pesquisa. Orienta os alunos para se expressarem de maneira fundamentada, exercitando o questionamento e a formulação própria. (BEHRENS, 2000, p. 91).

Dessa forma, sugere-se que o professor evite a imagem de dono do conhecimento e atue em parceria com o aluno, a fim de criar condições para que este desenvolva a autonomia e a superação da reprodução do conhecimento. Novas atitudes podem ser alcançadas com práticas que favoreçam a reflexão, a crítica qualificada, a formação ética, a capacidade de pesquisar, a habilidade de elaborar e registrar o conhecimento, bem como, de manejar as informações e de manter-se em constante aprendizagem.

Sob este ponto de vista, é fundamental discutir a forma como o professor irá construir o processo de avaliação, porque nessa perspectiva o aluno é co-autor e, a forma como a avaliação acontece, contribui para desafiar e envolver os alunos na investigação, análise e qualificação da ação pedagógica. O questionamento reconstrutivo, base do Educar pela Pesquisa, implica na formação de um sujeito capaz de criticar com qualidade, elaborar e concretizar um projeto adequado ao contexto em que ele vive. Assim, o processo de avaliação precisa favorecer a participação do aluno, que é desafiado a ser um parceiro do professor.

Nesse contexto, o processo de avaliação acompanha o desempenho dos alunos ao serem desafiados a pesquisar e a elaborar conhecimento próprio. Sobre isso, Pedro Demo acrescenta:

Está em jogo sua capacidade de questionar e reconstruir, na teoria e na prática, com qualidade formal e política. Busca-se avaliar as condições de formação da competência, dentro de um processo evolutivo sustentado de longo prazo, através, sobretudo, de um sistema de acompanhamento cuidadoso e dedicado, mais do que por notas, semestre a semestre. Avaliar não é apenas medir, mas, sobretudo sustentar o desempenho positivo dos alunos. (DEMO, 1998, p.97).

Avaliar o desempenho do aluno é acompanhar o seu desenvolvimento e verificar como está evoluindo o processo de formação de competências. Exige-se o estabelecimento de diálogo permanente, entre o professor e o aluno, o que deveria ser estimulado durante todo o período escolar (níveis: fundamental e médio). Demo faz algumas considerações sobre os objetivos desse compartilhamento permanente entre professores e estudantes no ensino superior, mas essas indicações podem ser usadas para o trabalho com o Ensino Médio. Na obra *Educar pela Pesquisa* (1998) ele utiliza verbos, como: estimular, indicar, empurrar, questionar, acompanhar e avaliar para explicar o tipo de orientação que o professor que educa pela pesquisa pode realizar.

Os educadores, geralmente, relatam dificuldades para efetivar a implementação de uma avaliação qualitativa, como a importância dos critérios de avaliação, que condicionam os resultados e, estão subordinados às finalidades e objetivos da instituição escolar.

Assim, a definição de critérios deveria envolver o desempenho do aluno, a atuação do professor e a estrutura de funcionamento da escola, pois fica claro o fato de que a “avaliação de competências” é incerta, principalmente quando o professor exige na avaliação a reprodução do que foi feito anteriormente em aula. O ideal seria

que o professor assumisse sua condição de sujeito crítico de transformação.

Vasconcellos afirma a necessidade de:

Partir da realidade concreta; não negá-la: assumir para transformar. Provavelmente não foi aquele professor que gerou os problemas que se manifestam nos seus alunos; só que, objetivamente, são eles que estão na sala de aula e com eles vai ter que trabalhar. ( VASCONCELLOS, 1998a, p.99).

Assim, é importante criar situações que facilitem a aprendizagem e que contribuam para a construção da autonomia docente e discente, pois são elas que deveriam conduzir o processo de avaliação.

Vasconcellos também indica fatores limitantes do envolvimento direto do estudante com a sua aprendizagem, pois os professores críticos, em geral, têm um compromisso com a curiosidade, a descoberta e a promoção do questionamento no aluno e promovem o diálogo na sala de aula. Esse espaço de troca pode ser prejudicado pelo:

[...] número de alunos em sala de aula, sobrecarga de trabalho do professor, estruturas arcaicas, etc e que precisam urgentemente ser superados-; todavia há uma forte energia canalizada para um foco, a nosso ver equivocado, e o que é mais preocupante, com um forte apelo ético. O professor vem sendo vítima de certas representações marcadas por mitos, preconceitos, ideologias. (VASCONCELLOS, 1998a, p.100).

Neste trecho, percebe-se que o professor precisa estabelecer prioridades e canalizar sua atenção para as causas com as quais está comprometido. Essa possibilidade de escolher permite-lhe o exercício de sua autonomia. Vasconcellos, ainda estabelece a diferença entre autonomia e autonomia relativa, pois a liberdade jamais é absoluta.

Autonomia significa que somos responsáveis por nossas ações, já que elas decorrem de nós mesmos; e devemos sempre supor que deveríamos ter agido de outro modo. *Relativa* significa que a situação social concreta e os diversos sistemas normativos definem os limites no interior dos quais podemos interpretar e realizar determinados valores. (*idem*, p.103).

Os limites da autonomia do professor, muitas vezes, esbarram na tentativa de mudar. Professores manifestaram a vontade de modificar critérios e instrumentos de avaliação, mas têm dificuldades em efetivar tais mudanças devido à estrutura da escola. Há a necessidade de conciliar as regras da Escola com as competências que o aluno necessita desenvolver. Nesse sentido, Perrenoud destaca que “ninguém pode estar certo de que, uma falta de excelência escolar manifesta uma verdadeira falta de competência e menos ainda uma real inaptidão para aprender”. (PERRENOUD, 1996, p.43).

É necessário e urgente o envolvimento criterioso dos professores, pois sua tarefa é desenvolver, com qualidade, metas e objetivos claros, definidos em parceria com os estudantes. Este trabalho conjunto evitaria o temido confronto entre os professores, a escola e as famílias no final do período letivo. Ao temer a insatisfação quanto ao parecer final dos professores há uma tendência em adotar um tratamento quantitativo dos fatos que ocorrem na realidade escolar.

Em **Avaliação qualitativa** Pedro Demo explica que:

a constatação mais importante, contudo, é que a Ciência prefere o tratamento quantitativo porque ele é mais apto aos aperfeiçoamentos formais: a quantidade pode ser testada, verificada, experimentada, mensurada. (DEMO, 2002, p.7).

Esta mensuração que é vista como justificativa da ação pedagógica poderia ser realizada sobre outros parâmetros. Behrens colabora ao afirmar que: “o aluno é avaliado pelo desempenho geral e globalizado, com acompanhamento do seu ritmo participativo e produtivo todo dia e não por momentos de grande esforço de memorização e cópia no final do bimestre”. (BEHRENS, 2000, p.102).

O professor e o estudante têm indicado sua contrariedade sobre a forma como a mensuração é organizada nesse processo. Acredita-se que mudanças podem ocorrer. Uma dessas mudanças é a implementação da avaliação participativa, capaz de estimular a participação responsável dos alunos neste processo. Aceita-se que:

[...] a participação do aluno no ajuste de sua aprendizagem pode articular-se também em torno da gestão dos resultados das provas e da tomada de decisões em função dos resultados obtidos. Contudo, para desenvolver essa intervenção responsável, não basta oferecer uma participação gratuita aos alunos; não basta 'pedir opinião', como muitas vezes acontece em aula. Ao contrário, acreditamos que é preciso oferecer autonomia em um pequeno contexto de responsabilidade compartilhada. (MIR, 2003, p.160).

A divisão das responsabilidades na Educação pode ser alcançada a partir da superação de algumas dificuldades como: a falta de diálogo entre os envolvidos, a função social e seletiva atribuída à avaliação e a aparente necessidade de medir e quantificar a aquisição de conhecimento. Talvez seja possível vencer esses obstáculos a partir da inclusão de instrumentos e situações que estimulem a responsabilidade coletiva pela aprendizagem.

### **3.4 Os métodos de pesquisa de ensino e de avaliação: rompimentos necessários**

Os professores precisam assumir posicionamentos frente aos obstáculos que aparecem em sua prática. O questionamento do fazer pedagógico é essencial ao trabalho docente e deve integrar-se aos fundamentos e contribuições dos teóricos da Ciência. A partir do estudo sobre a forma como Paul K. Feyerabend encara a construção do conhecimento científico e da sua proposta anarquista sobre a teoria

do conhecimento, é possível identificar idéias que podem ter relação com a proposta de Educar pela Pesquisa.

As idéias deste teórico sobre Ciência e sociedade possibilitam uma visão atual e ampla, bem como uma reflexão profunda sobre as ações da Ciência e da Educação. Elas valorizam a autonomia e a independência do agente da pesquisa na tomada de decisões e estimulam a formação de um cidadão que saiba agir e se posicionar criticamente nas situações de convívio social. Feyerabend destaca:

[...] um cidadão amadurecido é uma pessoa que aprendeu a tomar decisões e que *decidiu* em favor daquilo que mais lhe convém. É pessoa de alguma solidez espiritual (não se apaixona pelo primeiro trovador ideológico que lhe cruze o caminho) e que, portanto, está apta a *escolher conscientemente* a tarefa que lhe pareça mais atraente, em vez de deixar-se dominar por ela. (FEYERABEND, 1989, p.464).

É necessário que o professor assuma o seu papel revolucionário dentro do contexto educacional, fugindo do condicionamento imposto pelos currículos escolares e das provas de seleção, que seguem regras restritas. Precisa manter-se aberto para as opções que surgem dentro de uma sala de aula. O conhecimento necessita ser analisado sob vários pontos de vista, assim é possível compreendê-lo e relacioná-lo com outros temas, recriando-o com maior abrangência e, desse modo, o professor trabalha com o aluno e não para o aluno.

“Feyerabend garante que há um pluralismo de métodos e teorias coexistindo permanentemente. Não admite que uma ciência possa impor a outra seus métodos, nem que existam critérios racionais para definir quais são as teorias melhores...” (BORGES, 1996, p. 47). A divergência entre teorias e métodos que coexistem devem ser valorizadas, pois não há um caminho único e perfeito para a ciência. Desta forma, o professor deve encaminhar a sua prática com flexibilidade e posicionamento crítico, assumindo o seu papel como agente que promove a

construção de um cidadão autônomo, crítico e capaz de fazer escolhas conscientes, das causas e conseqüências de suas decisões.

A ação de alguns professores está influenciada pelo positivismo. Os educadores usam uma linguagem precisa e metódica, preocupando-se com a descrição e mensuração de um fenômeno natural, desconsiderando as suas relações com os eventos que o cercam. Muitos, não percebem a necessidade de aprofundar e analisar o modo como ocorre o processo de construção do conhecimento vinculado a esse tema. A ação educativa se torna parcial e insuficiente para garantir uma compreensão plena de significados.

Outros educadores podem ser considerados artistas que trabalham com criatividade e emoção, pois há uma troca cooperativa e permanente entre eles e os alunos. Muitas vezes, neste caso, há troca de papéis, pois nem sempre é possível identificar quem é o mestre ou o aprendiz.

O espaço para o exercício pleno da arte do educar é pequeno para uma sala de aula. Muitas vezes, é preciso abrir as paredes da sala e ampliar os espaços de estudo e discussão. O cotidiano do aluno está cada vez mais vinculado a diferentes informações e conceitos e o professor tem o dever de propiciar condições para o envolvimento pleno com o conhecimento.

A esfinge, personagem da mitologia egípcia desafiou o homem com enigmas e mistérios, dizendo: - Decifra-me ou te devoro! O mais conhecido desses enigmas é:

- Qual é o animal que, pela manhã, anda sobre quatro patas, ao meio-dia, com duas patas e, a noite, com três?

Sabemos que o homem é a resposta correta, porque durante o início de sua vida ele engatinha, na plenitude da vida adulta caminha sobre os próprios pés e, ao final do seu ciclo de vida, usa bengalas como apoio.

Ficam as perguntas: quem assume o papel de esfinge na escola? Quem oferece o desafio e estimula a análise e o raciocínio? E o ser desafiado neste processo de investigação, será que consegue atingir maturidade suficiente para andar sobre os próprios pés, ou permanecerá engatinhando, ou usando apoios para não cair?

A esfinge na sua época lançou desafios e estimulou a imaginação de muitos curiosos, incentivando as pessoas a sonhar e a desacomodar-se. Fazendo analogia com a sala de aula, pode-se pensar que os professores devem ser esfinges com o cuidado de não devorar os seus alunos, mas de propiciar a eles o questionamento e a possibilidade de refletir sobre seu dia-a-dia.

O questionamento pode começar com o professor, pois ao responder questões do tipo: O que é avaliação? Qual é a finalidade da avaliação da aprendizagem? Como interpretar os resultados obtidos nos instrumentos de avaliação? Quando o processo de avaliação é finalizado?, ele pode conduzir o processo de construção do conhecimento com harmonia, equilíbrio e cumplicidade.

A construção deste espaço de trabalho implica no rompimento do professor com as convenções que orientam o modelo dominante na ação pedagógica. As modificações no processo de ensino e de aprendizagem implicam em alterações no processo de avaliação desta última. Perrenoud constata “que a avaliação está no âmago das contradições do sistema educativo, constantemente na *articulação da seleção e da formação* (grifo do autor), reconhecimento e da negação das desigualdades” (PERRENOUD, 1998, p.10).

O professor precisa estar preparado para romper com relações de autoridade e poder entre a escola, a família e os agentes (estudante e professor). As relações de desigualdade, aos poucos, precisam ser eliminadas, principalmente no processo de avaliação da aprendizagem. Hoffmann também afirma que o professor tem papel significativo nas mudanças do processo de ensino e de aprendizagem.

É o professor quem cria, em sala de aula, o cenário educativo, provendo condições mais ou menos favoráveis, recursos mais ou menos amplos, tempos mais ou menos limitadores de aprendizagem. A otimização do espaço de aprendizagem é, portanto de natureza avaliativa, pois é compromisso do professor organizar atividades graduais adequadas ao interesse e possibilidades do grupo. (HOFFMANN, 2002, p. 139).

As mudanças no processo de avaliação podem auxiliar o professor a provocar alterações no paradigma dominante e ser ferramenta para a construção de uma nova realidade educacional, que contribua, efetivamente, com a aprendizagem.

#### *3.4.1 O processo de avaliação de um professor que luta para romper com as ações que não contribuem para aprendizagem*

“Vovô viu a uva” é uma frase comum nas cartilhas de alfabetização da 1ª série do Ensino Fundamental da década de setenta, no século passado. Aprendia-se com ela, a ler, percorrer um texto com a vista e a conhecer as letras. Provavelmente, os professores das séries seguintes ajudariam a aprimorar a rapidez e a facilidade de identificar símbolos.

Este modelo persistiu por muito tempo na rotina escolar. Questiona-se se estes ‘vários professores’ discutiram o cultivo das uvas, valores associados à família, papel dos idosos na sociedade, etapas da fabricação do vinho, aspectos

econômicos vinculados a esta cultura, enfim, será que os estudantes aprenderam a “ler” o contexto?

Aparentemente, as rotinas da sala de aula mantinham a dúvida fora do currículo escolar. O questionamento da esfinge não tinha espaço para acontecer. Atualmente, o “Educar pela Pesquisa” propõe, através da leitura e investigação, o desenvolvimento de habilidades como o perceber, interpretar, explicar o sentido e analisar informações.

Muitas vezes, os professores reproduzem os modelos que vivenciaram, pois permitem que os seus alunos leiam cartilhas como as que foram citadas. Entretanto, identifica-se um esforço para implementar novas estratégias, mudando a forma de construir conceitos, argumentar sobre questões de interesse comum e valorizar diferentes pontos de vista, o que já tem surtido efeitos. Há mudanças na forma como os alunos interagem com a aula, qualificando respostas e criando o hábito de fazer perguntas.

A mudança é intrínseca ao ser humano, pois a evolução é indispensável à sobrevivência. Há uma adaptação aos interesses e necessidades, pois o educador está num momento de transição, instável, difícil e desafiador. O movimento para romper com um modelo de leitura de mundo que era “acomodado” para outro “dialético” está sendo implementado.

A necessidade de inovar, mudar estratégias e modificar argumentos defendida por Feyerabend para a ciência, pode servir de inspiração ao professor que deseja se libertar de regras e métodos pedagógicos tradicionais.

É possível identificar em alguns professores o desejo de modificar e valorizar novas práticas educacionais, mas o Estado também tem participação no

compromisso com a mudança e o rompimento de paradigmas, conforme refere

Enricone:

[...] em última instância, decidem se querem ou não mudar. Cabe toda uma análise sobre o professor profissional e, sobretudo, como um profissional reflexivo. Aumentam-se as responsabilidades dos professores que, pois além do conhecimento de suas disciplinas, devem ser facilitadores da aprendizagem de seus alunos e organizadores das atividades na sala de aula. A atuação do professor é importante garantia nas implementações da mudança, embora não se desconheça o papel do Estado como gestor do sistema educativo, como articulador do processo de mudança. (ENRICONE, 2002, p.52).

O professor de Ciências, adepto ao anarquismo epistemológico proposto por Feyerabend para a investigação científica, adota estratégias próprias para articular mudanças na ação docente. Ele precisa adaptar as contradições surgidas entre as maneiras como os estudantes organizam o seu conhecimento e as regras que as instituições educacionais oferecem para direcionar o processo de ensino e de aprendizagem.

Assim, o professor precisa refletir sobre a sua ação pedagógica e estar em permanente atitude de formação e aperfeiçoamento pessoal, para a atualização de seu referencial teórico. Novos horizontes conceituais podem levar a novos caminhos e ao desenvolvimento de práticas alternativas, entre essas, podem ser destacadas as inovações no processo de avaliação.

Pode-se dizer, ainda, que o professor de Ciências visa, prioritariamente, permitir aos alunos a adesão ao pensamento científico e não convertê-los à força à ciência. Cada questão científica exposta pelo professor pode convocar os alunos à reflexão e à decisão voluntária e abdicar da imposição da visão científica a eles, apresentando-lhes a ciência como sendo formada por uma comunidade na qual se discutem idéias antagônicas e a adesão a uma delas se faz por convencimento, após livre exame das argumentações apresentadas.

Sob este ponto de vista, o processo de avaliação não se restringe a controlar e medir a quantidade de conhecimento construído, mas a mapear e acompanhar esse processo. Nele, o professor e o aluno percorrem, com dificuldades e/ou facilidades, caminhos que, ao serem analisadas, determinam indicadores qualitativos do nível de aprendizagem construída. Essa análise qualitativa é apresentada por Hoffmann:

A análise qualitativa do conhecimento estende-se, assim, para além dos certos e errados, dos satisfatórios e não satisfatórios, revelando a fragilidade de procedimentos avaliativos classificatórios. Uma resposta coerente de um aluno pode ainda não ser significativa em termos de riqueza e aprofundamento no tema estudado. Por outro lado, uma solução criativa e original a um problema proposto pode ser expresso ainda com um vocabulário impreciso, ou revelando algumas incoerências a serem trabalhadas. As dificuldades de um aluno numa disciplina podem influenciar seu avanço em outra. Para que isso se dê, faz-se necessária a visão do educador acerca dos caminhos do conhecimento científico a percorrer em cada área do conhecimento. (HOFFMANN, 2002, p.100).

Neste contexto, o professor e o aluno precisam refletir, juntos, sobre o processo de ensino e de aprendizagem. Nessa reflexão é importante um olhar interdisciplinar para identificar e facilitar a resolução dos desafios que surgem na sala de aula.

#### *3.4.2 O professor de Ciências e o processo de avaliação*

Um professor curioso pelo trabalho de Feyerabend pode achar que ele é contrário à organização da Ciência e das teorias. O seu posicionamento filosófico frente ao fazer científico é bastante polêmico, pois afirma que regras e métodos rígidos, ditos universais, limitam a investigação e compartimentam as áreas do saber, atrasando o progresso do conhecimento científico.

Ele acredita que:

[...] o método correto não deverá conter regras que nos levem a escolher entre teorias, tomando por base o falseamento (provar que a teoria não é verdadeira). Ao contrário, suas regras devem capacitar-nos a escolher entre teorias que já submetemos a teste e que são teorias falseadas. (FEYERABEND, 1989, p.87).

Assim, destaca que o cientista dispõe de evidências (leis, resultados experimentais, técnicas matemáticas e preconceitos epistemológicos), que podem estar contaminados. Sabe-se que na história da ciência, há padrões estabelecidos que proíbem formas de agir provocadas por condições psicológicas, socioeconômicas, políticas e outras de caráter externo.

Ele admite que a ciência é uma das formas de pensamento desenvolvidas pelo homem e não necessariamente a melhor. Destaca, que é pernicioso a idéia de que ela deva obedecer a regras fixas e universais. Desta forma, a aceitação e a rejeição de ideologias devem caber ao cientista.

Segundo ele, as metodologias das ciências fracassaram em fornecer regras adequadas para orientar as atividades dos cientistas. Percebe-se que não é plausível esperar que a Ciência seja explicável com base em algumas poucas regras metodológicas simples. Defende, ainda, o que chama de atitude humanitária, salientando que os seres humanos individuais devem ser livres e a favor da tentativa de aumentar a liberdade, de levar uma vida cheia e compensadora com o cultivo da individualidade.

Nesse ponto, é importante discutir a questão da responsabilidade do professor de Ciências com a educação escolar e a construção e a valorização do pensamento científico. Acredita-se que o estudante precisa de auxílio para aprender, assim, espera-se que o professor possa antecipar e planejar suas ações para facilitar a representação e a construção do conhecimento.

Associa-se a Feyerabend a expressão vale-tudo, uma vez que admite que toda forma de saber e todas as teorias podem contribuir para o desenvolvimento do saber humano, pois os diferentes saberes e as diferentes áreas de estudo são, na verdade, integrantes de um todo, não havendo, de forma alguma, superioridade de uma em relação à outra.

Sob este aspecto, o professor pode organizar as suas ações em sala de aula para adaptar a sua ação às necessidades dos estudantes. Neste caso, a avaliação formativa assume importância significativa nesse processo. Através dela, é possível promover a regulação das aprendizagens, respeitando as diferenças individuais e a diversidade de idéias trabalhadas em aula. Tendo em vista, que o conhecimento escolar é transdisciplinar e não pode ficar atrelado a métodos rígidos que desconsiderem aspectos psicológicos e socioeconômicos, como anteriormente citado.

Segundo Perrenoud, alguns professores estão promovendo modificações no processo de avaliação, apesar de enfrentarem alguns obstáculos:

[...] para se voltar para uma avaliação mais descritiva, com critérios, formativa. A análise desse sistema mostra que, *soltando as amarras da avaliação tradicional, facilita-se a transformação das práticas de ensino* (grifo do autor) em pedagogias mais abertas, ativas, individualizadas, abrindo mais espaço à descoberta, à pesquisa, aos projetos, honrando mais os objetivos de alto nível, tais como aprender a aprender, a criar, a imaginar, a comunicar-se. (PERRENOUD, 1998, p.66).

Perrenoud entende que as amarras e os obstáculos que o professor precisa superar são o currículo escolar, que define o que deve ser aprendido e o período no qual a aprendizagem deve ocorrer. O professor atento consegue, mesmo com essas limitações de tempo e de critérios, promover interferências que garantam a continuidade da aprendizagem. É importante lembrar que esse acompanhamento encaminha para a realização de uma avaliação formativa.

Outro obstáculo pode ser a dificuldade do professor em compreender e familiarizar-se com a maneira como o aluno aprende, a necessidade dele compreender essas etapas e respeitar o tempo de cada uma. A falta de tempo para o professor administrar os inúmeros eventos sociais, afetivos, econômicos e políticos, entre outros, que permeiam a administração das questões institucionais, bem como o número elevado de alunos, exigem dele observação e habilidade de sensibilizar o estudante para a atividade na sala de aula.

Perrenoud também indica que muitos professores têm a necessidade de controlar a aprendizagem de seus alunos a ponto de interferirem na forma como ele executa suas tarefas, a fim de padronizar os ritmos de aprendizagem e adequá-los aos períodos disponíveis para a disciplina.

A partir dessas considerações, é necessário alterar o trabalho pedagógico, tendo como peça chave o processo de avaliação, que fornecerá as informações necessárias para o professor adaptar o processo de ensino e de aprendizagem de acordo com as necessidades do grupo de alunos. Assim:

Mudar os pontos de vista sobre a avaliação implica mudar radicalmente muitas das percepções que temos sobre como ensinar para conseguir que os estudantes aprendam. Pensar na avaliação como eixo central do dispositivo pedagógico de um currículo é um ponto de vista nada habitual, mas é como acentuar um dos elementos curriculares que mais pode favorecer uma mudança na prática educativa dos professores e no êxito das aprendizagens. (JORBA; SANMARTÍ, 2003, p. 44).

Sugere-se que a metodologia possa garantir uma diversidade de atividades, técnicas, problemas, erros, sentimentos e, talvez, soluções. Espera-se um processo de avaliação com critérios flexíveis que possam integrar esses aspectos que contemplem pensamentos divergentes.

Nessa proposta, o aluno pode assumir papel diferenciado, pois as transformações que ele experimenta no processo de ensino e aprendizagem são

percebidas e analisadas pelo professor em um contexto amplo, que acolhe os paradoxos desta visão da ciência.

Essa visão do todo vivenciado pelo aluno é construída, com maior facilidade, a partir da vivência de um trabalho interdisciplinar no qual as diferentes áreas do conhecimento exigem um trabalho conjunto de vários professores, facilitando a valorização das estratégias utilizadas pelos estudantes no processo de vivência e de elaboração do conhecimento propiciado na escola. Assim:

Para atribuírem significado a esses processos, educandos e educadores precisam estar engajados numa discussão que não tem por finalidade o cumprimento burocrático da avaliação, mas a reflexão conjunta, o apoio pedagógico e interdisciplinar na resolução de problemas de aprendizagem que fazem parte do seu cotidiano. (HOFFMANN, 2002, p. 39).

Desta forma, os agentes desse processo são convidados a trabalhar juntos e a analisar e acompanhar os fatos, para então, planejar as próximas etapas a serem executadas.

Finalizando, alguns podem pensar que Feyerabend defende a ausência total de regras e que o professor, inspirado em suas idéias, também teria esta posição, mas na realidade, ele afirma que as regras criadas para uma produção científica, ou uma teoria, podem, e são modificadas de acordo com a conveniência, o que derruba a idéia de que há uma validade permanente.

Para tanto, o professor, inspirado nessas concepções, percebe que é necessário investigar e observar, retornar algumas vezes ao conhecimento do senso comum, pois todas as formas de conhecimento e todas as teorias convivem, dialogam, sendo o conhecimento do aluno uma mescla de hipóteses e regras consideradas válidas por ele, até aquele momento do processo.

Se os saberes, considerados científicos ou não, forem desconsiderados como um todo, teremos uma ciência superficial, compartimentada e, em conseqüência,

sem progresso. Logo, a avaliação do processo de construção do conhecimento científico precisa envolver critérios e elementos que, após a verificação de sua validade, possam ser adaptados às necessidades dos agentes do processo de ensino e aprendizagem.

E, em relação à avaliação, sugere-se que ela seja participativa, com o aluno permanentemente envolvido no processo de reflexão sobre suas aprendizagens e sendo questionado e desafiado a construir, elaborar, renovar e aprender criticamente sobre a sua vida.

### **3.5 A construção da participação do estudante no processo de avaliação escolar**

Novas concepções e inovações sobre avaliação representam um desafio para a escola. No desenvolvimento dessas inovações deve-se refletir sobre os objetivos e o que se considera qualidade no processo de ensino e aprendizagem. As discussões que irão produzir mudanças concretas precisam envolver o estudante. Alguns educadores questionam a qualidade desta participação, sugerindo que eles não possuem conhecimento ou maturidade para opinar com qualidade sobre este tema.

No entanto, acredita-se que seja possível exercitar esta participação a partir do processo de auto-avaliação da aprendizagem, que pode ser valorizada. Sobre isso, HOFFMANN afirma que:

Todo estudante é capaz de analisar suas condições de aprendizagem. Ele cria expectativas e reconhece expectativas criadas sobre ele. Convivendo com os colegas e com vários professores, faz comparações que lhe permitem reconhecer erros e acertos, qualidade dos textos produzidos, sinais externos de aprovação/ desaprovação de suas atitudes. Mesmo a criança muito pequena é capaz de refletir sobre suas ações e suas falas, mudando de atitudes a partir de conversas com os adultos. (HOFFMANN, 2002, p.169).

Acredita-se que a qualidade da participação do estudante pode ser preservada, mas respeitando o lugar das diferentes opiniões. A auto-avaliação é uma das maneiras de estimular esta participação, mas o professor não poderia ficar restrito a ela. É possível criar situações que estimulem outros tipos de participação.

Por exemplo, favorecer a discussão e o questionamento de aspectos éticos associados aos temas trabalhados pelos diferentes professores envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem. Essa análise de relatos e de informações leva em consideração as implicações sociais, econômicas, históricas e educacionais que envolvem os agentes deste processo, sensibilizando o estudante para o estudo e aprofundamento.

Da mesma forma, a participação do aluno não poderia ficar restrita a um instrumento de auto-avaliação, muito comum nas práticas de sala de aula. Os instrumentos de auto-avaliação utilizados pelos professores, geralmente, questionam aspectos atitudinais, isentando o estudante de uma participação reflexiva sobre o processo de ensino e aprendizagem, que nesse caso, inclui a ação do professor e a organização metodológica do ensino. Hoffmann colabora com a discussão, nos seguintes termos:

Nem sempre, entretanto, processos de auto-avaliação na escola têm sido dirigidos a processos metacognitivos, no sentido de os alunos aprenderem a refletir sobre o que aprendem e como aprendem. Muito mais freqüentemente são práticas de auto-avaliação de notas e conceitos por atitudes e condutas [...]. No sentido de mediar a construção de sentido pelo educando, quero chamar a atenção para o papel essencial do educador no desencadeamento de processos metacognitivos. O aluno precisa ser mobilizado pelo professor à tomada de consciência sobre a qualidade de suas respostas e estratégias de aprendizagem. (HOFFMANN, 2002, p.169).

A auto-avaliação precisa promover a participação do aluno e permitir revisões do processo que conduzam a inovações e a ajustes necessários à organização do trabalho educativo. Espera-se que o professor possa contar com a sinceridade do aluno, propondo a ele um espaço franco, liberto de notas ou conceitos, mas vinculado à análise qualitativa do trabalho escolar.

A auto-avaliação é uma proposta simples de promover a participação do estudante, mas pode fugir do objetivo da proposta. Esta comunicação deveria levar em consideração que,

[...] para desenvolver essa intervenção responsável, não basta oferecer uma participação gratuita aos alunos; não basta 'pedir a opinião', como muitas vezes acontece em aula. Ao contrário, acreditamos que é preciso oferecer autonomia em um pequeno contexto de responsabilidade compartilhada. Parece-nos, portanto, imprescindível 'dispor de meios específicos, de um sistema de ajuda e guia que vai crescendo progressivamente', pois para ser mais autônomo, o aluno 'há de empregar um andaime, proporcionado necessariamente pelo adulto, que logo será retirado, aos poucos, à medida que possa sustentar-se por a própria conta' (MIR, 2003, p.160).

Assim, fica evidente que o "andaime" oferecido ao aluno é a ação do professor, que precisa elaborar conduta respeitosa, franca e que estimule o diálogo e uma conduta reflexiva com o grupo de estudantes.

Essa convivência social favorece a construção de estratégias metacognitivas que propiciem ao aluno, condições para refletir sobre o seu processo de aprendizagem, quanto ao que ele aprendeu, quando ocorreu, de que forma ele construiu o seu conhecimento e que etapas ainda deve experimentar para aperfeiçoá-lo. Se o aluno sabe como aprende, é possível que o professor possa contar com o seu auxílio para encaminhar um processo pedagógico mais adequado ao grupo.

A comunicação estabelecida pelo professor com o grupo de alunos constitui uma rede de implicações que podem assegurar o sucesso da ação educativa.

Hoffmann consegue resumir desta forma:

Quando o professor estabelece uma relação de confiança com o estudante e troca com ele mensagens pertinentes e significativas sobre seus processos, os primeiros passos estão dados na direção de uma postura reflexiva de ambos. Em sua essência, um educador reflexivo é mediador de uma educação reflexiva, à medida que compartilha com o aluno sentimentos e descobertas, enfrenta com ele dúvidas e obstáculos, sugere e acata sugestões de novas direções. Não apenas aponta direção aos alunos. Mais do que isto, acompanha-os em seus percursos, vivendo a magia do inesperado. (HOFFMANN, 2002, p.173).

Enfim, procura-se um professor que reflita a cada passo, evite métodos e processos previamente determinados e memorizados e que, de forma inédita, rebele-se contra as estruturas rígidas de mensuração do conhecimento, sendo capaz de distinguir as características e as necessidades das pessoas que o acompanham no seu fazer pedagógico.

Sintetizando, acredita-se que o ensino com pesquisa e o trabalho interdisciplinar são maneiras que o professor tem de estimular a participação do aluno no processo de avaliação da aprendizagem. Espera-se que o professor de Ciências, que se preocupa com a produção, difusão e o uso do conhecimento científico, estimule a participação efetiva do estudante nas atividades de sala de aula. É importante promover uma avaliação de 'mão dupla', contínua, formativa e que propicie momentos de auto-avaliação para que o aluno seja questionado e desafiado a refletir criticamente sobre sua vida.

## **4 A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR**

Este capítulo justifica a opção da pesquisadora por conduzir a investigação a partir de um projeto interdisciplinar de Ciências no Ensino Médio. As etapas para a elaboração e execução do projeto são apresentadas, bem como são analisadas as novas atitudes desejadas para o professor e o aluno nesta modalidade de trabalho.

### **4.1 Desafiando o aluno a participar**

É importante resgatar a questão principal desta pesquisa que é investigar como o estudante do Ensino Médio participa da construção do processo de avaliação, especialmente nas disciplinas de Ciências, se a fazem integrando-se aos instrumentos utilizados pelos professores ou, se permanecem alheios ao processo de mensuração do seu saber.

Esta investigação se justifica pela necessidade do Ensino de Ciências se adequar às exigências da educação brasileira, que há muito tempo atribui importância à participação efetiva do aluno, incentivando uma reflexão sobre os conhecimentos construídos e as relações que se estabelecem entre eles e a realidade compartilhada com o seu grupo social. Assim, os professores procuram estabelecer laços entre a educação escolar e a possibilidade de envolver o aluno com a transformação social. Nesta perspectiva, Amaral destaca que o ensino de Ciências captou tais tendências e assume algumas características, como:

[...] flexibilidade curricular, interdisciplinaridade; desenvolvimento de uma visão sistêmica de ambiente; conscientização da necessidade de preservação da natureza e do uso racional dos recursos naturais; formação de uma imagem de ciência como atividade humana historicamente determinada; articulação entre o senso comum e o conhecimento científico; respeito ao conhecimento prévio e às estruturas cognitivas do estudante; correlação entre psicogênese e história da ciência; incorporação do cotidiano ao processo de ensino-aprendizagem; construção do conhecimento pelo aluno. (AMARAL, 2000, p.220).

O autor indica uma série de temas a serem valorizados pelos professores na hora de construir uma proposta de trabalho curricular que valorize a integração de conhecimentos e permita uma troca de informações entre o aluno e o mundo que o cerca. Desta forma, esse diálogo relaciona as noções do senso comum do estudante com a sua realidade e com o desenvolvimento harmônico do conhecimento científico. Fica difícil conceber, nesse contexto, um trabalho educativo estanque dentro de uma disciplina específica como biologia, física ou química.

Acredita-se que a interdisciplinaridade seja um caminho possível para a construção dessa visão integrada do conhecimento científico, porque a análise dos fenômenos naturais deixa de ser vinculada apenas a áreas isoladas, mas é consequência de um conjunto de fatos que são interpretados sob várias grades conceituais. Os educadores, de maneira geral, questionam o papel da escola e buscam opções para encaminhar suas propostas de trabalho. Leite e Mendes afirmam que:

[...] O modelo de educação estandardizada e uniformizada, como garantia de igualdade de oportunidade para todos, já não dá mais conta de responder as demandas colocadas pela realidade social neste final de século, cada vez mais diversa e desigual. Em meio a essa crise de identidade e de função social da escola, muitos coletivos de educadores começam a viver experiências pedagógicas, tentando devolver à escola o seu papel de espaço educativo e de transformação social. A proposta do trabalho por projetos se insere nesse movimento, buscando recuperar os laços entre educação escolar e prática social, entre escola e diversidade cultural (LEITE; MENDES, 2004, p.25).

A prática baseada em projetos facilita a formação de parcerias entre a instituição escolar, alunos, professores e comunidade, com base em valores sociais. O espaço da sala de aula propicia a experimentação e a elaboração de questionamentos oriundos da interação do estudante com seus colegas e com as impressões constituídas a partir do envolvimento com as áreas de conhecimento, associadas aos fenômenos estudados.

Assim, a visão tradicional, centrada na transmissão do conhecimento cede espaço para um novo paradigma curricular que oferece condições para que o aluno possa compreender e estabelecer relações entre os fatos que constituem o conhecimento. Isso pode ser traduzido em projetos como o denominado “**Ver, brincar, tocar, sentir e aprender**”, realizado na escola, contexto desta investigação. O referido projeto consiste em uma série de atividades interdisciplinares, que favorecem o trabalho em grupo e permitem que os alunos se envolvam com a pesquisa sobre temas de seu interesse. O anexo B apresenta a descrição dessa proposta de trabalho.

A opção pela execução do projeto interdisciplinar “**Ver, brincar, tocar, sentir e aprender**” propicia aos envolvidos a interação entre o aprendiz, o mestre, a prática e o conhecimento. Como desafio, destaca-se a necessidade de manter a harmonia entre os objetivos e o conhecimento científico com a prática (estratégias utilizadas para o alcance dos objetivos). Nesse momento, o processo de avaliação assume importância fundamental.

O sucesso de um projeto interdisciplinar depende do planejamento, das sugestões de atividades, das questões curriculares a serem trabalhadas e do acompanhamento e questionamento sistemático do desempenho dos estudantes. Nesse momento, a participação dos estudantes precisa de incentivo. A

sensibilização para o trabalho escolar e a participação qualitativa do aluno pode ser valorizada pelo professor, que promove o questionamento e a reflexão sobre a metodologia, em parceria com ele. A educadora Madalena Freire afirma:

[...] é importante cada professor dominar o conteúdo de sua matéria –mas isso de nada valerá se ele não escutar os alunos e não valorizar o que já conhecem. O professor deve sempre se perguntar: o que meus alunos já sabem? O que ainda não sabem? O que ainda não conhecem? O que, como e quando ensinar? Onde ensinar? Com base nas respostas, ele propõe atividades que façam sentido para os estudantes daquela comunidade. (FREIRE in BRIZA , 2005, p. 28).

É fácil perceber a necessidade de construir um processo de avaliação que permita e incentive a participação do aluno para harmonizar e alcançar a coerência entre a prática pedagógica, as necessidades curriculares e as vivências e interesses dos estudantes. O dia-a-dia da sala de aula de um processo interdisciplinar suscita a necessidade de ajustes freqüentes.

Nesse contexto, a realização de uma avaliação formativa permite, através da observação do aluno em diferentes situações e atividades de aprendizagem, a escolha coerente dos ajustes necessários para orientar o trabalho interdisciplinar.

Vasconcellos comenta:

O que esperamos é que através da avaliação o professor possa ter elementos para ver qual o melhor caminho para ensinar, como os alunos aprendem melhor, qual seja, a avaliação que queremos é aquela que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar (Perrenoud, 1993a: 173). Estar avaliando para ver se o tipo de trabalho que vem sendo feito está de fato atingindo os alunos, e assim ter elementos para melhorar sua forma de ensinar, superando a concepção tradicional de avaliação, em que se avalia para verificar quanto o aluno sabe, ou seja, quanto ele foi capaz de absorver do “ensinado” (=dado), se merece ou não ser aprovado/reprovado. (VASCONCELLOS, 1998, p.82).

A partir dessa citação, entende-se que os estudantes podem utilizar os momentos de avaliação para explicitar suas angústias e dificuldades, por exemplo,

sobre a administração do tempo, o fazer efetivo das tarefas, a distribuição de tarefas, a ênfase temática, entre outras preocupações.

As inquietações que naturalmente surgem em propostas desse tipo e que são assuntos dos encontros de planejamento permitem aos professores reavaliar os objetivos do projeto, a fim de dinamizar as etapas de trabalho e promover um aprendizado mais significativo.

Essa proposta levaria o aluno a se posicionar de forma crítica, coerente e criativa, oportunizando um momento de autocrítica no seu papel de estudante e a criar situações nas quais pudesse enfrentar os desafios de trabalhar em equipe e de qualificar sua possível trajetória acadêmica.

Enfim, destaca-se a importância da participação do estudante no processo de ensino e aprendizagem. Essa participação não se restringe a execução das atividades propostas em sala de aula, mas a ação reflexiva conjunta do professor e do aluno a partir da análise das impressões, dos sucessos e dificuldades observados no dia-a-dia. As atitudes do professor, provavelmente, serão influenciadas pelos indicadores oferecidos pelos estudantes, pois a ação educativa subsequente deverá considerar os resultados obtidos anteriormente.

#### **4.2 Desafiando o professor a mudar sua prática**

Construir uma Unidade de Aprendizagem com caráter interdisciplinar é um desafio para qualquer educador, pois pressupõe a habilidade de compreensão das necessidades e dos interesses dos estudantes. Nessa reflexão, o olhar que é dirigido ao educando fornece informações e permite a seleção das abordagens mais adequadas para desenvolver determinado assunto.

A concepção tradicional do currículo escolar pluridisciplinar é uma das primeiras dificuldades, pois é constituída por listas de assuntos fragmentados e padronizados. Será necessário construir um novo perfil adequado a uma escola interdisciplinar e vencer a resistência de alguns professores às mudanças. Essa nova prática precisa se desenvolver em harmonia com o tempo de aprendizagem do aluno, com a diversidade de temas e instrumentos oferecidos a ele e com os interesses e necessidades dos agentes envolvidos nesse processo. As definições de critérios podem iniciar pelo processo de avaliação. Sobre a avaliação, Hoffmann afirma que:

[...] a resistência dos professores em termos de mudar sua prática, dar-se conta do prejuízo causado aos estudantes, precisa ser analisada do ponto de vista das concepções construídas por eles ao longo de sua vida enquanto estudantes e em termos das influências teóricas sofridas. É preciso respeitar o professor em suas concepções e promover estudos e espaços de discussão nas escolas e universidades, porque é através do aprofundamento teórico que os professores poderão tomar consciência do significado de determinados procedimentos avaliativos. (HOFFMANN, 1998, p.66).

A autora destaca, nesse trecho, a necessidade do professor estar em constante atualização num processo permanente de qualificação do trabalho docente. A mudança de estratégias e a definição das prioridades a serem alcançadas podem aproximar o educador do novo e de uma proposta inovadora e que desenvolva nos estudantes a autonomia, exigindo deles um envolvimento ativo, responsável e criativo com o conhecimento. Isso também ocorre para a avaliação.

Uma das maneiras do professor iniciar essa caminhada é planejar e executar atividades de natureza interdisciplinar, que proponham o ensino como mediação, favorecendo pedagogicamente a interação do estudante com o conhecimento. Muitas vezes, isso não ocorre no tempo, ou na seqüência que o professor planejou. Nesse caso, é necessário alterar o planejamento, pois o professor precisa analisar o

motivo da mudança e, ser flexível, para adaptar a proposta de investigação ao grupo de alunos.

Os educadores precisam flexibilizar decisões e realizar modificações “no roteiro”, sem que isso denote desorganização ou incompetência. Isso, às vezes, pode até comprometer a sua permanência na escola.

Muitos estudantes constroem estratégias alternativas para a aprendizagem e esse fato deve ser estimulado, pois é desafio do professor motivá-los a aprender por si mesmo e permanentemente.

O apoio do serviço de supervisão escolar é condição necessária para assegurar o sucesso desta proposta, principalmente porque ela é interdisciplinar. Esse apoio vai desde propor espaços para o planejamento até facilitar as trocas de informações entre os envolvidos.

A integração entre disciplinas é necessária para que a Unidade de Aprendizagem tenha uma abrangência maior. Para isso, o professor precisa realizar um aprofundamento teórico sobre o tema escolhido. Esse envolvimento trará ao professor a segurança necessária para organizar e orientar as atividades executadas de acordo com a previsão feita, respeitando questões curriculares, necessidades e interesses dos estudantes.

Um dos autores que fundamentam essa proposta é Antoni Zabala, ao afirmar que:

[...] se a finalidade do sistema educativo é o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa para dar resposta aos problemas que a vida em sociedade coloca, os conteúdos escolares devem ser selecionados com critérios que respondam a tais exigências, o que comporta uma organização que depende mais da potencialidade explicativa de contextos globais do que a que vem determinada por modelos parciais em disciplinas. (ZABALA, 2002, p.34).

O processo de envolvimento teórico do professor com a sua área de conhecimento pode ceder espaços ao promover formas de integrar a sua disciplina curricular com outras afins. O planejamento do trabalho docente exige que o professor esteja integrado com os seus alunos e colegas, bem como com o conhecimento que está sendo construído.

Além disso, a elaboração de uma proposta de trabalho interdisciplinar exige dos professores ações concretas e conscientes, que propiciem a aprendizagem através do diálogo, do debate, do confronto de opiniões, da exposição e a defesa de seus pontos de vista.

Portanto, a proposta de trabalho interdisciplinar deve responder às necessidades de atender aos interesses ou problemas do educando. O conhecimento é a ferramenta que impulsiona a interação do estudante com a realidade que o cerca, pois os conteúdos assumem significado e ele constrói suas estratégias para desenvolver um assunto em um contexto, que estabelece relações e sentido.

As atividades desenvolvidas fogem do contexto de tempo e de espaço usualmente utilizados na escola. Espera-se que os educandos discutam, participem, realizem, compartilhem, reflitam e comuniquem o seu próprio conhecimento para o grupo.

Da ação do professor, espera-se o envolvimento com o estabelecimento de objetivos, a seleção de conceitos e procedimentos, a análise do processo de cada aluno e o re-direcionamento deste processo.

É importante redimensionar as estratégias, fazer reformulações ou novas pesquisas, a partir de uma avaliação criteriosa do processo, que leve em consideração fatores como: as diferenças entre os educandos, a diversidade de

atividades, o estímulo à participação e à cooperação e o desenvolvimento de habilidades e de valores.

Destaca-se, nesse contexto, que avaliação é muito mais que “dar nota”. Ela implica em um tratamento ético das concepções de vida e dos interesses dos estudantes. Este é o maior de todos os desafios, redefinir o processo de avaliação recuperando o papel do estudante e ampliando a sua contribuição na reformulação do processo de ensino e aprendizagem.

### **4.3 Apresentação da proposta interdisciplinar**

Concretamente, o projeto foi elaborado para ser executado em grupos, tendo os alunos como agentes ativos do processo de busca e de compreensão dos fenômenos vivenciados, pois durante as atividades eles observaram e vivenciaram as práticas montadas no Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS.

Após a visita de estudos, os educandos iniciaram um processo de pesquisa e construção do conhecimento sobre os temas selecionados. Os relatos e conclusões foram apresentados em relatórios redigidos a partir de um roteiro com questões, fornecido anteriormente. Buscou-se a valorização e a construção de conceitos, a partir da observação e da experimentação.

A apresentação e discussão das reflexões e das dúvidas, em aula, foram momentos significativos do trabalho. A avaliação do desempenho dos alunos considerou o interesse na execução das atividades, o interesse em compreender os resultados, a precisão e clareza nos registros, a elaboração dos relatórios e a capacidade de formular conclusões.

O objetivo geral desta proposta foi incentivar a atividade científica, através do planejamento e execução de projetos de investigação, para a construção de um conhecimento interdisciplinar, favorecendo o vínculo escola, família e comunidade.

O grupo de professores destacou como objetivos específicos:

- mobilizar os educandos na pesquisa e no exercício da leitura e da escrita, incentivando a comunicação de resultados e experiências vivenciadas durante a execução das atividades propostas;
- proporcionar o desenvolvimento da autonomia crítica e criativa em um ambiente de aprendizagem, que permita a inovação e a possibilidade de aprender a aprender;
- promover no estudo de um tema, a construção de argumentos a partir de leituras, debates e práticas e organizar os dados pesquisados com coerência e fundamentação teórica;
- desenvolver a expressão oral, visual e artística na comunicação dos resultados obtidos.

#### **4.4 Áreas de conhecimento selecionadas pelos estudantes**

Num mundo tão profundamente influenciado pela Ciência e suas aplicações cotidianas, precisa-se valorizar e estimular a realização do processo de pesquisa em todas as áreas do conhecimento humano.

Tendo em vista o aluno do Ensino Médio possuir uma visão geral de cada uma das áreas do conhecimento e da evolução histórica da humanidade foi possível dedicar a atenção que esse assunto merece.

Pretendeu-se analisar as diversas áreas do conhecimento científico, tecendo uma rede de conceitos, que podem ter origem no Egito e na Babilônia, passando pela Idade Média, pelo Renascimento, pelos sistemas de Galileu e Newton, até as áreas de Física, Química, Biologia e Matemática do século XIX.

A pesquisa passou pelo caminho da atualidade, com escolha de temas como: a relatividade e as teorias astrofísicas, a engenharia genética, os fractais e a produção de novos materiais.

Os professores orientadores envolveram os alunos no desenvolvimento de comportamentos éticos, orientados para a construção de valores em relação ao ambiente, a si próprio, enfim, à vida.

A ferramenta usada foi a construção e o aperfeiçoamento do conhecimento interdisciplinar. O professor identificou as motivações e interesses de seus alunos, participando das escolhas dos temas, supervisionando a construção de conceitos, habilidades e valores. Os temas centrais (áreas de conhecimento) que foram selecionados envolveram as seguintes áreas: área das ciências da vida; área das ciências e tecnologia; área da comunicação e expressão; e, área das ciências sociais.

O anexo A apresenta uma representação simples destas questões.

#### **4.5 Visão geral da proposta interdisciplinar**

Os alunos da escola de Ensino Médio envolvida na pesquisa visitaram o Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. Cada grupo de, no máximo, quatro componentes selecionou um assunto relacionando-o com as disciplinas do Ensino Médio.

O tema foi escolhido por ter despertado a curiosidade ou chamado a atenção dos estudantes. Tal assunto foi aprofundado pelo grupo que organizou uma pesquisa e uma apresentação em sala de aula, em forma de seminário ou experimentação ligada ao tema escolhido. As atividades foram orientadas por diferentes professores, em turmas comuns.

Na última atividade os estudantes fizeram registros escritos sobre a importância e a maneira como as avaliações foram realizadas e, se elas, influenciaram a motivação para a aprendizagem, se refletem o seu envolvimento com a construção de um conhecimento coerente e consistente e o desenvolvimento de competências e se estimulam a manutenção da auto-estima e da vontade de aprender.

No Anexo B há uma descrição das atividades propostas nesta unidade de aprendizagem.

#### **4.6 Novas atitudes e suas implicações**

O trabalho interdisciplinar tem papel fundamental na formação de novas atitudes docentes diante das realidades da sociedade tecnológica e globalizada. É possível exemplificar esta afirmação, citando situações cotidianas, como a experiência de John Tyndall, em 1870, que demonstrou que a luz poderia fazer uma curva, numa série de reflexões internas, no interior de um recipiente, o que propiciou o surgimento da fibra óptica.

Atualmente, a fibra óptica, além de aperfeiçoar as telecomunicações, também é usada na microeletrônica, fotografia, na medicina, na área militar, entre tantos

outros usos. Essa descrição resumida de um tema apresenta algumas das relações associadas ao estudo interdisciplinar que está sendo proposto.

O trabalho interdisciplinar permite a compreensão deste e de outros fenômenos associados ao dia-a-dia do aluno. Entende-se que a melhor maneira de representar as relações, que surgem na implementação de um projeto interdisciplinar é através de uma “teia” de conceitos, apresentada no anexo G. A análise que o professor faz dessas relações selecionará o nível de aprofundamento desejado nesta proposta de ensino, propondo-se a abrir caminhos para a investigação e a aprendizagem do aluno.

Essa nova forma de organizar e apresentar informações facilita a construção do conhecimento do estudante, lembrando que nesse contexto espera-se que o aluno seja capaz de estabelecer vínculos e perceber aplicações entre a informação, a prática e o cotidiano. Assim, uma das expressões mais usadas no vocabulário dos educadores é “o aluno é agente no processo...”. Questiona-se o que seria ser agente. É algo mecanicista como realizar a tarefa, observar, medir, relatar e confrontar resultados com outras situações semelhantes ou é usar o conhecimento construído adaptando-o a novas situações e contextos?

Acredita-se que a segunda hipótese seja a mais adequada. Desse modo, é importante que o professor acompanhe o processo de aprendizagem do aluno, proporcionando momentos de escuta, olhares cuidadosos e instrumentos formais que identifiquem a forma como o estudante está formando seus saberes.

Zabala esclarece:

A proposta de um ensino vinculado ao conhecimento da realidade em nenhum caso deve ser entendida como ‘utilitarista’, sendo interpretada como o ensino restrito à aplicabilidade imediata das aprendizagens que se realizam. Nas ciências, os modelos teóricos elaborados, cada um dos diferentes conceitos ou paradigmas construídos, foram criados como meios para ajudar na compreensão de algum aspecto do objeto de estudo de sua

disciplina. Contudo, se a desvinculação entre teoria e prática não tem nenhum sentido no campo do saber, menos sentido ainda tem no ensino, no qual a 'utilidade' do que se ensina deve ser inquestionável. Não se vai a escola fazer ciência. Essa instituição tem um objetivo claro, uma 'utilidade': ajudar as pessoas a se desenvolverem. (ZABALA, 2002, p.37).

O autor reconhece que uma das finalidades do ensino é auxiliar as pessoas a se conhecerem, a desenvolverem suas habilidades e competências. Por isso, o professor atento constrói um processo avaliativo diferenciado, valorizando o domínio do conhecimento formal, as relações afetivas e sociais, a autonomia e habilidade do estudante, para refletir sobre suas ações e adaptar-se às exigências da escola.

Por conseguinte, é necessário manter um vínculo forte e harmonioso entre o processo avaliativo e a participação efetiva do aluno. Destaca-se que esse envolvimento vai além de um instrumento de auto-avaliação, pois a participação do estudante estaria preservada se pudesse experimentar estratégias metacognitivas durante o processo avaliativo do projeto.

Zabala exemplifica algumas situações que promoveriam a reflexão do estudante sobre a forma como ocorre sua aprendizagem:

Isso significa realizar uma ação de observação dos processos que cada um segue para ir retirando as ajudas e, assim, assegurar que o estudante mostre-se autônomo não só na compreensão, no domínio ou na interiorização dos conteúdos, sejam conceituais, procedimentais e atitudinais, como também no estabelecimento de objetivos, no planejamento das ações que lhes permitirão atingi-los e em sua realização e controle; enfim, no que supõe haver adquirido estratégias metacognitivas que possibilitem a autodireção e a auto-regulagem do processo de aprendizagem.(ZABALA, 2002, p.115).

Diante dessas afirmações, o professor necessita incrementar a maneira como executa a avaliação escolar e possibilitar uma participação significativa do aluno nesse processo.

Sintetizando, o projeto interdisciplinar é uma maneira de promover a construção de uma visão integrada do conhecimento científico. O sucesso do projeto

interdisciplinar depende do planejamento integrado entre o professor e o aluno. Assim, a participação do aluno é incentivada desde o questionamento e reflexão da metodologia adequada até a vivência de um processo de avaliação coerente e crítico. Destaca-se que novas atitudes são estimuladas no aluno como a capacidade de construir conhecimentos e adaptá-los a novas situações.

## **5 AS CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO ESCOLAR DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Este capítulo apresenta as quatro categorias que foram construídas a partir da análise dos depoimentos dos alunos. A coleta de dados ocorreu em três momentos distintos. Depoimentos foram redigidos antes e após a execução do projeto interdisciplinar e entrevistas foram realizadas após o estudo dos depoimentos escritos.

A partir da análise de todos os textos que foram produzidos pelos alunos e que constituem o anexo F, dez alunos foram selecionados para entrevistas, orais, individuais, conforme o apêndice A.

Assim, em meados do mês de março de dois mil e quatro teve início a investigação com estudantes da terceira série do Ensino Médio de uma instituição de ensino da rede pública estadual de Porto Alegre. Foi proposto aos alunos que redigissem um texto comentando suas percepções sobre o processo de avaliação realizado pelos professores nas disciplinas de Física, Química e Biologia, após a execução de um projeto interdisciplinar.

Com o objetivo de garantir a veracidade das informações e a isenção dos professores de Ciências, especialmente da professora de Física, a proposta da atividade foi apresentada pelo regente da disciplina de Língua Portuguesa, que incentivou os alunos com uma breve retomada das vivências escolares das séries anteriores.

Algumas questões orientaram as discussões:

- Na sua opinião, como os professores fazem para realizar a avaliação trimestral?
- Como é o seu envolvimento neste processo? Como você participa dele?
- Você gostaria de modificar esta forma de avaliação? Como?

As redações, com os depoimentos sobre avaliação, iniciaram naquele dia e foram entregues para o professor de Língua Portuguesa na aula seguinte. A partir deste exercício de escrita os professores da série realizaram as atividades previstas no projeto interdisciplinar, conforme o anexo B. Após a divulgação dos pareceres avaliativos com a menção obtida no final do projeto interdisciplinar, alguns alunos questionaram seus professores sobre os critérios utilizados na definição da menção.

Novamente, foi solicitado ao grupo de alunos que redigissem outros textos, retomando questões sobre o processo de avaliação, para que refletissem sobre o processo vivenciado. Todos os depoimentos foram utilizados nesta pesquisa e submetidos à análise de conteúdo. Inicialmente, foram identificadas as unidades de significado dos depoimentos. Após leitura atenta e cuidadosa, elas foram agrupadas em categorias iniciais, as quais foram integradas em itens mais abrangentes.

Foi possível identificar alguns dos aspectos vinculados ao processo de avaliação escolar, tais como: os instrumentos de avaliação, os critérios e habilidades valorizadas pelos professores de Ciências, os agentes do processo de avaliação, entre outros. Os educandos sugeriram modificações na forma como ela tem sido construída.

Os relatos indicam que a prática avaliativa da maioria dos professores de Ciências envolve a realização de uma avaliação quantitativa, ou seja, preocupada com a mensuração do saber. Os alunos percebem a preocupação dos docentes em modificar a forma como essa avaliação é realizada, mas substituir paradigmas não é uma tarefa fácil.

A proposta de Educar pela Pesquisa, favorecendo a investigação e a construção de argumentos com os alunos, motiva os educadores a reestruturarem suas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, suas práticas avaliativas. Essa “reforma” no processo de avaliação inclui a inserção de aspectos qualitativos no processo de análise do fazer pedagógico dos agentes do processo educativo, o aluno e o professor. Dessa forma, os depoimentos dos alunos sobre o processo de avaliação realizado em sua escola foram analisados e algumas categorias foram identificadas.

As categorias construídas a partir da análise de conteúdo dos depoimentos dos alunos abrangem:

- A finalidade da educação institucional e o ensino interdisciplinar;
- A metodologia utilizada nas aulas de Ciências;
- Os instrumentos de uma avaliação formativa e os enfoques qualitativos e quantitativos;
- O processo de auto-regulação do aluno, sob a perspectiva de uma avaliação formativa e qualitativa.

As categorias construídas a partir dos depoimentos discutem o papel da Escola frente às necessidades e aos anseios dos estudantes. Estes procuram na Educação a realização dos sonhos de sucesso profissional e reconhecimento social, tendo em vista a finalização do Ensino Médio e o fato de muitos serem

estagiários pelo CIEE e terem os seus contratos de serviços rescindidos no final do ano letivo. É fato que a aceitação do indivíduo pela sociedade é facilitada pela escola, ao permitir a promoção dos estudantes para níveis mais avançados de estudo. O depoimento de um aluno indica este fato:

[...] sendo que quando esse mesmo aluno for a um concurso de vestibular, emprego, não irá contar se ele foi bonzinho, esforçado e sim se ele aprendeu, se ele tem conhecimento, por isso a avaliação tem que ser quantitativa, e a parte qualitativa ser utilizada como fator de perda na nota e não como avaliação.

Para esse aluno, as conquistas implicam na quantificação do nível de conhecimento que foi adquirido em diferentes disciplinas, visto sua preocupação em destacar a avaliação principalmente em seus aspectos quantitativos. Para ele, as questões qualitativas ficam com papel secundário na realidade da sala de aula, pois as provas classificatórias é que definem o nível de superação e de desenvolvimento de competências e de habilidades.

Desse modo, é importante que o professor, especialmente o de Ciências, analise o seu papel como educador e promova mudanças na sua prática, que impliquem rupturas de paradigmas em relação ao trabalho com os alunos. Espera-se que os estudantes priorizem a justiça, o direito de acesso de todos ao estudo e ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores, independentes das diferenças individuais.

Outras questões que devem ser definidas no processo de avaliação escolar são os critérios (enfoques qualitativos e quantitativos) e os correspondentes instrumentos de avaliação utilizados para a elaboração do parecer avaliativo. O modo como é feito o manejo destes fatores pode tornar o ensino excludente e classificatório.

Para Vasconcellos:

O professor deve estar profundamente convencido de que tem de ensinar. Embora isto pareça elementar, evidencia-se no concreto que a preocupação maior do professor não está sendo ensinar, mas medir, quantificar, inclusive até de um jeito renovado. Fala-se, por exemplo, da necessidade de avaliar constantemente e então quando o aluno está falando, o professor ao invés de estar prestando atenção, fica pensando; “Quanto será que ele merece pelo que está falando?” Está tão preocupado em quantificar, que não pode interagir com a fala do aluno. (VASCONCELLOS, 1998b, p.79).

A quantificação do saber pode decidir o êxito e o fracasso do estudante a partir de critérios previamente determinados pelos professores. Considerando que o vínculo entre o professor e o educando influencia diretamente as relações entre a construção do saber e o poder de validação do conhecimento, supõe-se que os instrumentos de avaliação, bem como os enfoques utilizados na avaliação influenciam a forma como o aprendiz estuda para a prova. Muitos estudantes têm o objetivo de obter um bom resultado desconsiderando uma possível qualificação do seu conhecimento. Assim, a última categoria traz para análise o envolvimento do aluno na construção de seu conhecimento, sob a perspectiva de uma avaliação qualitativa e participativa.

A idéia de um aprendiz desafiado, que é respeitado nas suas diferenças individuais e que confia no seu professor em uma relação cooperativa, poderia dar mais unidade ao trabalho realizado pelos professores de Ciências.

### **5.1. A finalidade da educação institucional e o ensino multidisciplinar**

O mundo em que vivemos exige do cidadão competência profissional (habilidade de relacionar conhecimentos construídos, de forma eficiente e eficaz, em situações inesperadas) e envolvimento harmônico com os valores sociais voltados ao bem-comum. Nesse enfoque, acredita-se que a escola pode valorizar a

formação desse homem atuante na sociedade através da ação em três áreas específicas. A análise a seguir está organizada em três itens: investimento e qualificação do ensino, vínculo entre o conhecimento científico e matemático e o processo de avaliação num contexto multidisciplinar.

### *5.1.1 Investimento e qualificação do ensino*

Os depoimentos dos alunos indicam que a educação institucional é recebida por muitos estudantes, como uma forma de adquirir conhecimentos e articular instrumentos que permitam a modificação da realidade social. O educando tem muitas expectativas referentes à Educação. Nesse sentido, um dos estudantes afirma que “estudar sempre foi e será uma das coisas mais importantes na vida das pessoas”. Pode-se depreender que o estudante, neste caso, do ensino público, anseia pelo desenvolvimento de saberes e encontra a sua motivação para o estudo.

Alguns alunos indicam que a Educação no Brasil recebe poucos investimentos do Governo Federal, no que se refere aos recursos e à qualificação dos professores, afirmando: “Comparado a outros países o Brasil tem um atraso no ensino das ciências exatas, principalmente nas escolas de ensino público por receberem baixíssimas verbas para gasto e compras de materiais de ensino”.

Esse fator preocupa os alunos da escola pública, que são confrontados com a diferença do trabalho oferecido pelas instituições de ensino privadas. Depoimentos indicam que o investimento em Educação é necessário para garantir o desenvolvimento da Nação. A qualificação do trabalho docente é consequência desses investimentos, portanto os resultados insatisfatórios podem ser atribuídos ao despreparo dos professores, que não tem incentivo para aprimorar a sua prática.

Outro fator considerado significativo é a falta de condições para o estudante investir na sua formação e qualificação de sua aprendizagem. Aspectos como a inexistência de bolsas de estudo, precariedade das instalações escolares, o custo elevado do material escolar, entre outros, são indicados pelos alunos, como justificativas para os baixos rendimentos. Para exemplificar, apresenta-se o seguinte depoimento:

Outra coisa muito comum em nosso país é a carência e falta de condições para estudar o aluno brasileiro. E dentro destes conformes o que se pode avaliar não é muita coisa, pois o aprendizado foi pouco, o que implica às vezes, numa inferioridade de ensino e de cultura, do estudante de ensino público para o de ensino privado.

Entende-se que o aluno tem razão ao destacar essas questões como significativas na hora de explicar resultados insatisfatórios no processo de ensino aprendizagem, mas deve-se aprofundar a discussão a partir da análise de fatores que envolvam a organização curricular, a metodologia de ensino e a prática avaliativa.

### *5.1.2 Vínculo entre o conhecimento científico e matemático*

Alguns depoimentos indicam que as reprovações nas disciplinas de Física, Química e Biologia decorrem da necessidade de aplicar conhecimentos matemáticos e a necessidade de se ter uma referência segura em pré-requisitos anteriores, o que é confirmado pelo relato: “procuro me envolver ao máximo em todos os aspectos, tentando sempre mostrar que sou um bom aluno, mesmo tendo certa dificuldade em lidar com números que é mais o caso da Física”.

Depoimentos indicam que os resultados nas avaliações das Ciências refletem as dificuldades com conceitos matemáticos associados ao conhecimento

científico e destacam a importância do domínio destas informações nas avaliações de Ciências. Muitos estudantes indicam que a matemática é uma ferramenta que deve ser utilizada com eficiência. Por isso, destacam que estas dificuldades podem ser minimizadas com a supervisão do professor, que teria “uma visão diferente” sobre as dificuldades de interpretação vinculadas aos conhecimentos de outras áreas.

Os alunos destacam que “os instrumentos de avaliação solicitam a perfeição na execução das regras e fundamentos das Ciências, exigindo do estudante interesse, confiança e atenção”.

É interessante analisar este depoimento, porque o estudante, de forma indireta, faz uma queixa sobre a necessidade dele substituir o senso comum pelo conhecimento científico. É difícil, para ele, substituir a visão da realidade percebida, portanto, limitada por suas sensações daquilo que ele argumenta e cria a partir de sua ação com a realidade que o cerca. O interesse, a confiança e a atenção indicam a necessidade do professor estabelecer vínculos com os alunos, a fim de que eles possam sentir-se seguros para experimentar seus limites e aventurar-se, sem o receio do erro.

Acredita-se que a ferramenta matemática possa intimidar o aluno pelo fato dele estar entre o erro e o acerto. O domínio desta ferramenta avaliaria o conhecimento que ele está construindo.

Acrescenta-se que alunos com dificuldades para acompanhar satisfatoriamente as avaliações, ficam mais tranquilos quando o professor não usa apenas os resultados das provas para emitir o parecer no final do período letivo. Sobre isso, um aluno acrescenta que:

As avaliações nessas matérias, na maioria das vezes, são feitas com provas e trabalhos em grupos, só que tem uma avaliação que os alunos

não se tocaram ainda, que é o rendimento em aula, se o aluno participa da aula, se ele se comporta, etc. Os alunos têm “muita colher de chá”, bastante ajuda dos professores, e não tem do que reclamarem.

Entende-se que a expressão “colher de chá” refere-se aos critérios diversificados adotados pelos professores. Portanto, para ampliar a discussão deve-se analisar a diversidade de habilidades e competências exigidas no currículo escolar e a forma como elas podem influenciar o processo de avaliação.

### *5.1.3 O processo de avaliação num contexto multidisciplinar*

A forma como o currículo escolar está organizado ocasiona uma grande diferenciação no ensino das disciplinas curriculares. Especificando as Ciências, que são fragmentadas em física, química e biologia, os alunos indicam um elevado grau de complexidade, em relação aos outros componentes curriculares. Um estudante reconhece que “separar matérias e professores, às vezes acaba confundindo muitos alunos. Química, Biologia e Física são matérias que os alunos apresentam maior dificuldade na Escola”.

A necessidade de diversificar o ensino de Ciências, por exemplo, prejudica o aluno, que deve se envolver com a aplicação de fundamentos e regras diferenciadas e adequadas a cada professor e área de conhecimento. O relato que segue destaca estas diferenças, como uma das causas das reprovações.

Mas porque então que essas matérias reprovam muitos alunos? Por serem matérias difíceis, e piora mais ainda se o aluno não gosta de números, que é no caso da Física e um pouco da Química, e sobre a vida, que é a Biologia. Eu particularmente não gosto muito de Biologia. Já rodei inclusive nessa matéria no 1º do 2º. Eu acho que os alunos rodaram porque não gostando da matéria não conseguem assimilar o que os professores explicam, e chega na prova e se ferram.

O estudante constata que as disciplinas de Ciências têm formas distintas de trabalhar as informações, de envolver e motivar o educando para a necessidade de elaborar o conhecimento. Um depoimento esclarece que “a compreensão da explicação do professor é significativa para a aprovação no curso”. Este depoimento não faz referência à metodologia de trabalho das disciplinas, apesar das diferenças reconhecidas entre elas, mas deixa implícito que o aluno deve se adaptar à forma como o professor interpreta e analisa um evento.

Outro aluno reconhece que “todas as disciplinas devem ser valorizadas”, apesar do processo de ensino ser complexo, uma vez que a aprendizagem é afetada pelos interesses e motivações da comunidade escolar. Alguns comentam que o processo de avaliação da aprendizagem, na maioria das vezes, envolve conhecimentos teóricos, visto que a avaliação é expressa por notas que não representam o envolvimento do estudante com a experimentação e a prática, conforme o depoimento: “As avaliações são feitas de forma simples e direta, pois não há meios práticos de avaliação”.

Constata-se que o aluno não identifica relações entre as diferentes áreas do conhecimento, por isso supõe-se que ele tenha dificuldades para resolver desafios que exijam a interpretação e a análise de informações, provavelmente o parecer avaliativo deste aluno será insatisfatório nestas competências, porque ele não percebe a possibilidade de pôr em prática o conhecimento. Surge uma pergunta: Será que o professor propiciou condições para que o aluno perceba as relações entre o conhecimento teórico e o prático?

Para os alunos, nas Ciências chamadas humanas, o conhecimento essencialmente teórico facilita o desempenho nos instrumentos de avaliação utilizados pelos professores. Porém, as Ciências da Natureza analisam o grau de

compreensão de informações que envolvem a prática, utilizando instrumentos teóricos e limitados, que impossibilitam a observação e o envolvimento experimental com o fenômeno. Um aluno afirma:

Por experiência própria, sei bem que isso se dá devido à diferença entre as “exatas” (física, matemática, química) e as “humanas” (filosofia, história, geografia). Geralmente a teoria é dominante entre as matérias gerais. Para muitos, isso é bom, mas para aqueles que apreciam os cálculos, é desestimulante, pois procuram, nas matérias teóricas, o que têm nas práticas.

Este relato é significativo porque confirma a distinção que o aluno faz entre as disciplinas do currículo. O enfoque multidisciplinar produz um conhecimento fragmentado, portanto segue critérios, competências e habilidades distintos, conduzindo o aluno a diversas realidades. Dessa forma, ele deve adaptar-se a elas, demonstrando condutas e perfis diferenciados para os professores da série.

#### 5.1.3.1. O papel da avaliação na formação do cidadão atuante

Geralmente, a sociedade acredita que a Educação é base para a preparação do jovem, que vai se tornar adulto. É reconhecido o fato de que cada grupo social tem suas próprias características e, desse modo, o sistema educacional deveria se adaptar a essas necessidades e assumir, de forma efetiva, o seu papel na motivação e no estímulo ao vínculo com o estudo das diferentes áreas.

Atualmente, exige-se um jovem que tenha condições de analisar eventos com visão abrangente e interligada a outros fatos. A sociedade precisa que a escola prepare este jovem para integrar informações e enfrentar desafios e situações inesperadas, com autonomia.

Antoni Zabala chama a atenção para esta necessidade:

Assim como o processo de progressiva parcialização dos conteúdos escolares em áreas de conhecimento ou disciplinas conduziu o ensino a uma situação que obriga a sua revisão radical, a evolução de um saber unitário para uma diversificação em múltiplos campos científicos notavelmente desconectados uns dos outros levou também à necessidade de busca de modelos que compensem essa dispersão do saber. (ZABALA, 2002, p. 24).

Assim, é importante que o educador atento realize um processo de avaliação integrando à realidade do aluno os conhecimentos trabalhados e propiciando a aplicação dos conhecimentos adquiridos a contextos novos e diferenciados.

Entende-se que também a metodologia utilizada, em sala de aula, pelas disciplinas de Ciências necessita ser revisada. Um dos depoimentos dos alunos confirma esta afirmação:

As disciplinas de Química, Física e Biologia são muito interessantes, embora seja meio vago aprender somente com exercícios do livro, ou em avaliações que juntam muita matéria. Sendo assim, por mais esforçado que o aluno seja não conseguirá assimilar todo esse conteúdo.

Alguns relatos informam que as reprovações refletem a carência das instituições de ensino em diversificar recursos e as dificuldades que os professores encontram para se adaptar às exigências da comunidade escolar que tenta se envolver com a diversidade de informações que constituem o estudo das Ciências.

A necessidade de diversificar o ensino de Ciências em várias disciplinas afeta o aluno, que é exigido na execução dos fundamentos de cada área do conhecimento. Na maioria das vezes, o currículo proposto na disciplina não tem relação ao contexto e ao interesse dos educandos.

Desse modo, os relatos apontam como possível causa para as reprovações, a falta de compreensão de conteúdos anteriores e de motivação individual para o estudo. Um dos depoimentos dos alunos destaca, que:

Os professores ao verem os seus alunos com dificuldades de aprendizagem nas suas matérias, algumas vezes acham que o problema está na sua maneira de ensinar, mas muitas vezes não! Pois essas disciplinas exigem do aluno muita coisa do que foi aprendido dos conteúdos anteriores. E se o aluno não conseguiu assimilar direito o que foi aprendido dos conteúdos anteriores, dificilmente aprenderá o conteúdo seguinte.

Alguns estudantes relatam que há professores preocupados em descobrir por que o aluno não está aprendendo e quais seriam as causas dos problemas de aprendizagem. O relato anterior destaca que eles justificam os resultados dos alunos pela falta de base (pré-requisitos) de séries anteriores ou pelas dificuldades enfrentadas para superar os erros cometidos, o que implica a seleção de metodologias diferenciadas e adequadas aos níveis de compreensão dos estudantes.

O depoimento não esclarece como o educador enfrenta a falta de base, se há uma busca por caminhos alternativos para a construção dos conhecimentos trabalhados ou, se ocorre uma acomodação ao justificar as dificuldades demonstradas pelos estudantes como consequência das atividades escolares de anos anteriores.

Essas questões conduzem à discussão do ensino multidisciplinar e às relações estabelecidas entre conteúdos de aprendizagem, estrutura e metodologias, bem como critérios de avaliação entre as disciplinas do currículo.

Zabala esclarece que:

[...] a forma tradicional de organizar os conteúdos é a que denominamos multidisciplinar, em que as disciplinas apresentam-se uma atrás da outra, sem que exista nenhum tipo de conexão entre elas, e em que até a mesma disciplina organiza seus conteúdos internos sob campos aparentemente isolados (a língua apresenta-se dividida em léxico, morfossintaxe, ortografia; matemática em medida, geometria, estatística; a física em mecânica, estática, dinâmica, etc.). (ZABALA, 2002, p. 31).

A estrutura multidisciplinar pode prender o professor à necessidade de cumprir programas, custe o que custar. Assim, o professor deixa de atender aos alunos nas suas dificuldades, aumentando a incidência do fracasso escolar.

Geralmente, ao avaliar, o professor tende a adotar critérios, muitas vezes, especificados pela instituição de ensino e a emitir um parecer sobre a produção de conhecimento do estudante. Ele precisa evitar que esses 'julgamentos' sejam associados pejorativamente ao aluno como: aluno forte ou fraco.

Segundo Hadji, os professores podem qualificar os seus pareceres avaliativos ao reconhecer que a avaliação escolar:

[...] efetua-se em um contexto social e inscreve-se em um processo geral de comunicação/negociação. O julgamento do ator/avaliador é então alterado por fatores sociais: sua história, suas representações, sua percepção do contexto. Do mesmo modo, o "objeto" avaliado (um sujeito que aprende, em suas atividades, o produto de suas atividades, ou as competências que transparecem em suas atividades), é ele próprio um ator social cujo comportamento reflete a influência de fatores sociais do mesmo tipo. (HADJI, 2001, p.129).

Percebe-se que está havendo uma tomada de consciência dos educadores na valorização do processo de construção do conhecimento. Assim, alguns estudantes indicam que a avaliação nas disciplinas de Ciências não envolve apenas a teoria. A avaliação leva em consideração a forma como o estudante percebe o conhecimento. As notas ou conceitos precisos e objetivos trazem uma carga de subjetividade, com um parecer sobre os problemas enfrentados pelo aluno, indicando a necessidade de intervenção do professor na rotina de sala de aula. O depoimento de um estudante revela:

Creio que os professores ao fecharem as notas avaliam o perfil de cada aluno, seu potencial e seu crescimento, então chega a uma nota "x". O meu envolvimento é de efetuar todos os trabalhos solicitados em prazo proposto. E tento participar intensamente mostrando postura acadêmica estudantil.

Esse depoimento é significativo, porque indica o surgimento de uma mudança de prática avaliativa dos professores. Para serem implementadas, essas mudanças necessitam ser antecedidas por uma reestruturação metodológica, que incentive a participação e o interesse do aluno na rotina da sala de aula. Essa transformação vai desde a reformulação do currículo escolar até a mudança da práxis, reconstruindo critérios e relações de poder entre os agentes desse processo.

Vasconcellos contribui com a discussão ao afirmar que:

O educador deve rever sua prática pedagógica, pois a origem de muitos dos problemas de sala de aula encontra-se aqui. Deve procurar desenvolver um **conteúdo mais significativo** e uma **metodologia mais participativa** (grifo do autor), de tal forma que diminua a necessidade de recorrer à nota como instrumento de coerção. Não se pode conceber uma avaliação reflexiva, crítica, emancipatória, num processo de ensino passivo, repetitivo, alienante. (VASCONCELLOS, 2000, p. 55).

Portanto, a mudança no processo de avaliação está vinculada à mudança na metodologia do trabalho escolar. É importante considerar que o jovem precisa estabelecer relações entre diferentes áreas do conhecimento, apesar da carência das escolas em diversificar recursos e envolver a diversidade de informações. A dificuldade dos alunos em estabelecer relações entre as informações é atribuída a 'falta de base', mas, provavelmente o ensino multidisciplinar, que prende o professor a um programa curricular, pode ser uma das causas das reprovações.

Assim, o processo de avaliação escolar impede a formação de um cidadão atuante e crítico, pois, muitas vezes, desconsidera o contexto social onde ela se realiza. Alguns professores estão atentos a estas questões e conseguem adaptar esse processo à realidade da escola.

### 5.1.3.2. A influência da linguagem no processo de avaliação

O processo de ensino alienante, muitas vezes, vem camuflado através das dificuldades em relação à compreensão da linguagem utilizada pela Ciência e, talvez, pelo próprio professor. A divisão do conhecimento em disciplinas específicas aumenta a complexidade a ser enfrentada no processo de ensino e aprendizagem. Os estudantes indicam que a diversidade de disciplinas implica o uso de termos característicos da área estudada. Este fato assusta aos educandos, que têm dificuldades para interpretar informações e estabelecer relações em muitas das questões propostas. Constata-se este fato no desabafo de um estudante:

Particularmente, eu tenho preferência pelas matérias práticas – os cálculos e os problemas. A metade lógica das matérias estudadas. Em complemento ao que já foi citado, eu acho que a facilidade está na dinâmica; as aulas rendem quando são produtivas. Logo, eu acho que os conteúdos “falados” seriam muito mais acessíveis se fossem além da simples compreensão das palavras; as aulas deveriam ser criativas e estimulantes, visando ao ensino equilibrado, tanto nas matérias práticas quanto nas teóricas.

Identifica-se como uma dificuldade enfrentada na realização das tarefas de avaliação a compreensão da linguagem científica, pois os termos adotados pelas disciplinas são fatores importantes a serem considerados. Em uma entrevista, um dos estudantes relata sua surpresa quanto ao desempenho de um colega, que se destaca quanto à leitura e à escrita, mas que possui dificuldades nas disciplinas do currículo.

Eu não sei como é que acontece isso... eu tava pensando sozinho assim no “C”, no caso do “C”, porque o “C”, faz em português assim umas redações ótimas, bah a redação dele, eu acho que ele é um dos melhores da sala. Só que nas outras matérias eu não entendo que ele tira todas vermelhas. No primeiro trimestre 7 vermelhas e no segundo 5. Eu não entendo, porque em português ele faz redações ótimas e nas outras matérias ele acaba fraquejando assim, tirando vermelho nas outras matérias.

A diversidade de disciplinas e termos específicos a serem conhecidos e interpretados é um fator que pode acentuar as diferenças individuais e inibir a participação e o interesse dos alunos nas tarefas propostas, aumentando as dificuldades em determinadas disciplinas.

Essa forma de realizar a avaliação pode impedir o avanço do aluno em aprendizagens futuras e prejudicar desempenhos. Um relato afirma que as avaliações mal executadas podem conduzir os alunos a atitudes inadequadas como a indisciplina, pois o parecer final que garante a promoção para outra etapa pode ficar cada vez mais difícil de ser obtido.

Os estudantes informam que há diferenças na forma de conduzir o processo de avaliação nas disciplinas de ciências físicas, químicas e biológicas e nas ciências ditas humanas, principalmente no Ensino Médio, no qual essas áreas do conhecimento são muito específicas e complexas. Por exemplo, um estudante ressalta que, “nas humanas” o envolvimento teórico do conhecimento é mantido no processo de avaliação, ou seja, o professor apresenta e discute conceitos associados a eventos históricos, sociais, éticos, geográficos, etc. Nessas condições, os instrumentos de avaliação solicitam que o aluno elabore respostas adequadas aos momentos de reflexão e diálogo proporcionados em sala de aula.

“Nas exatas”, o conhecimento envolve eminentemente a prática, a experimentação, mas os instrumentos de avaliação apresentados pelos professores solicitam que ele seja representado teórico e formalmente, portanto de modo diferente daquela como o conhecimento precisaria ser exercitado e construído pelos pesquisadores da Ciência. As disciplinas de Ciências requerem um envolvimento experimental, por isso deveriam apresentar nos instrumentos de

avaliação um enfoque prático e favorável à interação do aluno com o objeto de estudo.

Um depoimento de um estudante corrobora essa afirmação:

O problema é que muitas vezes o aluno não consegue estabelecer essa relação por pensar que tudo é novo, e por isso não procura utilizar e encaixar o que aprendeu no novo conteúdo da matéria. [...]. Então haveria de ter um jeito que ajudasse o aluno a estabelecer essas relações, que é o que falta para que o aprendizado ocorra mais facilmente.

A preocupação com a assimilação do conteúdo remete, novamente, às dificuldades associadas à linguagem utilizada para descrever e interpretar os fenômenos naturais. Entende-se que a forma como o texto das questões avaliativas é apresentado para o aluno pode interferir nos resultados obtidos. A importância do uso de uma linguagem acessível nas disciplinas de Ciências é um dos fatores que devem ser aprimoradas para permitir a participação do aluno no processo de avaliação, pois é exigido dele uma mediação entre a prática e a formalização do conhecimento, entre a compreensão de um evento e a leitura e a escrita associados a ele.

Rubem Alves é citado por Vasconcellos e colabora com esta discussão afirmando:

Em ciência, como no senso comum, existe uma estreita relação entre ver com clareza e dizer com clareza. Quem não diz com clareza, não está vendo com clareza. Dizer com clareza é a marca do entendimento, da compreensão. (ALVES, 1982 *apud* VASCONCELLOS, 1998a, p. 21).

Entende-se que é necessário dar sentido às informações trabalhadas e aos instrumentos de avaliação utilizados pelos professores. Sobre essa categoria, destaca-se que os alunos consideram os resultados insatisfatórios em relação ao processo de avaliação como consequência dos poucos investimentos na Educação

pública. O despreparo dos professores, que não têm incentivo para aprimorar o seu fazer pedagógico, e a falta de condições para o estudante se dedicar ao estudo, prejudicam a qualidade da aprendizagem construída no processo de ensino e aprendizagem, conseqüentemente, os resultados obtidos na avaliação refletem este quadro.

Outro fator é o vínculo entre o conhecimento científico e o conhecimento matemático, que desafia os estudantes a utilizarem com eficiência conceitos matemáticos ao interpretar fenômenos cotidianos. Fica implícito que o aluno é intimidado pela dicotomia do erro ou do acerto e pelas conseqüências oriundas desses resultados.

A diversidade de disciplinas no ensino de Ciências, cada uma com fundamentos e regras específicos, adaptados aos critérios e características de cada professor, também influencia o desempenho dos estudantes. Neste enfoque, alguns alunos declaram que o trabalho educacional foge dos interesses e das suas vivências. Associada a isso, a abordagem dos temas do currículo escolar envolvem assuntos discutidos em séries anteriores, portanto o grau de complexidade das avaliações e o despreparo dos jovens em perceber relações entre os conhecimentos que são solicitados nas avaliações é considerável. Alguns depoimentos solicitam uma mudança na prática avaliativa, que deve ser antecedida por uma reestruturação metodológica.

Outro fator destacado pelos alunos nos depoimentos está relacionado a questões vinculadas a leitura e a escrita. As dificuldades no domínio da linguagem técnica utilizada no estudo do conhecimento científico são obstáculos que devem ser superados no processo de avaliação.

Portanto, as dificuldades de compreensão da linguagem utilizada pela Ciência e pelo próprio professor, muitas vezes, acentuam as diferenças individuais e inibem a participação dos alunos. Entre os problemas identificados, destaca-se o fato das disciplinas essencialmente experimentais serem avaliadas por instrumentos teóricos e formais sem o incentivo a um enfoque prático e favorável a interação do aluno com o conhecimento.

Essas questões poderiam ser solucionadas com o incentivo à Educação pública, à qualificação do professor no uso de recursos diferenciados para a redução das dificuldades de interpretação e análise da informação. Tais fatos poderiam propiciar condições para os alunos avançarem no processo de ensino e de aprendizagem e se dedicarem com empenho à aquisição do conhecimento.

## **5.2. A metodologia utilizada nas aulas de Ciências**

Na categoria anterior surgiram depoimentos que destacam a relação entre a metodologia de trabalho do professor e a forma como ele conduz o processo de avaliação. Eles indicam o vínculo entre as formas de intervenção do professor e a ação do aluno.

Alguns depoimentos salientam que os professores são agentes que propiciam condições favoráveis para os educandos buscarem o conhecimento e fazem referência ao professor como o responsável pelos resultados obtidos nas avaliações. Esta responsabilidade está associada ao método de ensino que o professor utiliza, envolvendo as práticas propostas, a apresentação formal de informações, enfim, as estratégias utilizadas para facilitar o envolvimento do aluno com o conhecimento. Um estudante, por exemplo, destaca que:

Investir na educação é investir numa boa qualidade de vida para as novas gerações e conseqüentemente garantir um grande futuro para o país. Com isso os professores se preocupam muito com o método de ensino e com as avaliações que oferecem aos seus alunos, procurando melhorar cada vez mais a sua maneira de ensinar e de avaliar, para que eles tenham mais facilidade de aprendizagem, assimilando cada vez mais o conteúdo.

O processo de avaliação é decorrente desta prática. Logo, a metodologia utilizada pelo professor e direcionada para o aluno tem seus reflexos nos resultados obtidos nas avaliações. Essa metodologia é discutida a partir dos depoimentos dos alunos.

Por exemplo, o uso acentuado do livro didático e a falta de equilíbrio entre a teoria e a prática são indicados como os principais recursos de ensino e a causa dos resultados insatisfatórios nas avaliações, gerando dificuldades de compreensão dos conceitos trabalhados. Um relato de um aluno afirma que:

Precisamos de um pouco mais de entusiasmo por parte dos professores, que ainda hoje, com todos os recursos, são muito ligados ao livro didático. É necessário compreender que não são os professores que precisam aprender e, se esforçar, mas sim os alunos. Mas se fosse adotado um método mais diversificado com certeza haveria bem mais entendimento e com isso os alunos se sentiriam com necessidade de interagir.

A necessidade de diversificar a prática pedagógica está sendo percebida por alguns educadores. Um aluno destaca este fato afirmando:

A maioria dos nossos professores, já mudou o seu modo de nos avaliar. E baseados no novo método de avaliação da escola, começaram (a maioria não fazia) a fazer mais trabalhos, exercícios, conversam mais conosco em sala de aula, tiram dúvidas, fazendo com que possamos entender melhor a matéria e na maioria das vezes fazendo isso refletir nas provas.

Novas atitudes indicam que a avaliação pode ser construída todos os dias a partir do questionamento permanente do aluno. Esta mudança permite ao professor orientar com maior envolvimento o processo de ensino e aprendizagem, a partir do acompanhamento sistemático dos desempenhos.

O planejamento do processo de avaliação inicia com o período letivo, quando o professor define os conceitos a serem trabalhados e a forma como serão apresentados aos alunos. Este é um dos primeiros momentos no qual o professor exerce sua autonomia e, a partir destas escolhas, organiza o processo de avaliação de desempenhos, que deveria ser apresentado e discutido com os seus alunos.

É percebido por muitos alunos o interesse do professor em criar condições favoráveis para a aprendizagem. Há um esforço para superar as dificuldades oferecidas ao ensino. Apesar deste envolvimento, alguns estudantes destacam que é difícil aprender Ciências em livros didáticos. É proposto o uso de métodos diversificados, que tornariam as aulas mais interessantes, equilibrando a teoria e a prática.

Atualmente, a avaliação envolve um conjunto de ações dentro e fora da sala de aula. Conforme um estudante:

Os professores da nossa escola avaliam o aluno não só pelas notas em provas, e sim por tudo o que ele fez no trimestre, como já foi mencionado (...) cada aluno deve mostrar interesse completo todos os dias e, não apenas antes de uma prova, por exemplo.

Fica implícito que as mudanças na avaliação dependem do envolvimento qualificado do professor com o educando.

O depoimento anterior indica que alguns professores estão organizando um processo de avaliação formativa, que é definido, por Hadji, da seguinte forma:

A avaliação situa-se no centro da ação de formação. É então chamada de formativa. Por quê? Porque sua função principal é - ou, pois tudo encontra-se aí, deveria ser logicamente - contribuir para uma boa regulação da atividade de ensino (ou de formação no sentido amplo). Trata-se de levantar informações úteis à regulação do processo ensino/aprendizagem. E vê-se bem que é aquilo a serviço do que é colocada que permitirá julgar a "formatividade" de uma avaliação. (HADJI, 2001, p.19).

Estes avanços só poderão acontecer se o professor criar condições para o aluno fazer perguntas e participar ativamente do processo de avaliação, através de questionamento permanente, quando ele poderá conhecer o aluno individualmente. Essas mudanças provocam uma alteração na rotina de sala de aula, porque o aluno deverá agir, perguntar e participar da construção das atividades, em uma relação de parceria.

Um estudante declara:

Participo bastante das aulas, fazendo perguntas quando não entendo a matéria e expondo os meus conhecimentos quando estou entendendo. Com isso o professor vai observando o meu rendimento. Os professores e alunos andam sempre juntos no decorrer do ano, há um trabalho de parceria em relação à avaliação o professor com o seu trabalho de dar as suas aulas e os alunos têm o dever em prestar atenção, para aprender e levar da aula um aprendizado, uma visão diferente para o mundo. Esse contato de professor e aluno faz com que o professor conheça mais seus alunos, podendo avaliar um por um.

Desta forma, o trabalho conjunto entre o professor e o educando favorece a realização de uma avaliação baseada em objetivos e critérios mais amplos, pois estas situações de ensino permitem uma diferenciação entre os estudantes. Os professores, que trabalham desta forma, identificam necessidades e avanços de seus alunos com maior facilidade.

Frente a estas necessidades, sugere-se o Educar pela Pesquisa como uma alternativa viável para se opor à educação tradicional, que valoriza a construção de um processo de avaliação coerente e o acompanhamento do processo de construção do conhecimento do aluno. Frison (in MORAES;LIMA, 2002, p. 155) na obra *Pesquisa em sala de aula* esclarece que “a avaliação pretende ser um acompanhamento do processo de elaboração e construção do conhecimento do aluno, possibilita um novo redimensionamento a cada trabalho e a cada avanço”.

Ao apresentar a proposta de educar pela pesquisa, pretende-se destacar que a revisão metodológica citada pelos estudantes pode ser feita a partir da revisão dos papéis do professor e do aluno. Segundo Demo:

o professor deverá planejar a pesquisa como princípio científico e educativo e a ter como atitude cotidiana e para o aluno propõe que deixe de ser objeto de ensino, para tornar-se parceiro de trabalho. (DEMO, 1998, p. 2).

Entende-se que professor e aluno devam interagir, participar com autonomia, pois o foco da sala de aula é o processo de construção do conhecimento do aluno, cuja participação pode ser estimulada através da problematização e do questionamento. O professor, ao questionar as verdades de um aluno, desperta nele a motivação e o interesse pelo estudo.

Em uma entrevista, um estudante destaca a diferença de conduta e de envolvimento com o trabalho escolar a partir da proposta de trabalho de professores distintos:

Às vezes os professores dão liberdade pra gente não ser completamente quieto em sala, Tem alguns que até que não dão oportunidade nenhuma, assim pra gente né. Por exemplo, a professora "X" é muito rígida e os alunos têm medo dela. Ela não é que nem a senhora que conversa com a gente... Ela é mais fechada assim, tu fala alguma coisa ela já se explode. Então o aluno tem medo e quer mostrar para o professor o que ele quer ver.

O aluno relata que enfrenta dificuldades, em algumas disciplinas, para participar das aulas, esclarecer dúvidas ou, simplesmente, propor temas que gostaria de estudar. Imagina-se que a sala de aula deva ser um espaço dinâmico, onde o aluno possa estabelecer relações entre conhecimentos e ser estimulado a integrá-los com a sua vida cotidiana.

O que esperar dos resultados do processo de avaliação em uma disciplina onde o aluno não se sente à vontade para participar?

Espera-se que os professores tenham autonomia para organizar o espaço de trabalho intelectual, com espaço para a escuta, o diálogo, a reflexão, a leitura e a escrita. É neste espaço e a partir do envolvimento do aluno com o conhecimento, que a avaliação será realizada. A liberdade na escolha da metodologia a ser utilizada em sala de aula é uma marca da atividade docente. O fato de existirem regras específicas para a expressão dos resultados de desempenhos no final de um período letivo não impede que o professor possa inovar a sua prática. Esta liberdade é destacada por Hoffmann, que afirma:

Existem leis, pareceres, resoluções que regem a organização do ensino nas escolas, existem regimentos e determinações que regem a ação do professor na sala de aula, existem as exigências dos professores aos alunos decorrentes dessa configuração. Tomar consciência desse jogo de poder é essencial à reconstrução do significado da avaliação. Não é o especialista em gabinete, afastado da docência e do contexto da sala de aula, que terá condições de conduzir estudos avaliativos inovadores. É a partir da ação coletiva e consensual dos professores que isso poderá acontecer. (HOFFMANN, 1993, p.111).

A autora chama a atenção para a necessidade de o professor rever a sua prática educativa e, conseqüentemente, inovar o processo de avaliação. Estas mudanças na metodologia de trabalho devem ser revisadas frente à função social que o professor atribui à sua prática e à forma como ele concebe o processo de ensino e aprendizagem.

Na concepção de Zabala a função social:

[...] pode ser simplificada para entender a função do sistema educacional como o meio para desenvolver todas as capacidades das pessoas para que saibam intervir de forma crítica na transformação e na melhoria da sociedade (ZABALA, 2002, p.12).

Assim, a proposta do professor necessitaria promover o entendimento da realidade, assumindo que a sociedade se mantém em movimento constante e a escola deve auxiliar o aluno a adaptar-se às novas realidades e a ser autônomo

frente aos eventos que ocorrem à sua volta. Assim, espera-se uma preparação para a vida, conforme a constatação de um aluno: “o aluno se preocupa em ser melhor, não ficando preso ao fato de que precisa de uma nota” X “a cada trimestre. A intenção não é o aluno tirar uma nota, mas sim aprender a se preparar para a vida”.

Alguns professores, segundo os depoimentos, tentam motivar os alunos para o estudo, diversificando os critérios de avaliação do desempenho em aspectos qualitativos e quantitativos. Os aspectos qualitativos, neste enfoque, referem-se a critérios de representatividade, de participação, de solidariedade e consciência social e cidadã e não, apenas, ao comprometimento do aluno em sala de aula. Os aspectos quantitativos indicam a compreensão de conceitos e estabelecimento das relações entre os princípios que regem as Ciências; destaca-se que o conhecimento formal pode ser medido, mensurado. Um dos estudantes destaca esta reformulação na avaliação das disciplinas de Ciências:

Na escola em que estudo, os professores avaliam seus alunos de duas maneiras: a qualidade do aluno, ou seja, o comportamento dele em sala de aula, se ele faz os trabalhos ou não, se o aluno mostra interesse em aprender, se ele consegue assimilar o conteúdo, enfim, esse tipo de avaliação é chamada de avaliação qualitativa, que vale 60% na nota trimestral; e as notas das provas e dos trabalhos que é a avaliação quantitativa, que vale 40 % na nota trimestral.

A reformulação desses critérios implica na modificação dos instrumentos de avaliação utilizados em sala de aula. Uma discussão específica sobre este tema será realizada no próximo item.

Retornando a esta categoria, é importante destacar que o estudante atribui às escolhas do professor responsabilidades sobre o nível de motivação despertado no aluno, durante o processo de ensino e aprendizagem.

Os alunos indicam que a avaliação deveria ser construída todos os dias a partir da participação e do envolvimento permanente do aluno. Muitos depoimentos

indicam que os professores estão modificando sua práxis, para favorecer a participação efetiva do aluno neste processo.

Sugere-se o incentivo do “Educar pela Pesquisa”, que propõe a educação pela pesquisa e o questionamento da realidade. Enfim, a base do trabalho escolar é a pesquisa. Alguns estudantes indicam, nos seus depoimentos, uma preferência por atividades que estimulem a participação e a aprendizagem, que construam “uma visão diferente para o mundo”.

Assim, garantindo a motivação e o comprometimento do aluno, ao facilitar a sua interação com o conhecimento, o processo de avaliação refletirá o momento que o aluno está vivenciando dentro do processo de aprendizagem.

Entende-se que os pareceres avaliativos irão descrever, com fidelidade, os agentes deste processo, porque o professor teria propiciado momentos significativos para observação e interação com o aluno.

A expressão dos pareceres avaliativos é feita a partir de critérios estabelecidos a partir do método de trabalho aplicado em sala de aula. Estes critérios serão analisados a seguir.

### **5.3 Os instrumentos de uma avaliação formativa e os enfoques qualitativo e quantitativo**

Alguns estudantes, ao destacarem a influência da metodologia utilizada nos seus desempenhos em aula, indicaram que os critérios de avaliação são fatores que motivam a participação do aluno em sala de aula.

Entende-se pois, que as propostas de trabalho que estimulam a participação do aluno conferem a ele a responsabilidade de construir junto com os professores

as práticas educativas. Assim, o condicionamento à nota é minimizado e o estudante se sentirá autorizado a se envolver com o conhecimento para, simplesmente, aprender.

Melchior esclarece que:

[...] a avaliação só tem sentido com a finalidade de diagnosticar o nível de desenvolvimento e os fatores que estão impossibilitando o sucesso para agir sobre eles nas etapas seguintes do processo. **A nota é uma consequência da avaliação, não a razão de sua existência** (grifo da autora). (MELCHIOR, 2002, p.66).

Esta percepção, que reduz a importância da nota, é uma proposta de avaliação formativa, pois sugere a identificação dos pontos frágeis da aprendizagem do aluno e permite ao professor apresentar alternativas, para que o estudante possa elaborar os conceitos trabalhados na série. Com ela, o aluno é auxiliado pelo professor, a qualificar as suas representações sobre o conhecimento que está sendo elaborado.

### *5.3.1 Avaliação formativa no ensino de Ciências*

A identificação dos indicadores do desenvolvimento do aluno é feita a partir de instrumentos de pesquisa, que podem ser: registros, observações, entrevistas, construções de equipamentos, análise de eventos ou, simplesmente, provas e testes.

As provas aparecem nos depoimentos como os principais instrumentos de avaliação, o que é mostrado no relato a seguir:

Eu não sei, eu acho que o professor não vê o aluno como aluno, ele vê o aluno ali: "ah ele tirou 7, é 7." Ele nem tá aí pra o que ele faz em casa, o que ele faz na escola, se ele trabalha, se ele tem outras tarefas pra fazer, se ele se dá bem na família, isso tem que ser levado em conta.

Esse relato traz o desabafo de um estudante indicando que os resultados obtidos nesse tipo de instrumento são parciais, pois não informam aos professores sobre aspectos significativos dos estudantes, como: o comprometimento com as propostas do professor, atitudes, regularidade e participação em aula.

Alguns estudantes percebem que os professores estão facilitando a diversificação dos instrumentos de avaliação como indica o próximo depoimento:

Não devemos esquecer que a avaliação não é somente feita nas provas e nos finais de trimestres, mas sim todos os dias, tanto em sala de aula quanto fora. Porém, pode-se dizer que existe uma boa parceria entre os alunos e os professores, pois durante trabalhos e exercícios há um ótimo diálogo, onde quase todos discutem sobre o assunto que está sendo trabalhado.

Ao sugerir uma mudança de instrumentos e de critérios, o professor favoreceria a análise da produção em sala de aula, bem como o envolvimento e a participação dos alunos, diminuindo o valor atribuído ao conhecimento da nota obtida nas provas e trabalhos.

Alguns depoimentos destacam que avaliar implica em realizar provas. Nos relatos, demonstra-se que os professores avaliam “tudo o que é feito no trimestre através de provas”. Um estudante acrescenta que a hora da prova é preparada pelo professor para que o aluno mostre o que é lembrado dos conceitos que foram discutidos.

Os estudantes destacam que a prova indica o entendimento da matéria, sem apresentar outro tipo de informação referente ao aluno. A entrevista de um estudante, que participa dos eventos culturais, esportivos e solidários da escola e, por esses aspectos não serem incluídos na avaliação, se sente prejudicado no processo avaliativo, esclarece:

Na redação eu tentei colocar uma solução assim, mas não, não consegui elaborar assim qualquer coisa que ajudasse a melhorar a avaliação, fica muito ruim para o aluno. No caso meu assim, eu sou muito envolvido com a escola, eu estou sempre na escola, mas nem sempre eu estou na aula. Às vezes eu to aqui, to mexendo ali, tou no grêmio, to na direção, estou em outro lugar, às vezes tem professores que nem levam em conta isso aí, que se eu estou, "ai nem vem, já marcou falta", aí eu to com falta lá, já é nota que eu estou perdendo né, aí então é esquisita a avaliação, e não é clara.

Este estudante indica a necessidade dos instrumentos de avaliação serem contextualizados à realidade vivenciada e que haja um equilíbrio entre a nota e os fatores subjetivos, indispensáveis no processo de avaliação.

Alguns depoimentos indicam que as avaliações de Física, Química e Biologia são feitas através de provas, trabalhos e da análise do rendimento em sala de aula. É possível perceber uma diversificação nos instrumentos de avaliação. Neste quadro, parte dos relatos destaca uma mudança. Alguns professores de Ciências acreditam que a melhor compreensão dos conceitos não implica, obrigatoriamente, em melhor desempenho nas provas, mas utilizam a prova como um dos recursos a serem utilizados para definir o parecer avaliativo. Uma das entrevistas aponta para esta tendência.

Acho que até a oitava, até a oitava não tinha esse negócio de "AF", de "NA" e de "A", sabe, tudo era por nota e deu, tu podia faltar e, tu indo bem na prova tu passava, agora não. Agora tu tendo presença em aula, tendo participação na aula, não faltando, fazendo trabalho e tal, daí tu vai ter mais chance de passar. E comigo ficou melhor isso aí. Tem matérias, por exemplo, Física. Física eu não, eu não sou 100% nem aqui nem em outro lugar, Matemática também não, e aí, ahn, como é se eu faltasse aula de Física direto, se eu matasse aula de Física não entregasse trabalho, eu estaria rodado agora, certo, e é mais uma chance que a gente tem, então.

Nesta entrevista, o aluno comenta que o professor utiliza instrumentos formais de avaliação associados a observações, que envolvam critérios como pontualidade e participação em aula. Surge a indicação de que o resultado do processo avaliativo envolve informações subjetivas, referentes ao envolvimento do

estudante com a rotina de sala de aula. O depoimento indica que o aluno encara com tranquilidade a variedade e a flexibilidade de instrumentos.

Nesse sentido, Hoffmann (1993, p.56) garante que a avaliação “é um processo investigativo, como ponto de partida para o ‘ir além’ no acompanhamento do processo de construção do conhecimento”. Assim, as tarefas realizadas pelos alunos oferecem informações e indicações, que podem auxiliar os professores a reorganizar o processo de ensino e aprendizagem.

É válido destacar que cabe ao professor evitar o excesso de instrumentos, quando ele não tem condições de analisá-los e dar o devido retorno para os alunos. Nesse caso, o professor “tarefeiro”, estará utilizando a avaliação como forma de comprometer o aluno com a rotina da sala de aula e não com a aquisição de conhecimentos. Um dos estudantes entrevistados chama a atenção para este aspecto:

Eu acho que tem que ter o sistema àquele do professor mostrar para o aluno. Não mostrar a planilha oficial, mas mostrar ao menos um rascunho das notas da gente para a gente saber no que tem que melhorar e no que tem que continuar... Aí sei lá não me lembro direito das coisinhas lá... tá, que tu tem que continuar sendo pontual, não faltando, é bom tu saber o que tu está fazendo de certo... para ti continuar.. tá, todo mundo sabe que o que tu tá fazendo de certo é bom, mas... é legal assim um contato do aluno, com o método de avaliação...

Aí eu disse que eu precisava saber por que eu tinha tirado 8. Não que eu quisesse tirar 10, eu reconheço que eu devo precisar de alguma coisa...podia ter feito mais, e eu reclamei para o professor, mas o professor não adiantou... Tá, o que a gente fez: a gente estudou muito e tentou não falar como estava no livro... a essência do trabalho é não falar como está no livro, com as palavras do livro... eu quando apresento um trabalho, eu leio e faço o meu resumo longe do livro, eu guardo o livro para mim não copiar.

Nestes depoimentos, o aluno informa que se empenhou na execução das tarefas, interagiu com novos conhecimentos, manteve-se envolvido com as propostas de trabalho, mas não recebeu um parecer avaliativo de seu professor. A

única informação que recebeu foi à indicação da nota, sem recomendações do professor que o auxiliassem a qualificar o trabalho, a identificar falhas de argumentação ou, possíveis erros conceituais. Esse aluno desejava participar do processo de avaliação, mas restringiu o seu envolvimento a executar a tarefa proposta e a conhecer a nota, que foi atribuída ao seu trabalho.

Hoffmann (1993, p.57) faz uma analogia para explicar esta situação. Ela afirma que alguns professores “atribuem notas e conceitos e, por sorte, acrescentam algumas recomendações [...], constata resultados e os apontam! Como se bastasse apontar ao paciente sua doença sem lhe oferecer tratamento adequado!”.

A contribuição de Hoffmann indica que o professor deveria valorizar as respostas dos alunos para dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem. Acredita-se que a seleção de instrumentos e de critérios de avaliação é feita para favorecer a análise das contribuições dos alunos. Seria válido, acompanhar e orientar a ação educativa, evitando a simples indicação do que é certo, ou errado, mas oferecendo condições e oportunidades que estimulem o aluno a avançar e a qualificar o seu trabalho.

Outro aluno deixa claro o seu apoio a essa maneira de o professor encaminhar o processo de avaliação a partir da comunicação do parecer avaliativo dos instrumentos de avaliação oferecidos aos estudantes. Na entrevista, o aluno foi questionado se uma aula participativa e dinâmica poderia ser aquela na qual o estudante recebe retorno sobre o seu desempenho.

É, porque é aí que muitas vezes: "Ai porque eu não sei isso, eu não sei aquilo". Mas aí o professor começa a fazer pergunta ali, pergunta aqui e tanto o aluno como o professor começam a dialogar sobre o assunto. Aí começa a entrar num questionamento e muitas vezes as pessoas não se dão conta ali do tanto que sabe. Aí então eu acho que essas dinâmicas seriam para isso.

Seria esse um dos motivos do professor oferecer ao aluno muitos instrumentos de avaliação, para construir o cenário onde o aluno está agindo e conquistando o seu espaço no grupo e aperfeiçoando seus conhecimentos. Há relatos de que professores diversificaram os instrumentos de avaliação para permitir o envolvimento de várias habilidades do estudante no contexto escolar, porque além de considerar o desempenho nas provas, desejavam verificar o envolvimento do aluno, com as tarefas educativas.

As avaliações nas disciplinas de ciências: química, física e biologia, são feitas de várias formas, provas, trabalhos e a planilha de rendimento do aluno, ou seja, uma quarta nota. Os professores fazem provas com assuntos que foram dados a partir de suas aulas, independente da minha nota ser baixa ou alta, o professor faz outra prova para tentar recuperar, no começo de cada trimestre o professor passa trabalhos com certo tipo de assunto e data para entregar, o rendimento do aluno; outra avaliação muito importante para concluir a minha nota, ali o professor vai avaliar a minha participação em sala de aula. São muitas as chances de uma boa nota, só não tem quem não quer, são poucas as escolas que avaliam o aluno em sala de aula.

Afirma-se que a avaliação deve levar em conta a disponibilidade do estudante para cumprir as tarefas; a assiduidade e pontualidade; relações interpessoais com professores, funcionários e colegas; e, o nível de compreensão dos conceitos trabalhados. Assim, os professores poderiam inovar os instrumentos de avaliação, estimulando a participação do aluno e o seu envolvimento com a rotina escolar. Estes cuidados poderiam reduzir as questões de indisciplina e de falta de motivação, uma vez que o estudante poderia usar este espaço pedagógico para comunicar suas dificuldades, anseios, dúvidas, angústias e sentimentos.

Juan Miguel Batalloso afirma, com convicção, que:

Os princípios de liberdade e participação levados à avaliação significariam a garantia do direito dos alunos de serem informados, orientados e ajudados em suas dificuldades de aprendizagem e de intervirem nos processos de avaliação, com sugestões e iniciativas concretas. Ou seja: uma avaliação que não permita a participação dos alunos e não proporcione a possibilidade de intervir na escolha de meios e instrumentos

não é democrática e sequer pode ser considerada educativa. (BATALLOSO in BALLESTER, 2003, p.50).

Entende-se que a participação do aluno não fica restrita à execução das tarefas, mas deve ser qualificada com a possibilidade de refletir sobre a sua ação e, que deveria ser 'rotina' o questionamento e a intervenção no processo de ensino e aprendizagem.

A participação e o questionamento podem ser estimulados, se no espaço de aula existirem relações éticas que valorizem o respeito e estimulem o diálogo e a convivência em grupo. Nesse ambiente democrático, o professor tem uma função ímpar.

Batalloso esclarece sobre isso, ao referir que, para:

[...] que o direito de participação esteja sempre condicionado pela capacidade de obter informações por diferentes meios, e sabendo que a democracia é também uma atitude fundamentada na tolerância e no respeito, é óbvio que os professores que praticam uma avaliação democrática são os que, fazendo uso de seus conhecimentos profissionais, são capazes de proporcionar informação periódica sobre os critérios de avaliação a seus alunos e, além disso, também podem desenvolver estratégias psicossociais de negociação e co-gestão do currículo, aproveitando as possibilidades de abertura e flexibilidade oferecidas. (BATALLOSO in BALLESTER, 2003, p.50).

Portanto, a manutenção de uma avaliação formativa, com a diversificação de instrumentos, permite ao professor compreender a forma como o aluno aprende e, a partir daí, oferecer a ele as estratégias mais adequadas para qualificar a aprendizagem.

A comunicação, o questionamento e a análise dos resultados, provavelmente aumentariam o interesse e a motivação do estudante, criando, na sala de aula, um espaço de envolvimento solidário, baseado em relações de respeito e autonomia.

### 5.3.2. A integração dos aspectos qualitativos e quantitativos na avaliação

Alguns educandos salientam a importância da modificação dos critérios de avaliação, quando diferenciam os aspectos qualitativos dos aspectos quantitativos da avaliação. Surge, então, uma questão a ser esclarecida: como os alunos entendem estes aspectos qualitativos e quantitativos?

Sobre isso, destacam-se os depoimentos de alguns alunos:

Qualitativo é a qualidade, assim, o aluno, como ele se comporta, o comportamento e todas as outras coisas são levados em conta, como se ele vem à aula, se ele falta, se ele chega no horário, se ele é comportado, se ele é quietinho, se ele bagunça, se ele atrapalha a aula, tem varias coisas que são levadas em conta no qualitativo aí.

O quantitativo é a nota, o número de avaliações, que tu teve no trimestre, que ali é feita uma média de nota. É a que tem valor 4 no trimestre e o qualitativo o que tem valor 6.

O método de avaliação de Ciências é composto pela qualificação do aluno (Qualitativo), e pela nota (Quantitativo).

[...] os professores avaliam seus alunos de duas maneiras: a qualidade do aluno, ou seja, o comportamento dele em sala de aula, se ele faz os trabalhos ou não, se o aluno mostra interesse em aprender, se ele consegue assimilar o conteúdo, enfim, esse tipo de avaliação é chamada de avaliação qualitativa, que vale 60% na nota trimestral; e as notas das provas e dos trabalhos que é a avaliação quantitativa, que vale 40 % na nota trimestral.

Nesses depoimentos identificam-se algumas idéias para discussão. Alguns estudantes relatam que a escola, ao realizar uma avaliação qualitativa, valoriza no aluno o seu esforço em aprender e o comportamento demonstrado em sala de aula, suas atitudes, diminuindo a ênfase na determinação do nível de conhecimento construído. Neste ponto de vista, a avaliação dos aspectos qualitativos favoreceria os alunos que se esforçam, mas não conseguem alcançar a média da escola.

Assim, a avaliação considera o esforço do aluno, dá destaque para as boas maneiras, seu desejo de entender os conteúdos e o comprometimento com as

tarefas de aula. O depoimento, a seguir, refere esse ponto de vista e deixa implícito que a avaliação qualitativa não considera o conhecimento construído pelo estudante. Segundo ele, um bom desempenho qualitativo não garantiria resultados satisfatórios em um instrumento de avaliação classificatória, como são as provas do vestibular.

[...] avalia o desempenho do aluno, analisando se ele fez “tema de casa”, se ele é um aluno educado, se ele ao menos tentou entender a matéria, mesmo não tendo assimilado, sendo que quando esse mesmo aluno ir a um concurso de vestibular, emprego, não irá contar se ele foi bonzinho, esforçado e sim se ele aprendeu, se ele tem conhecimento, por isso a avaliação tem que ser quantitativa, e a parte qualitativa ser utilizada como fator de perda na nota e não como avaliação.

Para este aluno, a avaliação qualitativa não corresponde à realidade competitiva de um vestibular ou do mercado de trabalho, portanto é necessário esclarecer a complementaridade destes conceitos. Sobre isso, Demo deixa claro que:

Toda avaliação qualitativa supõe no avaliador *qualidade metodológica* (grifo do autor). Isto significa de partida que não faz nenhum sentido desprezar o lado da quantidade, desde que bem feito. Só tem a ganhar a avaliação qualitativa que souber se cercar inteligentemente de base empírica, mesmo porque qualidade não é contradição lógica da quantidade, mas a face contrária da mesma moeda. Qualidade e quantidade são, pois, pólos contrários – como quer a dialética-, não extremos contraditórios, que apenas se excluem. (DEMO, 2002, p.35).

Pedro Demo lembra o caráter dialético do processo de avaliação, pois os aspectos qualitativos e quantitativos são complementares. Entende-se que cada um se converte no outro, ou seja, a valorização das respostas formuladas pelos estudantes permitirá a realização de avaliações meticolosas, que respeitem os procedimentos acadêmicos, que envolvam um método a ser seguido. Destaca-se que os envolvidos neste processo deveriam procurar métodos alternativos, sem restringir a análise a métodos previamente definidos.

Demo (2002, p.36) afirma que a avaliação qualitativa realizada sobre contribuições que partam da realidade vigente “é um desafio do discurso rigoroso, meticulosamente medido, logicamente plantado; a diferença está em que este rigor, para os que buscam qualidade a sério, não passa de instrução. É caminho, não é chegada”.

A busca por este caminho é um dos desafios que o professor e o aluno devem vencer juntos. Acredita-se que este ‘caminho’ será mais agradável, se for percorrido de forma solidária. Um educando informa que a principal mudança implementada pelos professores ao salientarem os aspectos qualitativos foi tornar a avaliação diária, assim os dias de provas perderam a sua importância.

A avaliação depende muito de cada professor, pois há os mais severos e os mais tolerantes; normalmente os de Ciências (Biologia, Física e Química) toleram um pequeno atraso (só às vezes), um pouco de conversa (não na hora da explicação), aplicam trabalhos e olham os cadernos para melhorar as notas, fazem revisão e até aplicam provas mais fáceis. O comportamento em sala de aula (e na própria escola) é avaliado, levando em conta que o aluno deve ter disponibilidade e vontade para cumprir as tarefas; ser pontual e não ter grande número de faltas; respeitar os professores, funcionários e colegas; compreensão dos conteúdos ensinados. Trabalhos e provas também fazem parte da avaliação.

O depoimento indica que as disciplinas de Ciências avaliam o comportamento, o interesse pela matéria e o esforço do aluno no decorrer do ano. Um depoimento afirma que considerar os aspectos qualitativos é “ouvir outras pessoas”, tornando a avaliação um processo solidário.

No processo de avaliação qualitativo não se avaliam apenas trabalhos, exercícios e provas, mas o crescimento do aluno, seu envolvimento com as aulas e colegas. Esta interpretação destaca que a prevalência dos aspectos qualitativos é uma tentativa de corrigir os erros de uma avaliação que centra seus resultados no desempenho em provas. Muitos depoimentos informam que “as disciplinas de

Ciências têm se adaptado às novas tendências da Educação”, pois avaliam o crescimento do aluno e não o resultado final.

Considerar a prevalência dos aspectos qualitativos, ainda não é a solução perfeita para o problema da avaliação. Há depoimentos que indicam a preocupação de alguns alunos com a redução do grau de exigência da escola, porque a valorização de aspectos voltados ao comportamento e dedicação do aluno e o esforço do aluno em aprender, aparentemente, reduzem a importância do envolvimento do aluno com a aquisição de informações, que são cobradas nos processos de seleção para vagas no Ensino Superior, por exemplo.

A aceitação da avaliação qualitativa não é unanimidade na escola, pois relatos apontam a preocupação da valorização de boas maneiras, do esforço do aluno em entender os conteúdos e do comprometimento com as tarefas de aula e que estes aspectos não correspondem à realidade competitiva de um vestibular. Como exemplo:

Na hora do fechamento de notas acho que os professores somam as notas de uma tabela qualitativa e adicionam com as notas quantitativas, só que agora vem o problema referente ao que já havia colocado, a nota qualitativa equivale a 60% da nota final, sendo que a quantitativa 40%, então nós saímos de uma escola, com 60% de educação e com força de vontade e entramos no vestibular com 40% de cultura. Então no meu ponto de vista, só esses fatores impedem um aluno de ter uma avaliação que os aprove de acordo com o que disputamos lá fora, o conhecimento.

Esse depoimento destaca que a avaliação quantitativa deve ser novamente implementada, pois pode ser mensurada com maior facilidade. Esse enfoque avaliativo implica o julgamento do professor sobre o trabalho do aluno, que pode ser prejudicado, visto o uso da subjetividade para julgar desempenhos.

Assim, é possível questionar se o aluno compreende a abrangência dos aspectos qualitativos da avaliação e, se ele percebe a relação entre o processo de

avaliação e a permanente necessidade de aperfeiçoar o conhecimento que está construindo.

Os argumentos apresentados por alguns alunos que questionam a valorização dos aspectos qualitativos destacam que a aprovação nos processos seletivos da sociedade é baseada na “quantidade de pontos obtidos” e, não na qualidade do trabalho do estudante. Assim, atribuir ao desempenho em provas e trabalhos uma importância menor, significa fugir das tendências da sociedade.

A mensuração do saber não foi indicada nos depoimentos analisados, como um fator que restringe o envolvimento ou prejudica a participação do aluno nas tarefas de sala de aula.

Percebe-se, na maioria dos depoimentos, indicações de que muitos professores concluem seu parecer avaliativo com uma nota, ou menção, mas chegam a ela a partir de uma série de observações, instrumentos e critérios diversificados.

Destaca-se que os alunos ficam permanentemente envolvidos com o processo de ensino devido à realização desta avaliação diferenciada. A análise dos aspectos qualitativos favorece os alunos que se esforçam, mas que não conseguem alcançar a média da escola.

Esse processo considera o crescimento do aluno. Um aluno comentou que “é difícil para ele estar bem todos os dias, há momentos nos quais está com problemas e não consegue se envolver com as questões de aula”, podendo ser prejudicado na avaliação, porque fica evidente que não basta se destacar nas provas, mas é necessário participar das aulas, para obter “boas notas”.

Nesse relato, o estudante destaca que procura “participar das aulas”, mas deve-se analisar a forma como ele participa, se é ‘tarefeiro’ e realiza as tarefas

propostas por seu professor ou, se reflete sobre as tarefas feitas, analisando seus resultados na busca pela qualificação do trabalho escolar.

Uma das entrevistas indica que a participação e o envolvimento podem ser estimulados a partir do parecer do professor sobre o desempenho do aluno na execução das tarefas propostas em aula. A motivação é uma das conseqüências da realização de uma avaliação formativa.

Olha, o único relato que eu tenho, tipo assim a única pessoa que eu ouvi falando, foi a professora "X", que um dia tinha um trabalho para entregar. E eu entreguei o meu trabalho. E a professora disse assim: "Olha" K ", tu estás muito bem nesse trimestre, tu desenvolveste bastante, continua assim". Eu fiquei super feliz assim sabe. Tive uma empolgação maior de fazer os trabalhos para ela assim sabe e estou indo bem. Mas nas outras matérias ninguém nunca fala para ninguém. E não é só para mim.

A partir das informações que esse aluno traz, pode-se retomar as análises feitas nesta categoria, destacando-se os aspectos referentes ao processo de avaliação formativa que muitos professores das disciplinas de Ciências têm realizado na sua prática docente e a possibilidade que é oferecida para o aluno participar e comprometer-se com a prática escolar, a partir da comunicação e da reflexão dos resultados alcançados.

Enfim, entende-se que a avaliação formativa pretende identificar os pontos frágeis da aprendizagem do aluno, para favorecer ao professor 'o ajuste' do processo de ensino e aprendizagem. Através dela, o professor pode compreender as representações que o aluno faz sobre o conhecimento e estabelecer estratégias para qualificá-las.

Os professores utilizam muitos instrumentos para obter estas representações, que poderiam fornecer informações sobre o sistema próprio de aprendizagem de cada aluno. Os depoimentos indicam uma variedade de recursos,

como: provas, observações, relatórios, compromissos de casa, supervisão de cadernos e observações diárias, entre outros.

Esta diversidade de instrumentos é valorizada por muitos alunos, mas relatos salientam a importância de o professor comunicar suas conclusões para o grupo de estudantes, a fim de que possam promover, com autonomia, uma retomada do seu processo de aprendizagem. Um grupo de alunos solicita esse 'retorno' para promover a qualificação do trabalho escolar, corrigindo as falhas na argumentação e erros conceituais, até certo ponto, comuns para quem está aprendendo.

Assim, a manutenção de uma avaliação formativa, permite ao professor compreender a forma como o seu aluno aprende e a partir daí, oferecer a ele as estratégias mais adequadas para qualificar a aprendizagem. O diálogo permanente entre os agentes desse processo, provavelmente, motivaria o estudante a envolver-se com o trabalho escolar, construindo relações éticas, baseadas em relações de respeito e estimulando o desenvolvimento da autonomia.

Alguns alunos relatam que seus professores avaliam através de critérios qualitativos e quantitativos. Muitos depoimentos indicam que os alunos associam ao termo qualitativo, questões que envolvem atitudes e comprometimento com o aprender, diminuindo a ênfase no nível de conhecimento construído.

Assim, fica implícito que essa forma de avaliar pode favorecer os alunos que se esforçam, mas que não conseguiriam atingir "boas notas" nas provas e testes. Para esclarecer esta idéia, procura-se salientar o aspecto dialético da avaliação. Nela, critérios qualitativos e quantitativos são complementares, pois os aspectos qualitativos incentivam avaliações criteriosas que seguem um método pré-estabelecido pelos agentes deste processo. O que chama a atenção, é que este

método não deve ser rígido, pois implica na procura por caminhos alternativos para a análise do processo avaliativo.

Há indicações de que muitos professores realizam uma avaliação formativa e concluem seu parecer avaliativo a partir de uma série de observações, instrumentos e critérios diversificados.

Assim, entende-se que a participação e o envolvimento do estudante com as propostas escolares podem ser estimulados a partir da reflexão sobre os pareceres do professor em relação ao desempenho do aluno nas tarefas propostas em aula. A motivação para o estudo seria uma das conseqüências da realização de uma avaliação formativa.

#### **5.4 O processo de auto-regulação do aluno sob a perspectiva de uma avaliação formativa e qualitativa**

A categoria anterior discute questões associadas à manutenção de uma avaliação formativa na rotina escolar. Acredita-se que ela permite ao professor qualificar as estratégias de aprendizagem, adaptando-as ao aluno. Os pareceres do professor sobre o desempenho do aluno nas tarefas propostas em aula, por exemplo, estimulariam o diálogo e a construção de relações éticas, baseadas em relações de respeito e de autonomia. Assim, a motivação para o estudo seria uma das conseqüências da realização de uma avaliação formativa.

Neste tópico, serão analisadas quais as contradições que o professor enfrenta na sua prática avaliativa, as maneiras como ele pode promover o processo de avaliação formativa e, finalmente, discutir a auto-avaliação associada ao processo de meta-cognição do estudante.

#### 5.4.1 As contradições da prática avaliativa

Alguns estudantes reconhecem que os seus desempenhos nas disciplinas de Ciências dependem dos interesses, dificuldades individuais e, também de suas preferências por professores. Eles percebem “que são responsáveis, pelas escolhas e formas de construção do conhecimento, seja ao atender as orientações recebidas, ou afastar-se da postura acadêmica”, geralmente, exigida na escola.

Em um grupo de depoimentos, há concordância de que o aluno constrói seu próprio conhecimento através do envolvimento com as tarefas propostas e que, muitas vezes, ele tenta manter uma postura acadêmica em sala de aula. Com atitudes como:

[...] participo das aulas e respondo às perguntas que os professores fazem. Claro que não conta somente as respostas e a participação, é importante que exista um bom relacionamento entre o professor e o aluno, e, entre os alunos. Acho que isso conta muito na hora da avaliação final. Não devemos esquecer que a avaliação não é somente feita nas provas e nos finais de trimestres, mas sim todos os dias, tanto em sala de aula quanto fora. Porém, pode-se dizer que existe uma boa parceria entre os alunos e os professores, pois durante trabalhos e exercícios há um ótimo diálogo, onde quase todos discutem sobre o assunto que esta sendo trabalhado.

Desta forma, o desempenho do aluno está associado a fatores como: o estilo do professor encaminhar as propostas pedagógicas (autoritário/democrático), a organização da escola referente à forma de avaliar, o espaço para o diálogo e a possibilidade de reformulação metodológica. Acredita-se que a partir da integração desses fatores o professor organizará a forma que encaminhará o processo de avaliação.

Os estudantes, de maneira geral, encaram o processo de avaliação sob dois enfoques:

- a avaliação é constituída por instrumentos que permitem que seus desempenhos sejam acompanhados pelos professores;
- o processo de avaliação constitui maneiras de promover a troca de impressões com os professores e, desta forma, iniciar um diálogo que facilite o aprimoramento do processo. Nesse enfoque, o educando é estimulado a questionar o seu desempenho e o do professor.

Vasconcellos atribui essa forma de analisar a avaliação, como:

[...] reflexo de um repensar a prática, em função da grave crise no ensino. A partir disto, apuramos hoje um duplo e contraditório movimento: numa vertente, educadores querendo superar o caráter autoritário de avaliação, e, noutra, educadores querendo restaurar este caráter como estratégia de sobrevivência em sala: diante dessa situação de desinteresse dos alunos pelas aulas, a nota aparece como a tábua de salvação, como uma esperança de conseguir através dela “motivar” os alunos. (VASCONCELLOS, 1998a, p. 15).

As dimensões que são atribuídas à avaliação fazem parte de uma realidade marcada pelo desinteresse e pela falta de recursos públicos para a manutenção da estrutura educacional. Entende-se que o professor utiliza a avaliação como uma ferramenta que sensibiliza o aluno e cria condições para a movimentação dessa estrutura educacional. Neste caso, o professor, com suas ações, pode estimular o caráter autoritário no processo de avaliação.

Um estudante, ao ser questionado se as disciplinas deveriam apresentar uma forma diferenciada de fazer a avaliação, responde à questão e comenta que as dificuldades enfrentadas pela escola influenciam as propostas de sala de aula:

Mas é que a escola não tem recurso para isso né professora. Se tivesse um laboratório assim... É uma loucura para a senhora explicar, como é que as moléculas recebem calor, tem que ficar correndo de um lado pro outro para explicar a matéria... Se tivesse algum laboratório, se tivesse lá os equipamentos para explicar melhor, para o aluno ter um melhor entendimento, seria bem mais fácil assim. Só que não tem.

O contexto escolar dominante oferece contratempos aos agentes da Educação. Acredita-se que é tempo de provocar mudanças, que estabeleçam relações mais justas e solidárias em um processo que deveria qualificar, impulsionar e ressignificar as relações sociais. Essas modificações devem ser planejadas a partir do estudo das questões que norteiam os problemas atuais. Dessa forma, propõe-se a análise dos enfoques indicados anteriormente.

Para exemplificar o primeiro enfoque, os seguintes depoimentos foram destacados:

Os professores da nossa escola avaliam o aluno não só pelas notas em provas, e sim por tudo o que ele fez no trimestre, como já foi mencionado. Seria a postura do aluno “vigiada” pelos professores. Cada aluno deve mostrar interesse completo todos os dias e, não apenas antes de uma prova, por exemplo.

[...] o aluno vigiado, no bom sentido que ele vai ter, ele tem que ter mais responsabilidade de chegar cedo, ele vai ter que ter responsabilidade de entregar trabalho e tal, vai ter que participar em aula, e no começo até pode ser meio que sem querer, que ele não, ele nem vai precisar, não vai querer participar de aula, não vai querer fazer tal coisa,

Eu acho que o estudante deveria estar aqui para estudar e não para demonstrar para o professor que ele é certinho que ele está interessado. Interessado ele tem que estar sabe, mas não para ser pontual, coisa que muitas vezes os professores não são né. Para ficar quieto em sala de aula. Às vezes os professores dão liberdade para gente não ser completamente quieto em sala. Têm alguns que até que não dão oportunidade nenhuma [...]

Pode-se dizer que esses depoimentos encaminham a avaliação como uma forma de promover o ajuste das atitudes dos alunos na rotina escolar, questões como a pontualidade, controle de conduta na sala de aula e a manutenção da participação efetiva nas propostas de aula. Esta atitude é citada, em alguns depoimentos como própria de bons alunos, que “se envolvem em todos os aspectos do trabalho escolar”.

Esses depoimentos indicam que o professor utiliza o processo de avaliação para estabelecer limites de conduta escolar e manter uma certa tranquilidade em sala de aula. Assim, o processo de avaliação favorece a coerção de alunos e o controle sobre questões de indisciplina.

O segundo enfoque pode ser exemplificado através dos depoimentos:

[...] por notas o professor nem conhecia muito bem o aluno, sabia o nome dele, e tal, e sabia o que ele sabia fazer, mas não sabia ele como pessoa, nesse modo é diferente, ele, ele sabe que aquele aluno participou, que aquele aluno não faltou, aquele aluno entrega trabalho, ele pode não ser um nota 10 na matéria, mas ele é esforçado naquela matéria. Tá, ele tem mais chance, e ajuda muito mais o professor, na hora que o professor fechar as notas, ele vai lembrar que aquele lá, ele foi bem, sabe, ele não foi bem na nota e, de repente, e foi bem na participação.

O papel do aluno na construção de seu próprio conhecimento, até dar vida aos conhecimentos do professor. Portanto, o aluno pode agir de maneira questionadora ao conhecimento que lhe foi transmitido. Existe, no entanto, outra importante atitude a ser tomada pelo aluno: fazer o melhor para ir bem nas avaliações.

Se for só por notas, o aluno seria, seria, vidrado na matéria, e não teria... Pra que ele ia ter que conversar com o professor depois da aula, sobre tal coisa? Não ia! Não ia ter diálogo, até porque, eu acho que na oitava série, quando eu estava, eu sempre fui de conversar na aula, participar sabe, conversar assim com o professor depois da aula também, não tem porquê não conversar, mas, mas esse negócio de AF, NA, sabe, B1, B2, e ter a participação, não faz com que ele fique, que seja obrigado a fazer, mas é mais uma alternativa, ele pode só fazer as notas alí dele, mas participando ele vai ser melhor não só como aluno, mas como pessoa também.

A partir desses depoimentos percebe-se o envolvimento do aluno com a organização das propostas de aula. Há indicações de que o diálogo e a possibilidade de ter o esforço, em compreender as informações, reconhecido e valorizado pelo professor, provavelmente, motiva o aluno a participar e a estabelecer vínculos de confiança, que superam o medo de fazer perguntas e de expor suas dificuldades. Assim, os professores podem encaminhar propostas de atividades que favoreçam a regulação das aprendizagens.

#### 5.4.2 A regulação das aprendizagens a partir da avaliação formativa

Os professores, de maneira geral, percebem que cada pessoa tem uma forma específica de aprender. Este caminho é construído, lentamente, na medida em que o indivíduo vivencia novas situações. É possível percorrer o caminho com maior facilidade, se existirem sinalizações, mapas e, até mesmo, pontos de parada, para um descanso e reavaliação do trajeto percorrido até aquele momento.

Alguns estudantes relatam ter dificuldades para percorrer este caminho a partir das propostas de trabalho oferecidas pelos professores por serem, muitas vezes, centradas no uso do livro didático. Este fato influencia os resultados das avaliações, que refletem o envolvimento do aluno com o conhecimento essencialmente teórico e desprovido de significado.

As disciplinas de Química, Física e Biologia são muito interessantes, embora seja meio vago aprender somente com exercícios do livro, ou em avaliações que juntam muita matéria. Sendo assim, por mais esforçado que o aluno seja não conseguirá assimilar todo esse conteúdo.

A metodologia utilizada por muitos professores afasta o aluno do questionamento e do envolvimento efetivo com o fenômeno analisado. Surgem as dificuldades de interpretar informações e de estabelecer relações entre os conceitos associados ao conhecimento científico. O depoimento de um aluno deixa clara essa limitação: “[...], mas se fosse adotado um método mais diversificado com certeza haveria bem mais entendimento e com isso os alunos se sentiriam com necessidade de interagir”.

A teorização e o ensino centrado na ação do professor influenciam os resultados obtidos nos instrumentos de avaliação. Depoimentos, já apresentados neste capítulo, indicam como causas de reprovação de muitos estudantes que se

esforçam para terem um bom envolvimento com o conhecimento científico, a reduzida familiaridade com o vocabulário específico, as diferenças individuais e a falta de pré-requisitos exigidos nas tarefas propostas pelo professor.

A partir dessas constatações, justifica-se a participação reduzida do aluno e os resultados insatisfatórios com o uso de instrumentos de avaliação centrados nas provas, o reduzido poder aquisitivo dos alunos do ensino público e as dificuldades da linguagem matemática associada ao conhecimento científico.

Estes depoimentos indicam, ainda, que alguns estudantes encaram a avaliação como momentos nos quais o professor vigia e fiscaliza o trabalho escolar; outros percebem que são oportunidades de indicar ao professor como ele aprende e, assim, permitir a reformulação do processo de ensino e o resgate de informações que facilitam a aprendizagem.

Nos dois enfoques indicados, a avaliação é consequência das propostas de ensino organizadas pelo professor, com a intenção de orientar a aprendizagem do aluno. A harmonia entre essas práticas é obtida a partir de ajustes e correções baseadas nas análises dos instrumentos de avaliação oferecidos aos alunos, portanto ela oferece condições do professor realizar a regulação do processo de ensino e aprendizagem. A avaliação deveria estar à disposição do professor e do aluno para criar uma pedagogia diferenciada e adequada aos interesses e necessidades deste último. Perrenoud constata que:

Não se pode segurar uma turma durante todo um ano escolar sem tais regulações. Mesmo quando não são diferenciadas e se limitam a modular o ritmo e o conteúdo de um ensino frontal, baseiam-se em uma avaliação que se pode chamar de formativa, em sentido amplo, já que regula o ajuste do currículo real ao nível e ao ritmo de trabalho da turma. (PERRENOUD, 1998, p. 78).

O ritmo de trabalho na sala de aula reflete a forma como as relações interpessoais entre os envolvidos estão sendo experimentadas. Relatos, dos alunos, indicam que alguns percebem um nível de exigência diferenciado de seus professores. Talvez isso seja consequência do processo de avaliação formativa implementado e do atendimento individualizado que eles estariam oportunizando para cada estudante. No entanto, esta hipótese não foi objeto deste estudo e não foram realizadas entrevistas com os professores dos alunos pesquisados, o que poderia ajudar a responder a esse questionamento.

Entende-se que melhorar a qualidade do ensino implica em adquirir gosto pelo conhecimento e pela pesquisa, desenvolver autonomia e comprometimento com a superação das atitudes que conduzem à evasão, à acomodação, ao desrespeito entre os envolvidos nesse processo.

Os estudantes modificam sua forma de organizar a atividade escolar a partir das propostas que o professor oferece como instrumentos de avaliação contínuos e diversificados. Neste relato, um aluno traz para discussão o envolvimento contínuo para o estudo e o artifício da cola, que é uma das formas de identificar a falta de autonomia intelectual dos alunos.

[...] Eu acho ótima a avaliação que é feita assim. [...] eu acho que o aluno tem que estudar entendeu. Se o aluno não estudar, não adianta, é óbvio que ele vai entrar em pânico na hora da prova, entende? E por exemplo, na sala de aula todo mundo conversa, todo mundo faz bagunça, sempre quando tem explicação, quando tem conteúdo novo, aí chega na hora da prova todo mundo entra em pânico, estuda 10 minutos antes, cola um monte de fórmula lá, faz a colinha e tal e bah acha que vai tirar um "A" entendeu. Aí depois: "Ah, mas como, não, eu tirei um" AF " , tirei um" NA ". Só que não é assim. Tu tem que pegar o embalo desde o início, desde a hora que o professor está ali explicando dizendo o porquê daquilo, porquê disso, tem que pegar o embalo ali. Aí eu acho que fica muito mais fácil. Eu pelo menos faço desse jeito assim. O professor começou a dar o conteúdo ali, tô ligada no porquê disso, porquê daquilo e tal, e chega na hora da prova e tal e:" Ah, tem prova hoje! Ah é mesmo "e vou lá e faço sabe, sem problemas assim. Aí eu vejo todo mundo em sala de aula dizendo:" Ah não, tu não explicou isso, tu não explicou aquilo...". É engraçado de ver todo mundo correndo assim. Acho que na real é um

certo desinteresse da turma, dos alunos assim:” Ah, é só ir lá, somar, dividir, aplicar as fórmulas “. Só que eu acho que não [...]”.

Esse estudante, aparentemente, superou o problema da reprovação, pois ele concentra o seu esforço na aprendizagem e na superação das dificuldades. A pesquisa evitou polarizar os depoimentos dos alunos entre o aprovar e o reprovar, porque o objetivo é analisar a forma como o estudante participa da sua avaliação. Identifica-se, neste caso, a existência de uma tendência para a mudança na forma como o aluno avança na sua aprendizagem.

Nessa perspectiva, o professor precisa ter clareza sobre os objetivos reais da sua prática pedagógica, para promover estas mudanças dentro do espaço de relativa autonomia que ele possui dentro do seu fazer pedagógico. Acredita-se que o professor possa determinar, de maneira geral, os instrumentos e critérios de avaliação, a partir da forma como percebe seus alunos e dos princípios e objetivos que regem o seu fazer pedagógico. Assim, aconselha-se que o professor tenha vontade e coragem para promover e manter estas mudanças no ritmo de trabalho. Sobre o envolvimento do professor com as mudanças é válido citar, Hadji:

[...] Ninguém é impedido de utilizar da melhor maneira, e do modo mais inteligente, toda a riqueza de sua experiência e de seus saberes, seja qual for sua importância. Se o professor não assumir o risco de fabricar instrumentos e inventar situações, desde que tenha a preocupação constante de compreender para acompanhar um desenvolvimento, como o aluno poderia realmente, em sua companhia, assumir o risco de aprender? (HADJI, 2001, p. 24).

Essa pergunta corresponde ao dilema que cerca o processo ensino e aprendizagem. Ela implica em confrontar a realidade de uma sala de aula, no seu contexto sócio-econômico e cultural, com os desejos de mudança pedagógica, institucional e educacional. O parecer avaliativo apresentado no final do período

letivo reflete esses aspectos e tem o poder de excluir ou de acrescentar agentes dentro desse espaço de construção de valores e conhecimentos.

Talvez, uma forma segura de inovar, de buscar o novo sem desprezar o que já existe, seja resgatar a função real da avaliação, que é de acompanhar a forma como as aprendizagens acontecem e promover a regulação individualizada do trabalho dos alunos.

Perrenoud denomina regulação aos

[...] processos de aprendizagem, em um sentido bastante amplo, o conjunto das operações metacognitivas do sujeito e de suas interações com o meio que modificam seus processos de aprendizagem no sentido de um objetivo definido do domínio. Com efeito, não há regulação sem referência a um estado almejado ou a uma trajetória ótima. (PERRENOUD, 1998, p. 90).

É possível discutir o conceito de trajetória ótima? Qual seria ele? Como o professor poderia identificá-lo e percorrê-lo? Entende-se que a avaliação formativa do trabalho do aluno permitiria, ao professor, fazer essas escolhas com coerência e criatividade, estimulando a realização dos processos de regulação do trabalho do aluno.

Outro conceito que deve ser esclarecido é o de metacognição. Entende-se como metacognição as atitudes de análise e reflexão do estudante sobre suas próprias ações e estratégias de aprendizagem. Grillo valoriza as propostas pedagógicas que estimulem a metacognição:

Um ensino que privilegie estratégias metacognitivas reais desde logo numa proposta construtivista, que considera o aluno com sua afetividade e cognição, construindo ativamente suas aprendizagens, sendo capaz de monitorá-las, escolhendo estratégias para solucionar seus conflitos cognitivos, desenvolvendo suas competências e conhecimentos. (GRILLO *in* ENRICHONE; GRILLO, 2003, p. 75)

Indica-se, neste caso, a necessidade de reconhecer, analisar e compreender a forma como o aluno aprende e de auxiliá-lo a acompanhar o seu processo de aprendizagem. Neste caso, o estudante iria promover um ajuste em suas atitudes, aprimorar e aprofundar conhecimentos de seu interesse, estimulando a autonomia e a apropriação do processo de construção do seu saber.

Marlene Grillo esclarece de forma simples que “essa atitude reflexiva sobre os processos mentais é a metacognição – a consciência que a pessoa, simultaneamente, tem de seu pensamento e de sua aprendizagem” (ENRICONE; GRILLO, 2003, p. 74). Este resgate de como o aluno percebe o seu processo de aprendizagem pode ser uma alternativa para a avaliação. Sob este enfoque, o aluno passa a questionar os seus desempenhos a partir das propostas oferecidas pelo professor. Assim, o ‘controle’ dos desempenhos seria exercido, em um primeiro, momento pelo estudante que receberia a orientação de seu professor para aperfeiçoar o envolvimento com o processo de construção do conhecimento.

Para tanto, espera-se que sejam oportunizados aos estudantes momentos significativos de auto-avaliação, nos quais possam questionar os seus desempenhos e, também, propor alternativas para qualificar as propostas oferecidas por seus professores. É necessário, portanto, destacar a importância dessa auto-avaliação e o vínculo, que ela possui com a metacognição.

#### *5.4.3 A auto-avaliação e o processo de metacognição*

A avaliação compreende algo mais do que uma simples troca de perguntas e respostas, cujo score corresponde a uma nota ou menção. Ela deve refletir o contexto onde o processo de aprendizagem é realizado e envolver questões que

facilitem ao professor e ao aluno visualizar o mapa que representa o caminho percorrido durante essa produção intelectual. Assim, para examinar essas variáveis, o aluno e o professor devem interpretar e analisar as respostas obtidas nos instrumentos utilizados para criar condições de superar as dificuldades identificadas, caracterizando a manutenção de uma avaliação formativa.

Nesta interpretação do processo, cada aluno deve ser convidado a participar, através de instrumentos como pareceres de auto-avaliação, entrevistas ou questionários. Um depoimento confirma o interesse de um aluno em participar desta proposta.

Também o aluno deveria ter mais envolvimento e participação no processo de avaliação, como um questionário, por exemplo, trazendo perguntas em relação ao que ele apresentou e se ele obteve crescimento no trimestre, assim isso traria uma consciência, para o aluno e ele saberia em quais aspectos ele poderá melhorar. Deveria haver uma maior parceria entre alunos e professores durante a avaliação, assim o professor poderia achar formas de melhorar o aprendizado do aluno e o aluno achar meios de maior participação neste aprendizado.

O aluno sugere uma 'maior participação no processo de avaliação, destacando-se a necessidade de conscientizá-lo para se comprometer com o desenvolvimento de atitudes que facilitem a regulação das atividades propostas para a sua aprendizagem. Essa regulação ocorre a partir da análise dos desempenhos, do aluno e do professor, e favorece a auto-regulação durante o período letivo. Entende-se auto-regulação como a ação do aluno que questiona, analisa e compreende as suas ações redimensionando-as para promover e facilitar a sua aprendizagem.

Desse modo, exige-se dos estudantes a manutenção de um processo de conscientização que implica mudança de atitude em sala de aula, pois deveria fazer parte do processo de avaliação a habilidade do educando participar das aulas respondendo a perguntas, investigando questões e esclarecendo dúvidas sobre o

conhecimento trabalhado. Esse envolvimento é facilitado quando o professor possui bom relacionamento com o aluno. Assim, a avaliação tem nos seus resultados os reflexos desse envolvimento articulado pelos envolvidos na pesquisa. Um dos alunos confirma esta tendência.

O meu envolvimento pode ser um pouco dificultoso, mas tento sempre fazer o melhor para conseguir um bom desempenho que possa me ajudar. Mas, por outro lado, esse processo não é tão complicado como se pensa, qualquer um pode passar por estas situações. Na maioria das vezes faço o impossível para conseguir alcançar esses objetivos, tendo como idéias novas, diferenciando o ritmo escolar, que nos mostra um outro caminho.

A motivação do estudante em ser um “bom aluno” implica no desejo dele em se envolver com vários aspectos do trabalho escolar, construindo caminhos diferenciados para a sua aprendizagem. Um relato indica que há “o desejo de ser perfeito” e que o fato da perfeição não ser alcançada motiva o aluno a manter a busca por um ideal.

Para diminuir o caráter de julgamento e promoção de condutas atribuídas por alguns à avaliação, deveriam ser incentivados o diálogo e a parceria do professor com o aluno. Destacam-se escritos de que a participação no processo de avaliação motiva o aluno a integrar-se no processo de construção do conhecimento. Conforme o depoimento:

Enfim, existem vários tipos de alunos e cada um tem seu jeito próprio para a construção de seu conhecimento. Nem sempre o caminho tomado é o mais correto, e sua opinião em relação à forma de avaliação pode estar deturpada, mas sempre haverá alguém para ajudá-lo.

Assim, é direito do aluno participar do processo de avaliação dos desempenhos e, em função disso, a forma de avaliar das escolas tem mudado. Atualmente, a escola mantém os estudantes informados sobre o processo de avaliação através reuniões, notas de provas e trabalhos.

Os estudantes destacam que a proximidade do professor e do aluno é necessária para que haja um acompanhamento efetivo do caminho percorrido em busca do sucesso escolar. Essa parceria é baseada no diálogo, consequência da discussão dos temas trabalhados. Esse processo ajuda o aluno que tem um bom relacionamento com professores e colegas.

A escola avança quando propõe o envolvimento do professor e do aluno no processo de avaliação. Por exemplo, o respeito entre alunos e professores motiva ao trabalho escolar, pois muitos alunos trabalham, fazem atividades comunitárias, ou se envolvem em questões familiares. Nesses casos, o professor tende a fazer uma avaliação diferenciada. Essa participação no processo de avaliação motiva o aluno a integrar-se no processo de construção do conhecimento estimulando-o a envolver-se da melhor maneira possível nas tarefas de avaliação e reduzindo, inclusive, a evasão escolar. Por exemplo, este depoimento indica que o aluno 'está conseguindo se integrar no processo'. Na prática, está realizando a auto-regulação e promovendo mudanças nas suas atitudes.

Geralmente, nós alunos no começo do ano letivo juntamente com o professor decidimos como procederão as avaliações trimestrais, de uma forma que todos possamos ser avaliados adequadamente conforme a matéria. Eu penso que com esta parceria entre alunos e professores o crescimento avaliativo terá uma grande compensação, pois com isto fazemos uma parceria avaliativa. Dessa forma, conseguimos nos integrar no processo, participando e expandindo nossos conhecimentos, obtendo o resultado esperado.

A obtenção do resultado esperado consiste na tomada de consciência do estudante, que está adaptando o processo de ensino oferecido pelo professor e pela escola às suas características e interesses individuais. Desta forma, a análise dos depoimentos de alguns estudantes indica que eles desejam uma avaliação diferente da atual e próxima à sua realidade e às suas necessidades. Para tanto, é

necessário que o educador esteja atento, motivado e tenha condições para que possa promover as mudanças de forma significativa.

Estas mudanças podem ocorrer a partir do momento em que a comunidade escolar percebe que algo a incomoda ou não está de acordo com as expectativas do grupo em relação aos ideais propostos no processo de ensino e de aprendizagem.

Na tentativa de chegar a uma solução para os problemas, visualizam-se indícios de mudanças, pois é percebido um esforço comum dos professores e estudantes para a criação de alternativas para a construção do trabalho escolar.

Uma das alternativas propostas para modificar este quadro é incentivar a auto-avaliação, estimulando atividades de metacognição. Hadji colabora com a discussão ao afirmar:

Todavia, devemos ainda observar que o primado concedido pela avaliação formadora à auto-avaliação exprime paralelamente a vontade de desenvolver atividades de metacognição. É sabido que se pode designar, por meio desse termo, um processo mental interno pelo qual um sujeito toma consciência dos diferentes aspectos e momentos de sua atividade cognitiva. Por meio desse processo, o sujeito toma distância em relação aos conteúdos envolvidos pelas atividades cognitivas em andamento. Por isso, a metacognição é sinônimo de atividade de autocontrole refletido das ações e condutas do sujeito que aprende. Ela é da ordem da conceptualização refletida, e implica uma tomada de consciência, pelo sujeito, de seu próprio funcionamento. Compreende-se seu papel no êxito das aprendizagens. Por meio da auto-avaliação, é visado exatamente o desenvolvimento das atividades de tipo cognitivo, como forma de uma melhoria da regulação das aprendizagens, pelo aumento do autocontrole e da diminuição da regulação externa do professor. (HADJI, 2001, p.103).

Deste modo, o estímulo ao autocontrole do estudante, a escuta atenta do professor às indicações do aluno sobre os seus desejos, as respostas que ele busca, bem como as impressões deste estudante sobre o quanto ele aprendeu, a partir do quanto ele conhecia de um determinado tema são informações

imprescindíveis para o professor promover as adaptações necessárias ao processo de ensino e aprendizagem.

O aluno valoriza o professor que está atento, que analisa a sua atividade escolar, questiona o seu modo de aprender e tenta estabelecer vínculos sócio-afetivos com ele. O depoimento de um aluno salienta que um professor poderia estabelecer esses vínculos de forma simples:

Se tu não tá legal, se tu não tá bem, tá triste, ir conversar, procurar saber mais do aluno, por quê? O que é que está acontecendo com ele? Por que é que ele não está indo bem nas provas... Essas coisas assim eu acho que teria que mudar mais assim, professor, diálogo assim sabe de sentimento, não só matéria, mas saber se tem algum problema na família, de repente isso atrapalha às vezes.

O estudante faz um desabafo e constata que a avaliação deveria ser construída baseada nas suas ações e nas intervenções que ele estabelece com o meio. Acredita-se que a construção do conhecimento envolve uma parcela de esforço individual e outra com o contexto social, com o grupo familiar e escolar, portanto, é necessário facilitar o diálogo e as trocas de experiências que validam a prática avaliativa formativa. Desta forma, o processo de avaliação não deveria ater-se a aspectos mensuráveis, mas, também, às questões subjetivas que envolvem questões internas de aprendizagem.

Neste sentido, destaca-se a importância da auto-avaliação, que pode ser um dos modos mais adequados de o professor analisar o nível de consciência do aluno e permitir a criação de condições que favoreçam a chamada reflexão metacognitiva, cuja importância é assim justificada:

Na avaliação de estratégias metacognitivas, não se busca um processo seletivo ou classificatório, mas um processo formativo amplo que inclui aspectos cognitivos – juízo crítico, pensamento reflexivo e produtos observáveis – simultaneamente a aspectos afetivos, como equilíbrio pessoal, aceitação de tarefas, auto-imagem positiva, habilidade de auto-

avaliar-se, solidariedade, participação, iniciativa. (ENRICONE e GRILLO, 2003, p.78).

Trata-se, portanto da necessidade de o professor rever a forma como ele realiza a avaliação sob o olhar de um agente provocador de mudanças, pois a solidariedade, a participação e a iniciativa exigidas do aluno são competências que podem também iniciar modificações sociais. Talvez isso possa ocorrer, estabelecendo relações mais justas e harmoniosas. Alguns depoimentos dos estudantes constataam essa necessidade:

A vida exige seres dinâmicos e cada vez mais humanos, rejeita pessoas programadas e bitoladas. No vestibular não basta apenas saber do que se trata é preciso relacionar suas associações dentro de vários contextos. O aluno dentro deste processo de avaliação terá o discernimento para ir muito além de aspectos puramente superficiais.

[...] baseado nestas possibilidades de ensino, as escolas devem, portanto, estabelecer novas oportunidades, fazendo com que os alunos sintam-se aptos a comparecer às aulas, não apenas por obrigação, mas com intuito de realmente aprender, afinal as condições de avaliação fazem as diferenças.

Dessas constatações, cabe destacar algumas palavras: associações, vários contextos, discernimento, novas oportunidades, aprender e diferenças. Percebe-se a tendência para a valorização dos desafios e da participação do aluno como um sujeito crítico e autônomo, pois se espera que ele possa associar informações, em contextos distintos e discernir, ou seja, discriminar, apreciar, avaliar bem as situações e oportunidades do seu cotidiano.

Assim, o estudante deveria ser capaz de refletir sobre sua aprendizagem e interagir com a diversidade de eventos que constituem suas vivências. Portanto, a avaliação realizada neste processo pode favorecer a inclusão, o diálogo, o dinamismo, a criatividade e a autonomia do aluno, agente ativo da sua aprendizagem e da sociedade onde está inserido.

Retomando as idéias principais desta categoria, destacam-se as questões referentes às indicações de que o aluno constrói seu próprio conhecimento a partir do envolvimento com as tarefas propostas pelo professor. Este desempenho está associado a duas maneiras de encarar o processo de avaliação. Na primeira, a avaliação permite que o professor acompanhe o desempenho do aluno e, na segunda, ela facilita o diálogo e o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem.

No primeiro enfoque, alguns depoimentos indicaram que, muitas vezes, o professor utiliza-se de autoritarismo para criar condições de manutenção da rotina escolar, visto a falta de recursos socioeconômicos da comunidade escolar. O segundo enfoque destaca o envolvimento do aluno com a organização das propostas de trabalho, indicando que a avaliação favorece o processo de regulação das aprendizagens.

De maneira geral, os professores favorecem o processo de regulação das aprendizagens, pois percebem que cada aluno tem uma forma específica de aprender e, por isso, necessita reavaliar as etapas deste processo. Nos dois enfoques, a avaliação é consequência das escolhas dos professores, que deveriam fazer ajustes para estimular o processo de regulação das aprendizagens.

Desta forma, o professor precisa definir a forma como vai favorecer o processo de regulação das aprendizagens, a partir da forma como percebe os seus alunos, tendo em vista os princípios e objetivos do fazer pedagógico. Uma das indicações que podem favorecer a escolha dos professores é o estímulo à auto-avaliação do aluno, com o favorecimento da metacognição.

A metacognição é o processo de reflexão do estudante sobre as suas ações no processo de construção do conhecimento, o qual exige a manutenção de um

processo de conscientização que implica questionamento permanente do desempenho em sala de aula. A auto-regulação que o estudante experimenta neste processo permite-lhe compreender suas ações redimensionando-as para promover e facilitar a aprendizagem.

Cabe ao processo de avaliação oferecido pelo professor estimular a auto-regulação no aluno e favorecer a troca de informações entre os agentes deste processo. O professor necessita ter informações sobre os desejos e as impressões do aluno sobre o processo de ensino, para promover as adaptações necessárias à valorização da participação do aluno no processo de avaliação escolar.

Sintetizando, quatro categorias foram construídas a partir da análise dos depoimentos: a finalidade da educação institucional e o ensino interdisciplinar; a metodologia utilizada nas aulas de Ciências; os instrumentos de uma avaliação formativa e os enfoques qualitativos e quantitativos e o processo de auto-regulação do aluno, sob a perspectiva de uma avaliação formativa e qualitativa.

A primeira categoria discute questões vinculadas a qualificação do ensino, ao vínculo entre o conhecimento matemático e científico e ao processo de avaliação num contexto multidisciplinar. Assim as concepções que os alunos têm sobre a avaliação nas disciplinas de Ciências indicam que o parecer do professor de Ciências está vinculado a habilidade que o estudante tem em superar os desafios matemáticos, dessa forma a 'separação das disciplinas' prejudica os alunos que precisam se envolver com fundamentos, vocabulário e regras diferenciadas. Assim, espera-se um investimento e qualificação do ensino para auxiliar os professores com recursos materiais e oportunidade de qualificar seus conhecimentos sobre o processo de ensino e de aprendizagem.

A segunda categoria discute a metodologia nas aulas de Ciências. Ela sugere a necessidade de uma mudança metodológica frente à função social que é atribuída à escola e a maneira como o professor concebe o processo de ensino e de aprendizagem. Nesta categoria é possível analisar de que formas são desenvolvidas as habilidades crítico-argumentativas para participar do planejamento das estratégias de avaliação. Alguns estudantes percebem a diferença de conduta e de envolvimento com o trabalho escolar a partir da proposta de trabalho de professores distintos. Acredita-se que professor e aluno devam interagir com autonomia e a participação do estudante pode ser estimulada através da problematização e do questionamento. O professor, ao questionar as verdades de um aluno, desperta nele a motivação e o interesse pelo estudo.

A terceira categoria: os instrumentos de uma avaliação formativa e os enfoques qualitativos e quantitativos questionam os valores e atitudes que estão associados à implementação de uma avaliação participativa do aluno. Os depoimentos indicam a necessidade de integrar os aspectos qualitativos e quantitativos no processo de avaliação da aprendizagem. Segundo os estudantes, as questões envolvendo ética, prontidão para o estudo, relações interpessoais e autonomia entre outros têm sido lembradas por muitos professores. Assim, entende-se que a participação do estudante pode ser estimulada a partir da reflexão sobre os pareceres do professor sobre o desempenho do aluno.

A quarta categoria: o processo de auto-regulação do aluno, sob a perspectiva de uma avaliação formativa e qualitativa, discute as contradições da prática avaliativa, a promoção da regulação das aprendizagens e a auto-avaliação e o incentivo ao processo de metacognição. Entende-se que este processo poderia

ser uma das alternativas para aperfeiçoar o a avaliação da aprendizagem nas disciplinas de Ciências.

Assim, a necessidade de comprometer o estudante com a reflexão sobre o caminho que ele percorreu para aprender pode ser estimulada com a construção de pareceres auto-avaliativos, entrevistas e questionários.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESGATE DA AUTONOMIA NA BUSCA DE UMA PRÁTICA DE TRANSFORMAÇÃO**

Ao término de um período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurgiu. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano. (I CHING *apud* CAPRA, 1982, p.5)

Finalizando este estudo, apresentam-se as seguintes considerações.

É importante destacar que a forma como o professor encaminha a avaliação escolar reflete as suas concepções sobre educação e os princípios éticos que orientam as suas relações sociais, políticas, profissionais e interpessoais.

A manutenção de uma prática democrática no processo de avaliação permite ao aluno informar as suas impressões sobre a execução e manutenção do processo de ensino e de aprendizagem. A realização de uma avaliação formativa e democrática assegura a participação do estudante, de diferentes maneiras, como a possibilidade de analisar e criticar as práticas dos professores, quanto aos seus objetivos, execução e resultados; expressar suas dificuldades e conquistas a partir da prática escolar; sugerir estratégias e alternativas de trabalho e informar suas impressões sobre o processo.

A participação dos estudantes não precisa ficar restrita às resoluções dos desafios oferecidos pelos instrumentos utilizados no processo de avaliação. Pode se dar na troca permanente de informações entre o professor e o aluno, no que se

refere a critérios, à diversificação de instrumentos e de situações de aprendizagem. O diálogo propiciado por estes momentos de integração favorece o aperfeiçoamento do processo de ensino e de aprendizagem escolar.

O diálogo permite ao professor, especialmente de Ciências, o acompanhamento sistemático da forma como o estudante constrói as representações mentais do conhecimento e estabelece relações entre estas informações. As questões vinculadas à interpretação de um vocabulário específico, adequado às diferentes áreas de conhecimento científico ou à compreensão dos símbolos e etapas de resolução dos desafios matemáticos, associados ao estudo dos fenômenos científicos podem ser identificadas e analisadas pelo professor a partir das intervenções dos alunos no processo avaliativo.

O favorecimento do processo de metacognição do estudante pode ser uma das ferramentas utilizadas pelo professor para assegurar o sucesso da aprendizagem. Assim, o conhecimento que o estudante tem sobre a maneira como ele aprende e a possibilidade que o professor cria para que ele possa expor de forma clara e coerente esse processo precisa ser uma das metas da avaliação escolar.

É claro que essa explicitação das representações do conhecimento em formação no estudante ocorre na medida em que o aluno confia no professor, estabelece vínculos afetivos e, a partir daí, reflete sobre os seus próprios erros e torna mais eficaz o processo de ensino e de aprendizagem.

O apoio do professor, ao destacar os aspectos positivos da aprendizagem e a sensibilidade de selecionar abordagens de assuntos do currículo escolar adequados à realidade dos estudantes, promove, também, um clima harmonioso na realização das tarefas de avaliação.

O temor às relações de poder associadas ao ato de avaliar, muitas vezes, tem sido superado pelos professores e estudantes. Percebeu-se que o processo de avaliação baseado em provas formais e exames fora do contexto de vida dos alunos não é a modalidade preferida na escola, contexto da pesquisa.

Por outro lado, constatou-se evidências de que o uso das técnicas tradicionais de avaliação tem sido associado a práticas alternativas e integradas a um contexto interdisciplinar, destacando-se entre elas: o exercício do questionamento e da ênfase à elaboração de argumentos críticos e coerentes; o uso de instrumentos de avaliação diferenciados; a análise conjunta dos dados obtidos no processo de avaliação; a participação de disciplinas do currículo escolar em trabalhos integrados às necessidades do grupo de estudantes e o exercício permanente da auto-avaliação.

As ações escolares que favorecem a pesquisa em sala de aula estimulam a manutenção de uma proposta interdisciplinar, que valoriza a aprendizagem do conhecimento científico. As verdades são questionadas em diferentes situações de aprendizagem, assim o aluno tem a possibilidade de elaborar de modo mais criterioso os conceitos, estabelecendo vínculos entre a Ciência, o que favorece o estabelecimento de novas verdades.

Para o professor inserido na realização de um processo de avaliação adequado a essa construção de conhecimento é fundamental estimular a participação do estudante, pois esse envolvimento criará uma parceria entre professor e aluno, desafiando ambos, a considerarem suas habilidades de argumentação e de adaptação às realidades educacionais que surgem a partir de situações inéditas, não previstas e que são comuns nas práticas interdisciplinares.

A maneira como o professor informa ao aluno os resultados de suas observações nos diferentes instrumentos de avaliação, mesmo naqueles 'não previstos' é referência para estabelecer a participação efetiva dos estudantes na reformulação da forma de conduzir a aprendizagem.

A comunicação dos resultados precisa ser dialógica, pois o diálogo é fundamental para a construção de uma avaliação formativa e qualitativa. O respeito às dificuldades do professor e do aluno para superarem os desafios do processo de ensino e de aprendizagem e as suas facilidades para conquistar novos espaços de construção do conhecimento são fatores motivadores na ação educativa.

Há indícios nessa pesquisa de que a melhoria nas relações da sala de aula passa por um processo de qualificação das relações interpessoais e que ela transcende a simples solicitação da opinião do aluno sobre os resultados obtidos nas provas, mas solicita a análise e a reflexão do estudante sobre as suas ações e a dos professores.

A escola tende a mudar lentamente as relações entre os agentes de ensino, a metodologia de trabalho e o processo de acompanhamento avaliativo. A qualificação dessas relações passa pelo estabelecimento de vínculos de confiança e da construção de uma postura reflexiva sobre as ações e o respeito na comunicação e na validação dos resultados.

O professor precisa exercitar a sua autonomia nesta proposta. A instituição escolar pode facilitar a ação do professor à medida que flexibiliza suas ações e permite que este promova novas estratégias de trabalho e determine critérios adequados a essas situações inéditas.

Desta autonomia depende a manutenção do processo de ensino e de aprendizagem e o estabelecimento de estratégias que estimulem a mudança e o

aperfeiçoamento das relações éticas vigentes em uma sala de aula, em uma escola e na sociedade que irá refletir as mudanças que têm origem no ambiente escolar. A comunicação clara, coerente e responsável é a base desse processo de mudança.

Em síntese, o processo de avaliação da aprendizagem poderia promover a participação dos alunos em atividades interdisciplinares de Ciências do Ensino Médio, desde que o professor promovesse alterações significativas na sua rotina de sala de aula. Aperfeiçoar o processo de avaliação implica em alterar a metodologia de ensino nas disciplinas de Ciências do Ensino Médio.

Esta necessidade está diretamente relacionada à prática construída pelo professor em sala de aula. Isso, possivelmente, é um problema mais de natureza metodológica do que simplesmente de avaliação, pois o processo avaliativo tem que ser coerente com o metodológico. Os alunos têm concepções próprias sobre o processo de avaliação promovido, pois possuem representações do certo e do errado, elaboradas a partir da ação metodológica oferecida pelo professor.

O educador que interpreta essas representações apresentadas nos diversos instrumentos de avaliação utilizados como: as observações, os portfólios, as provas e os seminários, entre outros, sob a ênfase do certo e do errado, apenas colabora para vincular o processo de avaliação da aprendizagem ao medo e à insegurança. Espera-se uma ação diferenciada do professor que deseja estimular a participação do estudante, o diálogo.

A manutenção de uma avaliação participativa em projetos interdisciplinares assegura a manutenção dos ajustes da ação pedagógica, a identificação das conquistas e dificuldades dos estudantes e a escolha de novas estratégias para assegurar futuras aprendizagens.

Mas como efetivar, concretamente, a vivência do diálogo e favorecer o exercício da argumentação, do pensamento autônomo e crítico que ocorrem no processo de avaliação do ensino e da aprendizagem?

Para isso, é necessário um professor comprometido com a ação pedagógica e com o desejo de identificar falhas e promover mudanças no processo. Por isso, espera-se um professor envolvido com um permanente movimento de re-construção de sua prática pedagógica.

Com o professor sensibilizado para esse questionamento permanente é possível motivar o aluno a refletir sobre a sua aprendizagem. Em um projeto interdisciplinar, o estudante pode colaborar de várias maneiras, por exemplo: inicia-se uma proposta com uma seqüência de situações previamente definidas, mas sua continuidade e conclusão, observando-se os objetivos da ação, podem ser definidos com a participação direta do grupo de alunos envolvido com as atividades. Os desempenhos individuais e dos grupos podem ser analisados em diversos momentos, com instrumentos diversificados, que favoreçam a troca permanente de impressões entre os professores e os estudantes.

As atividades de avaliação precisam ser semelhantes às utilizadas no processo de ensino e aprendizagem. Alguns depoimentos de alunos indicaram que instrumentos diferenciados de avaliação exigem memorização e a execução de uma rotina, que não representam o nível de elaboração pessoal e de construção do conhecimento do aluno.

A observação sistemática, a retomada de ações por parte do professor e do aluno são ferramentas que promovem as mudanças e ajustes necessários no processo de avaliação do ensino e de aprendizagem.

Cabe ao professor, da escola objeto dessa investigação, lutar por espaços de planejamento de estratégias de ensino e pelo direito de aprofundar o seu conhecimento sobre as teorias que servem de base para as novas tendências da Educação.

A equipe de professores precisa integrar as suas ações, dividir experiências e efetivamente, planejar as atividades escolares voltadas para os interesses do grupo de alunos. O tempo necessário a essa construção solidária precisa ser oferecido para a equipe docente, que muitas vezes é pressionada pelo período escolar a apresentar relatórios avaliativos sobre habilidades e conhecimentos que o aluno necessita dominar após um determinado número de aulas dadas.

Muitas vezes, o número de aulas (período letivo) não é, efetivamente, suficiente para o alcance de todos os objetivos propostos no início do planejamento do projeto interdisciplinar, pois as unidades de aprendizagens estimulam a participação do estudante na seleção das atividades escolares a serem executadas, ocasionando uma alteração no cronograma inicialmente previsto pelos professores.

O Serviço de Supervisão Escolar pode apoiar a equipe de professores a, efetivamente, iniciar o exercício do diálogo, a fim de que o aluno, também possa participar com coerência e qualidade a partir de espaços de escuta em sala de aula, da observação sistemática da produção da sala de aula e do hábito da comunicação e divulgação dos trabalhos realizados nas séries.

O processo de avaliação, neste caso, envolverá um grupo significativo de pareceres, pois os professores envolvidos no trabalho interdisciplinar poderão contribuir com suas impressões do desempenho do aluno a partir de várias observações, propostas e nível de envolvimento afetivo e exigência intelectual.

A comunicação sobre a finalização do processo avaliativo mensal, trimestral ou anual, do aluno, precisa envolver, também, aspectos qualitativos do trabalho, evitando a simples divulgação de menções. As habilidades, as conquistas e dificuldades enfrentadas pelo estudante precisam ficar definidas nesse instrumento formal de orientação e acompanhamento do trabalho avaliativo do processo de ensino e de aprendizagem.

Por fim, esta pesquisa não aborda todos os aspectos referentes ao tema avaliação da aprendizagem. Este trabalho especifica questões vinculadas as impressões que estudantes do Ensino Médio têm sobre a vivência desse processo. E os professores?

Os professores 'fazedores de histórias', ao conhecerem e analisarem as opiniões de seus alunos, poderiam modificar a sua prática docente?

O assunto continua em pauta! Espera-se que esta pesquisa auxilie os professores de Ciências a refletirem sobre a forma como encaminham a avaliação da aprendizagem e os incentive a vincular a sua disciplina a outras áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Ivan Amorosino do. Currículo de Ciências: das Tendências Clássicas aos Movimentos atuais de renovação [201-2320]. In: BARRETTO, Elba Siqueira de Sá (org). **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

BALLESTER, Margarida et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BARREIRO, Aguida Celina de Méo; NASCIMENTO, Otaciro Rangel. A Participação de alunos na correção das provas de uma disciplina de Física no ensino superior. In: **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, v. 17. nº 03, p.295-306, dez, 2000.

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá (org). **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a Prática Pedagógica**. 2. ed. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2000.

BERNARDO, Gustavo. **Educação pelo Argumento**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

BORGES, Regina R. **Em debate: científicidade e educação em ciências**. Porto Alegre: SE/CECIRS, 1996.

BRIZA, Lucita. **Proposta pedagógica e planejamento: as bases do sucesso escolar**. Escola – Revista de Educação, n.181, p. 28-29. 2005

CAPRA, Fritjof; **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CHADWICK, Clifton B.; ROJAS, Alicia Mabel. **Tecnologia Educacional e Desenvolvimento Curricular**. Rio de Janeiro: ABT, 1980.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

\_\_\_\_\_. **Conhecer & aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. **Avaliação qualitativa**. 7.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

DILIGENTI, Marcos Pereira, **Avaliação participativa no ensino superior e profissionalizante**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

ENRICONE, Délcia (org). **Ser professor**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ENRICONE, Délcia; GRILLO, Marlene (orgs.). **Avaliação uma discussão em aberto**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FERREIRA, Lucinete Maria Sousa. **Retratos da avaliação: conflitos, desvirtuamentos e caminhos para a superação**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

HERNANDES, Fernando **Os projetos de Trabalho: um mapa para navegantes em mares de incertezas**. PROJETO - REVISTA DE EDUCAÇÃO, , V. 3, nº4, p. 02-07, 2ª ed. 2004.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mito & Desafio: uma perspectiva construtivista**. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. **Avaliar para promover - as setas do caminho**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

JORBA, Jaume; SANMARTÍ, Neus. A função pedagógica da avaliação. In: BALLESTER, Margarida et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 23-45.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez; MENDES, Verônica. Os projetos de Trabalho: um espaço para viver a diversidade e a democracia na escola. Projeto. **Revista de Educação**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p 25- 29. 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MELCHIOR, Maria Celina. **O sucesso escolar através da avaliação e da recuperação**. Porto Alegre: Premier, 2001.

MIR, Boris. E depois do exame, o que acontece? avaliação e comunicação em aula. In: BALLESTER, Margarida et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MORAES, Roque; LIMA, Valderez, Marina do Rosário (orgs). **Pesquisa em sala de aula** – tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência a regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Mônica Gather. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as Ciências**. 13.ed. Porto, Portugal. Edições Afrontamento, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: superação da Lógica Classificatória e Excludente - do "é proibido reprovar" ao é preciso garantir a aprendizagem**. São Paulo: Libertad, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 1998b.

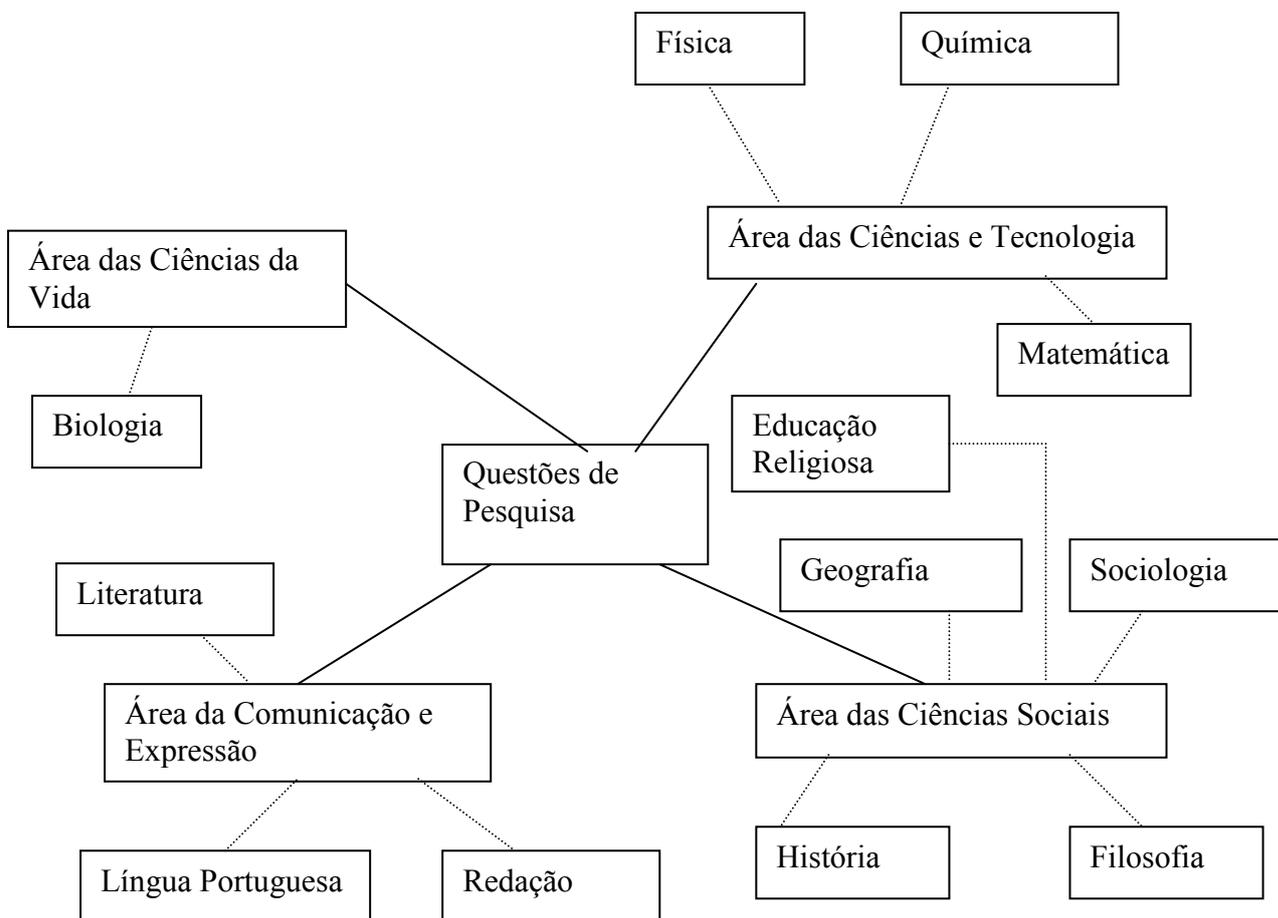
\_\_\_\_\_. **Avaliação: concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 2000.

ZABALA, Antoni. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo – uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

## **ANEXOS**

## **ANEXO A - Mapa dos conceitos centrais da unidade**

## ANEXO A - Mapa dos conceitos centrais da unidade



————— Grandes Centros de Interesse

..... Disciplinas do currículo escolar

## **ANEXO B – Roteiro da Unidade de Aprendizagem**

## **ANEXO B - Roteiro da unidade de aprendizagem**

### **Introdução**

Esta unidade de aprendizagem é uma proposta de trabalho interdisciplinar que favorece o surgimento de vínculos entre o currículo formal da escola e uma série de temas transversais, selecionados de acordo com o interesse do grupo de alunos envolvidos.

Essa foi uma das formas escolhidas pelo grupo de professores para facilitar a integração de temas transversais aos conhecimentos científicos e culturais que constituem a rotina escolar. Nessa proposta, todos os alunos do Ensino Médio foram convidados a se organizar em grupos, por faixa de interesse ou preferências de trabalho. Exigindo-se apenas que os componentes dos grupos fossem da mesma série.

Após esta divisão em equipes, os grupos selecionaram um tema para pesquisar, conhecer, aprofundar e apresentar de forma criativa à comunidade escolar. Feita a escolha, cada grupo solicitou o assessoramento de dois ou três professores da série, que orientaram a execução, apresentação e avaliação do trabalho.

A avaliação é a etapa que será descrita com mais atenção, porque constitui o objeto de estudo desta pesquisa.

A seguir, segue a descrição das atividades realizadas.

### **Atividade 1**

EVENTO: Apresentação da proposta de investigação interdisciplinar.

MATERIAL: do próprio aluno.

PROCEDIMENTOS: Discussão sobre as diferentes habilidades e preferências dos educandos no processo de ensino e de aprendizagem. A troca de impressões foi motivada pelo assunto: Profissões, mundo do trabalho. Os jovens fizeram relações com a evolução histórica de algumas profissões, desde o seu surgimento na humanidade até a atualidade, com os aspectos éticos e morais que acercam estas profissões, o mercado de trabalho dessa profissão ao longo da história, enfatizando, principalmente, sua posição no mundo atual e a aplicabilidade da profissão em nossos dias e as descobertas que a cercam.

DURAÇÃO: um período.

AValiação: Foi considerada satisfatória a organização dos educandos em grupos a partir das preferências e concepções semelhantes, envolvendo os assuntos discutidos.

### **Atividade 2**

EVENTO: Visita ao Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS.

MATERIAL: do aluno, incluindo R\$ 5,00 referentes ao ingresso no M.C.T.

**PROCEDIMENTOS:** Os alunos encontraram seus professores no M.C.T. para uma visita orientada no turno da manhã, no dia 10 de julho. Esperava-se que o educando fosse apresentado a um acervo dinâmico, envolvendo: interações vivas, educação ambiental, experimentos e dioramas sobre o Universo, Terra, Paleontologia, vida, ser humano, saúde, Ciências Físicas, a Matemática, tecnologia e outros que abrangem conteúdos de interesse de todas as etapas do ensino.

**DURAÇÃO:** Houve a possibilidade da comunidade escolar permanecer nas dependências do Museu, no turno da tarde, com o assessoramento, apenas, dos monitores do Museu.

**AValiação:** Obteve-se a participação efetiva da maioria dos alunos do Ensino Médio.

### **Atividade 3**

**EVENTO:** Formação de grupos, para a realização de uma pesquisa.

**MATERIAL:** Registros e observações feitos pelos estudantes sobre a visita ao M.C.T.

**PROCEDIMENTOS:** Por áreas de interesse os alunos se organizaram em grupos, de até quatro componentes. Sugeriu-se o sorteio das áreas envolvidas entre os grupos, para diversificar a escolha dos assuntos a serem pesquisados.

Cada área teve até três orientadores. Os professores orientadores definiram com seus grupos os assuntos e os enfoques a serem observados na investigação. Sugeriu-se aos estudantes que verificassem o acervo da biblioteca sobre os temas de pesquisa.

Os grupos organizaram as informações pesquisadas e as conclusões obtidas em um relatório, que deveria estar nos moldes da ABNT. Após a entrega do relatório houve a comunicação das reflexões do grupo para a comunidade escolar.

Os orientadores foram os professores das disciplinas organizadas de acordo com as áreas de conhecimento especificadas, a seguir:

Área 1: Ciências Biológicas (Biologia e Educação Física)

Área 2: Ciências e Tecnologia (Matemática, Física e Química).

Área 3: Comunicação e Expressão (Línguas Portuguesa e Estrangeira, Literatura e Educação Artística).

Área 4: Ciências Sociais (Geografia, História, Sociologia e Filosofia).

Duração: um período

Avaliação: Esperou-se a definição dos temas e área de interesse, através da ficha de inscrição especificada no anexo C.

### **Atividade 4**

**EVENTO:** Preparação dos relatórios das investigações dos grupos.

**MATERIAL:** periódicos, livros, informações provenientes de sites, material para entrevistas, equipamentos utilizados na construção de maquetes, ou experimentos.

**PROCEDIMENTOS:** Os professores orientadores disponibilizaram aos estudantes, períodos para a preparação e redação dos relatórios. A partir da 7ª série do Ensino Fundamental os alunos são orientados a apresentar trabalhos seguindo a metodologia científica com as seguintes especificações:

Capa (dados de identificação da escola, título do trabalho, dados de identificação do aluno, local e data).

Folha de rosto (dados de identificação da escola e das disciplinas, título do trabalho, dados de identificação dos estudantes, resenha do conteúdo considerando a margem esquerda a partir do meio da folha, local e data).

Índice ou sumário (numera-se as páginas no rodapé, à direita fora da margem, a partir da página da introdução para poder relacioná-las, contando como número 1 a folha da capa, citando no índice somente a partir da página da introdução).

Introdução (dissertar com suas próprias palavras sobre a importância do tema do trabalho para seus estudos, para a humanidade e seus objetivos através da pesquisa).

Desenvolvimento (procurar em diversos livros, revistas ou jornais, assuntos que tratem do tema do título do trabalho, fazer um resumo de tudo que considerar importante com suas próprias palavras; é destacado que o autor não é mesmo que copiador, o autor do trabalho é o aluno; desenhos, fotos, gravuras, tabelas, gráficos, textos extras, devem ser citados no texto do desenvolvimento como anexos entre parênteses e serem arrumados após a bibliografia).

Conclusão (dissertar sobre a sua conclusão ou de seu grupo, a respeito do assunto tratado no trabalho, o que concluíram, o que aprenderam durante o tempo em que estiveram pesquisando e preparando sua apresentação).

Referências (citar fontes de consulta em ordem alfabética seguindo o exemplo – SOBRENOME, Nome do autor. Título do livro –destacado-. Nº da edição. Cidade. Editora, Ano.).

Anexos (títulos dos anexos por ordem de citação –os anexos podem ser desenhos, fotos, gravuras, tabelas, gráficos, textos complementares, etc; após todos os anexos estarem numerados de acordo com a citação no desenvolvimento, colocar uma folha em branco que será a capa de trás do trabalho).

Observação complementar: Em trabalhos feitos à máquina ou digitados, os espaços de cabeçalho são oito acima e três abaixo do título. Observar margens direita e inferior de 2 cm e esquerda e superior de 3 cm aproximadamente, inclusive nas folhas de capa e rosto que tanto na vertical como na horizontal, as informações devem estar centralizadas dentro das margens.

**DURAÇÃO:** de 1 a 3 períodos, de acordo com as necessidades dos grupos e planejamento do professor.

**AVALIAÇÃO:** Na avaliação do relatório foram considerados os seguintes critérios:

Consistência na argumentação

Clareza e correção das informações

Estrutura do texto

Conhecimentos de Língua Portuguesa

### **Atividade 5**

**EVENTO:** Apresentação para a comunidade escolar das reflexões dos grupos, sobre os temas estudados.

**MATERIAL:** Adequado à forma de apresentação escolhida pelo grupo.

**PROCEDIMENTOS:** Apresentação das conclusões do grupo sobre o desenvolvimento da área de conhecimento pesquisada.

O grupo pôde escolher entre teatro, música, poesia, exposição de painéis e/ou demonstrações. Outras possibilidades foram levadas ao conhecimento dos professores, que dentro das possibilidades organizaram recursos solicitados.

**AVALIAÇÃO:** Como critérios foram consideradas:

Clareza e correção das informações

Originalidade

Organização do grupo

Adequação ao tema

As apresentações ocorreram no período de 16 de agosto até 20 de agosto de 2004, após agendamento com os professores orientadores. A avaliação destas atividades foi divulgada para todas as disciplinas envolvidas no projeto. Sugeriu-se uma ficha para registro das observações, conforme anexo D.

### **Atividade 6**

**EVENTO:** Auto-avaliação no dia seguinte às apresentações dos grupos.

**MATERIAL:** Do aluno.

**PROCEDIMENTOS:** Relato das impressões dos estudantes sobre a culminância dos trabalhos de investigação. Esperou-se que esta fala envolvesse desempenhos individuais, fatos curiosos, dificuldades e dúvidas que surgiram após a apresentação e comentários/questionamentos dos professores durante a esta etapa do trabalho.

**Duração:** um período.

**AVALIAÇÃO:** Esperou-se o registro coerente e sincero dos estudantes referentes aos seus desempenhos e envolvimento na execução desta proposta de pesquisa, conforme ficha indicada no anexo E.

### **Atividade 7**

**EVENTO:** Redação de depoimentos dos estudantes da Terceira Série do Ensino Médio.

**MATERIAL:** Disponibilizado pelo aluno.

**PROCEDIMENTOS:** Após a divulgação dos pareceres avaliativos dos professores, do envolvimento com a ficha de auto-avaliação e da retomada dos critérios e considerações dos professores, oportunizou-se um debate sobre a forma como a

avaliação foi conduzida, a participação efetiva do estudante na escolha e definição dos pareceres, bem como a influência dos pareceres dos professores na formação de hábitos e atitudes.

**DURAÇÃO:** um período.

**AVALIAÇÃO:** Esperava-se que a discussão sensibilizasse os estudantes a redigirem depoimentos sobre as impressões relativas ao tema avaliação, seu envolvimento efetivo e a forma como a avaliação é usada como apoio na aprendizagem. O anexo F apresenta esses depoimentos.

**ANEXO C - Ficha de inscrição**

**ANEXO C – Ficha de inscrição**

ESCOLA

**PROJETO VER, BRINCAR, TOCAR, SENTIR E APRENDER**

FICHA DE INSCRIÇÃO

COMPONENTES: ...Nº..... TURMA:.....

.....

.....

.....

ÁREA
------

COORDENADOR DO GRUPO:.....

TÍTULO DO TRABALHO:.....

ÁREA DO CONHECIMENTO:.....

PROFESSOR (A): .....

ASSUNTO A SER INVESTIGADO: .....

JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA:.....

FORMA DE APRESENTAÇÃO: .....

**RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA A MONTAGEM DO RELATÓRIO**

A redação deve ter linguagem simples, correta, clara e concisa. Procure caracterizar seu trabalho pela seriedade, objetividade e originalidade. O relatório deverá seguir a metodologia científica para trabalhos, solicitada na escola em séries anteriores. Deve constar do relatório:

1. Capa;
2. Folha de rosto;
3. Índice ou sumário;
4. Introdução;
5. Desenvolvimento;
6. Conclusão;
7. Bibliografia;
8. Anexos.

## **ANEXO D - Instrumento de avaliação**

## ANEXO D – Instrumento de avaliação

### ESCOLA

### PROJETO *VER, BRINCAR, TOCAR, SENTIR E APRENDER.*

#### Instrumento de Avaliação

Objetivos	Fraco	Regular	Bom	Muito Bom
1. Recursos Visuais (figuras e imagens)				
2. Organização do grupo na apresentação (antes, durante e depois).				
3. Clareza e Correção do conteúdo				
4. Domínio da Exposição (exclui leitura, segurança na fala).				
5. Criatividade.				
6. Participação Efetiva de todos os membros do grupo.				
7. Oralidade (uso de vocabulário adequado).				
*8. Formatação exigida no trabalho científico (capa, resumo, sumário...).				
*9. Apresenta linguagem adequada a um relatório científico, com correção ortográfica e sintática.				
*10. Não apresenta cópias literais de outros autores, livros, revistas ou internet.				

(\*) Itens referentes ao relatório da pesquisa.

Pareceres:

---



---



---

Nota: \_\_\_\_\_

Professores avaliadores: .....

Data: ...../...../2004

## **ANEXO E - Ficha de auto-avaliação**

## ANEXO E - Ficha de auto-avaliação

As atividades propostas neste projeto envolvem um amplo leque de temas, que conduzem a investigações, que favorecem o trabalho em grupo, a construção de atitudes e valores associados ao respeito pelo conhecimento e ao convívio ético.

Desta forma, você é chamado a refletir sobre o seu desempenho, nesta primeira etapa. Trabalhe silenciosa e individualmente.

### FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO

Título do trabalho:.....

I) Marque para cada alternativa o código correspondente a legenda:

1- sempre      2- às vezes      3- raramente 4- nunca

A. ( ) Observei horários combinados no grupo para a preparação e execução da pesquisa.

B. ( ) Fui assíduo aos encontros necessários à execução dos desafios.

C. ( ) Atendi às solicitações de meus companheiros de grupo.

D. ( ) Apresentei, de forma efetiva, contribuições para a equipe.

E. ( ) Busquei qualidade no desempenho de minhas atribuições.

F. ( ) Valorizei o empenho de meus colegas.

G. ( ) Auxiliei o grupo a evitar cópias de textos retirados de fontes de referências, questionando as informações e apresentando opiniões sobre os temas.

H. ( ) Participei da montagem final do trabalho, auxiliando o grupo na revisão do relatório de pesquisa.

I. ( ) Auxiliei o grupo na redação do relatório.

J. ( ) Tratei meus colegas com cordialidade, respeitando suas opiniões e oferecendo a eles condições de colaborem ativamente na execução da tarefa.

K. ( ) Participei ativamente da apresentação oral do trabalho, em minha turma.

II) Comente as alternativas nas quais você marcou “nunca ou raramente”.

.....  
 .....  
 .....

III) Faça uma análise do seu trabalho. Comente sobre sua importância. Quais foram os aspectos significativos de sua pesquisa, o que mais chamou sua atenção? Justifique.

.....  
 .....  
 .....

IV) Se você deseja relatar aos seus professores, algum fato ou situação, que tenha se destacado positiva ou negativamente, use o espaço abaixo.

.....  
 .....  
 .....

**ANEXO F - Textos elaborados pelos alunos sobre o processo de avaliação**

## **ANEXO F – Textos elaborados pelos alunos sobre o processo de avaliação**

### **1º TEXTO - ELABORADO ANTES DA APRESENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR**

#### **Dificuldade de aprender?**

Estudar sempre foi e será uma das coisas mais importantes na vida das pessoas.

O fato de que é preciso separar matérias e professores, às vezes acaba confundindo muitos alunos.

Química, biologia e física são matérias que os alunos apresentam maior dificuldade na Escola.

Essas três matérias têm avaliação discutida aula a aula, com trabalhos, provas e a participação do aluno.

Os professores da nossa escola avaliam o aluno não só pelas notas em provas, e sim por tudo o que ele fez no trimestre, como já foi mencionado. Seria a postura do aluno “vigiada” pelos professores.

Cada aluno deve mostrar interesse completo todos os dias e não apenas antes de uma prova, por exemplo.

Participo desse processo visando me integrar ao máximo à matéria solicitada.

A falta de compreensão de muitos alunos com as matérias de química, biologia e física não é culpa dos professores como a maioria aponta ser.

A dificuldade de aprender é para todos, mas a vontade de entender e ir além, nem sempre.

#### **Avaliação escolar**

De tudo que nos é ensinado, a maneira de como vamos aprender é praticamente uma questão de interesse.

Cabe a nós alunos, mostrar que também podemos ensinar, ensinar aos professores como conseguimos captar cada item que é apresentado.

Assim, a cada avaliação, temos a oportunidade de mostrar que obtemos o conhecimento necessário para sermos avaliados.

A cada final de trimestre a avaliação não é concluída apenas pela nota que se dá. É também avaliados o comportamento, o interesse, a disponibilidade, a prontidão, etc.

Procuro me envolver ao máximo em todos os aspectos, tentando sempre mostrar que sou um bom aluno, mesmo tendo certa dificuldade em lidar com números que é mais o caso da física.

De uma certa maneira, há um vínculo de parceria entre os alunos e os professores nas avaliações. É bom citar que a força que os professores nos passam, tentando ajudar a lembrar a matéria que foi vista para usarmos na hora da prova, é bem aproveitada.

## **“Nossa” Avaliação**

Quando se pensa em avaliar, logo vem a nossa cabeça “provas”. Hoje em dia, na maioria das escolas, isso continua. A avaliação do saber dos alunos é baseada em provas.

A nossa escola (professores) é uma dessas exceções. Seu modo de avaliar tornou-se mais qualitativo do que quantitativo.

Concordo plenamente com o seu novo método de avaliação, pois acho que não se deve avaliar o aluno apenas por trabalhos e provas.

Deve-se avaliar todos os dias, em sala de aula, o seu comportamento, disciplina, regularidade, participação em aula, o seu entendimento da matéria (se está claro ou não), entre outras muitas coisas que uma prova não passa ao professor.

A prova não é dispensável, mas nossa nota não deve ser baseada só nela.

A maioria dos nossos professores já mudou o seu modo de nos avaliar. E baseados no novo método de avaliação da escola, começaram (a maioria não fazia) a fazer mais trabalhos e exercícios, conversar mais conosco em sala de aula, tirar dúvidas, fazendo com que possamos entender melhor a matéria e, na maioria das vezes, isso se refletiu nas provas.

Pois quando sabemos que nossa nota do trimestre não depende apenas daquela prova, isso nos deixa mais calmos e tranquilos para fazer uma boa prova.

É por isso que acho ótimo o modo de avaliação de nossa escola, e principalmente, o jeito com que os professores se adequaram a ele.

## **Reprovações na escola**

Bom, eu vou falar um assunto bem chato para a maioria dos adolescentes que estão cursando o ensino fundamental e o médio nas escolas de Porto Alegre. O assunto é a reprovação nas matérias de química, física e biologia porque são matérias que mais reprovam alunos.

As avaliações nessas matérias na maioria das vezes são feitas com provas e trabalhos em grupos. Só que tem uma avaliação que os alunos não se tocam ainda, que é o rendimento em aula, se o aluno participa da aula, se ele se comporta, etc. Os alunos têm “muita colher de chá”, bastante ajuda dos professores, e não têm do que reclamarem.

Já os professores, e acho que eles dão muita ajuda para os que merecem nos finais de trimestres. Se o aluno se comportou e participou das aulas como devia, só que chegou ao final do trimestre e ele não consegue atingir uma boa nota, o professor vai lá e dá um empurrão nele.

Eu não me envolvo muito com a avaliação dos professores. Eu procuro fazer o que sei nas provas, trabalhos e aulas porque eu acho que a forma de avaliação de hoje está muito boa.

Mas por que então que essas matérias reprovam muitos alunos? Por serem matérias difíceis, e piora mais ainda se o aluno não gosta de números, que é caso da física e um pouco da química, e sobre a vida, que é a biologia. Eu particularmente não gosto muito de biologia. Já rodei inclusive nessa matéria no 1º do 2º. Eu acho que os alunos rodam porque não gostando da matéria, não

conseguem assimilar o que os professores explicam, e chegam na prova e se “ferram”. Para os alunos terem um rendimento melhor nessas matérias, as aulas poderiam ser mais interessantes. Como eu não sei, mas tinha que dar um jeito.

Concluindo, eu acho que se os alunos prestassem mais atenção nas aulas, não teria tanta reprovação no final do ano.

### **Como estamos sendo avaliados?**

Acho que a forma de avaliação imposta pelos professores é justa, pois estamos sendo avaliados em todos os aspectos educacionais, como: comportamento, interesse, provas, trabalhos e outros.

Mas também acho que às vezes somos prejudicados, porque se fizermos algo errado, mesmo que não haja intenção, estaremos sendo avaliados injustamente.

Também acho que as provas deveriam ser dadas após o término de cada capítulo estudado, assim não ficaria acumulando muita matéria e conseguiríamos tirar notas bem melhores.

Fora estas questões, a forma de avaliação é bastante justificável.

### **Novos Rumos**

O ensino constitui uma incessante busca pela assimilação do conhecimento e não apenas uma forma sincopada de obter o resultado final: a nota. As disciplinas de Ciências que por vezes avaliam o aluno apenas pelo conceito final, olvidam, ou simplesmente ignoram, o crescimento intelectual do ciente perante a disciplina mesmo sem obter a média final.

A renovação é constituída pela aspiração por busca de novos horizontes, nesse contexto as disciplinas de Ciências se adaptaram ao novo sistema de avaliação, tão discutido e questionado, todavia, contudo o ciente é avaliado pelo seu crescimento e não o resultado final.

As avaliações são feitas de forma simples e direta, pois não há meios práticos de avaliação. Nesse novo processo estou habituado com a proximidade do professor com o aluno, que se torna necessário para o acompanhamento do crescimento cognitivo do aluno, que será de suma importância para uma vida de sucesso profissional.

### **Avaliação das ciências exatas**

Sabemos que a física, a química e a biologia são ciências exatas, por isso exigem dos discentes, no ato de querer entendê-las, perfeição ao executarem seus fundamentos e regras. Mas para isso acontecer é necessário que o interessado demonstre e disponha interesse, confiança, atenção e outros requisitos.

Mas em um âmbito nacional não é isso que vemos, pois no Brasil, pessoas de todas as idades enfrentam dificuldades com operações básicas de matemática tratando-se deste caso é apenas uma ferramenta.

Comparado a outros países o Brasil tem um atraso no ensino das ciências exatas, principalmente nas escolas de ensino público por receberem baixíssimas verbas para gasto e compras de materiais de ensino.

Pelo que vi em minha escola, os docentes fazem de todos os seus esforços para melhor ensinarem os discentes, mas por falta de material e péssima remuneração muitas vezes não conseguem expor ou passar o que querem.

Outra coisa muito comum em nosso país é a carência e falta de condições para estudar o aluno brasileiro. E dentro destes conformes o que se pode avaliar não é muita coisa, pois o aprendizado foi pouco, o que implica às vezes, numa inferioridade de ensino e de cultura, do estudante de ensino público para o de ensino privado.

O método de avaliação no Estado do Rio Grande do Sul sofreu grandes mudanças no ano de 2003, pois o método de avaliação que antes era por maioria quantitativo, agora é grande parte qualitativa, o que ainda não é perfeito. Mas acho que estamos seguindo para um caminho melhor, pois tentando corrigir nossos erros e ouvindo a voz de outras pessoas acabamos por aprender e fazer um futuro melhor.

### **Avaliação na Escola**

O processo de avaliação da escola nas disciplinas de física, química, biologia e matemática é claro e objetivo. Pois, os professores têm como mérito principal levar o entendimento de maneira que o aluno possa absorver o conteúdo sem que haja dúvidas.

Através de trabalhos, seminários e testes, os professores procuram avaliar os conhecimentos do aluno. Na minha opinião é importante destacar que um dos métodos usados para concluir as avaliações nos finais dos trimestres é o comportamento e a participação do aluno, ou seja, se ele realmente mostrou interesse no decorrer do trimestre.

Neste processo procuro me envolver o máximo possível, participo das aulas e respondo as perguntas que os professores fazem. Claro que não conta somente as respostas e a participação, é importante que exista um bom relacionamento entre o professor e o aluno, e, entre os alunos. Acho que isso conta muito na hora da avaliação final.

Não devemos esquecer que a avaliação não é somente feita nas provas e nos finais de trimestres, mas sim todos os dias, tanto em sala de aula quanto fora. Porém, pode-se dizer que existe uma boa parceria entre os alunos e os professores, pois durante trabalhos e exercícios há um ótimo diálogo, onde quase todos discutem sobre o assunto que está sendo trabalhado.

No meu ponto de vista consigo participar perfeitamente deste processo, pois tenho um excelente relacionamento com as professoras, embora não possa dizer o mesmo entre os colegas.

## **Aluno x Avaliação**

O papel do aluno na construção de seu próprio conhecimento, até dar vida aos conhecimentos do professor. Portanto, o aluno pode agir de maneira questionadora ao conhecimento que lhe foi transmitido. Existe, no entanto, outra importante atitude a ser tomada pelo aluno: fazer o melhor para ir bem nas avaliações.

A avaliação depende muito de cada professor, pois há os mais severos e os mais tolerantes; normalmente os de Ciências (biologia, física e química) toleram um pequeno atraso (só às vezes), um pouco de conversa (não na hora da explicação), aplicam trabalhos e olham os cadernos para melhorar as notas, fazem revisão e até aplicam provas mais fáceis.

O comportamento em sala de aula (e na própria escola) é avaliado, levando em conta que o aluno deve ter disponibilidade e vontade para cumprir as tarefas; ser pontual e não ter grande número de faltas; respeitar os professores, funcionários e colegas; compreensão dos conteúdos ensinados. Trabalhos e provas também fazem parte da avaliação.

Hoje em dia eu gosto mais dessa forma de avaliação, pois se um aluno vai mal em uma prova ele poderá recuperar a nota baixa se atingir um bom nível nos outros itens da lista. Mas, já se o aluno, conversa em aula, e vai bem nas provas, é provável que ele não atinja as expectativas e o crescimento pessoal (objetivo da escola).

O envolvimento do aluno e do professor é essencial para que qualquer processo de avaliação tenha sucesso. Na minha escola houve grande envolvimento de ambas as partes para o melhoramento da escola e do próprio desenvolvimento do aluno.

Enfim, existem vários tipos de alunos e cada um tem seu jeito próprio para a construção de seu conhecimento. Nem sempre o caminho tomado é o mais correto, e sua opinião em relação à forma de avaliação pode estar deturpada, mas sempre haverá alguém para ajudá-lo (exemplo: a minha escola).

## **Como melhorar a avaliação?**

A avaliação na escola nas matérias de ciências é feita por conceitos, leva-se em conta dois aspectos, o quantitativo e o qualitativo. O qualitativo tem valor seis e o quantitativo quatro; esse tipo de avaliação melhorou, pois favorece os alunos que se esforçam, mas não conseguiram alcançar a média da escola.

A avaliação nos finais de trimestre é feita de acordo com o crescimento do aluno, no que diz respeito à aprendizagem.

Na minha opinião, os professores na hora de avaliar o aluno deveriam levar em conta o que o aluno faz fora da escola: se ele trabalha, faz trabalho comunitário, ou ainda se é muito integrado com a família, assim o professor poderia avaliar o aluno de forma mais justa, por ambas as partes.

Também o aluno deveria ter mais envolvimento e participação no processo de avaliação, como um questionário, por exemplo, trazendo perguntas em relação ao

que ele apresentou e se ele obteve crescimento no trimestre, assim isso traria uma consciência, para o aluno e ele saberia em quais aspectos ele poderia melhorar.

Deveria haver uma maior parceria entre alunos e professores durante a avaliação, assim o professor poderia achar formas de melhorar o aprendizado do aluno e o aluno achar meios de maior participação neste aprendizado.

### **Avaliação na escola**

As avaliações nas disciplinas de ciências, química, física e biologia são feitas de várias formas: provas, trabalhos e a planilha de rendimento do aluno, ou seja, uma quarta nota.

Os professores fazem provas com assuntos que foram dados a partir de suas aulas, independente da minha nota ser baixa ou alta, o professor faz outra prova para tentar recuperar. No começo de cada trimestre, o professor passa trabalhos com certo tipo de assunto e data para entregar, o rendimento do aluno; outra avaliação muito importante para concluir a minha nota, ali o professor vai avaliar a minha participação em sala de aula. São muitas as chances de uma boa nota, só não tem quem não quer. São poucas as escolas que avaliam o aluno em sala de aula.

Participo bastante das aulas, fazendo perguntas quando não entendo a matéria e expondo os meus conhecimentos quando estou entendendo. Com isso o professor vai observando o meu rendimento.

Os professores e alunos andam sempre juntos no decorrer do ano, há um trabalho de parceria em relação à avaliação. O professor com o seu trabalho de dar as suas aulas e os alunos têm o dever em prestar atenção, para aprender e levar da aula um aprendizado, uma visão diferente para o mundo. Esse contato de professor e aluno faz com que o professor conheça mais seus alunos, podendo avaliar um por um.

Eu tenho tranqüilamente esse contato com os meus professores, já faz algum tempo que estudo nessa escola e conheço bem os professores, tenho minhas preferências, mas respeito todos igualmente. Aproveito o máximo da minha escola é uma das melhores estaduais, tenho professores ótimos com vontade de passar seus conhecimentos para seus alunos.

### **Avaliação: o resultado esperado**

A avaliação nas disciplinas de Ciências perceptivamente ela é complexa, pois estas matérias têm um contexto disciplinar difícil e as avaliações acabam se tornando com poucas alternativas, tendo os professores que optar pelo método da avaliação quantitativa (provas e trabalhos), que são somados para alcançar a nota (X).

A cada final de trimestre eu concluo que os professores devem nos avaliar por um contexto, sendo assim eles saberão o potencial que alcançamos no final do trimestre.

Geralmente, nós alunos no começo do ano letivo juntamente com o professor decidimos como procederão as avaliações trimestrais, de uma forma que todos possamos ser avaliados adequadamente conforme a matéria.

Eu penso que com esta parceria entre alunos e professores o crescimento avaliativo terá uma grande compensação, pois com isto fazemos uma parceria avaliativa.

Dessa forma, conseguimos nos integrar no processo, participando e expandindo nossos conhecimentos, obtendo o resultado esperado.

## **Avaliação**

As disciplinas de química, física e biologia são muito interessantes, embora seja meio vago aprender somente com exercícios do livro, ou em avaliações que juntam muita matéria. Sendo assim, por mais esforçado que o aluno seja não conseguirá assimilar todo esse conteúdo.

O método de avaliação implantado em algumas escolas tem tido mudanças profundas, como ter um maior peso o desempenho qualitativo que o quantitativo, não acho errado, mas um pouco injusto. Isso não quer dizer que, um aluno que não faz nada em aula e que acarreta alguns problemas, se saindo bem em provas irá ter boas notas, mas o que quero dizer é que todos temos dias ruins, em que não queremos participar, questionar e etc, mas não podemos ser avaliados somente por isso.

Realmente é muito difícil estar 100% bem em todos esses requisitos todos os dias do ano, precisamos de um pouco mais de entusiasmo por parte dos professores, que ainda hoje, com todos os recursos, são muito ligados ao livro didático.

É necessário compreender que não são os professores que precisam aprender, se esforçar, mas sim os alunos. Mas se fosse adotado um método mais diversificado com certeza haveria bem mais entendimento e com isso os alunos se sentiriam com necessidade de interagir.

## **Avaliação na escola**

No meu ponto de vista, por um lado os alunos têm participação nas avaliações e por outro não. Por que os alunos podem se manter informados sobre reuniões, notas de provas e trabalhos e de como são avaliados as provas e trabalhos, isso os professores sempre deixaram bem claro.

Portanto, tanto em química e biologia quanto em física, nos finais de trimestre é avaliado o comportamento, o interesse pela matéria é o esforço do aluno, no decorrer do ano.

Contudo, eu acho que o envolvimento do aluno, nas avaliações, deve ser levado em consideração, pois é o direito dele.

Na minha opinião há um trabalho de parceria entre os alunos e os professores.

Quando me refiro de trabalho em parceria, significa que, durante as avaliações dos professores, os alunos estão sempre por dentro do que está acontecendo.

Claro que os professores sempre têm as suas reuniões, só entre eles, que, no entanto os alunos não são informados.

Na verdade eu admiro o domínio dos professores na matéria e na responsabilidade para com os alunos.

Isso nos deixa gratificados, sabendo que podemos ter confiança no trabalho deles e na aprendizagem que eles nos passam, isso nos garante, que só depende de nós mesmos, para nos submetermos alguém na vida.

### **Analisando a avaliação**

O método de avaliação de Ciências é composto pela qualificação do aluno (Qualitativo), e pela nota (Quantitativo). Eu não concordo com a colocação do primeiro método, pois, ele avalia o desempenho do aluno, analisando se ele fez “tema de casa”, se ele é um aluno educado, se ele ao menos tentou entender a matéria, mesmo não tendo assimilado, sendo que quando esse mesmo aluno ir a um concurso de vestibular, emprego, não irá contar se ele foi bonzinho, esforçado e sim se ele aprendeu, se ele tem conhecimento, por isso a avaliação tem que ser quantitativa, e a parte qualitativa ser utilizada como fator de perda na nota e não como avaliação.

Na hora do fechamento de notas acho que os professores somam as notas de uma tabela qualitativa e adicionam com as notas quantitativas, só que agora vem o problema referente ao que já havia colocado, a nota qualitativa equivale a 60 % da nota final, sendo que a quantitativa 40%, então nós saímos de uma escola, com 60 % de educação e com força de vontade e entramos no vestibular com 40 % de cultura.

Então no meu ponto de vista, só esses fatores impedem um aluno de ter uma avaliação que os aprove de acordo com o que disputamos lá fora, o conhecimento.

### **Da teoria a prática**

Contas, contas e mais contas. Isso é o que atualmente, costuma assustar muitos alunos desde o ensino fundamental até o ensino médio. Mas a mesma idéia também vale quando pensamos nas palavras normalmente tão preocupantes para uns, quanto os grandes cálculos.

Para muitos, a questão de resolver uma conta matemática, um problema de física ou até uma solução química pode ser muito mais fácil do que assistir a um período de história. Mas do mesmo jeito, acabam perdendo para as matérias teóricas.

(Por experiência própria, sei bem que isso se dá devido à diferença entre as formas de avaliação entre as “ciências exatas” (física, química, matemática)) e as “ciências humanas” (filosofia, história, geografia). Geralmente a teoria é dominante entre as matérias gerais. Para muitos, isso é bom, mas para aqueles que apreciam os

cálculos, é desestimulante, pois procuram, nas matérias teóricas, o que têm nas práticas.

Particularmente, eu tenho preferência pelas matérias práticas – os cálculos e os problemas. A metade lógica das matérias estudadas. Em complemento ao que já foi citado, eu acho que a facilidade está na dinâmica; as aulas rendem quando são produtivas. Logo, eu acho que os conteúdos “falados” seriam muito mais acessíveis se fossem além da simples compreensão das palavras; as aulas deveriam ser criativas e estimulantes, visando o ensino equilibrado, tanto nas matérias práticas quanto nas teóricas.

### **O difícil ato de avaliar**

Toda a avaliação é muito complexa, nunca sabemos se estamos sendo justos, injustos ou justos demais. Mas tudo isso tende a melhorar, pois há uns dois anos foi implantado um novo método de avaliar. Onde não conta só as notas de trabalhos, exercícios e provas, mas sim o crescimento do aluno, sua participação e envolvimento com os demais colegas, ou seja, 60% esta direcionado as habilidades qualitativas e 40 % as habilidades quantitativas.

Em Física e Biologia não encontro muitas dificuldades, consigo assimilar fácil o conteúdo, já em Química encontro alguns obstáculos. Mesmo sendo professores diferentes todos tem grande capacidade e sabem conduzir uma aula, sem que ela fique entediante.

Creio que os professores ao fecharem as notas avaliam o perfil de cada aluno, seu potencial e seu crescimento, então chegam a uma nota “x”.

O meu envolvimento é de efetuar todos os trabalhos solicitados em prazo proposto. E tento participar intensamente mostrando postura acadêmica estudantil.

Não vejo um tipo de parceria na condução da avaliação entre professores e alunos na avaliação, vejo sim uma autoridade exercendo seu papel e nós alunos, o nosso. Vamos, então, aproveitar esse momento tão especial de avanço em nosso ensino, para que com ele possamos crescer também.

## **2º TEXTO - ELABORADO APÓS A APRESENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR**

### **O professor e o aluno**

Investir na educação é investir numa boa qualidade de vida para as novas gerações e conseqüentemente garantir um grande futuro para o país. Com isso os professores se preocupam muito com o método de ensino e com as avaliações que oferecem aos seus alunos, procurando melhorar cada vez mais a sua maneira de ensinar e de avaliar, para que eles tenham mais facilidade de aprendizagem, assimilando cada vez mais o conteúdo.

Na escola em que estudo, os professores avaliam seus alunos de duas maneiras: a qualidade do aluno, ou seja, o comportamento dele em sala de aula,

se ele faz os trabalhos ou não, se o aluno mostra interesse em aprender, se ele consegue assimilar o conteúdo, enfim, esse tipo de avaliação é chamada de avaliação qualitativa, que vale 60% na nota trimestral; e as notas das provas e dos trabalhos que é a avaliação quantitativa, que vale 40 % na nota trimestral.

Mas o que andei percebendo é que o grande problema dos alunos era principalmente na física, na química, na matemática e na biologia.

Os professores ao ver os seus alunos com dificuldades de aprendizagem nas suas matérias, algumas vezes acham que o problema está na sua maneira de ensinar, mas muitas vezes não! Pois essas disciplinas exigem do aluno muita coisa do que foi aprendido dos conteúdos anteriores. E se o aluno não conseguiu assimilar direito do que foi aprendido dos conteúdos anteriores, dificilmente aprenderá o conteúdo seguinte. Têm alunos que levam tudo na brincadeira, não prestam atenção direito no conteúdo que está sendo ensinado, não se esforçam, pois bem, no dia em que quiserem aprender, terão dificuldades, pois os conteúdos seguintes cobrarão deles tudo aquilo em que foi ensinado nos conteúdos anteriores. E com isso o professor, de boa fé, vai seguindo a sua matéria achando que os seus alunos estão preparados, mas infelizmente não estão.

Então, ao perceber que seus alunos têm dificuldades no aprendizado, procure retomar um pouco naquilo em que o conteúdo ensinado exige dos conteúdos anteriores, devido à falta de atenção ou até esquecimento naquilo em que foi aprendido.

### **Processo de Avaliação**

O processo de avaliação, no caso de uma escola, deve-se edificar um determinado domínio sobre os alunos, de modo que estes sejam competentes o suficiente para resignar-se a tal situação.

Cada professor possui uma maneira diferente de avaliação sobre seus alunos, seja com peso maior em provas, trabalhos ou até mesmo participação em aula.

Deve-se salientar a importância das escolas que como o Paulo da Gama, avaliam o aluno em geral, através de seu desempenho diário, e não exclusivamente as suas notas em provas.

Mesmo que às vezes este processo cause desinteresse a alguns alunos é a melhor forma de incentivo a outros que enxergam uma nova maneira de se chegar à aprovação.

Baseadas nestas possibilidades de ensino, as escolas devem, portanto, estabelecer novas oportunidades, fazendo com que os alunos sintam-se aptos a comparecer as aulas, não apenas por obrigação, mas com intuito de realmente aprender, afinal as condições de avaliação fazem as diferenças.

### **Processo de avaliação**

Este é um processo que visa favorecer o aluno. Ele foi criado já com a intenção de filtrar as necessidades de avaliação que a ele convém.

O aluno tem o papel de mostrar que é capaz de se auto-avaliar, ou seja, sabe as dificuldades e também sabe o que fazer.

Ele interage com o professor no decorrer do ano, tentando cumprir os tópicos que o professor lhe oferece.

Acredito que não há nada que possa ser modificado, já que as regras foram elaboradas justamente para facilitar e dar opções ao aluno.

### **Processo de avaliação**

Na verdade, a escola faz com que sejamos o que acha que devemos ser.

Avaliam-nos por regras que muitas vezes nem mesmo os professores obedecem.

Como pode um aluno chegar 10 minutos atrasados, ter que ficar esperando o próximo período para assistir à aula e ainda perder pontos na qualitativa, enquanto, alguns professores chegam 20, às vezes 30 minutos atrasados e dão aula “normalmente”.

Se faltarmos um dia, já somos criticados, contudo, em alguns casos passamos semanas, sem sequer saber porque não temos aula e por quais razões o professor não está presente.

Algumas vezes somos avaliados por professores que nem mesmo sabem quem somos.

Tudo faz parte do processo avaliativo da escola, mas apenas o aluno é avaliado.

Por que não aplicar o mesmo processo de avaliação para os professores, que seriam diariamente e ao fim do trimestre receberiam seus boletins com suas notas.

Somos peças fundamentais no processo avaliativo, todavia não estamos por dentro, não temos contato com ele para modificar o que estamos fazendo de errado.

Nunca é demais repetirmos que todo processo avaliativo deve estar assentado sobre bases igualitárias, para que não sejam cometidas injustiças.

### **Avaliação**

A reestruturação do processo de avaliação implica inúmeras dúvidas e questionamentos. Contudo quando assimilado pelo aluno, torna-se um instrumento valioso para sua evolução cognitiva e social.

O aluno com notas e comportamento exemplares, para consigo e ao grupo, recebe o reconhecimento por todas suas qualidades, sendo contemplados os aspectos objetivos e subjetivos. Em contrapartida o estudante sem as mesmas características, tem a oportunidade constante de melhorar-se, pois não está atrelado a aspectos quantitativos ou a modelos pré-determinados e sim a realizações e rendimento pessoal. A função da escola é formar para a vida; não apenas para o vestibular. Daí a necessidade de não avaliar-se apenas o superficial (nota), porém o conjunto todo.

A vida exige seres dinâmicos e cada vez mais humanos, rejeita pessoas programadas e bitoladas. No vestibular não basta apenas saber do que se trata é preciso relacionar suas associações dentro de vários contextos. O aluno dentro

deste processo de avaliação, terá o discernimento para ir muito além de aspectos puramente superficiais.

Avaliar o momento torna-se, por vezes, injusto, pois não se sabe o que fez para chegar a tal resultados. Apesar de despertar a indignação de muitos, é o caminho para fazer uma avaliação justa, já que, os níveis de entendimento são totalmente distintos.

### **Processo de Avaliação**

A avaliação na qual é realizada na escola, tem como mérito principal formar os alunos não apenas de conhecimentos teóricos, mas também de ajudá-los em sua formação como cidadãos.

Embora este processo seja muito criticado devido aos mais variados procedimentos da classe, é de extrema importância a utilização de um critério para manter em equilíbrio a avaliação geral, ou seja, se o aluno atingir uma média dos 60% qualitativos e dos 40% quantitativos, terá um aproveitamento aceitável.

Muitas vezes os alunos demonstram dificuldades em assimilar os conteúdos, no entanto, manifestam interesse e participação em sala de aula, neste caso os méritos qualitativos são favoráveis. Já em outras circunstâncias, alguns interagem com facilidade de assimilação, porém não apresentam um comportamento disciplinar.

Pelo simples fato do aluno manifestar interesse dentro e fora da sala de aula, ele já está ocupando o seu próprio espaço, pois tem as condições necessárias para interagir de modo geral tanto na escola quanto fora.

### **Processo de Avaliação**

Não é uma tarefa árdua apontar as qualidades, os defeitos e as possíveis melhorias de uma avaliação qualitativa. Em primeiro lugar é considerável salientar a grande importância que possui esse tipo de avaliação para alunos que sofrem de determinadas dificuldades e mesmo assim conseguem demonstrar o seu âmbito interior (não tendo que prova-lo apenas nas avaliações quantitativas).

Uma das grandes imperfeições desse modelo de avaliação é a constante dúvida que persiste em assombrar o aluno: “Em qual dos conceitos eu perdi pontos?”. O estudante deveria ter “livre acesso” à planilha das notas para poder saber no que deve melhorar ou até opinar a respeito das notas.

Nesse processo o papel do aluno é semelhante ao de um “figurante”, porém recebe dos professores plena liberdade de expressão, o que de pouco adianta, logo nada pode ser modificado, já que estas são regras impostas e devem ser rigorosamente cumpridas.

Desse modo, esse é um entre diversos processos de avaliação e a única forma de “conviver pacificamente” com ele é aceitá-lo e fazer o melhor para conquistar nota máxima.

## **A avaliação**

A avaliação é um processo muito importante no aprendizado do aluno, é por meio desta que se sabe como está o desenvolvimento do mesmo.

Temos dois meios de avaliar o aluno, que é pela nota, aspecto quantitativo e pelo seu comportamento, aspecto qualitativo. Este processo foi um meio de avaliar o aluno como um “todo” podendo-se levar em conta o seu aprendizado e suas características dentro da sala de aula tanto para o docente (professor), quanto para o discente (aluno), este processo de avaliar tem trazido grandes vantagens; o professor avalia o aluno em todos os seus aspectos, não favorecendo só aquele que sabe e tira notas boas, mas valorizando o aluno interessado, participativo, assíduo, etc... Já para o aluno a vantagem é que se não aprendeu, mas é um aluno com todas as características citadas acima, logo terá evoluído para melhor.

Portanto avaliação é um processo de total importância para ambos: professores e alunos.

## **Processo de Avaliação**

O processo de avaliação da Escola Paulo da Gama é realizado em conjunto, de professores e alunos, os professores avaliam os alunos em 6% qualitativa e 4% quantitativa e o aluno ocupa seu espaço realizando todas as tarefas e objetivos para ter uma boa avaliação.

Os professores avaliam em todos os aspectos os alunos, provas, trabalhos, se o aluno é assíduo, educado com os professores e nas aulas, tarefas entregues dentro do prazo.

O professor avalia cada um desses itens, até chegar em uma nota final do trimestre, o aluno então passa a ter várias possibilidades de notas, mas com a conscientização de que tirar notas boas só em provas e trabalhos, não atinge todos os objetivos e aquele aluno que é dez nas provas, mas é zero no comportamento, se prejudica e não tira boas notas.

E para aqueles alunos que têm dificuldade em provas, têm a chance de tirar notas boas, concluindo todos os outros objetivos propostos.

Esse processo de avaliação da escola dá muitas oportunidades para o aluno que realmente tem a vontade e dedicação, para o trabalho realizado de todo ano letivo.

## **Defasagem de ensino**

O método avaliativo tem sido uma das maiores preocupações dos alunos.

Hoje sendo não só provas e sim o geral, crescimento no desempenho do aluno.

Este processo favorece muito os alunos com dificuldade, porém ele dá menos qualidade de ensino. Sendo assim não temos capacidade pedagógica para concorrer no mercado intelectual e de trabalho.

O aluno tenta demonstrar no processo que participa em aula e que tem capacidade em desenvolver o conteúdo proposto, para que tenha chance de passar de ano.

Eu penso que este sistema de avaliação nos prejudica muito, o ensino público já é fraco, não temos política pública educacional e acabamos sendo extremamente prejudicados.

Deveriam mudar o sistema, sendo ele mais exigente.

### **A realidade de viver uma ilusão**

Nos últimos anos a educação teve algumas mudanças em seu método de avaliação, onde o que tem maior valor são os itens qualitativos e, não mais os quantitativos, o que quer dizer que, as notas de provas não são mais tão decisivas, e sim o progresso de cada aluno.

Mas esse método tem outros quesitos por detrás da máscara, muitas vezes pode parecer que as atitudes dos alunos são desprezadas e que se ele ir mal em uma prova, significa que ele nada aprendeu.

Controlar o número de faltas, demonstrar compreensão, dominar o conteúdo, tudo isso é cobrado e, se torna um pesadelo diário. Os alunos são julgados, não muito justamente, e os professores querem fazer com que acreditem que é possível se ter noção de tudo que trinta ou mais alunos fazem em aula, o que parece ser impossível.

Esse novo método faz com que os alunos vivam uma ilusão a Secretaria de Educação deveria rever suas leis, pois esse novo método pode ser inovador e, aparentemente bom, mas não faz esquecer que, antigamente era a nota que valia e, não havia tantas dúvidas sobre avaliação.

Atingir ou não atingir esse é o medo dos alunos, pois todos estão cientes de que o nome dado a avaliação mudou, mais que, no fim das contas, tudo está baseado em notas, números e mais números.

### **Processo de avaliação**

O processo de avaliação qualitativo e avaliativo é uma maneira de ser avaliado com justiça e sabedoria, isto é, os professores não só avaliam por notas, mas também pelo interesse, pela vontade de aprender.

Portanto, alguns alunos, sendo a minoria já pensam diferente, achando que esse modo de avaliação se torna enfadonho.

Mas pensando bem, as coisas têm se tornado mais fáceis depois que esse modo de avaliação foi posto em prática.

De tal forma, percebe-se que acima das dificuldades de muitos alunos, essa forma de avaliação tem favorecido bastante, pelo simples fato de não exigir manter sempre acima da média, mas sim mostrar crescimento e qualidades.

O aluno em si, tem o direito de estar sempre informado, de como está sendo avaliado, se está precisando de nota, em qual matéria e em que sentido.

Contudo, o que importa na verdade não é somente, tirar dez nas provas, e se mostrar um aluno rebelde, embusteiro e um aluno que desdenha os outros.

Mas sim aquele aluno que demonstra esperança e vontade de melhorar cada vez mais.

### **Processo de Avaliação**

Analisando criticamente o processo avaliativo desta escola, se faz dupla reflexão : O como é feito este processo? E se há concordância ou discordância?

Em relação ao primeiro item, entende-se esse processo, pela forma que o aluno é avaliado, por suas notas (quantitativo) e por seu compromisso, interesse, progresso,... (qualitativo). De forma que essas partes se unem e resultam numa simples “nota”. Ou seja, o esforço, trabalho e conhecimento, transformado em números, símbolos que os classificam em nada mais que ótimo ou insatisfatório.

No outro item é analisado os dois processos. O nome quantitativo refere-se a quantidade da aprendizagem e o qualitativo, ao interesse, comprometimento, progresso. É interessante analisar a ação do aluno nesse caminho de aquisição, interpretação e aplicação de conhecimentos, se estes não se transformassem também em números. Mas quando esse aluno sair desta escola, será que alguém (emprego, faculdade, cursos) irá pedir um parecer descritivo aos professores para saber como ele se “comportou”? Infelizmente, não. Irão sim, aplicar uma prova cobrando simplesmente nota e números novamente.

Não há rebeldia em achar tudo errado e sem importância, mas como crítico coloco sim, essa idéia de que ninguém um dia saberá realmente quais conhecimentos, pensamentos, idéias, interesses, trago comigo e os valores desses, mas tenho certeza que poderão saber a nota que tirei na “prova de hoje”.

### **Processo de Avaliação**

Este processo de avaliação quantitativo e qualitativo, tem tudo para ser justo, mas na prática deixa a desejar. Os itens a serem avaliados em relação ao comportamento do aluno são ilusionistas, pois muitos se constituem a média, a nota de provas e trabalhos, o que leva o aluno a uma mesma situação que a nota é a condutora de cada etapa estudantil. O esforço e interesse do aluno deveria ser o que veicula o aluno a uma posição na escola, o que de fato conduz é a total assimilação das disciplinas. Não é um dez em uma atividade capaz de levar o aluno a um resultado positivo, mas sim sua dinâmica e competência de querer avançar a cada ano. Este processo deve frisar a valorização do aluno, é notável que avaliar é uma atitude de muita responsabilidade, mas quem o faz tem preparo suficiente.

Todo aluno espera que o professor tenha uma visão favorável a seu respeito, ou seja, o melhor a fazer é que o aluno se esforce , se interesse em aprender e crescer culturalmente, e se espera de professor em sua difícil tarefa possa avaliar a capacidade de cada aluno e não seu desempenho em provas.

## **Processo de Avaliação**

O processo de avaliação é uma tarefa muito difícil. Ter que apontar qualidade de cada aluno, como ele se comporta em aula, suas faltas, seu interesse em realizar tarefas, realmente é algo que o professor tem que fazer com muita calma e cuidado.

Esse tipo de avaliação de uma certa forma ajuda muito o aluno, pois ele não precisa provar o seu conhecimento apenas na avaliação quantitativa, mas sim demonstrar que desempenha um importante papel dentro do processo de avaliação.

Este método de avaliação é muito importante, ajuda muito, aqueles alunos que têm uma certa dificuldade, em realizar tarefas, como provas. Às vezes não é porque não sabem aquele conteúdo, mas sim, porque ficaram em defasagem na matéria.

Este processo deve ser bem mais esclarecido para os alunos.

## **O processo de avaliação**

A concretização de idéias que nos passam, sobre o processo de avaliação acabam nos confundindo sobre o que devemos fazer para obter uma média, podendo ter um crescimento durante o ano letivo ou não.

Tendo como avaliação qualitativa que o aluno demonstra que é capaz, mas muitas vezes não é suficiente para que possamos alcançar uma média ideal. O aluno se esforça ao máximo demonstra que ele é capaz, mas não é o ideal que a avaliação exige.

Assim, tendo como meta passar dos seus limites, quebrar barreiras, estudar, estudar e estudar para que a avaliação seja ao seu favor, mas é injusto um aluno ser descontado por chegar atrasado, entretanto o aluno demonstra interesse, cresce, mas continua sendo prejudicado pela avaliação, todavia que o aluno quer entrar na sala de aula, mas como chegou atrasado, tem que esperar o próximo período para entrar em aula perdendo a explicação que o professor está fazendo ainda perdendo nota por não estar em aula.

## **A avaliação**

O que é uma avaliação? Entendo que avaliação são os métodos utilizados para tentar medir mais concretamente o que o aluno aprendeu e quais as experiências que obteve durante o período de ensino. Assim, como é o caso dos itens B1, B4, B5, B6 e B7, que são avaliados através de provas e trabalhos.

Embora parecendo impossível fazer isso, pois todas as experiências que se obtêm é algo pessoal, portanto abstrato, porém a avaliação tenta tornar isso mais concreto. Desse modo, conclui-se que uma avaliação jamais poderá dizer totalmente o que o aluno aprendeu e o que não aprendeu.

Além de medir, a avaliação atual tenta também oferecer propostas, sugerindo o que o aluno deve fazer para facilitar o aprendizado. Como é o caso dos itens A1, A2, A3, B2 e B3.

Contudo, parece que ainda está faltando algo a mais, itens que facilitem ainda mais a aprendizagem dos alunos.

Se analisarmos bem, todos os conteúdos que existem numa matéria, todos estão interligados entre si, um depende do outro. Por exemplo: na matemática, para entender geometria, tem que ter noção de trigonometria a função poligonal; em português, para entender período composto, tem que ter noção dos termos da oração e estes das classes gramaticais, e em história, um fato gera o outro, nada é por acaso. E se o aluno conseguir relacionar com que aprendeu antes com o que está aprendendo agora, certamente ele compreenderá mais facilmente.

O problema é que muitas vezes o aluno não consegue estabelecer essa relação por pensar que tudo é novo e por isso não procura utilizar e encaixar o que aprendeu no novo conteúdo da matéria. Pois, noções do que foi visto todo mundo tem ninguém chega aonde está por acaso.

Às vezes, para compreender um dado conteúdo, é necessário ter também uma noção de outras matérias, pois até entre as ciências há interligação. Por exemplo: a matemática é a base das ciências exatas; e em dados momentos da física depende da química, principalmente na parte da eletricidade em que envolve elétrons.

Então, haveria de ter itens que ajudassem o aluno a estabelecer estas relações, que é o que falta para que o aprendizado ocorra mais facilmente. Pois elas junto com as perguntas facilita o aluno de conseguir criar o seu próprio esquema lógico, e conseqüentemente a sua própria maneira de ver o sentido e o significado do conteúdo dado, tornando-se menor dependente de respostas dadas prontas.

## **Avaliação**

O procedimento de avaliar foi um imenso impacto em um determinado processo que os alunos se deparam de uma forma onde se auto avaliam.

A esse novo relacionamento que o aluno acaba-se inteirando com o desenvolvimento de uma necessidade em relação ao aprendizado em algumas disciplinas cotadas.

Esse processo de avaliação tem como características analisar o desempenho do aluno, tornando uma situação não muito agradável para si próprios.

E por isso o modo de avaliação nas escolas, é uma forma de existir novas chances de aprovação entre os alunos, onde tende se estabelecer um entendimento de alguns objetivos que a pessoa leva a uma imensa análise de se refletir o que pensar, em relação a esse tipo de se avaliar.

O aluno tende tornar um conhecimento de ser avaliados pelos critérios propostos, que o levam a um julgamento pelo desempenho nas disciplinas ligadas a uma opinião própria.

## **Avaliação na escola**

Tendo uma avaliação voltada mais para o aspecto avaliativo, o estudante é avaliado em toda a sua potencialidade.

Sendo o aluno avaliado por um todo as aulas se tornam mais dinâmicas, a avaliação não fica associada apenas a fazer provas ou trabalhos. A avaliação não prioriza apenas o resultado, ela busca identificar os conhecimentos de cada aluno e suas dificuldades. Como não é necessário fechar uma média, o aluno se preocupa em ser melhor, não ficando preso ao fato de que precisa de uma nota "X" a cada trimestre.

A intenção não é o aluno tirar uma nota, mas sim aprender a se preparar para a vida.

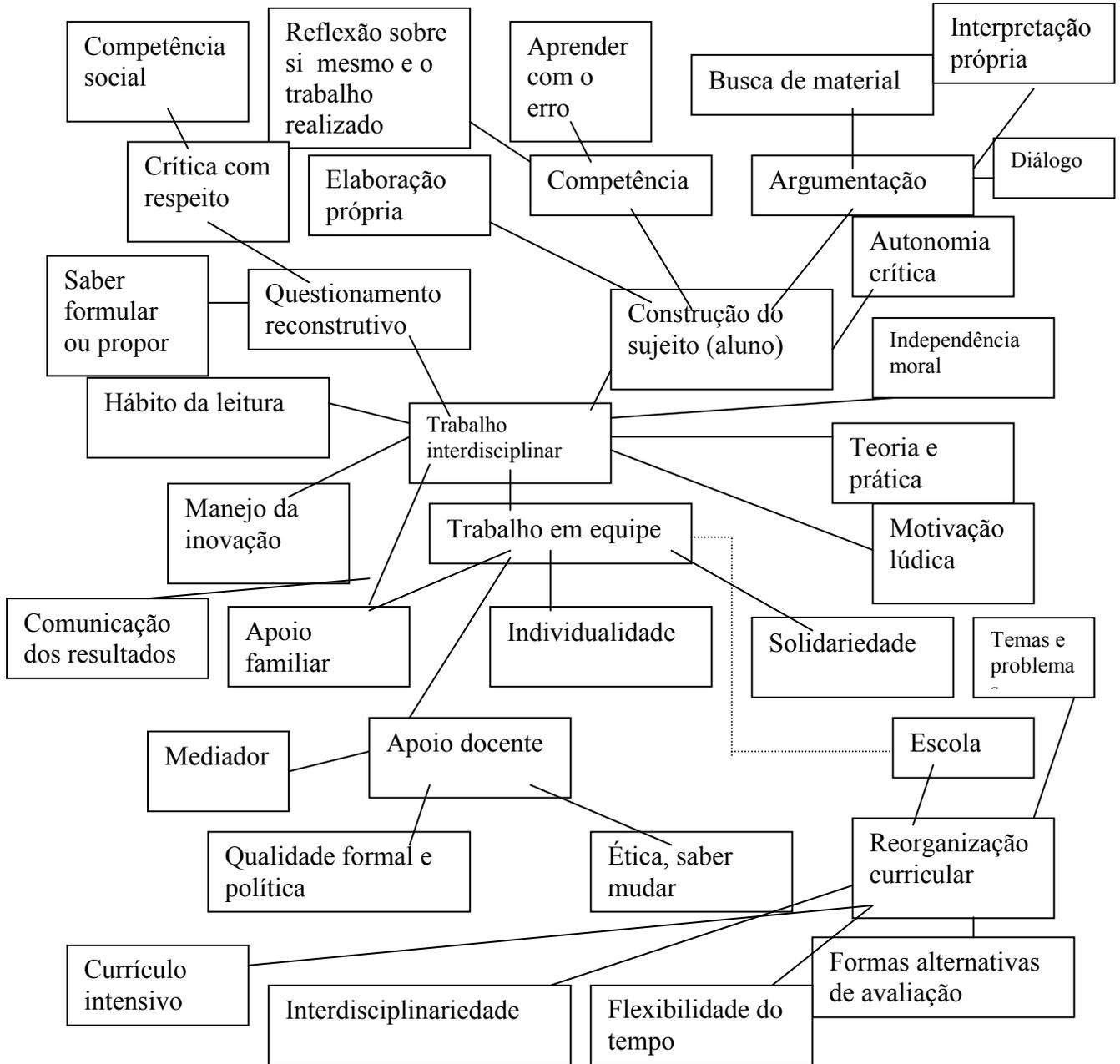
### **Avaliação escolar**

Essas avaliações são feitas com um enorme e dificultoso esforço, em relação as disciplinas de ciências (física, química e biologia), que para alguns não é problema, mas essas diferenças podem até causar dificuldades para alguns alunos. A química é uma barreira que até pode impedir o desempenho dos nossos alunos, a física também por outro acaba nos trazendo um pouquinho de medo e a biologia é bastante puxada em relação aos seus conteúdos. Se levar na brincadeira podem ser até reprovados, como se diz: não é fácil, mas difícil também não é.

Na minha opinião, os professores fazem o possível e o impossível para tentar concluir ou fechar as nossas avaliações. As avaliações podem ser feitas como (prova, trabalhos de apresentações, tarefas extras), para ajudar a esses alunos que precisam. Eu acho que fazem de todas as maneiras possíveis para conseguir fechar este que é uma das situações difíceis, se os professores não tiverem a paciência de construir o fechamento de nossas avaliações finais. O meu envolvimento pode ser um pouco dificultoso, mas tento sempre fazer o melhor para conseguir um bom desempenho que possa me ajudar. Mas por outro lado, esse processo não é tão complicado como se pensa, qualquer um pode passar por estas situações. Na maioria das vezes faço o impossível para conseguir alcançar esses objetivos, tendo como idéias novas, diferenciando o ritmo escolar, que nos mostra um outro caminho diferente do que vivemos hoje. Os professores sempre nos propõem tarefas diferentes do que estamos acostumados a fazer, os professores fazem de todas maneiras que possamos sair bem nessas avaliações. Dependendo do momento em que estivesse vivendo, mas um processo é proposto a qualquer pessoa que foi assim como em participações de seminários, etc..., e por outro lado devemos ter respeito a nossas disciplinas que nos completam com o seu valor, e também temos que enxergar por outro ponto de vista que essas disciplinas nos trazem uma enorme aprendizagem.

ANEXO G - Mapa conceitual das habilidades desenvolvidas na unidade de aprendizagem

### ANEXO G– Mapa conceitual das habilidades desenvolvidas na unidade de aprendizagem



## **APÊNDICE**

## APÊNDICE A - Transcrição das entrevistas com os alunos

## APÊNDICE A– Transcrição das entrevistas com os alunos

### Entrevista 1 – Aluno A

A - Aluno

R - Rosimeri

R- Bom "A", nesta entrevista desejo conhecer a tua opinião sobre como é que é feita a avaliação. Tu estás no terceiro ano e acompanhaste esta escola fazendo uma mudança na forma dela avaliar, que era bem diferente de quando começaste a estudar, e agora tens uma planilha onde não é a prova o que dita o fato de tu seres aprovado ou não, concordas comigo?

A- aham.

R- Então, baseado no teu material escrito, tu colocas assim: "que é preciso separar matérias e muitas vezes o professor e as diferentes matérias acabam confundindo os alunos". De que maneira isso para ti acontece, por exemplo, separar física, química e biologia, de que maneira isso te atrapalha, na hora de fazer a avaliação?

A- Não, eu acho que vai mais pela matéria né, ahn, é que às vezes a matéria de física, é, com certeza é bem diferente da de química, e de outra, e de biologia e tal, só que às vezes é, ahn, no mesmo dia tipo assim sabe, se tem uma prova no mesmo dia, ahn, estudar as matérias e, as matérias são diferentes, e isso vai acabar complicando um pouco.

R- Mas em função do conteúdo?

A- Do conteúdo, claro.

R- Não em função da forma de fazer a avaliação?

A- Não, não. Bem capaz. Sobre a forma de avaliar, eu acho que essa que tá agora é a melhor que tem. Deveria ser assim em todos os colégios, daqui né, de Porto Alegre. Porque, quando eu en- , como a senhora falou que, ahn, que, como eu peguei na mudança, né, até a oitava série, se não me engano, primeiro ano, não lembro,

R- Mais ou menos...

A- Acho que até a oitava, até a oitava não tinha esse negócio de "AF", de "NA" e de "A", sabe, tu era por nota e deu, tu podia faltar e, tu, tu indo bem na prova tu passava, agora não. Agora tu tendo presença em aula, tendo participação na aula, não faltando, fazendo trabalho e tal, dai tu vai ter mais chance de passar. E comigo ficou melhor isso aí. Tem matérias que, por exemplo, física, eu não, eu não sou 100% nem aqui nem em outro lugar, matemática também não, e aí, ahn, como é se eu faltasse aula de física direto, se eu matasse aula de física não entregasse trabalho, eu estaria rodado agora, certo, e é mais uma chance que a gente tem, então.

R- OK!, Tu, também, colocas o seguinte: "que a avaliação serve para o professor vigiar o aluno". O aluno está sempre sendo vigiado?

A- É.

R- E como é que tu sentes essa vigilância? É uma coisa ruim, ou algo bom?

A- Não, eu acho, uma, melhor coisa possível.

R- Vigiado em que sentido? De que maneira essa vigilância te ajuda?

A- Bom,ahn, o vigiado que eu coloquei, eu não coloquei, só, ahn, só sobre notas né, eu coloquei sobre pessoa mesmo, porque o aluno vigiado, no bom sentido que ele vai ter, ele tem que ter mais responsabilidade de chegar cedo, ele vai ter que ter responsabilidade de entregar trabalho e tal, vai ter que participar em aula, e no começo até pode ser meio que sem querer, que ele não, ele nem vai precisar, não vai querer participar de aula, não vai querer fazer tal coisa, ele vai começar a fazer isso de um modo que ele vai ter que... Ah, a avaliação não é só mais nota, eu tenho que participar, eu não posso faltar, eu tenho que entregar trabalhos, e aí fica bem mais fácil. O "Vigiar" que eu coloquei, é mais preocupação.

R- Não no sentido de policiar uma pessoa?

A- Não, bem capaz.

R- No sentido de cercear algumas liberdades, assim...?

A- Não, não.

R- Não nesse sentido. Diz uma coisa, tu percebes que os alunos ajudam o professor a avaliar? Ou tu vêes a forma com que a avaliação acontece, como uma coisa que não envolve a participação direta do aluno, o aluno está ali só para realizar a prova?

A- Não, pelo contrário, no modo antigo, que era só por notas, daí eu achava isso. Que por notas o professor nem conhecia muito bem o aluno, sabia o nome dele, e tal, e sabia o que ele sabia fazer, mas não sabia ele como pessoa, nesse modo é diferente, ele, ele sabe que aquele aluno participou, que aquele aluno não faltou, aquele aluno entrega trabalho, ele pode não ser um nota 10 na matéria, mas ele é esforçado naquela matéria, está, ele tem mais chance, e ajuda muito mais o professor, na hora que o professor fechar as notas, ele vai lembrar que aquele lá, ele foi bem, sabe, ele não foi bem na nota de repente e foi bem na participação.

R- OK! Mas, daria para melhorar ainda mais a participação dos alunos, ou tu achas que já chegou a um nível bom de envolvimento?

A- Não, eu acho que daria para melhorar muito mais.

R- Como? Dá sugestões. Na tua opinião, já és praticamente um colega nosso. Terminado o ano, perdes o vínculo com teus professores, e passas a ser um colega, um amigo dos professores. Olhando de fora, porque tu estás agora no final

de um processo, como é que tu poderias contribuir com o colégio sugerindo novas maneiras de fazer a avaliação de maneira que o aluno pudesse ser mais ouvido?

A- Não, eu acho que, no momento assim, essa maneira de avaliar o aluno ele todo, como pessoa, eu acho que é a melhor possível, sabe. Eu acho que, que isso aí vai demorar um pouco, não foi porque começou, sei lá, no primeiro ano - que agora eu estou no terceiro, ou seja fazem 3 anos praticamente - que isso vai ser, vai ser perfeito assim, sabe, porque até ahn, as crianças aí, sobre a quarta série, quinta série, então, que eles ainda não chegaram no primeiro, segundo ano, pra ver que é aí que tem que participar mesmo. Por enquanto, com eles é só, tirei um "F", tirei um "A", mas eles nem sabem muito bem o que é isso. Então eu acho que, com o passar do tempo, sabe, daqui uns dois ou três anos, aí sim a escola Paulo da Gama vai estar fixa como um colégio que participa mais, sabe. Não vai ser só por notas, aquele colégio, sabe.

R- E tu achas que essa avaliação envolve maturidade?

A- Se for só por notas, o aluno seria, seria, vidrado na matéria, e não teria... Pra que que ele ia ter que conversar como professor depois da aula, sobre tal coisa? Não ia! Não ia ter dialogo, até porque, eu acho que na oitava série, quando eu tava, eu sempre fui de conversar na aula, participar sabe, conversar assim com o professor depois da aula também, não tem porquê não conversar, mas, mas esse negócio de AF, NA, sabe, B1, B2, e ter a participação, não faz com que ele fique, que seja obrigado a fazer, mas é mais uma alternativa, ele pode só fazer as notas ali dele, mas participando ele vai ser melhor não só como aluno, mas como pessoa também.

R- OK! Responde a uma coisa. A matemática reprova menos que física, química e biologia. E normalmente quando o aluno é reprovado em matemática, também é reprovado nessas outras três disciplinas. Tu achas que a reprovação nessas 3 matérias está vinculada à avaliação, aos conteúdos ou aos temas de estudo? Por que tantos alunos são reprovados em Ciências?

A- Não, eu acho que é o conteúdo. Eu acho que é o conteúdo porque a avaliação ela é boa, não tem o que falar dela de modo que ela seja ruim. Eu acho que é o conteúdo mesmo. Mas não que o conteúdo seja impossível, mas sabe, quem está fazendo, quem está tentando fazer, ele num está indo muito bem. Que a avaliação eu acho que não tem nada a ver. A avaliação eles dão muito mais chances do que outros colégios dariam. Tem chances de, pô, tu participar em aula, tem tantas coisas pra ti fazer né, tu não tem só aquela nota ali fixada na folha no final do mês ali, sabe. Tu tens várias oportunidades então eu acho que é o conteúdo, mas não que o conteúdo seja tão difícil assim, o conteúdo que tu não entende.

R- Tu colocas assim: "a dificuldade de aprender é para todos, mas a vontade de entender, e ir além nem sempre". O que tu queres dizer com isso?

A- Quero dizer que a dificuldade para todos alunos de uma turma, ela, existe. Só que com essas chances que eles dão, que eu queria falar disso né, desse modo de avaliação, eu quero falar que com essa chance, pô, é difícil de tu passar de ano, é, claro que é, mas com tantas chances assim, tu podes ir muito mais além, sabe, tu não vai sair do colégio pensando que pô, fiz aquela prova e tirei 9... e sim que,

depois dessa avaliação, eu comecei a aprender mais. não o papel da nota, de participar mais em aula, foi muito diferente. E eu quis dizer isso, sabe, não é só a nota, tem muito mais chances de ir além com esse modo de avaliar

R- Me diz uma coisa: tu te lembras do trabalho do museu? Tu passaste por esse trabalho onde fizeste pesquisa e investigação. Cada um de vocês fez uma área específica... Então, assim: Como tu vê a avaliação, por parte dos professores da disciplina, considerando que todos os professores avaliaram os trabalhos? Achaste coerente a forma como a avaliação procedeu? Professores de biologia avaliando tais questões de química, física em outros trabalhos... Isso pode ter prejudicado o grupo? Os critérios de avaliação foram empregados corretamente?

A- Sim, com certeza coerente. Até porque no ano passado foi assim e até hoje não houve reclamação... Eu acho que se um professor de química for ver um trabalho de geografia, até o que ele não sabe ele vai aprender...e não é porque ele não é professor de geografia que ele não vai saber aquela matéria, que ele não vai poder dar a nota. Eu acho que deveria continuar assim, não precisa ser especificamente um professor de biologia a avaliar um trabalho de biologia, não precisa isso.

R- Então, na hora, aquela diversidade que tu falaste no início, que pode te confundir, isso não foi problema para seres avaliado?

A- Não.

R- A dificuldade mesmo é a sala de aula, o conteúdo e o desenvolvimento do assunto?

A- Sim, com certeza.

R- Fugiste um pouco de uma pergunta que eu fiz sobre as sugestões. Como tu achas que poderíamos melhorar mais ainda ou aumentar a influência do aluno? Não só pensando no aluno do nível do 3º ano, que já apresenta um nível maior de maturidade, mas ,de repente, um aluno do ensino médio, de 5ª a 8ª . Como é que tu achas que um aluno pode ajudar, neste momento da avaliação?

A- (Silêncio)

R- Ou, refazendo a questão, de que maneira o professor pode ajudar o aluno a ser avaliado, e também a rever a sua forma de estudo? É possível isso? Durante o processo o professor ajuda o aluno dizendo: "Olha, tu estás com dificuldade"...

A- É com certeza isso. Eu não ia falar isso, mas igual tu falaste, pra mim é a melhor sabe. São 3 trimestres né, ahn, que tu tens pra estudar... no primeiro tu não foste bem, eu acho que deveria ser não só de 1º, 2º, 3º ano sabe, deveria ser de 1ª série ao 3º ano. Eu acho que, no meu ver, acabando o primeiro trimestre, deveria haver uma reunião com professores e aqueles alunos que não estão indo bem. Se faria uma roda, e se conversaria: "fulano , tu tah mal em tal coisa..." e assim por diante, para melhorar e não digo assim fazendo trabalho extra, sabe, não precisa isso. Vai estudar mais, sabe, abre a mente dele sabe, pois muitas vezes a gente sabe que esta mal, mas falta aquele puxão de orelha, aquele do tipo "tu não vai estudar?" Tu fala pra mim sabe, eu acho que tu és uma professora das que mais fala pra mim, a

de geografia também fala, se eu fui mal em alguma prova, ela fala "não tu foi mal", sabe, e não sai passando a mão sobre a cabeça dizendo: "não, tu foi mais ou menos..." e o cara tirou 2,5 em uma prova ... eu acho que ao final de cada trimestre deveria ser assim...uma mini reunião só para professores, pra dar mais um pouquinho de atenção aos alunos que não vão bem.

R- Tu achas que os professores fogem dessa conversa mais direta com o aluno?

A- Às vezes, às vezes eu acho que fogem...

R- Por quê?

A- Não fogem... mas às vezes eles respondem quando a gente pergunta, mas eu acho que nem seria a obrigação deles, né, eles não tão aí pra falar "fulano, depois da aula eu quero falar contigo"..., sabe, não precisa isso... a obrigação deles não é essa...mas eu acho que poderia, se entrar em um consenso, de escola mesmo, que fosse uma lei da escola assim, aqui na escola Paulo da Gama, eu acho que seria uma boa.

R- Tu colocas aqui, "uma nova maneira de chegar a aprovação". O que achas necessário para um aluno ser considerado aprovado?

A- Aprovado?

R- O que tu achas que eu considerarei em ti para te julgar aprovado? Uma boa pergunta, não?

A- Foi que de março a dezembro, ele atingiu o essencial, sabe, o básico. Eu acho que ele atingiu um pouco mais que o básico, pois acho que o básico é muito baixo... ele atingiu o essencial, ou seja, ele foi um aluno que durante o ano inteiro, não só a partir do 2º ou 3º trimestre, diariamente, o aluno foi participando, ele entregou trabalhos, ele... claro, no meu caso eu também não fui bem em todas as provas do ano... mas acho que foi evoluindo no boletim... sabe, mostra uma evolução de março a dezembro, e que não somente em dezembro assim... eu, a meu ver acho assim, que desde março o foi evoluindo cada vez mais e chegando em dezembro, com a consciência tranqüila, porque eu estudo sabe, eu acho que pode até ter dado uma caída mas depois evoluiu de novo, eu acho que esse aluno é o que não tem tantas faltas, que sei lá, que não mate tantas aulas, que sei lá.. eu acho que é esse aí o cara.

R- OK! Uma retomada geral: a escola neste momento de avaliação cresceu como um todo, ou não?

A- Cresceu, com certeza, porque se tivesse um plano para ver uma estatística assim dos últimos anos, eu acho que a escola cresceu muito mais com esse modo de avaliar, porque até eu fiz uma redação, que o interesse dos alunos, que o interesse dos alunos ficou bem maior, porque antes tinha alguns alunos que ali na aula, sabe, tem vários exemplos, até eu sou um exemplo em algumas matérias, que sabem fazer os exercícios, que sabem fazer tal coisa, e na prova, eles não conseguem, fazer tudo que ele fez no caderno, ou na aula... e não sabe o porquê né..., e com

essa chance, o professor está vendo na aula que tu tá fazendo exercícios... que tu estás interessado, que tu entregou o trabalho no dia... e se fosse diferente eu acho que não haveria interesse... tu faltarias aula e ninguém iria prestar atenção em ti... que seria o caso do vigiado lá... ninguém iria se interessar por ti... e tu não matarias aula, sei lá, é uma consciência que tu tens né, ninguém está te vigiando... eu não mato aula porque eu tenho que evoluir, eu tenho que aprender até o final do ano...e eu acho que esse desinteresse iria ser grande...se não houvesse essa avaliação... só nota sabe...

R- E valeu a pena?

A- Valeu a pena. E eu acho que não deveria mudar.

R- Tu achas que as disciplinas de Ciências poderiam avaliar de forma diferenciada? Haveria uma forma mais adequada?

A- Avaliar diferente? Não, acho que não. Acho que todas têm de ser avaliadas da mesma maneira...se ocorreu um grande índice de reprovação, não foi porque ela não foi avaliada bem, e sim porque o aluno não conseguiu atingir... Eu acho que não deveria mudar.

## **Entrevista 2 – Aluno E**

E – Aluno

R- Rosiméri

R- Segunda entrevista, a primeira não ficou clara... estávamos conversando sobre o papel que o aluno tem dentro da escola.

E - O papel que o aluno em primeiro lugar ele tem, em qualquer tipo de avaliação, tipo que eu falo prova trabalho... qualquer tipo de avaliação que tenha que valer uma nota 10, que a gente saiba o que está fazendo.

R- Esse papel do aluno é vinculado apenas ao desempenho dele nesta prova, neste trabalho, neste silêncio que ele vai ter, neste momento? Ou a essência do trabalho do aluno é outra?

E- Não é só isso, atrapalha um monte, atrapalha o andamento de qualquer aula, um aluno conversador, aquele aluno que enche a paciência do professor. Mas a essência mesmo é estudar e tirar nota boa. No sentido assim de prova, trabalho certamente. Porque atrapalham... o aluno que conversa que chega atrasado, atrapalha toda a aula, que para olhar quem é que chegou... mas o principal é nota, eu acho.

R- A nota reflete o quê?

E- Os trabalhos, provas e um tantinho, que não seja tão grande que nem é aqui no colégio, que são 6 pontos, que é esta parte de comportamento, e eu acho que é demais.

R- O nível de conhecimento aparece na avaliação?

E- É isso que eu digo, o vestibular vai cobrar da gente matéria, não só comportamento... não só, sabe, agente ficar quietinho... está certo que o colégio tenha que educar, sabe, não educar, pois educar é pai e mãe, mas a parte de se comportar em público, civilização. Porque no vestibular o que eles vão me cobrar é nota, então eu acho que é muito grande isso, 6 pontos, pra comportamento, e somente 4 pra nota... eu, no ano passado eu ia muito melhor em prova do que no meu comportamento... porque eu chegava atrasada na sala de aula, eu conversava, mas esse ano eu parei de conversar, mas não chego atrasada também, eu digo chegar atrasada depois do recreio, porque eu ficava demais...

R- Mudaste a tua conduta por causa da forma de avaliação?

E- Não mudei minha conduta digamos assim... foi por causa da avaliação e também porque eu estava me prejudicando... e estava vendo que eu mesma estava fazendo a minha força, né... porque eu estava fazendo coisas para me dar mal, quer dizer, não porque eu era alucinada, porque eu fazia tudo errado, mas porque eu conversava demais na aula, e porque também, às vezes, chegava atrasada, ou ia embora mais cedo... por isso que eu perdi muito ponto... fiquei um tempo sem falar com as gurias e aquilo meio que me deixou meio fora de situação assim, fiquei meio perdida... e eu mudei, quando chegou meu boletim eu me lembro que a minha professora e disse "bah, tuas notas baixaram" e eu fui pra casa apavorada pensando "ai eu estou com 4 em todas as matérias" e a professora de geografia também tinha me falado, eu acho que eu fui bem com a senhora, com a professora de biologia... fiquei apavorada... chegou meu boletim, e eu e o pai fomos buscar o boletim, e a mãe não estava, tivemos que ir buscar o boletim, e aí o pai falou "o que aconteceu?" e eu disse "ah, pai, eu conversei demais". Bah e depois não adiantava mais falar comigo, pois eu dizia "eu não falo mais com vocês" e eu chegava na sala antes de bater pro recreio, comecei a ficar bem mais quieta, só que eu nunca deixei de fazer os exercícios... porque eu acho que não é porque eu conversava um pouco que eu não era uma boa aluna... porque ser bom aluno não é só ficar quietinho na sala de aula.

R- Uma das coisas que nós conversamos na primeira entrevista que não foi gravada...deixaste bem claro como essa forma de avaliar te deixa insegura e com dúvidas .Tu nunca sabes em qual dos conceitos foram perdidos os pontos... será que essa fuga, essa dúvida que tens não é uma falta de diálogo entre o professor e o grupo de alunos?

E- Então repetindo, eu acho que tem que ter o sistema aquele do professor mostrar para o aluno, não mostrar a planilha oficial, mas mostrar ao menos um rascunho das notas da gente pra gente saber no que tem que melhorar e no que tem que continuar... aí sei lá não me lembro direito das coisinhas lá... está, que tu tens que continuar sendo pontual, não faltando, é bom tu saberes o que tu estás fazendo de certo... pra ti continuar.. tá, todo mundo sabe que o que tu tá fazendo de certo é bom

mas... é legal assim um contato do aluno, com o método de avaliação... eu fico tri insegura, agora já estou mais tranqüila, mas eu me lembro que a gente fez eu acho que foi no último trimestre do primeiro ano.... teve esse tipo de avaliação, tem uma coisa de tu ficares bem apavorado, tinha a tal da quarta nota, e a gente não entendia direito o que era aquilo, e aí depois no segundo ano eu não gostava... eu ficava bem assim: "Ai, tu não sabe nem porque que tu tirou" e eu continuo não gostando muito... esse ano eu estou tri bem, não tenho nota baixa em nenhuma matéria... mas continuo assim toda insegura, tu não sabe em que tu foste bem e no que não foi bem... eu fico olhando os conceitos e imagino o que será que eu fiz de errado...

R- Será que só bastaria este conselho, achas que seria esse conselho de aluno e professor... tu achas que isso basta? Será que não poderia ser criado um outro instrumento para efetivar a participação do aluno? Não pensaste em nada assim?

E- Ah, eu acho que em primeiro lugar é isso sabe... o aluno também tinha que colaborar... há um tempo atrás nos fazíamos umas questõeszinhas antes do trimestre, e os professores colocavam os conceitos no quadro e a gente colocava se a gente merecia "A" "F" ou "NA" e o aluno não dizia o que faz de errado ou não.. porque quando eu estou conversando e uma professora chama a atenção eu vejo que eu estava demais... tem que reconhecer aonde erra ou não...

R- Esse agir...esse reconhecer... Tu colocaste que, neste processo, o aluno é semelhante a um figurante, porém, recebe dos professores plena liberdade de expressão... O que seria esse figurante?

E- É ficar boiando completamente de tu não saber onde tu está recebendo nota ou não... eu disse figurante porque tu tá totalmente por fora, tão te empurrando assim, estão te levando para nota.

R- É uma situação difícil para ti estar sendo avaliada em uma situação que é imprevisível?

E- Que nem a senhora falou, que eu não tinha falado porque não tinha achado as palavras... é isso! eu não sabia o que fazer para receber nota boa... aí depois eu fingia que eu tinha que estudar e ficar quietinha...

R- Para receber a nota boa...Pensa no projeto do museu que a gente fez, por exemplo. O que era necessário ali para receber nota boa, sabendo que tu não tinhas nem idéia de quem iria te avaliar? Como tu fizeste? O que tu pensaste?

E- A primeira coisa foi eu achar a matéria que eu mais gostava... em primeiro lugar tu tens que estudar alguma coisa que tu gostas...

R- Tu fizeste sobre o projeto Tamar?

E- Sim, eu adoro tartarugas e estou louca por isso... eu vivia pesquisando sobre o projeto Tamar, eu sempre entrava no site, porque sempre tem uma novidade nova, eu tive a oportunidade perfeita, aí eu fui lá disse "vamos gurias" convenci a elas. A gente não sabia quem iria avaliar, desesperador, porque eu vi que no primeiro museu onde teve a avaliação não foram as minhas professoras que avaliaram, então

eu estava apavorada... reclamei um monte com o professor porque eu não recebi a nota que merecia, porque eu tirei 8, só que eu acho que eu não merecia 8.

R- E tu não sabes também por que recebeste 8?

E- Aí eu disse que eu precisava saber porque eu tinha tirado 8. Não que eu quisesse tirar 10, eu reconheço que eu devo precisar de alguma coisa...podia ter feito mais, e eu reclamei pro professor mas o professor não adiantou... Tá, o que a gente fez: a gente estudou muito e tentou não falar como estava no livro... a essência do trabalho é não falar como está no livro, com as palavras do livro... eu quando apresento um trabalho, eu leio e faço o meu resumo longe do livro, eu guardo o livro para mim não copiar. Em primeiro lugar é isto, tu falar com as tuas palavras, e tu entender o que esta acontecendo e explicar... não decorar os livros. E depois sim, a gente fez um monte de cartazes, tentou ficar bem calma... ainda que no dia choveu e a nossa tartaruga não hibernou, a maldita da tartaruga não veio, foi bem desesperador... mas a gente fez o possível assim, esse ano eu acho que a gente recebeu uma nota bem boa, ficamos bem felizes, a gente tirou 9,5.

R- E tu percebeste que alguém pode não ter ficado feliz nesta forma de avaliar dentro do projeto? Por quê? Já que era um trabalho que envolvia várias disciplinas, vários profissionais e vários critérios como o aluno gerencia tudo isso?

E- A maioria eu acho, a maioria de todos os meus colegas, eu acho que todo mundo escolheu aquilo que gostaria de falar, e tem professores que são mais fáceis na hora de avaliar, aqueles que vêem que tu fica nervoso no meio de apresentação, que tu te enrola todo, que tu olha para a cara do professor e te apavora, ainda mais eu que apresentei com o vice-diretor do lado, aí que o professor olhou que eu fiquei... que eu pingava durante a apresentação... eu ficava assim durante apresentação, de nervosa... eu acho que assim, ó, a cara do professor te olhando... tu já ficas tranqüila e pensa que está falando tudo certo, mesmo que esteja falando tudo errado... a professora, que te dá muito apoio, tu fica muito seguro, e fala tudo o que tu sabe... eu acho assim, ó, que o papel do professor é muito importante, porque se ele fica te olhando de cara feia, tu já acha que tá falando tudo errado.

R- Continuando ,então. Foi muito bom então o apoio do professor e é importante que ele mostre isso para o aluno. Será que os professores de Ciências, muitas vezes esquecem de mostrar este apoio? Porque tem muita reprovação nas disciplinas de Ciências. Física, química e biologia são as que mais comumente reprovam. Por que tu achas que isto acontece? Tem a ver com a forma de ciências ou tem a ver mais com a dificuldade do conteúdo? Na tua opinião qual seria o fator mais importante?

E- Eu não sei se é só do jeito que o professor avalia, porque um problema que muita gente não entende é que para ti ir bem - pelo menos pra mim - pra mim ir bem neste tipo de matéria, eu tenho que repetir os exercícios, uma coisa chatíssima, refazer os exercícios, pra ti memorizar, pra ti entender, porque não é só tu lendo o caderno que tu vai ver... o método de avaliação também, ele ajuda um monte, mas um trabalho que foi mais fácil, fazer uma provinha não tão difícil, mas é importante o aluno estudar. Não adianta só o professor fazer alguma coisa fácil, sendo que o aluno não

estuda, porque dar uma prova fácil para um aluno que não pega caderno, não adianta de nada.

R- Então, a rigor ,não é a avaliação de Ciências o fator mais importante?

E- Eu acho que não é só a avaliação.

R- Como é que poderia ser a avaliação de Ciências dentro desta idéia? Dar o retorno, de dar o apoio e de garantir a chegada do aluno neste processo? Como é que isso poderia ser modificado para estas disciplinas?

E- Eu acho bem legal o trabalho em grupo, que é uma coisa que dependendo do grupo funciona. Mas é uma coisa que tipo, em sala de aula, a professora vê que tá todo mundo junto, ela ajuda a gente, a gente sempre fala que é uma coisa que diversifica a aula e ajuda a gente a aprender né. Deixa eu pensar em mais alguma coisa que seja legal... aí o trabalho do museu eu acho maravilhoso, mesmo que a gente fosse num museu, e as professoras escolhessem assim: "ah, dentro de física tem que escolher alguma coisa", aí vai lá e escolhe, tipo o que tu mais gosta, matemática não é tão fácil, mas eu me lembro que teve um ano que os colegas falaram sobre os tipos de números, o surgimento dos números.. Ótimo, dá pra fazer. Biologia então sem comparação, biologia dá para ti fazeres o que quiseres, mas matemática e física já é mais difícil mas dá pra fazer uma coisa legal quando tu sabes, assim, quando tu tá com vontade, Aí só basta ter a vontade.

R- Então tu achas que se os professores de Ciências ,de repente, se unissem e não fossem tão química e biologia, que pudessem trabalhar de forma mais integrada, ficaria mais fácil para o aluno?

E- Eu acho que ficaria bem mais fácil, e não fazer da aula uma coisa muito chata, não que eu queira brincadeira todos os dias né, tem matéria que não tem jeito, é tudo pronto. Mas é uma fase mais tranqüila, que o aluno não ficasse tão sério, que tenha que ficar quietinho, todo reprimido, eu acho que isso ajuda um monte, uma aula mais tranqüila. Não que tenha palhaçada a aula inteira, mas que seja uma aula bem mais descontraída, acho que ajuda bastante.

R- Eu acho que é isso aí. Muito obrigada.

### **ENTREVISTA 3 – ALUNO F**

F – Aluno

R- Rosiméri

R- Bom, trago para ti, várias questões para serem esclarecidas. Não sei se tu queres olhar a redação que escreveste na época. São questões referentes ao que tu querias dizer naquele momento. Então, por exemplo: uma questão que eu coloco, é que tu dizes que a avaliação aqui da escola é feita em dois aspectos: é baseada no aspecto qualitativo e quantitativo. Na tua opinião, o que passa pela cabeça de um professor, quando ele pensa no qualitativo?

F- Qualitativo? Qualitativo é a qualidade assim, o aluno como ele se comporta, o comportamento e todas as outras coisas são levadas em conta, como se ele vem à aula, se ele falta, se ele chega no horário, se ele é comportado, se ele é quietinho, se ele bagunça se ele atrapalha a aula, tem várias coisas que são levadas em conta no qualitativo aí.

R- E o quantitativo?

F- O quantitativo é a nota, o número de avaliações, que tu teve, ahn, no trimestre, que ali é feita uma média de nota, aí, que é a que tem valor 4 no trimestre e o qualitativo o que tem valor 6.

R- E tu achas que para os alunos, passa a mesma idéia que para os professores esses aspectos, o qualitativo e o quantitativo? Achas que tem coerência entre aquilo que o aluno pensa que está sendo avaliado e aquilo que de fato o professor avalia?

F- É aí que está, porque eu acho que isso aí atrapalhou o aluno por causa de que muitas vezes está dizendo que o qualitativo vale 6, só que o aluno pensa que se ele pegou e tirou 4 numa prova, que a nota não vale mais nada, é só o comportamento, e tu te comportas bem que tu vai passar de ano, mas não é bem assim. Todos os critérios avaliativos ali no qualitativo, são recíprocos assim ao quantitativo. Porque na prova lá tu fizeste a prova e se comportou bem, fez a prova, tudo, e na matemática, quando tem a prova, é bem diferente assim, ela botou um item lá, e tu soube fazer a equação, tu já tens um ponto, se tu soube realizar toda a equação assim, tu tem mais ponto ainda, se o aluno não fez, ou quando não sabe nem a equação, aí já é menos ponto pro cara receber.

R- Está. Mas... essa história de mais pontos ali e mais pontos aqui... De que maneira tu acreditas que o professor veja o crescimento do aluno? Se ele vai olhar se o aluno é quietinho, se o aluno é atento e se ele fez o tema. Ou se ele tirou 4, tirou 8 numa prova? Como é que o professor atesta o crescimento do aluno? Como ele verifica seu crescimento?

F- Na nota, aí, e no comportamento. Mas muitas vezes o aluno não é comportado e tem uma nota bem acessível, assim, 7, e outro lá tal, que é bem quietinho e tem várias dificuldades, e tirou 6 ou 5. é bem relativo, assim.

R- Relativo porque o professor não comenta com o aluno, é relativo porque para o aluno tanto faz? O que é relativo? Poderiam ser feitos de uma maneira mais organizada, esses resultados, para o aluno?

F- Ah, eu acho que deveria ser mais elaborada essa, esse tipo de avaliação na escola. Mas também é uma transição né, antes era nota e agora esta sendo com conceitos né, "NA", "F" e "A". Então sempre... ah o aluno já está acostumado com a nota, aí vai mudar pra conceitos, aí fica confuso, tu pega uma prova, tu tem "AF" lá em cima, e aí tu bah, qual nota que eu tirei, eu não sei, aí tu ficas preocupado... tu já tiras "NA" tu já ah, já estou mal, já tirei menos que 5. eu estou praticamente rodado.

R- Ok! Mas será que o professor não tem uma parcela de responsabilidade nisso aí?

F- Tem, aí aumenta. A responsabilidade do professor aumenta com esse critério avaliativo, porque ele não vai estar avaliando só pela nota, ele vai estar avaliando pelo comportamento do aluno.

R- E isso é claro para todos os alunos? Como é que o professor faz?

F- Ahn, o A1, A2, e A3?

R- Isso. Como é que ele chega naquela nota no final, sendo que ele só vai entregar um A, um AF ou um NA? Como é que uma letra vira número? Isso fica claro para todos os alunos?

F- Ah, isso não.

R- Pois é. Como é que isso poderia ser feito de maneira que o aluno pudesse participar mais do processo? Lembrando que tu também és representante de todo o grupo.

F- Ah, aí é difícil.

R- Já pensaste em alguma coisa?

F- Não, não. Na redação eu tentei colocar uma solução assim, mas não, não consegui elaborar assim qualquer coisa que ajudasse a melhorar a avaliação, fica muito ruim pro aluno. No caso meu assim, eu sou muito envolvido com a escola, eu estou sempre na escola, mas nem sempre eu estou na aula. às vezes eu to aqui, to mexendo ali, estou no grêmio, to na direção, estou em outro lugar, às vezes têm professores que nem levam em conta isso aí, que se eu estou, "ai nem vem, já marcou falta", aí eu to com falta lá, já é nota que eu estou perdendo né, aí então é esquisita a avaliação, e não é clara.

R- Tu reconhecidamente concordas , comigo, quando eu digo que as disciplinas de física, química e biologia são responsáveis pela maioria das reprovações. Por quê? Será que não é também um pouco da avaliação nesta questão? Ou será que é em relação à forma de trabalho e ao conteúdo.? Será que a avaliação para estas disciplinas é bem realizada?

F- Tá, eu acho que é feita da mesma maneira das outras matérias. Eu no caso em biologia eu vou bem, só que na matemática, é um caos, né?

R- Tu não achas que estas disciplinas, talvez, pudessem ter uma forma diversificada de fazer a avaliação?

F- Mas é que a escola não tem recurso pra isso né professora, se tivesse um laboratório assim, É uma loucura pra senhora explicar, como é que as moléculas recebem calor, tem que ficar correndo de um lado pro outro pra explicar a matéria... se tivesse algum laboratório, se tivesse lá os equipamentos para explicar melhor, para o aluno ter um melhor entendimento, seria bem mais fácil assim. Só que não tem.

R- E, então, tu concordas que a avaliação não é o problema maior?

F- Não, não é o problema maior.

R- Mas poderia ser diferente?

F- Que poderia, poderia...

R- O aluno tem condições de participar mais no ensino médio?

F- Tem muita condições.

R- Como é que poderias incentivar isso? Alguma sugestão de algum instrumento, de alguma forma de oficializar ou de tornar cotidiana a participação do aluno?

F- É que eu acho que deveria ter mais um envolvimento do professor com o aluno. O professor está muito afastado do aluno. Eu não sei, eu acho que o professor não vê o aluno como aluno, ele vê o aluno ali: "ah ele tirou 7, eh 7." ele nem tá aí pra o que ele faz em casa, o que ele faz na escola, se ele trabalha, se ele tem outras tarefas pra fazer, se ele se dá bem na família, isso tem que ser levado em conta.

R- Então, na realidade, o professor não conhece o aluno com quem ele trabalha?

F- É aí é que tá: porque como que tu vai avaliar qualitativo se tu não conhece, o professor não tem como acompanhar o aluno, ahn, total assim, de maneira total, vendo como ele é em casa, na família, não tem como isso aí. Então este critério qualitativo fica assim pela metade, não atinge todos os itens.

R- Faltaria no caso, o diálogo?

F- É.

R- Então eu te pergunto: De que maneira o diálogo entre os professores e os alunos interfere nisso? De que maneira que esse diálogo que não existe está interferindo? O aluno de repente desmotivado, o professor de repente muito rígido. Ou de repente poderia até o efeito contrário, de repente por uma falta de contato com o professor o aluno vai querer então: "ah mas então eu vou lá e eu tenho que mexer com aquele professor, eu tenho que mostrar do que eu sou capaz". Tu achas que como está sendo feito o diálogo, hoje em dia, é produtivo?

F- Não.

R- Não? Tem que melhorar?

F- Tem que melhorar. Os trabalhos extra-curriculares, deveriam ter mais acompanhamento do professor, muitas vezes o professor dá um trabalho para entregar em uma semana, e aí o aluno fica lá em casa quebrando a cabeça dizendo "eu não sei fazer, eu não sei fazer", aí chega na outra aula aí já tem prova, assim, bah, que loucura, aí eh tudo corrido assim; no 3o ano é mais ainda. E é tudo em cima: tem formatura tem isso, tem aquilo, é tudo uma correria. Aí chega o aluno, não estudou ou estudou correndo, aí chega na prova ali, não sabe uma equação, aí o

professor muitas vezes, por exemplo a professora de matemática, ela se negou a colocar a equação que quase toda a turma não sabia a equação. Tinham muitas equações para serem decoradas, aí não tem como. Aí muita gente foi mal na prova. porque o professor se negou a dar uma maior explicação, assim.

R- E esse diálogo pode ser melhorado?

F- Pode.

R- Um instrumento para isso ou uma forma de isso acontecer, tu não consegues vislumbrar?

F- Pra melhorar o diálogo?

R- Uma alternativa, é? Porque eu penso assim, como é que o aluno vai saber que ele tem que melhorar seu método de estudo ou na disciplina, se ele não foi informado? Para ti, quando recebes o teu boletim, tens idéia das notas que vais ter, já esperas um 8, 7 ou 5? Ou estás completamente inseguro: "Bah não tenho idéia de quanto eu vou tirar em física", por exemplo?

F- Não tenho idéia. Tu ficas sem idéia de que nota.

R- Pois é.

F- Até com esse tipo de matéria, com esse tipo de avaliação não tem como saber quanto tu vai tirar.

R- Eu estou trazendo as questões que eu acho que ficaram implícitas no teu texto. Eu li o teu texto olhando o que tinha por trás. Como é que tu te sentes como aluno ao esperar por algo que tu não sabes o que é?

F- Que tu não sabe, que tu não tem nem idéia do que tu vai tirar de nota. No primeiro trimestre eu esperava ir bem pior, aí eu achei que os professores passaram a mão por cima de mim assim, e me deram tudo 7, não, eu tirei duas vermelhas. Aí no segundo trimestre que eu achei que iria melhorar, eu piorei. Aí eu: "Pô, como?". Se eu achei que iria melhorar eu piorei. Eu: "bah". Aí fica tudo esquisito assim... Aí no terceiro trimestre eu não tenho nem idéia do que eu vou tirar, se eu vou passar, ou se eu vou rodar...

R- Pois é...e aí onde está o diálogo e a troca de informações? E a retomada? Como aluno, o que tu fazes para tentar modificar isso?

F- Eu tento entender a matéria, tento faltar menos, estou querendo evitar essas faltas desnecessárias que estão aí, porque é o último trimestre né, se eu rodar agora é um ano perdido, não tem como...

R- Eu penso em algo... não é o rodar, é a frustração...

F- E o vestibular também, porque o que adianta estudar, tinha que estudar aquilo ali porque, pô, na escola, não é nem 30% do que tu vai aprender na vida, e tu tem que

sair daqui pra aprender cada vez mais, então o que adianta tu te mata estudando e tu não aprende direito e o professor também, muitas vezes se nega a dar uma maior explicação, porque tem muita matéria para estudar, para cobrir assim, e porque é o último ano e não tem como deixar pro ano que vem, aí bah fica tudo embolado aí.

R- Tem como melhorar esse bolo? Por exemplo, o trabalho do museu, nele tu tiveste várias disciplinas associadas onde vários professores avaliaram o teu trabalho. Tu não sabias nem que professor iria avaliar o teu trabalho direito. Esse trabalho, da forma como ele é feito, traz muitos problemas? Por quê?

F- Esse trabalho não, esse trabalho não porque, foi dada duas semanas para elaboração do texto e mais uma semana para apresentação, e a gente se organizou direitinho no grupo, e a gente pegou bem no colégio de manhã, organizou cartaz, tudo direitinho.. eu consegui - era sobre esqueleto humano - eu consegui os ossos, escanear o esqueleto, aí chegou no dia tava tudo certinho aí .E eu consegui tirar 9,5.

R- E os critérios dos professores foram claros nesse tipo de trabalho que envolve todas as disciplinas e todos os professores?

F- Aí não, porque eu tirei 9,5 e se no caso fosse todas as matérias, a minha matéria de matemática deveria ser bem melhor.

R- E não foi considerado, no caso.

F- No caso acho que não porque, se era um 9,5 assim total, era nota de uma prova, e no caso eu tirei 4 em matemática... se eu tirei na prova, nenhuma quase eu tirei menos que 4... e eu não sei como eu tirei 4.

R- E continuas sem saber, tu não foste avisado?

F- Não.

R- Aí é que está! Porque que as pessoas não vão atrás, porque que os alunos, aceitam a falta do professor e não insistem em fazer uma retomada disso? O que explica isso: medo ou respeito?

F- Eu acho que é respeito assim né, porque ele é professor, se ele deu aquela nota, ah, eu não vou perguntar nada né, foi a nota que ele deu...

R- Pois, eu fico preocupada com essa questão da participação. É o que mais me prende ,assim, e o que mais me chamou a atenção. Porque assim ó, como é que algumas disciplinas os alunos têm uma aprovação completa. Em uma disciplina, e em outras, o aluno não mostra competência para ser aprovado? É ou não é? A reprovação é um insucesso em um determinado momento, enquanto que, na maioria das vezes, um aluno quando é reprovado, é em uma disciplina, ou duas.. E aí, ele é competente em outras 10?

F- Eu não sei como é que acontece isso... eu estava pensando sozinho assim no Celso, no caso do Celso, porque o Celso, Porque o Celso ele faz em português assim umas redações ótimas, bah a redação dele, eu acho que ele é um dos

melhores da sala. Só que nas outras matérias eu não entendo que ele tira todas vermelhas. no primeiro trimestre 7 vermelhas e no segundo 5. Eu não entendo, porque em português ele faz redações ótimas e nas outras matérias ele acaba fraquejando assim, tirando vermelho nas outras matérias.

R- E será que ele percebe isso e procura os professores?

F- Não. E no caso assim eu, eu não sou bem em redação e nas outras matérias eu estou meio termo assim, eu tô na média,

R- E aí? Como é que a gente fica com essa história?

R- No final do 3º ano... Quantos anos tu estudaste aqui?

F- Quatro.

R- Quatro anos. Então tu pegaste as duas formas. O que ficou de bom dessa mudança? Valeu a pena essa mudança, a forma de avaliar do início pra agora, valeu a pena?

F- Por um lado valeu a pena, né?

R- Qual lado?

F- Porque o aluno que muitas vezes tem dificuldade e fica quietinho lá bem comportado, ele recebe uma nota mais amena assim, só que o aluno aquele, como eu, eu sou super dinâmico, eu não consigo ficar parado, então aí eu estou na sala de aula e estou conversando, eu paro para prestar atenção assim, eu respeito o professor e eu respeito o colega, só que as minhas notas acabam sendo baixas. Eu acho que é por causa do critério de comportamento, porque nas notas eu não vou mal.

R- E até quando tu vais continuar achando e não tendo certeza. Será que o colégio não falhou aí em não parar para te perguntar, para te questionar?

F- Eu acho que falhou.

R- Ele está fazendo o quê? Que vocês saibam baixar a cabeça... Mas será que o colégio ensinou o aluno a ir atrás e esclarecer suas questões?

F- Não.

R- A avaliação também tem esse papel: o de fazer com que a pessoa tome e tenha iniciativa, e de repente este lado faltou.

F- Até nesse ano teve várias discussões assim, sobre nota né, e está todo mundo brigando que a nota está baixa e um errinho na prova já leva uma discussão aí. Outro dia o Celso já brigou com a professora de matemática, outro dia foi uma colega que estava brigando com uma outra professora. Sempre gerando discussão por causa disso, porque o aluno tenta: "mas ah, como eu tirei essa nota se eu

acertei quase tudo e errei uma lá e tirei essa nota?". Fica meio esquisito assim. Eu não sei do outro jeito que era só a nota, ficava mais claro assim, ah, tu tirava 7 e então contava tudo e dizia:"ah, eu errei isso mesmo, é 7". Não era levado tão em ponto assim o comportamento.

R- Não, eu concordo. Essa opinião tua eu achei importante. Porque a participação também não pode envolver o enfrentamento. Eu acho que isso é uma questão que a gente tem que rever: a forma como essa participação pode ser feita. Eu acho que esta é a falha maior que a gente está tendo.

R- A rigor era isso que nós tínhamos para falar. Obrigada.

## **ENTREVISTA 4 – ALUNO A**

A – Aluno

R- Rosiméri

R- Fique tranqüila, pois tudo que for colocado aqui vai ser usado apenas para analisar a opinião que tu tens sobre a forma de avaliar. Então tudo que tu falares sobre disciplina, nomes de professor, nada disso é colocado, não vai ser nem escrito. Nós vamos agora conversar sobre as tuas impressões sobre a avaliação. E que tu colocas de uma maneira muito clara na tua redação onde questionas muito a avaliação qualitativa tal como ela é escrita: "De que maneira o professor pode conhecer um aluno ao avaliá-lo nesse aspecto?" Pelo menos é o que deixas subentendido nos teus textos. Na tua opinião, como é que o professor poderia fazer a avaliação, como é que ele poderia encaminhar esse processo?

A- Então, eu acho que não pela forma como na maioria é avaliado aqui no colégio assim né. Eu acho que quando a gente sair daqui, a gente não vai ser avaliado por conversar ou por ter um comportamento em sala de aula. A gente vai ser avaliado pelo que a gente sabe e pelo conhecimento que a gente tem na matéria.

R- Mas como é que poderia fazer diferente?

A- Como era antes assim. A gente era avaliado pelas provas, por saber fazer. A questão está ali e tu saber desenvolver. Pra mim isso é o certo.

R- Voltar a levar em consideração apenas o que é escrito, no caso aquilo que é comprovado pelo documento?

A- Porque no vestibular a gente vai ter que mostrar e não se tu conversa ou se tu né...

R- De uma maneira geral, percebes que os professores usam a avaliação para manter o aluno com uma certa postura que lhes é interessante naquele momento? Ou tu achas que os professores usam a avaliação mais para ajudar o aluno a entender aquilo que ele não sabe e poder aí o aluno se encaminhar e tentar rever alguns conceitos?

A- Eu acho que agora, pro professor, está importando mais o comportamento do aluno e não o que ele sabe. Não sei se é pro professor, mas pro colégio eu acho que é assim.

R- No geral?

A- É.

R- E tu achas que a função da avaliação deveria ser qual?

A- Avaliar o aluno pelo que ele sabe, pelo conhecimento, por ele estar se empenhando para conseguir entender o que é a matéria dada.

R- E tu não vê, assim, uma maneira que a avaliação possa ajudar o aluno a rever os erros?

A- Não eu acho até que a avaliação pelo nosso comportamento é certa, sabe, mas não da maioria. São seis pontos que valem o comportamento, eu acho que deveria ser o contrário.

R- Mais o conhecimento?

A- É.

R- Ahn...O que tu achas da participação dos alunos nessa escolha do processo avaliativo? Tem participação de aluno nesse caminho ou não tem?

A- Eu acho que não. Porque só chegaram e disseram que ia ser assim e a gente tem que aceitar, né?

R- Mas sendo a avaliação qualitativa o que é que tu fazes? Consegues compreender se estás sendo responsável e pontual.? O aluno, na maioria das vezes, não consegue nem saber... Tu estás me dizendo que tu não sabes se tu és "A" "F" ou "NA" naqueles objetivos?

A- Sim, porque a gente não tem o contado com a folhinha essa onde ficam os requisitos ali para qualitativo. Talvez seja isso que eu ache errado. Deveria haver uma participação maior, saber onde a gente tá errando pra ver se a gente consegue melhorar.

R- E como é que tu achas que pode ser para colocar em prática essa participação? De que maneira?

A- Eu acho que ao fim do trimestre assim, quando o professor ver que está demais assim, tem que chamar e dizer que: "tu estás com "NA" e tal tem que ver se tu consegue modificar a conduta.." e não há esforço para gente isso.

R- E isso é unânime. Em geral, todas as disciplinas têm essa mesma forma de encaminhar... a maioria delas pelo menos.?

A- É, eu acho que todas elas.

R- E como é que fica o estudante nessa história? Qual é o papel do aluno neste caminho?

A- Eu acho que é de tentar mostrar para o professor o que o professor quer.. eu acho que este é o caminho.

R- Tu concordas com este papel?

A- Não. Eu acho que o estudante deveria estar aqui pra estudar e não para demonstrar para o professor que ele é certinho que ele está interessado. Interessado ele tem que estar sabe, mas não pra ser pontual, coisa que muitas vezes os professores não são né. Pra ficar quieto em sala de aula. Às vezes os professores dão liberdade pra gente não ser completamente quieto em sala, Tem alguns que até que não dão oportunidade nenhuma, assim pra gente né? Por exemplo têm professoras muito rígidas e os alunos têm medo delas.. ela não é que nem a senhora que conversa com a gente... algumas são mais fechadas assim, tu falas alguma coisa e já explodem. Então o aluno tem medo e quer mostrar pro professor o que ele quer ver.

R- Lembras do trabalho do museu?

A- Aham.

R- Esse foi o trabalho mais aberto em todos os aspectos. O professor se manteve mais afastado. O professor surgiu mesmo, talvez, para dar uma dica quando foi procurado. A forma como se encaminhou este trabalho do museu, por exemplo, onde vocês tiveram mais liberdade de elaborar a forma de trabalho e estudar, e sabendo que isso teve uma avaliação grande em todas as disciplinas. Como é que foi essa avaliação, foi difícil também?

A- Pra mim e pro meu grupo foi meio difícil assim sabe. A gente escolheu a matéria de artes para fazer o trabalho. E a professora quase nunca está presente assim. E no dia que era para a gente apresentar ela não veio. E da nossa turma o único grupo que não apresentou foi o nosso. Aí depois no outro dia, na quinta feira, ela chegou e o computador deu problema - e a gente tinha que usar o computador-. Eu acho que a gente foi bastante prejudicada, e ela teve que pegar um período da professora de matemática para a gente poder continuar a apresentação assim. Mas eu particularmente acho bem legal assim essa brecha que a gente tem que é o trabalho do museu.

R- E quais as vantagens desse tipo de trabalho? Por que ele é bom e agradável?

A- Ah, porque descontraí, não fica ali preso só dentro da sala de aula... Eu acho bem legal. A gente pode usar a sala de informática.

R- Se tu puderes escolher uma forma de seres avaliada a partir de agora. Como é que seria esse caminho ideal pra ti?

A- Ah, eu acho que como eu falei assim. Eu seria avaliada mais pelo meu conhecimento... mas eu seria avaliada pelo meu comportamento. Mas eu acho que bem mais pelo que eu sei assim de tal matéria.

R- Certo. A motivação do teu estudo vem de onde? Por que tu estudas?

A- Ah, eu não vou dizer que eu estudo porque eu gosto. Eu estudo porque eu quero ser alguém na vida. Meu sonho é ser veterinária, e para isso eu preciso estudar.

R- Muito. Mas aí, no caso, a avaliação te ajuda e a nota que te atribuem no final, também. Isto te serve de estímulo, ou muito antes pelo contrário... tu és indiferente. Tudo o que queres mesmo é estudar para atingir o teu objetivo final?

A- Não assim, quando eu tiro nota boa assim, eu fico bastante orgulhosa. Porque eu fiz o possível e até mesmo às vezes o impossível para conseguir aquela nota. E não só pra atingir meu objetivo; pra tudo, né? Meu pai assim ele é quem mais incentiva assim. E pra mim ter que estudar é tudo assim né? Senão eu vou ser o quê? A minha mãe estudou até a quinta série e trabalha de faxineira.

R- E então tu colocas a tua motivação como sendo tua. E quando tu vens para cá, os teus sentimentos, as tuas sensações e as tuas emoções são valorizados?

A- Ah, eu acho que algumas vezes sim, Eu acho que alguns professores levam em consideração o que tu sente. Alguns eu acho que pra eles é como se tu fosse só uma pessoa que está ali, e que ela tem a obrigação de estar te ensinando, E não, tem uns professores não assim. O professor Célio ele é teu amigo e se tu precisar contar com ele está ali.

R- Pois é. Veja só. Tu valorizas isso e tu gostas disso. Mas tu também dizes que a avaliação tem que ser por nota e prova. Tu não estás sendo incoerente? Isso é importante, isso faz parte, também o sentimento, também o carinho, também o conselho e também a conversa. Tu não achas que a avaliação também tinha que ter isso?

A- É como eu falei. Não é que tenha que tirar assim. É que o aluno tenha que ser avaliado bem mais pelo conhecimento assim e não pelo comportamento.

R- Talvez o enfoque esteja sendo desproporcional. E me diz uma coisa: Por que, na tua opinião, em química, física e biologia, há tanta reprovação? Por que a avaliação é tão diferente para estas disciplinas? Por que é muito mais fácil física e química terem uma reprovação maior do que, por exemplo, geografia?

A- Eu acho que são matérias mais complicadas, né?

R- Mas por quê? Em que aspecto e em que sentido? O que falta?

A- Eu acho que é a matéria em si, tem que usar muita conta, e muita gente se vê mal assim com matemática né. Eu acho que é isso assim. Até a teoria não é tão difícil assim, uma vez eu lembro que eu falava com a professora de geografia, que eu adorava física, sabe... se não fosse conta eu até faria, cursaria uma faculdade de

física. E pra mim é isso assim. Eu sou horrenda em matemática assim sabe. Eu até estava um dia com o meu namorado, e eu não sei como é que este ano eu estou bem em matemática e mal em física né, sendo que no ano passado eu era boa em física né. Aí ele ficou falando assim: "ah te puxa". Mas eu acho que é a matéria em si que é complicada.

R- O conteúdo?

A- É.

R- A forma de avaliação tu acreditas que seja a mesma independente que seja ciências ou que seja disciplina de conhecimento humano. Não é a avaliação o empecilho, não é a forma do avaliar que cria dificuldade.

A- Ah, eu até não coloco a sua matéria sabe, mas em biologia por exemplo. A gente não é avaliado da forma como a senhora avalia sabe. Porque às vezes ela está ali na sala e é como se não estivesse sabe...Na maioria do tempo ela não está presente. E foi até sobre isso que eu coloquei na minha redação. Que às vezes nós somos avaliados por professores que nem mesmo sabem quem a gente é, e que não está assim, que não se importa ,sabe?

R- Se fosse dado espaço para o aluno falar, se fossem criados esses instrumentos dentro do processo de avaliação, tu achas que esses alunos poderiam aproveitar esse espaço para avaliação e sugestões?

A- Eu acho que não seria tão fácil o aluno expor como é assim expor no papel. A senhora diz assim pros professores?

R- Sim, para os professores. Tentando fazer com que tu também coloques a necessidade de fazer uma avaliação do professor. Quem pode fazer isso melhor? O próprio aluno. Tu achas que se houvesse esse dispositivo, o aluno poderia de fato aproveitar esse espaço?

A- Sim, mas como vocês avaliam a gente, no caso, com a folhinha e tudo, não expondo, assim como eu estou fazendo com a senhora, reclamando por exemplo, assim seria difícil, mas como a gente é avaliada assim. Na qualitativa e depois receber os nossos boletins. Porque a gente tem como avaliar os professores, né, no conselho de classe, mas não me parece assim que seja suficiente porque a gente reclama e não adianta de nada. E a gente, se tira uma nota baixa, tem que ir lá, e se esforçar para melhorar.

R- Esse não adianta nada... por que não adianta? O que vocês, estudantes, alunos, podem fazer para mudar esse quadro? Parece que tem uma acomodação geral: "ah, não dá nada, a gente vai lá e não dá nada...". Mas por que não foram atrás?

A- Ah, é que geralmente os professores não gostam de ser criticados, e depois que eles ficam sabendo eles vêm e querem conversar assim, expor: "por que vocês acham isso de mim?" e a gente não tem como fazer isso sabe e dizer ah "o porque eu estou mal", não tem como sabe. E muitas vezes no próximo conselho a gente não fala exatamente por causa disso...

R- Para não deixar visado, para não insistir com a mesma fala do professor?

A- É.

R- Ah, mas é uma pena, pois vocês acabam perdendo este espaço de fala. Que coisa séria. Mas, assim ó, a única coisa que eu vejo é que vocês apenas recebem a avaliação. Vocês não interagem com a avaliação que vocês mesmos produzem. Tipo, aquela nota que vai ali, ela não é fruto de um trabalho do aluno e do professor. Pelo que tu estás me falando aquela nota expressa o que o professor vê do teu trabalho, mas tu não tens participação direta naquela nota. Claro, tu executaste a tarefa, mas tu não discutiste com ninguém aquele grau. Quando tu recebes uma nota 7 em física, tu vais atrás para saberes por que aquilo não é 6,5 ou por que aquilo não é 8?

A- Não.

R- Não tens o hábito?

A- É, É que muitas vezes não é bem aceito assim né, a gente querer saber por quê. Pelo professor, não é bem aceito.

R- E pelo aluno seria?

A- Se o professor viesse?

R- Ou se o aluno fosse atrás do professor... se houvesse espaço de diálogo entre os dois, se o professor estivesse pré disposto a...

A- Eu acho que se tivesse a oportunidade desde o início, de chegar e falar, seria bem mais fácil pro aluno chegar e falar. Mas não é, então é preferível ficar.

R- Pois é, eu achei que tu irias me colocar de maneira mais clara: "ah, a gente não fala porque na realidade a gente tem medo das conseqüências da nossa crítica. E vai que o professor pegue no meu pé?".

A- Mas eu falei isso com relação a alguns professores.

R- É mais, sabe isso é uma coisa que me chama a atenção, todos os alunos fazem isso: não falam porque têm medo da retaliação.

A- Para mim assim, com quem eu não falaria é com professores, que me passam medo assim.

R- É. Vocês estão no 3º ano e têm toda uma realidade. O que tu acharias de usar como instrumento de avaliação um parecer e não um boletim? Uma descrição do que tu sabes, de como o professor te vê. Tu achas isso válido? Ao invés de tu teres no boletim uma nota 1, 2, 3, 4, teres um texto, um parecer...

A- Não, eu acho que dependendo do professor né, porque aqui no colégio, a gente não pode explicar todos os professores.

R- E como se fosse numa escola ideal? Tu acharias válido?

A- Ah, daí eu acharia válido.

R- Nesta escola ideal, como seria o aluno ideal que entrasse no processo de avaliação? Essa escola maravilhosa com todos os professores sociáveis, amáveis...

A- Ah, daí o aluno seria mais sociável também.

R- E de que maneira tu poderias fazer isso?

A- Ahn, participando, indo atrás, conversando com o professor, e sendo avaliado por ambos os lados pelo comportamento e pelo conhecimento, eu acho que é isso assim né, sora,? Seria mais participativo, se o professor dá abertura, com certeza, né?

R- Dar um retorno?

A- É.

## **ENTREVISTA 5 – ALUNO K**

K- Aluno

R- Rosiméri

R –Bom, eu gostaria de conhecer as tuas impressões sobre um assunto bem pesado - ainda mais no final do ano - que é a avaliação. Tu sabes que a avaliação decide todo um caminho, não é? Ainda mais no 3º ano que decide um caminho de 8 anos... de mais, são 11 anos. Nos teus textos, tu dizes que há questões que são boas nas avaliações, outras que são injustas, que são ruins, têm coisas que são válidas, outras que são injustas e são ruins. O que é válido num processo de avaliação?

K- Eu acho assim: Todo processo é válido, mas eu acho que alguns professores não conseguem colocá-los em prática. tipo, pelo que eu sei, pelo que eu me lembro, por cima, tem que ser participativo, tem que ter presença, o que eu não acho, assim justo, é que demonstre entendimento. Não que não seja justo, mas às vezes a gente não entende a matéria. A gente faz de tudo pra ir bem na prova e tal, pode até ir bem, mas a matéria não entra de jeito nenhum. A gente vai ter sempre dúvidas mesmo indo bem na prova. Então eu acho assim este também é um problema. Outro é que tipo, tem aquela história assim que professor sabe o que o aluno está fazendo em sala de aula. Não é verdade. Tipo, a gente tem eventos, tipo eu não vou ter como não ficar. Tipo a professora de geografia, ela quase não vem a aula. A professora de biologia também. Ela tem os motivos dela, está certo. Só que tipo, como é que ela vai avaliar o aluno? Não tem como. Aí a gente chega e tira uma nota baixa. Tá, por quê? porque a gente foi mal na prova, mas como é que a gente ia ir bem se a gente não teve aula? Tipo a professora de geografia, ela não deu aula,

acho q ela deu umas 3 aulas no trimestre. E ela chegou lá com as médias fechadas, e todo mundo foi bem. Só que realmente é muito mal e foi mal. E aí ela disse que todo mundo ia bem assim que no último trimestre a gente tinha que ir melhor ainda, pra não baixar o rendimento. Então isso é um absurdo. A gente fica feliz com a nota que a gente tirou por ser alta, só que tipo, não é aquela nota que a gente merecia de certo, ou que merecia e a gente não tem como saber. E já a professora de biologia também, a mesma coisa. Ela não dá aula mas ela tem o direito de dizer assim: "Ah mas eu sei quem faz e quem não faz.". Muitas vezes a gente não faz na aula e faz em casa, tem tudo no caderno só que ela não olha no caderno. E isso assim já é tirado do método de avaliação. Então tipo fica meio confuso assim sabe, a gente entender o que realmente é justo e o que não é justo. Sabe, eu tenho várias dúvidas assim sobre o método de avaliação. Mas ah tipo, no mais assim que eu acho são isso.

R- Quando tu recebes a nota de uma disciplina, por exemplo, na ciência, que está entre as mais mal faladas em função de ser as que têm o maior número de reprovação, e geralmente, figuram entre elas, física e química, o que achas?

K- Eu achei que também fosse a matemática...

R- Também tem, mas geralmente estão associadas. Hoje em dia, dificilmente um aluno reprova numa área de um conhecimento só. Raramente acontece isso. Então, essas disciplinas estão ligadas, impreterivelmente. Pergunto para ti, assim: Será que a reprovação nestas disciplinas está vinculada diretamente à forma como é feito esse processo de olhar o aluno. Será que o professor de ciências por lidar com muito número, com muito cálculo, com uma matéria muito precisa, ele esquece de olhar para o aluno no sentido de ver como ele é, de perceber o que ele precisa, de acompanhar o avanço que ele teve, e de se preocupar mais com aquilo que ele consegue comprovar no papel?

K- É. É exatamente isso que eu acho. Eu não sei se foi nessa redação ou se foi na outra, eu sei que numa eu coloquei assim ó: "Que muitas vezes o professor dizia assim: 'Olha, vocês não têm que se concentrar na nota que vocês vão tirar, não é isso que está sendo avaliado. 60% é do qualitativo, então você tem que vir a aula, ser participativo, mostrar entendimento, respeitar o patrimônio, isso e aquilo.' e todos os avisos". Só que aí, tu vai mal numa prova e aí lá vem a tua nota. Tu foste mal. E aí tu vens na aula. Tu participas das aulas. Só que tu foi mal na prova. E aí assim, com certeza tu vai ter uma nota ruim de novo. E aí tu pensas assim: "Como assim não é para me basear totalmente nas notas que eu tiro?" Se eu sou uma boa aluna em aula, se eu faço meus temas, eu tento desenvolver em sala de aula, e eu consigo, só que na hora da prova me dá aquele branco, e eu fui mal. A gente acaba indo mal assim. E é, todo mundo fala assim sabe. Que nem o caso do Marcelo. Não querendo tocar no nome dele mas é impossível. O Marcelo vai muito bem nas provas, mas ele não faz nada nas aulas. Nem caderno ele tem. Só que aí tipo a gente já conversou várias vezes com ele e ele disse: "Ah, eu sei das coisas". Não que eu tenha alguma coisa contra ele mas é que todo mundo fica pensando: "Como é que o Marcelo consegue ir bem nas provas se ele não tem o que consultar?". E aí como é que é que ele vem explicar? Se o qualitativo é o que vale mais...

R- Sei.

K- E aí a gente pergunta pros professores e eles dizem: "Ah mas o meu colega é um caso à parte." e acabou o assunto. Aí agora no último trimestre ele tem decaído bastante nas notas assim. Tira dez em matemática, sei lá, mas ele tem decaído bastante. E eu acho que os professores perceberam assim sabe, porque o qualitativo vale, pra ele não está valendo? E eu acho que isso seria um agravante.

R- Bom, que caminho o professor tem para ser mais justo?

K- Ah eu acho assim ó: os professores que vêm na aula, ele deve prestar mais atenção. Eu sei que é difícil. É um professor pra sei lá 40 alunos sabe. É difícil tu conseguir ver que o aluno lá no canto tá fazendo. Aí assim ó: A senhora está dando aula, e aí daqui a pouco a senhora olha pro fundo assim e tá eu lá conversando. Mas eu tava fazendo um tempo atrás. Aí a senhora vai pensar que eu não estava fazendo. E aí isso vai ficar entendeu, porque não tem como prestar atenção. Aí outro dia a senhora olha eu lá no canto quietinha e pensar que eu estou fazendo, mas eu não estou fazendo. E tem isso assim. É muito difícil sabe prestar a atenção em todos os alunos, eu entendo. Mas eu acho que tinha que prestar mais atenção assim sabe, procurar saber se realmente o aluno foi mal na prova porque não entendeu nada. Procurar saber se ele consegue fazer os exercícios, sabe. Porque tipo assim eu tenho esse problema: eu consigo fazer todos os exercícios, uma maravilha. Aí chega na prova prova de matemática e eu sempre erro uma coisa bem fácil. Agora até que eu tô indo melhor, mas é sempre isso sabe. E aí eu não sei assim o que que a professora avalia assim, mas, eu tento fazer todos os exercícios mesmo para ir bem na prova assim só que eu acho que às vezes isso não é contado.

R- Se tu fosses professora, como é que tu farias?

K- Ah, eu ia mudar tudo.

R- Como?

K- Eu ia fazer assim: Eu ia olhar o caderno, eu ia pedir pra que todos os exercícios fossem feitos em aula, que mostrassem para a professora. E aí não iria ter dúvida, entendeu, se o aluno sabe ou não. Tipo eu ia dar liberdade assim pras criaturas conversarem enquanto estão fazendo os exercícios, isso ia ser outra coisa assim que eu não ia... lógico não tem como dar uma nota maior do que a pessoa faz na prova, mas tipo eu ia tentar entender assim. Às vezes os professores toleram assim um erro porque: "ah o fulano sabe que não era isso". Se ele sabe que era isso como é que ele colocou isso? E outras coisas elas não aceitam assim, é muito complexo pra minha cabeça. E tipo eu ia tentar procurar assim, prestar mais atenção assim, mais a fundo, no que o aluno realmente faz em sala de aula, porque não tem como a gente saber. Eu faço em casa, eu faço na aula. Só que a professora não presta a atenção entendeu. Tipo eu tô fazendo e eu tô conversando. Isso é normal. E eu tenho um sério problema, ou uma qualidade. Eu consigo fazer e conversar ao mesmo tempo. E aí tipo eu consigo ir bem na prova, mas têm pessoas que não conseguem. E isso tem que ser notado também. Só que tipo ah, é isso que eu iria mudar. Eu não acho que seja injusto assim, só acho que está sendo mal utilizado. Só isso.

R- E como é que tu procederias se tivesses que dar uma nota para a participação dos alunos, hoje em dia, dentro do processo de avaliação? Exemplo: a Kal participando da avaliação que ela vai receber no final do trimestre. Que nota tu darias para o desempenho da tua participação? "A", "AF" ou "NA"? Não é a nota da prova. É o teu envolvimento para poder chegar naquela nota final. Tu terás um número lá no final no boletim. Terás uma nota 10.. Qual é a participação da Kal para chegar a 10? É só fazer as provas e deixar o professor corrigir?

K- Não.

R- Ou tem alguma outra participação? O que tu fazes para poder participar...?

K- Eu procuro me mostrar bem interessada. Eu estou sempre perguntando. Eu... Bom, tem aquele negócio de não conversar que eu não consigo, é mais forte do que eu. Ah eu procuro não faltar às aulas assim. Eu tive doente assim bem no começo do ano e toda vez a minha gripe voltava e eu faltei muito. Aí eu comecei a manejar agora. E eu procurei não faltar. Eu procuro fazer todos os trabalhos e entregar tudo em dia. E eu procuro fazer todos os temas porque, se eu não fizer, eu não vou conseguir fazer a prova. Eu estudo muito antes de fazer a prova. Às vezes eu acho que muitas vezes a professora de matemática- tipo que a gente vai muito mais mal na prova de matemática -aí ela chega lá e diz: "Meu deus, mas vocês não estudaram". Aí eu penso assim: "Mas, meu deus, eu fiquei 3 dias antes estudando". E tipo ela não tem como saber. E tipo na prova eu fui mal e ela deve pensar que eu não estudei nada. Mas eu estudei e fui mal. Então tipo eu procuro estudar e fazer tudo o que é pedido. Só que, ao meu ver assim eu faço tudo. Mas eu não sei se ao ver do professor eu estou sendo o que eles querem.

R- Uma atividade bem diferente da sala de aula foi um projeto que vocês fizeram onde o professor praticamente não teve uma participação direta, como: faz isso ou faz aquilo. Foi bem livre a escolha do tema e a forma com que vocês fizeram o trabalho.

K- O do museu?

R- Isso. Como é que tu analisaste a avaliação daquele processo que não teve a supervisão direta do professor? O professor apenas orientou em cima do tema àqueles que solicitaram o auxílio dele, concordas?

K- Ahan.

R- Como é que tu viste a avaliação ali? Foi fácil de fazer? Foi difícil de acontecer?

K- A senhora quer saber como é que a gente fez assim, o meu grupo?

R- Não. Eu quero saber como é que a avaliação aconteceu naquele momento em que o projeto envolvia muitas disciplinas. Tu não sabias direito nem quem era o professor que ia te avaliar. Por isso que o sistema do ano passado foi trocado, e neste ano, tentamos manter as mesmas pessoas. Mas quando o trabalho é feito aberto é mais fácil de avaliar? Vocês encaram com mais facilidade ou dificuldade a avaliação, ou é indiferente?

K- Olha, a senhora pegou um exemplo muito ruim, pois esse trabalho foi uma confusão. A gente escolheu a matéria de artes. A gente fez uma galeria assim... Mas aí ocorreram vários problemas, e o computador não funcionou na hora, e sumiram as fotos, só que aí no final das contas a gente conseguiu tudo certinho. Só que Aí a professora não veio. Aí a professora de Artes veio avaliar a gente. Aí então ela achou melhor que não avaliasse a gente naquele dia, que era a entrega do trabalho. Que deixasse assim pra que a nossa professora mesmo visse. Aí então o dia que a gente conseguiu apresentar, a professora viu. Só ela avaliou. Aí eu acho que ela deve ter passado para os outros professores. E nesse dia a professora de matemática estava presente também, que a gente estava na aula dela. Então as duas professoras viram. Eu não sei assim. Eu acho que justo. Eu tirei "A". Mas tipo, a gente se esforçou muito assim sabe, foi uma loucura muito grande, porque o meu computador deu uma pane. A gente não conseguiu imprimir nada. E aí foi uma correria de pegar a impressora do fulano lá do outro lado. Por umas coisas assim sabe, eu acho que o "A" valeu assim sabe pelo esforço que a gente teve. E Não foi brincadeira. Eu acho que valeu a pena. Mas tipo se eu tirasse uma nota baixa assim, eu acho que teria sido errado porque tava um trabalho muito bom assim, foi bem explicado. Ah, um componente do grupo não estudou muito sabe, mas faz parte. Aí a gente teve que explicar por ele, a gente teve que explicar por ele, mas a gente sabia muito do assunto e foi bem mais fácil. É eu acho que são bem interessantes esses trabalhos assim que envolvem mais pessoas, que tenha um assunto que sai do quadro, da sala de aula. Eu acho bem mais interessante e eu acho que para a avaliação eu acho bem mais fácil de ser feito. O professor está vendo ali que tu fez. Se não fez fica por isso mesmo.

R- Resposta: A avaliação mais fácil de ser feita - existem disciplinas em que é mais fácil fazer a avaliação? Há disciplinas que é mais difícil de fazer a avaliação? Eu pergunto isso porque química e física geralmente são mais difíceis de fazer a avaliação. Por que nessas disciplinas, a avaliação é mais complicada? Por que estas matérias encerram mais reprovações?

K- Ai, eu acho assim sabe, que é por causa desse método assim sabe. Vai nos dá uma prova e não aprendeu nada sabe. Essa é a idéia que eu sinto assim, que eu percebo. Porque se eu vou mal na prova e faço todas as outras coisas eu não tiro uma nota boa no trimestre igual. E eu não entendo assim. Se 60% é do qualitativo, como é que eu vou mal se eu vou bem no qualitativo? Se é que eu vou bem né, porque não tem como tu saber. E a gente procura fazer tudo pra ir bem né. Então eu acho que é por isso que reprova mais. Se bem que química assim eu não sinto um grande problema. Eu até tive um grande desenvolvimento assim de 5 pra 10.

R- Ok. Mas não vamos pensar assim , não só agora no terceiro. No conjunto do ensino médio, por exemplo, em geral no 1º ano, 2º ano e 3º ano do ensino médio, as disciplinas tidas como as mais difíceis são física, química, biologia e matemática. Por que elas são mais difíceis? Por que geralmente o pessoal reprova mais nessas disciplinas?

K- Tirando física assim, química talvez, eu acho que é um acúmulo de matéria de mais. Agora a professora de matemática mudou assim totalmente o jeito que ela faz as provas. Mas antes assim era o capítulo todo, aí tinha uma prova de matemática,

não tem como lembrar. Não tem jeito nenhum assim. A senhora ainda dá as fórmulas assim, pra gente fazer a colinha tudo. É mais fácil. Biologia também assim é mesma coisa. É muito capítulo, e mesmo porque, ela não vai na aula. E então ela chega lá e todo aquele capítulo, todo aquele conteúdo que ela deveria ter dado estando presente, ensinando pra gente, ela tem que dar igual na prova. Aí ela pede pra que a gente leia os capítulos, e não sei que dia vai ter a prova. A gente tem o tempo pra estudar, mas a gente não vai ter o professor ensinando sabe. Ahn, tipo, discutindo dúvidas, coisas desse tipo. Então fica muito mais difícil. A gente foi muito mal assim em biologia tudo, por causa desse motivo. E ela acumulava muito conteúdo assim e ela não entendia assim: "Como é que eu vou dar esse monte de conteúdo se eu não vim na aula, se eu não expliquei a matéria" Então fica por isso.

R- Tu percebes se os professores utilizam a avaliação para motivar o aluno a estudar mais? Não falo da nota do boletim, mas daquela avaliação diária, cotidiana, rotineira... Fica comum fazer isso todo dia e dizer: "Olha, hoje eu não te percebi trabalhando, então, hoje eu percebi que tu entendeste a matéria"?

K- Não.

R- Essa "troca" não acontece nunca, acontece pouco, de vez em quando ou deveria acontecer mais?

K- Olha, o único relato que eu tenho, tipo assim a única pessoa que eu ouvi falando, foi a professora de sociologia, que um dia assim tinha um trabalho pra entregar. E eu entreguei o meu trabalho. E a professora disse assim: "Olha 'K' tu estás muito bem nesse trimestre, tu desenvolveu bastante, continua assim". Eu fiquei super feliz assim sabe. Tive uma empolgação maior de fazer os trabalhos pra ela assim sabe e estou indo bem. Mas nas outras matérias ninguém nunca fala pra ninguém. E não é só pra mim.

R- Por que será que o professor não tem esse hábito?

K- Pois é sabe, é tipo um mistério assim. Pode perguntar pra qualquer um que tu entrevistares. Tu não sabes se tu está indo por um caminho certo sabe. Porque tipo, acho que os únicos professores que colocaram para gente assim, quais são... o que quer dizer cada "A"zinho, foi o de literatura e o de matemática. Então tipo, o que colocaram para nós foi que ah "Não falem, respeitem o colégio, mostrem entendimento, sejam participativos" ou coisas desse tipo. A gente tenta mas a gente não sabe. Tipo ia ser muito melhor eu acho que se os professores chegassem e falassem assim: "Olha, tu não fez nada hoje que eu percebi". Aí tu ia se tocar e pensar: "Ai meu Deus, eu vou ter que parar de fazer isso que eu tava fazendo hoje". Só que é difícil assim sabe, e um mistério se tu tá fazendo do jeito certo.

R-

Por que será que os alunos não cobram isso dos professores?

K- Ah, eu acho que... isso já não sei.

R- Mas tu vêes que essa seria uma boa idéia, não é?

K- Seria uma idéia assim, tipo "Ah professora, a sra. acha que eu tô indo bem?" e tal. Não sei. Porque talvez, porque não tenha assim... Não que seja necessariamente ligado tipo ao professor. Tipo, tu tá vendo que tu não tem abertura assim. Se o professor não coloca, como é que eu vou chegar lá e colocar? Tem alguns professores que eles não aceitam idéias novas. Então a gente não pode chegar e colocar assim: "Ah professor, eu queria saber como é que eu tô indo", não tem como. É bem difícil assim chegar e perguntar.

R- Se tu estivesse numa escola ideal com tudo de bom, como é que seria a participação dos alunos na avaliação? Ou como é que deveria ser essa avaliação nessa escola maravilhosa?

K- Bom, eu acho que ia ter os mesmos requisitos que tem a nossa assim. Ser participativo. Só que é difícil sabe. Tem que ter uma atenção maior para ver o que realmente o aluno faz. Não só em prova assim. Eu acho que é isso que falta.

R- Hoje em dia é difícil conseguir essa participação maior na escola de rede pública real?

K- Eu acho difícil sim. Muitas vezes eles, agora eu percebo que os alunos são bem mais participativos porque está chegando o final do ano. Todo mundo responde... e às vezes não tem nada a ver. Mas eu acho que os professores ficam mais contentes quando é mais participativo. E eu acho que é bem difícil ter alguma participação. Às vezes depende da aula assim. Eu acho que quanto mais o professor se enturma e pergunta assim sabe: "Vocês estão entendendo?". Ai o aluno se coloca mais, do que se chegar lá e passar o conteúdo... Eu acho que é bem melhor assim quando o professor interage. Aí eu acho que o aluno se expõe mais.

R- Então está, é isto aí.

## **ENTREVISTA 6 – ALUNO M**

R- Rosiméri

M- Aluno

R- Eu gostaria de conhecer as tuas impressões sobre a forma como ocorre a avaliação. Especificamente, se tu puderes centrar a atenção nas disciplinas de Ciências por que por longa data, física, química e biologia são tidas como as disciplinas que reprovam em número e em maior quantidade no ensino médio? Não estamos falando só do 3º ano, estamos falando do conjunto, isto é, das 3 séries do Ensino Médio. Nos teus textos, tu colocaste que a avaliação tem que ser baseada no conhecimento que o aluno traz, naquilo que ele constrói. E não em outros aspectos que seriam tão significativos. Eu quero que tu me expliques por que o conhecimento tem prioridade e que outros aspectos que geralmente chamamos de afetivos, teriam papel de menor importância?

M- Bem, seria o quê?. Eu acho que o quantitativo, o que a gente usa né na avaliação, ele tem mais prioridade, mais grau, em termo de pontuação. Porque a pessoa no final, no decorrer da vida, no meio profissional, não vai ser utilizado. Aquelas coisas, como a pontualidade da pessoa, vai ser usado. Mas tipo numa entrevista, na prova em que a pessoa vai concorrer com os outros não vai ser citado isso, e sim conhecimento. Daí tipo pontualidade não conta. Não é que não conta. É que eles dão muita pontuação, muita ênfase né para qualitativa. E pra quantitativa não. A quantitativa que é o conhecimento, o que a pessoa sabe, o que ele aprendeu. Porque muitas pessoas passam sem saber o conhecimento pra ser adquirido naquele ano. E passam por ser um bom aluno, por estar empenhado. Tudo bem, mas ele não atingiu o que seria aprender de verdade a tal matéria. Por isso que eu acho que é o conhecimento que vale. E não a parte qualitativa né.

R- Tu achas que os professores permitem, dão espaço para o aluno mostrar tudo o que sabe? O aluno tem condições de participar e até mesmo de ir em busca de novos conhecimentos ou de uma outra forma de trabalho em sala de aula? O aluno tem esse espaço?

M- Ele até tem se ele quiser. Se ele interferir na aula, e ajudar com seus conhecimentos, claro. Mas o que eu digo não são os conhecimentos da pessoa. É o conhecimento que ele aprende com os professores, né. Sobre aquele ano, naquela matéria. Entendeu, é o que ele aprende. O que eu digo tipo, foi ensinado, ele tipo aprendeu, sabe fazer. Entendeu, tem uns que não aprende e passam daquele semestre pro outro por causa da qualitativa mesmo. Ele trabalhava, ele é esforçado, mas mesmo assim ele não alcançou o objetivo que era aprender. Que eu acho que nós estamos aqui pra isso, pra aprender.

R- Como é que tu encaras a avaliação nesse processo de "estamos aqui para aprender"? Qual é o papel da avaliação do professor dentro desse objetivo maior? Fazer o aluno aprender?

M- Ah, tem dois lados. Tem o lado, tipo que nós temos que aprender, tipo aprender o conhecimento. Pra saber mais fora, tipo pra diferenciar depois dos outros. Mas claro, a gente aprende tudo aqui dentro. A gente aprende matéria como a gente aprende educação, o dia-a-dia né. Nós aprendemos a correr atrás das coisas. Mas eu acho que não sei. O papel mesmo da escola é ensinar matéria, pra gente aumentar o nosso conhecimento.

R- E qual é o papel do aluno nesse caminho?

M- É o aluno realmente tem que se esforçar, correr atrás...

R- Do quê?

M- Da... eu... é que não adianta. Eu utilizo pelo lado da nota.

R- Eu te chamei por isso.

M- Eu sou do lado da nota mesmo. Correr atrás da nota, correr atrás do conhecimento, da cultura mesmo. Não adianta. A gente tem que ir fazer um trabalho em equipe, pesquisar ali, pesquisar aqui. Claro que isso é interesse. Mas como eu

digo eu acho que deram muita nota pro qualitativo sendo que eu acho muito mais importante o quantitativo. Mas claro né, os dois são ligados né, se unem ao mesmo tempo. Pra ti alcançar o quantitativo, tu tem que ter o qualitativo. Eu acho que estão invertidas essas notas. Tipo como aqui é seis e quatro. Tá qualitativo seis e quantitativo quatro, e deveria ser ao contrário, o oposto.

R- Valorizando mais que o outro.

M- Sim.

R- Se pudesses estar em uma escola ideal, como seria a avaliação nessa escola?

M- O método aqui, eu só acho que está invertido. O quantitativo deveria ser seis ou mais até, que fosse, deveria ser um padrão ideal, até porque é média. Porque pelo menos tu alcançaste. Se tu fores nota dez na quantitativa tu é nota sete pelo menos. E as outras claro que contam muito né. Mas deveria ser um plano bem mais baixo.

R-O que entendes por avaliação? É a avaliação que vem no boletim, ou a avaliação é aquela dica diária que o professor te dá. "Ó aluno, hoje tu não foste bem. Ó aluno, parabéns, tu te superaste hoje". Há esse acompanhamento no dia-a-dia?

M- Não, eu levo os dois lados também. Só que como eu digo. A avaliação do dia-a-dia, ela vai ser algo pra mim. Vai ser algo tipo meu conhecimento cultural de vida. Vai ser tipo em benefício próprio, tipo ninguém vai saber disso. E não vão contar lá fora entendeu. E avaliação normal, a avaliação nota, é o que vai ser sentido lá fora, seria o boletim. Ou não também.

R- Como é que tu te vês como aluno participando disso? Tu tens um bom envolvimento no processo de avaliação? Tu te vês engajado na definição da tua avaliação? Tu entendes a tua avaliação?

M- Sim.

R- Quando tu recebes uma nota numa disciplina, tu entendes por que aquela nota é atribuída a ti?

M- Eu entendo porquê, claramente. Eu sei meus pontos fracos, meus pontos fortes, o que eu errei, o que eu errei mais...

R- Tu tens o hábito de ir atrás de professor para pedir esclarecimentos sobre notas ou sobre pareceres?

M- Não, pois eu entendo, eu sei, nunca erraram nota. Sempre foram corretas. E eu sei, bem ciente do que eu errei e do que não errei. Do que faltei e deixei de faltar.

R- E tu consideras, de uma maneira geral, que é dado espaço para o aluno participar...

M- Não... sim claro. Deveria ser mais. Eu acho que assim uma idéia até, cada trimestre o professor deveria falar com o aluno sobre o que ele tem falhas, aonde... uma idéia boa até.

R- Como é que tu vêes o envolvimento do teu professor no teu acompanhamento do dia-a-dia. Há esse interesse? O teu professor acompanha teu trabalho no dia-a-dia? Ou ele, de repente, demonstra isso numa prova final, num momento lá na frente.

M- Nesse momento, como a avaliação mudou né, ele nota tudo né. Tudo é avaliado. Tipo como eu sou uma pessoa que eu vou pro lado da nota mesmo. Tipo fazer exercício, correr atrás, eu sou um cara mais "light" nisso. É mais difícil eu trabalhar nessa área. Mas é por isso que às vezes as minhas notas são mais baixas. Por isso que há um declínio às vezes. É pela minha opinião né, que eu acho errado né. Não concordo com isso aí. Esse método de ensino aí.

R- Vamos analisar um trabalho bem diferente teu, o do museu que é um trabalho bem aberto, várias disciplinas envolvidas. Tu nem sabias quem ia avaliar teu trabalho direito, dependendo da tua área de pesquisa tu não sabias se ia ser X ou Y, não tinhas idéia. Como é que é fazer um trabalho assim? Um trabalho aberto, um trabalho onde o tema é escolhido por ti, os encaminhamentos dos professores são bem gerais de maneira que tu possas te adaptar a esses critérios com facilidade... Como é que tu encaras esse tipo de trabalho e a avaliação que é feita dele?

M- Foi um dos trabalhos que eu mais gostei até. Foi uma coisa tipo o trabalho saiu conforme a nossa pessoa, o nosso estilo né. Porque todos os trabalhos foram feitos conforme o padrão, desta maneira né. O nosso teve bem aquela abertura né, a pessoa ser livre pra dizer o que queria, apresentar da forma que gosta, e eu gostei bastante, tranquilo. Foi uma coisa que ajudou também muitos alunos né porque tipo as pessoas puderam escolher matérias que elas são melhores, aquelas que elas não se davam bem, deixavam de lado, escolheram as outras... e, isso aí.

R- Foi leve?

M- Foi leve também. Não foi tão leve até. Mas foi bem puxado, para ser um trabalho bom, foi uma fera, um trabalho mais amplo até. Foi algo visto com outras pessoas. foi um trabalho bem gostoso por causa da liberdade que o pessoal teve né.

R- Essa liberdade apareceu também na avaliação, isto é, nos critérios de avaliação? Ou foi deixado tão comum como nos outros momentos?

M- Não, achei que a avaliação com eles utilizaram em termo de avaliar o aluno foi conforme os outros.

R- Então foi adequada aquela diversidade, todas aquelas opções que vocês tiveram? Tu não percebeste injustiças com relação àquilo?

M- Não.

R- Tu terias sugestões para um possível novo projeto nesse estilo, onde a avaliação fosse mais adequada, ou que tu pudesses levar em consideração outros fatores?

Claro que tu não vais passar por isso,mas quem vir vai... Algum outro fator que pode também ser cuidado pelo professor, além dos que foram cuidados neste ano?

M- Um trabalho, um projeto assim como foi o museu?

R- Isso, o processo todo de encaminhamento, da metodologia de avaliação... Tu terias alguma sugestão para poder incrementar, melhorar ou aprimorar nesse processo? Alguma sugestão que possa ser feita nesse processo, outro projeto?

M- Ah, eu acho bom como está. De mudança assim não.

R- A nota que tu vais receber agora no final do trimestre... Tu te consideras mais um figurante, ou um digamos assim.. uma marionete, ou o que faz o movimento do boneco? Qual seria o teu papel?

M- O que faz o movimento. Porque a avaliação está toda em cima da pessoa assim, na forma de ela agir, como ela se comporta no período de aula. A marionete seria se fosse pelo quantitativo mesmo, se pelo conhecimento que tu estaria... a nota seria o que o professor te ensinou... ele te ensinou tu aprendeu aquilo. Claro a tua capacidade tá envolvida também mas, não, tá muito mais envolvido contigo também, a própria pessoa.

R- E tu te vês como o ator, agente?

M- Sim.

R- Deixe-me ver mais uma questão. Numa das tuas redações, tu citas o termo exclusão. Que uma pessoa pode ser excluída no processo. Aqui: "O esforço, trabalho e conhecimento transformados em números e símbolos que se classificam em nada mais do que ótimo ou insatisfatório." Aqui não enxergas a avaliação como um processo de exclusão do aluno? Quer dizer que se tu não consegues chegar no ótimo, quer dizer se não és ótimo, tu não pertences àquele grupo. Tu não tens essa fala da avaliação em cima do conteúdo como algo que possa excluir as pessoas de um grupo de opções? Quando avalias o conhecimento que tu podes, quando tu avalias exclusivamente...

Concluindo o trabalho com o 'M'. Quando tu avalias, atribuis à nota um grau, um número. Isso aí não é uma forma de excluir as pessoas? Porque quem não consegue aquele grau, está automaticamente alheio ao processo. Como é que tu vês isso?

M- É como eu disse de novo. A pessoa tem que ter aquele conhecimento, tem que aprender. Porque muitas pessoas saem daqui sem aprender. Eu já conheço várias pessoas que no dia-a-dia acabaram o segundo grau, foram para faculdade, mas não aprenderam o que era para ser aprendido aqui. Eu sou um que não aprendi muitas coisas. Por isso que eu digo que aquele grau tem que ser atingido para fazer diferença.

R- É justo. Sugestões para modificação: trocar, inverter as porcentagens?

M- Sim.

R- E na sala de aula, no dia-a-dia, quais as sugestões a fim de deixar a avaliação mais próxima do aluno? Como seria possível?

M- Eu sempre fui pelo lado da rotina mesmo, como era sempre. Eu fui sempre pelo lado da prova. É, aluno aprende e faz a prova. É testar conhecimentos, não adianta. Claro tem o lado de que, na prova tu não consegues colocar todos os teus conhecimentos. Tem coisas que tu acerta, coisas que tu não sabe. Mas eu não sei. Eu sou pela rotina, pelo antigo mesmo.

R- Muito obrigada.

## **ENTREVISTA 7 – ALUNO G**

R- Rosiméri

G- Aluno

R- Lembro que tudo o que vai ser registrado nessa fita não vai ser usado na escola. Quem vai tomar conhecimento desse material são os meus orientadores. E qualquer nome que venha a ser citado, ele não será transcrito dessa forma. O nome será alterado ou simplesmente omitido. Assim vais responder a algumas questões que ficaram em cima das duas redações que fizeste. Eu gostaria de saber como tu pensas a avaliação do colégio. Consideras-na uma avaliação que permite a participação do aluno?

G- Eu acho que participa muito, tem a participação muito do aluno, porque depende do aluno pra gente ter, tirar uma nota, né. Se o aluno vai bem nas provas, a participação do aluno em aula, tudo vai contando ponto pra gente tirar uma boa nota.

R- Mas a avaliação para ti é só aquela nota? A avaliação seria o resultado que tens no boletim no final do trimestre, ou tu consideras a avaliação também aquele dia-a-dia do professor dizendo: "Ah 'G', hoje gostei. Tu trabalhaste bastante", "'G' tu tens que estudar mais, hoje tu não foste bem"...

G- Considero. Considero todos os dias. Que todos os dias eu tô sendo avaliada no colégio.

R- E tu consideras isso como algo que tu tens participação direta? O teu professor te coloca a par das impressões que ele tem a respeito do teu trabalho?

G- Me considero.

R- Isso acontece?

G- Isso acontece.

R- Como é que tu vês, como aluna, uma avaliação qualitativa? Ela é justa? Estamos falando da avaliação qualitativa como é feita hoje em dia.

G- Eu acho justo professora. Porque se está entregando um trabalho... Eu acho justo porque tudo o que tu faz, tudo que eu faço em sala de aula, em provas, em trabalhos, na minha participação em aula, acho tem que ser contado.

R- Em todos os aspectos?

G- Todos os aspectos.

R- Todos os professores te avaliam, te olham como um todo? Ou tu achas que isso é uma característica dos professores?

G- Eu acho que todos olham como um todo. Todos os professores.

R- Se isso acontece, por que algumas disciplinas registram um índice de reprovação bem maior do que o de outras disciplinas? Por exemplo, a física, química, biologia, sem esquecer a nossa matemática, todas essas disciplinas no geral...

G- ... Por que acontece reprovação...

R- ... Em maior quantidade nessas disciplinas, se os professores olham para o aluno como um todo?

G- Porque eu acho que daí o aluno não ... não fez por merecer, ele não participou em aula, ele não estudou, ele não foi bem nas provas, ele não se dedicou ao máximo pra passar.

R- Mas tu não achas uma incoerência que em geografia, em história, o aluno tenha esforço, e em física e química esse esforço não seja o mesmo? Não é o mesmo aluno?

G- Sim.

R- Por que a diferença de resultados é tão acentuada?

G- Talvez a dificuldade que ele tenha naquela matéria...

R- Por que essa dificuldade surge?

G- Sei lá... Por quê? ... Ai sora, eu não sei.

R- Para pensar um pouco. Se todos os professores têm o cuidado de olhar o aluno como um todo...de avaliar o crescimento... se a pessoa cresce em geografia e história...

G- Por que não crescem em Física....

R- Em matemática, em química...

G- Ué, porque talvez naquela matéria o aluno não... não progride, não é bem, não entende professora.

R- Será que não seria em função de o professor...

G- Não explicar bem...?

R- ... Analisar aquilo que o aluno não progrediu, não avançou ,e tentar recuperá-lo?

G- Também.

R- E isso acontece?

G- Bom, no meu caso não. Não porque eu vou estar sempre atrás. Como aquele dia no gráfico eu fui atrás, mas tem gente que acontece. Tem gente que não. Uma, pelo aluno não ir atrás e procurar ajuda. E outra também porque o aluno, o professor não vai tá lá em cima: "Ai tu fez isso e tá errado isso, isso e isso". Acho que é isso. Não sei se eu respondi certo.

R- Não, não há um certo ou errado, há o que tu pensas. Tu te achas participativa na tua avaliação?

G- Sim. Não sou um aluno: "Oh, nossa, bom né" mas eu procuro me esforçar assim, fazer os trabalhos, ir atrás....

R- Em relação aos teus sentimentos, as tuas sensações, ao teu dia-a-dia... Isso é levado em conta também quando tu estás em sala de aula, e tens que fazer uma certa atividade para um professor? O teu momento de pessoa é valorizado e respeitado nesse espaço de avaliação? Ou só é valorizado aquilo que tu demonstras como produto, como exercício feito, folhinha preenchida, trabalho entregue? Tu achas que o teu lado pessoa é valorizado e respeitado?

G- Não, não muito. Eu acho que não. Eu acho que tem matérias que até sim. Que eu não tô bem hoje e não vou fazer isso né. E têm matérias que o que importa é a folhinha ,o trabalho e a tua nota.

R- E tu achas certo ou errado isso? Tens alguma sugestão a fazer? Como é que.. se tu fosses professora, como é que tu farias a avaliação? Que aspectos tu levarias em conta?

G- Que aspectos?

R- É se tu fosses professora, como é que tu farias a avaliação dos teus alunos?

G- Eu iria fazer assim como ali no colégio. Eu iria avaliar o aluno como um todo né... Iria avaliar as notas, como o aluno é em sala de aula... A mesma avaliação eu ia fazer. Mesma coisa, eu acho que não tem outra.

R- Achas que o caminho que a escola escolheu...

G- Eu acho interessante eu acho bom.. aqueles 4% quantitativo e 6% qualitativo.

R- Este processo teria que melhorar em quê? O que devia ser melhorado? Tu estás no 3º ano, já vivenciaste os dois lados da moeda. Tu participaste do formato antigo e da mudança.. e agora que o processo já está um pouco mais tranqüilo, aceitas a nova forma de avaliação?... Já dá para ter uma aparência legal? Funciona ou não? Terias alguma sugestão a dar para esse modelo de avaliação?

G- Eu acho que seria isso que a senhora colocou do sentimento do aluno. Eu acho que teria que levar mais em conta.

R- Como o professor pode fazer isso e em que aspectos?

G- Se tu não está legal, se tu não tá bem, tá triste, ir conversar, procurar saber mais do aluno, por quê? O que está acontecendo com ele? Por que ele não está indo bem nas provas... essas coisas assim eu acho que teria que mudar mais assim, professor, diálogo assim sabe de sentimento, não só matéria, mas saber se tem algum problema na família, de repente isso atrapalha às vezes.

R- E acontece, comumente, do professor ir atrás do aluno e querer descobrir isso?

G- Não é muito comum.

R- Não. E da parte dos alunos? Os alunos procuram essa aproximação ou são mais reservados?

G- Têm alunos que são mais reservados, mas têm alunos que procuram, procuram o professor, sim.

R- E há um retorno ?

G- Bom, eu nunca fui procurar assim.... Já. Minto. Já procurei. Eu tenho uma professora, professora do colégio, que não é minha professora hoje, que conversa comigo. Teve uns problemas que deu no colégio. E ela me deu uns conselhos, sabe, me abriu a mente sabe, e foi muito legal conversar com ela. Mas têm professores nossos, os meus professores do terceiro ano, que têm pessoas que procuram para conversar.

R- Como é que tem que ser o aluno nesse processo de avaliação? Qual o papel do aluno nesse momento em que o professor o está avaliando?

G- No nosso procedimento de avaliação?

R- Sim. Atualmente, qual é o papel do aluno, dentro da escola, quando ele está sendo avaliado?

G- Bom o aluno ele tem todos os... como eu coloquei na minha redação, eu não lembro direito, mas o aluno tem todas as chances de passar, porque ele está sendo avaliado em todos os aspectos, e ele só tem que se dedicar ao máximo ,sabe? Ele

indo à escola, sendo participativo, fazendo os trabalhos e indo bem nas provas.. não digo indo bem em tudo, mas participando, mostrando que está ali batalhando por aquela nota. Eu acho que não tem porque ele rodar.

R- Se tu fizesses parte de uma escola ideal... Como é que o aluno poderia agir nesta escola, de maneira que deixasse sua participação mais democrática e mais presente na avaliação? Insistindo...uma nova escola, uma outra realidade, uma escola com todos os recursos... De que maneira poderia ser incentivada a participação do aluno na montagem da sua avaliação? Teria como fazer isso?

G- Incentivar o aluno...?

R- Incentivar a participar da sua construção de nota, da sua construção de parecer discutido de resultados.. Teria como o aluno, também, atribuir-se uma nota... Tu achas que isso seria válido em uma nova escola?

G- Eu acho que sim.

R- Como isso seria feito?

G- Ahn. eu não entendi a pergunta assim, ele teria...

R- Se tu pudesses ter uma escola ideal... dos sonhos...Uma avaliação nessa escola não deveria contar com a participação do aluno? De que maneira esse aluno poderia agir dentro dessa nova escola? Teria como fazer isso de forma mais extensa?

G- Sim. Teria porque daí ele teria ter tudo ali. Todos recursos com ele. Eu acho assim que se fosse aquela escola dos sonhos ele teria todos recursos ali. Ele teria fazer pesquisas na internet, trazer várias coisas novas pra escola. Pesquisa, eu acho que pesquisa seria uma boa nota pra ele assim.

R- O que mais?

G- Que mais... Filmes, essas coisas assim. Eu acho que ele poderia usar o máximo...

R- Outros instrumentos...

G- ... outros instrumentos que a escola tem disponível assim.

R- Colocas que atualmente a avaliação seria mais em cima de prova porque o professor não pode fazer de outro jeito. Seria isso? A avaliação ,hoje, é centrada formalmente em prova... porque o professor não teria outros meios para poder fazer essa avaliação. Isso é um fato, concorda comigo?

G- Sim, concordo.

R- E, será que o aluno mesmo nessa realidade de hoje, fora da escola ideal , que não teremos em data próxima...Será que na escola real de hoje, o aluno mesmo sabendo que ele tem que fazer uma prova, que ele tem que ser avaliado como certo,

errado, certo, errado...Será que não tem como o aluno incrementar mais ainda o diálogo ,e também, ajudar o professor a trabalhar?

G- Sim eu acho que tem. Eu acho que o aluno.. as chaves ali. O principal da sala de aula é o aluno e o professor né. Eu acho que um aluno sim teria como ajudar um professor.

R- Isso é feito hoje, o aluno faz isso?

G- Não.

R- Por quê?

G- Porque não existe diálogo, professora. É uma coisa muito corrida.

R- Vamos começar a entrevista agora então. Se não existe diálogo e se ele é a base de ensinar por que o diálogo foi esquecido? Por que é monólogo? Por que é professor falando, aluno ouvindo? E quando o aluno fala, o professor: "Psiu, vira para frente e fica quieto"? Onde está o diálogo, por que ele sumiu?

G- Porque as pessoas de hoje em dia estão muito corridas né. O professor chega ali e quer dar a matéria dele e quer ensinar. E o aluno tem que ouvir e aprender sabe. Eu acho que é uma coisa muito corrida assim. Muito...

R- E funciona desse jeito?

G- Aí que vem a falta de diálogo, o diálogo né que os alunos de repente vão mal naquela matéria, não conseguem progredir porque não.. não consegue falar ou talvez não têm como, não têm como chegar na pessoa, não têm como.. como é que se diz, aquela... não é intimidade...

R- Flexibilidade?

G- É, de falar.

R- Pois é. Dá a impressão de que, na prática, o aluno não aprende muito. Ele usa uma regra e decora uma informação. Ele aplica essa regra e usa aquela informação. Mas será que o conhecimento fica presente? Será que aquilo que viu hoje em matemática e física, vai ser lembrado no ano que vem? Será que esse conteúdo fica definido naquela pessoa? Ou ele é apenas usado naqueles breves momentos em que aquilo ali está sendo falado? Qual é a tua impressão?

G- Eu tenho a impressão de que se tu não perguntar se tu não vai te inteirar lá no assunto, tu não vai passar. Eu acho que não fica bem na cabeça da pessoa. Agora se tu é uma pessoa que tá por dentro do assunto que tu vai te envolver, que tu vai falar, que tu vai perguntar aquilo vai ficar. Agora se passar assim tudo corrido não fica.

R- Então o diálogo ajuda e permite passar o conhecimento?

G- Com certeza.

R- Quanto ao trabalho que foi feito no museu envolvendo todas as disciplinas e tal... Aquele trabalho foi fácil de montar? Foi agradável de ser feito?

G- Foi. Foi agradável, e é uma coisa que fica professora. No meu trabalho eu estudei aquilo que ia ser... que no meu trabalho eu ia apresentar... e ficou na minha cabeça.

R- Por que esse trabalho ficou e as aulas de física, por exemplo, muitas vezes não ficam? Qual é a diferença? Qual é o pulo do gato? Esta proposta foi possível e obteve sucesso.. inclusive foi uma proposta em que o professor não ficou em cima do aluno.. E uma outra proposta fechada, o professor direto, tutela intensa , por que não ficam os resultados?

G- Porque o aluno fica com aquela responsabilidade de apresentar pra turma, pessoas tão te ouvindo e tu tem que entender a matéria porque tu tem que apresentar aquilo porque tu tá sendo avaliado pra aquilo. E na aula de física, não que não fique né professora, mas é diferente. De tu entender a matéria, de tu chegar lá na frente e não fazer feio. Tu tens que apresentar um trabalho e aquilo é um nervosismo porque todo mundo está te olhando. Eu praticamente fico muito nervosa. Muito nervosa mesmo pra falar alguma coisa. E aquilo acaba ficando na cabeça da gente.

R- Uma escola que utilizasse mais esse tipo de evento, como proposta de uma atividade interdisciplinar , proporcionaria um resultado mais positivo para o aluno?

G- Eu acho que sim. Porque o aluno iria aprender muito mais. Ele ia ter muito mais informações.

R- E tu não tiveste receio da avaliação que terias naquele momento?

G- De apresentar trabalho?

R- É.

G- Não. Eu fico nervosa. Particularmente, eu fico nervosa. Mas não fico com nenhum receio.

R- Mesmo sabendo que não era aquele professor que tu esperavas para te avaliar... tu sabias que corrias este risco. De repente, tu ficavas esperando a professora Rosi. E quem iria seria a outra professora de física...

G- Não iria gostar.

R- Sim. Mas será que essas possibilidades interfeririam na tua forma de apresentar?

G- Não, porque eu já sei a matéria, já sei o que eu vou falar, não tem por que eu ter receio nenhum. Está tudo na minha cabeça.

R- Então, na tua opinião, quanto mais o trabalho for amplo e aberto, mais vantagens apresentará?

G- Sim.

R- Seria indicado este tipo de trabalho para alunos do ensino médio? Ou tu achas que o pessoal não teria maturidade? De repente, por tu seres uma aluna de 3º ano, já terias um nível de maturidade já adquirido e construído. Será que esta proposta poderia ter sucesso em outras séries do ensino médio?

G- Eu acho que sim. Eu acho que sim porque tu vai se dedicar. Tu tá ali tu tá estudando, tu tá aprendendo. E tu vai fazer pesquisa e tu vai estudar, tu vai te dedicar. Eu acho que não tem porque eles não conseguirem. Eu acho que tem... eu acho que eles conseguem. A senhora acha que não?

R- Não sei, a entrevistada és tu...

G- Eu acho que sim. Não tem porque não.

R- Chegaste a discutir os resultados da tua apresentação com o professor que te ouviu e que te avaliou, ou tu não tens o hábito de discutir os resultados obtidos?

G- Eu falo assim. Quando eu não me agradei da minha nota eu vou e falo. Mas se eu sei que a minha nota.. se eu tirei uma nota ruim, foi porque.. se eu tenho na minha cabeça que eu tirei uma nota ruim porque eu fui péssima mesmo, aí eu não tenho porque discutir. Agora se eu acho que é injustiça eu vou atrás.

R- E é comum isso ou é uma atitude mais tua do que de todos os teus colegas? O que achas?

G- Eu acho que, não. Os meus colegas também vão atrás assim. Eles vão e quando eles não gostam, eles falam mesmo. E quando é geral com a turma, aí sim, todo mundo vai atrás daquela nota.

R- E isso é bom?

G- É bom.

R- E esta prática é estimulada na escola? De uma maneira geral, a escola dá o espaço para aluno também fazer as suas recomendações? Porque quando um aluno vai atrás das suas questões com um professor, ele também está neste momento avaliando o professor. A escola também dá esse espaço para o aluno também fazer a avaliação do trabalho do professor?

G- Eu acho que não assim. Têm professores e professores. Tem professor que tu chega ali e ele diz que foi isso, isso e isso e tu fica meio assim sabe, meio perdido e tu não tem muito o que falar sabe. Parece que pra ele, ele deu ali.. : "Ah tu tirou a tua nota ruim por isso, por isso e por isso" e tu fica meio que boiando e ele tem razão ou ele não tem razão e tu não consegue brigar por aquilo ali: "Não, mas eu não fui assim. Eu fiz, eu fiz" né.. Têm professores que acontece isso. Têm professores

meus que acontece isso, tu não consegues brigar... não eu não... tem uma colega minha que aconteceu isso com ela, que ela quis discutir a nota dele e o professor foi lá e deu as explicações dele e ela não conseguiu se explicar e ficou aquilo ali.

R- Mas essa atitude é comum?

G- Não, não é comum.

R- Se tu pudesses trabalhar e analisar o processo de avaliação que tu estás sofrendo diariamente, considerarias ele como "A", "AF", ou "NA"?

G- "A". Porque eu gosto desse processo de avaliação.

R- Quais são os aspectos positivos desse processo?

G- Que o aluno ele tem várias chances de passar. Eu acho que esse é o ideal. Ele tem muitas chances. Ele só vai ir ruim no trimestre se ele quiser.

R- E os aspectos negativos?

G- Ah, negativos assim, se ele for bem em todos os trabalhos e provas e se ele não é um aluno participativo, ele falta, ele não consegue se concentrar em aula, mas ele vai bem nas provas e lá na nota final ele não vai bem. Ele tira notas baixas mesmo tirando notas boas nas provas.

R- Arrematando... Se o professor olha o lado cognitivo, o lado de nota e desempenho, também olha o lado do aluno atitude o aluno afetivo... Tu achas que os professores têm condições de avaliar o aluno desta forma tão ampla no tempo que eles ficam com vocês em sala de aula?

G- Não, eu acho que não. E eu sempre tive uma dúvida assim: Será que o professor tem alguma dúvida no sentido de será que o professor lembra de todos os alunos na hora da avaliação?

R- Boa questão...

G- Sabe, eu sempre me pergunto. Será que lá na hora ele vai lembrar que eu sou a aluna X e que naquele certo dia eu fiz aquelas perguntas para ela e ela achou interessante aquelas perguntas que eu fiz? Será que lá nos últimos finalzinhos da avaliação que ela vai fechar a nota?

R- Já tiveste a oportunidade de perguntar sobre essas dúvidas a esses professores?

G- Não, não perguntei.

R- Por quê? Responda com franqueza.

G- Não, porque nunca teve o momento assim sabe, de eu estar com o professor como eu estou com a senhora assim na tua frente e eu perguntar, será que a

senhora lembrou? Ou também não sei se ela vai ser franca comigo e dizer que lembrou e não lembrou? Também isso.

R- Tu não achas que devia ter esse espaço obrigatório na rotina escolar?

G- Tinha com certeza, as coisas iriam ser muito mais fáceis. Sabe os alunos ter aquela oportunidade de chegar e falar como professor... Como aconteceu com uma professora nossa e foi muito bom, ela chegou na sala. Ela falou coisas para alguns alunos e o resto da turma ficou sabendo e foi muito chocante aquilo que ela falou sabe e teve uma oportunidade porque ela chegou na nossa sala de aula e perguntou o que estava acontecendo. E a gente com certeza usou aquele espaço e falou "não professora, foi isso que aconteceu e a gente está triste com a senhora porque a senhora falou e a gente não gostou".

R- É comum isso? Observando as disciplinas de Ciências... Num todo os professores destas disciplinas passam este olhar carinhoso? Não estou falando do 3º ano, mas sim ,dos professores de Ciências desde o primeiro ano.

G- De Ciências?

R- De Ciências. No geral, esses professores de Ciências, observam o lado do aluno, estabelecem diálogos e cuidam da participação? Ou esses professores, devido à área em que eles trabalham, são mais exatos e querem mais é a resposta certa na prova? Tu achas que esses professores lidam também com o lado qualitativo do aluno, ou valorizam mais o quantitativo?

G- Lá do ensino..

R- Lá do ensino médio. Desde o primeiro ano que tu tiveste física, química e biologia...

G- Tudo junto...

R- Não as três disciplinas com professores específicos. Tu tiveste tudo isso no 1º ,no 2º e no 3º ano agora. Neste período todo, os professores de Ciências que tu trabalhaste te deram no final a impressão que eles trabalham com o lado qualitativo ou que eles valorizam mais o lado quantitativo?

G- Não, eu acho que eles trabalharam os dois lados juntos.

R- Então, com certeza, não estaria vinculado a esse fator a elevada reprovação que essas disciplinas apresentam?

G- Como assim?

R- O fato dos professores olharem o lado pessoa do aluno, isso com certeza não iria vincular aos alunos terem uma reprovação maior nas disciplinas de Ciências, já que concordas que física, química, biologia e matemática também, são as disciplinas que mais reprovam...

G- Aham.

R- Achas que isso está vinculado à forma como os professores olham e conversam com os alunos? Ou tu achas que isso é mais conteúdo?

G- Não, eu acho que eles conversam sim, eles olham o aluno como um todo... não é porque é número que ele vai pegar só o resultado final, não eu acho que ele olha sim. Olha porque no meu caso assim teve momentos em que eu vi que eu fui avaliada o meu lado pessoa. Meu lado pessoa eu digo em aula né. Fui avaliada sim. Porque tem muitas vezes que tu não consegues atingir o "AF", tu vai ficar no "NA". Mas eu acho assim, ah não né, o conjunto todo. Como têm professoras que eu penso assim: "pô, será que ela me avaliou o meu lado qualitativo naquele dia, naquele momento, naquela hora?". Tem momentos assim na física, na química, na biologia assim, no geral... já fui avaliada. Eu tenho certeza que já me avaliaram nesse ponto.

R- É isso aí. Fiz várias vezes perguntas parecidas, e tu respondeste com coerência.

## ENTREVISTA 8 – ALUNO E

R- Rosiméri

E- Aluno

R- Vamos conversar sobre as impressões que tens sobre o tema avaliação. Colocaste no texto que procuras te envolver o máximo possível. É que é importante, para existir um vínculo entre o professor e o aluno, que o clima de diálogo deva ser ótimo, permitindo, assim, que todos os assuntos possam ser conversados e trocados de forma harmoniosa. Quero saber se realmente acreditas nisso. Como é para ti o processo de avaliação? E qual é o vínculo dessa tua avaliação com o relacionamento que tu tens com teus professores?

E- Ah, não sei assim, tipo, o que eu escrevi ali na redação eu concordo plenamente assim né, não mudei minha opinião em relação a isso, porque eu acho muito importante assim o diálogo entre o aluno e o professor, eu acho que isso ajuda, ajuda até na compreensão do conteúdo né, do aluno assim, e ah sei lá assim, o processo no geral assim, talvez algumas coisas deveriam mudar mas aí não seria muito em relação ao aluno e professor, tipo tem assim ,mas digamos que é mais entre os alunos, né. Eu acho que existe muita indiferença entre os alunos assim, que às vezes torna o ambiente desarmônico, sei lá, eu acho que os professores notam isso também. Muitas vezes eles tentam falar e acabam entrando em conflito e aí acontece muito disso. De repente é um ponto negativo né.

R- Tu achas que, neste caso, seria maturidade dos alunos no dia-a-dia de sala de aula?

E- É, maturidade que tem entre os alunos. Porque eu por exemplo assim não tenho problemas com os professores. Eu sempre tentei me envolver bem com os professores, sempre tentei me manter, até porque eu acho importante. Mas entre

alunos, entre colegas assim eu acho que é bem difícil assim, tem muita indiferença. E sei lá, maturidade dos outros. Às vezes ocorre uma disputa, não diretamente né, mas ocorre assim. E eu acho muito, sei lá...

R- Consideras que essa maturidade e despreparo dos alunos, talvez não sejam conseqüências da avaliação dos trabalhos que o professor desenvolve?

E- Ah, eu não sei assim sabe, eu penso bem diferente assim da maioria, da maioria assim que eu pude perceber. Porque eu acho assim olha, ai que o professor passa um trabalho e : "Ah, é que é muito difícil". Pô, mas se é difícil, aí é que tá a moral entendeu, aí que está a graça, ser difícil, tu topar um desafio e tu conseguir. Aí muita gente reclama, porque é muito difícil e não sei o que... Só que sei lá, eu penso que se tu não consegue, se tu não topa esses desafios agora, eu acho que assim, no futuro dificilmente tu vai conseguir. Se agora é assim, no futuro passa uma coisa três vezes mais difícil e mais complicada pra ti, e tu não vai querer resolver aí complica né, então sei lá. Os professores fazem a parte deles assim né. Sei lá, na sua aula assim, quando a senhora passa os exercícios bem difíceis assim que a maioria acha, bah eu acho tudo assim sabe, imagina conseguir resolver aquele cálculo, aquela loucura toda, eu acho muito legal. Mas só que a maioria pensa diferente né, acha difícil: "Ai, que isso vai me ajudar futuramente" né. Só que se tu pensa de uma forma, uma coisa mais assim né, não sei a palavra, tu vê que tudo ajuda.

R- Tu achas que a diversidade das disciplinas, por exemplo, associar física com português, biologia com ... Isso não pode ajudar o aluno também a amadurecer neste aspecto?

E- Eu acho que ajuda um monte, até porque eu mudei muito em relação ao meu ponto de vista do ano passado pra cá, por exemplo. Eu mudei um monte, porque tu vê assim que todas as matérias tão ligadas uma a outra. Mesmo tu dizendo que não, que não tem nada a ver, sempre tão ligadas. Então por exemplo se tu sabe física, tu consegue entender a química, por que a química envolve a física, né. E se tu sabe matemática tu vai saber resolver química, Física assim como geografia que envolve cálculo. Tu vai conseguir fazer tudo né. português então nem se fala, se tu sabes, se tu sabe bem português, tu vai bem em todas as outras matérias. Se tu sabes te expressar, tu consegue manter uma relação assim boa. É que eu não sinto assim dificuldade. A única matéria que eu não curto mesmo é português. Porque o resto tudo, sei lá. Pra mim é tão fácil, sabe. história também eu não gosto assim. Mais é... A única matéria assim, que não envolve cálculo, que eu gosto é biologia. O resto não...

R- Já que tens uma facilidade com as disciplinas de Ciências, achas que as disciplinas de física, química e biologia tratam de forma diferenciada a avaliação, ou a forma como o aluno adquire conhecimento na sala?

E- Bah, o que eu posso te dizer? Eu acho que essas matérias assim, eu acho que elas são as que mais assim, não sei, eu acho que parece que dá mais oportunidade são os professores né, mas bah eles fazem 500 trabalhos, e tipo essas são as oportunidades do aluno né, de absorver o conteúdo, uma diversidade de atividades

assim e tal. Eu acho que é mais fácil de se doar. Não sei assim, eu não sei como falar.

R- Tenta.

E- Ai é o que eu tava dizendo assim. É que eu acho facilidade nestas matérias, eu não vejo assim. Por exemplo, a física se tu sabe assim os conteúdos tu aprende direito, tu pode aplicar de qualquer forma. Tu vai fazer um cálculo, existem N maneiras de tu tipo fazer aquele cálculos. Parece que os números e as fórmulas são tudo mágica. Porque se tu não consegue com aquela, aplica essa. E é sempre assim, e essa que é a adrenalina.

R- Então está. Se há tanta adrenalina nas Ciências por que essas disciplinas reprovam a grande maioria dos alunos?

E- Ah, aí eu não sei.

R- Qual é o problema? Por que acontece isso?

E- Acho que o pessoal sei lá assim. Eu não sei. Eu não consigo responder pelos outros ,sabe? Eu não consegui responder essa pergunta porque eu acho fácil as matérias que muita gente acha difícil. E uma das matérias que dizem que é simples de mais, o português ou história, eu detesto, eu não consigo, eu sou burra sabe. É bem ao contrário assim. Eu não sei, eu não consegui responder o porquê. Ah eles ficam... eu acho que é o pânico de ver tanto número, porque a distancia B, a velocidade e a aceleração, ainda tantas coisas assim né, aí eu acho que de repente é o pânico de ver tanto número, tanta fórmula, e não conseguir decorar. Até nem é questão de decorar né. Eu acho que se fixa bem a matéria e o conteúdo... é legal de tu tá assim numa matéria lá na frente e pensar: "bah quanta fórmula junta". Eu acho que talvez seja o pânico talvez.

R- E será que o pânico não vem exatamente no momento da avaliação da prova? Será que não é o fato de a prova ser muito formal, ser um documento que tu tens que fazer sem consulta, ou seguindo alguns critérios e cuidados... Será que não é isso que muitas vezes bloqueia e prejudica o aluno? Será que não teria como o professor fazer uma avaliação diferenciada?

E- Ah, eu não sei. Eu acho ótima a avaliação que é feita assim. Não tem assim. Não acho que seja um problema. Ah, não sei assim como dizer. Tipo, eu acho que o aluno tem que estudar entendeu. Se o aluno não estudar, não adianta, é óbvio que ele vai entrar em pânico na hora da prova, entende. E por exemplo na sala de aula. Todo mundo conversa, todo mundo faz bagunça sempre quando tem explicação, quando tem conteúdo novo. Aí chega na hora da prova todo mundo entra em pânico, estuda 10 minutos antes, cola um monte de fórmula lá, faz a colinha e tal e bah acha que vai tirar um "A" entendeu. Aí depois: "Ah, mas como, não, eu tirei um "AF", tirei um "NA".". Só que não é assim. Tu tem que pegar o embalo desde o início, desde a hora que o professor está ali explicando dizendo o porquê daquilo, o porquê disso, tem que pegar o embalo ali. Aí eu acho que fica muito mais fácil. Eu pelo menos eu faço desse jeito assim. O professor começou a dar o conteúdo alí, tô ligada no porquê disso, no porquê daquilo e tal, e chega na hora da prova e tal e: "Ah, tem

prova hoje! Ah é mesmo" e vou lá e faço sabe, sem problemas assim. Aí eu vejo todo mundo em sala de aula dizendo: "Ah não, tu não explicou isso, tu não explicou aquilo...". É engraçado de ver todo mundo correndo assim. Acho que na real é um certo desinteresse né da turma, dos alunos assim: "Ah, é só ir lá, somar, dividir, aplicar as fórmulas". Só que eu acho que não... Daí gera esse pânico aí.

R- E o que o professor pode fazer para isso ser diferente?

E- Ah, eu não sei assim. Eu acho que tem que vir de cada um. Se conscientizar de que é pra eles mesmo né. Isso na vida de cada um assim, da boa vontade de cada um, tentar mudar isso eu acho que não adianta assim. Ah o professor ir lá e se matar: "Ah, tu nunca ta fazendo isso..." às vezes dá certo né, dependendo. Mas assim aquele dá certo em questão de umas três aulas no máximo, aí depois volta a mesma história. Aí se o professor não se mata pra criar uma coisa totalmente diferente das outras aulas, ele vai sempre continuar naquela coisa monótona de ele ficar passando coisa no quadro explicar e ninguém prestar atenção. Então tem que vir de cada um assim.

R- E se tu fosses professora dessa turma de alunos, como é que farias para motivar esses alunos a mudar de atitude, ou como é que tu farias para poder avaliar o desempenho no trabalho deles?

E- Não sei...

R- Como professora dessa turma, gostando do que tu fazes, como é que tu procederias para motivá-los e envolvê-los nas avaliações, fazendo-os participar mais?

E- Dinâmica. Eu acho que dinâmica é uma das saídas né. De chamar fulano e ciclano e todo mundo começa a interagir né, mas assim, tem que ser com todo mundo, tem que ter uma bela de uma criatividade. Eu teria que fazer isso no caso, né. Eu acho que essa seria uma saída assim. Mas digamos que tudo pelo meu trabalho né, porque eu gosto né do meu trabalho. Porque eu acho assim, como eu falei, tem que vir da vontade de cada um. Não adianta tu ir lá dar aula e explicar e todo mundo aham, e não entendeu porcaria nenhuma. Então essa é uma saída, fazer dinâmica. Fazer tipo um jogo que envolva o conteúdo que está ali, explicando, eu acho que é uma saída.

R- Essa dinâmica poderia dar ao aluno um retorno de como é que está o desempenho dele?

E- É, porque é aí que muitas vezes: "Ai porque eu não sei isso, eu não sei aquilo". Mas aí o professor começa a fazer pergunta ali pergunta aqui e tanto o aluno como o professor começam a dialogar sobre o assunto, aí começa a entrar num questionamento e muitas vezes as pessoas não se dão conta ali do tanto que sabe. Aí então eu acho que essas dinâmicas seriam pra isso.

R- É hábito, nesse período do ensino médio, que os alunos fossem dando pareceres aos alunos durante o trimestre? Normalmente a avaliação vem expressa no boletim. A nota que recebes é aquela e acabou. É comum, os professores indicarem para os

alunos como é que eles estão indo durante o trimestre? Ou simplesmente fazem prova, corrigem e devolvem-na? Ele não faz um relato indicando aconselhamento?

E- Ah, eu acho que agora no ensino médio que isso acontece, sabe? Porque sempre foi assim, entregar o trabalho, se matar fazendo 500 trabalhos, porque sempre foi assim sabe, um monte de trabalho, um monte de trabalho, e prova e deu, sabe? E no ensino médio não assim, eu achei interessante assim que o professor fala né, "Fulano, tu tirou tal nota aqui, tem que dar uma melhorada e tal... procura fazer tal e tal coisa", eu acho bem legal isso. Até pra pessoa se tocar né porque muitas vezes não tá nem aí. Aí talvez quando o professor diz assim na frente de todo mundo, é um susto assim: "Bah, tenho que estudar".

R- Consideras a avaliação que estás agora sofrendo por parte de todos os teus professores como homogênea, ou tu percebes disparidades na forma de seres avaliada?

E- Olha, nesta questão eu já pensei várias vezes nisso, eu acho assim né. Dos 100% que tem, 60% é qualitativo e 40% quantitativo né. Só que eu acho assim olha, que muitas vezes a gente está lá e, eu por exemplo sou uma, tu vai lá estuda um monte e tu faz os negócios tira a tua nota só que por exemplo lá na planilha tem "Ai, bom relacionamento entre alunos". Pô, eu sou uma que não me relaciono com todo mundo da sala de aula. Claro que também eu não fico arranjando encrenca né, mas só que eu não sou obrigada a falar com todos da sala de aula, por mais que faça um tempão que a gente estuda e tal, só que eu não sou obrigada e isso daí também o professor nota: "Ai, fulana não fala com tal" e isso aí pode aparecer um "AF" na planilha e eu acho isso aí eu acho muito... é como se estivessem forçando a gente a falar com pessoas que na verdade não tem como tu dialogar, sabe. Então eu acho isso errado. Até também outra história, às vezes o aluno vai mal e não tá nem aí durante o trimestre inteiro mas ele é comportadinho. Ele mostra disponibilidade pra fazer as coisas. Mas quem está ali e às vezes não faz porcaria nenhuma e vê tirou uma nota mais que mim, eu acho meio injusto sabe. Acho que meio que nesse processo aí de avaliação, essa parte de qualitativo e quantitativo eu acho que é meio forçado demais. E... sei lá, eu acho que a nota que tu tem na prova ali, o que tu faz, eu acho que mostra ali o teu conhecimento, o que tu está absorvendo pra ti mesmo. Já aí ter um peso maior o teu comportamento eu acho que não tem nada a ver assim. Claro que isso é pro teu futuro, ter de ser uma pessoa disciplinada e tal, mas e o conhecimento que tu vai adquirir? Muitas vezes tem gente que passa de ano mas não tem o conhecimento bom assim, como deveria de ter para ter adquirido aquela nota ali sabe. Aí o professor diz assim: "Não, porque não é a nota que vai ajudar vocês em alguma coisa, é como vocês são e tal". Isso é verdade assim só que em questão de conhecimento é meio desfavorável assim essa avaliação. Não gosto dela. Não gosto porque eu já me prejudiquei um monte assim por causa desse tipo de avaliação.

R- Me diz uma coisa. Naquele momento que a gente fez aquele projeto envolvendo o museu da PUC, lembra? Foi um trabalho bem interdisciplinar, todas as disciplinas estavam envolvidas nesta proposta. Eu me lembro que o trabalho de vocês causou um frisson em todo o colégio e causou um impacto muito grande... Como é que tu vê o processo de avaliação desse projeto, nesse dia?

E- Ah, eu achei super natural assim, eu não fiquei nervosa. Nem eu nem os guris. A gente não ficou nervoso porque a gente tava preparado, foi toda uma preparação, todo um processo, a gente pensou em várias, várias coisas assim sabe: "Vamos apresentar pra arrasar". A gente ficou 3 horas apresentando, numa única apresentação foram 3 horas. Foi muito bom assim, gostei, foi o melhor trabalho que eu já apresentei. E foi diferente sabe, porque ninguém estudou nada, porque a gente resolveu fazer assim com o que a gente sabia. E foi sobre religião né. E o 'M' domina religião afro-brasileira, eu a católica, o 'A' a espírita e o 'R' a Evangélica, e então ta, deu. A gente começou a falar, começou a chegar gente. E tinha gente que tava apavorada ali ouvindo assim, principalmente na parte do Marcos assim: "Ah, que horror". E bah foi muito bom assim. Só teve um professor que nos avaliou, que foi de sociologia né, e ela fez uma crítica muito ridícula assim, que ela disse assim que a gente abriu muito espaço pra uma só religião. Só que a religião afro-brasileira é a que desperta mais curiosidade nas pessoas né. Então começaram a fazer perguntas e queriam saber mais e mais coisa, o nome do santo aqui, e a gente trouxe um monte de material, montou ali um... e trouxemos um monte de roupa das religiões assim, bíblia, tudo o que a gente conseguiu pegar a gente trouxe. E eu acho que a professora foi meio estúpida assim sabe. Porque ela chegou no final do trabalho e disse: "Ah, eu não gostei" eu achei muito grosseria da parte dela, ela meio que discriminou na hora. Acho que foi por isso que ela deu um "AF", a gente tirou "A" mas só que num dos requisitos que tinha ali a gente tirou "AF". Por causa disso que eu te disse assim, que ela acha que a gente se focou muito em uma religião só. Só que na hora da apresentação ela começou meio que criticar, discriminar, e eu acho que ficou meio chato sabe, mas no mais foi bom assim.

R- E me diz... Um trabalho com 3 horas de duração causa menos estresse do que uma prova?

E- Ah, não sei. Não sei assim porque a gente tava... até na hora em que a gente foi preparar o trabalho assim a gente não tava estressado nem nada, a gente estava super tranquilo.

R- Exatamente qual é a diferença?

E- Não sei... É o pânico das pessoas, vendo que eles não entendem e na hora não sabem e eles sabem que não vão conseguir fazer como deveriam de fazer e então entram em pânico. Já se é um trabalho assim, no caso do meu grupo, a gente tava super calmo. Mas eu vi assim, teve uma coisa que eu vi, que nos outros grupos tinha muita gente nervosa. E tinindo com os papéis na mão assim. Eu acho que eles deixaram para última hora assim, e estavam lendo e aí na hora eles deixaram o papelzinho tinir... Em vários grupos eu vi, e olhavam para aquele papelzinho... Mas tipo, no caso deles eu acho que não foi muito diferente de entrar em pânico em uma prova né.

R- Tu consideras válida esta proposta que envolve várias disciplinas?

E- Ah, eu acho legal, porque dá pra usar bastante a criatividade.

R- Vocês usam pouco a criatividade na aula?

E- Ah, eu não sei, porque, eu ali, eu não sei se a senhora já percebeu, mas é eu e os guris. É eu o Marcos e o Alex. A gente não está nem aí para o resto da turma. A gente está ali, eu explico pros guris as matérias, a gente faz os trabalhos juntos, se eles não estudam eles: "Ah tah não estudei, porque que eu vou estar entrando em pânico agora". Eles só ficam meio nervosos no fim quando eles estudam e não conseguem fazer alguma coisa na prova sabe. Só aí, a gente conversa e tal, aí eu ajudo eles. Não sei, mas a visão geral que eu tenho é que o pessoal eles tão meio, não tão nem aí e na "hora do vamos ver" eles se apavoram e tentam inventar desculpa, ou qualquer coisa. Essa é a minha visão.

R- É parte do caminho do aluno... Estamos no fim. E eu te pergunto, como é que nós poderíamos facilitar ou estimular a participação do aluno na avaliação? Como é que tu poderias estimular a participação do aluno no processo de avaliação, no momento do fechamento da nota, isto é, no processo de avaliação e não da prova? Já que a avaliação na verdade é uma nota, uma menção que tu conheces no final do trimestre, o que nós, professores, podemos fazer para aumentar a participação do aluno na definição dessa nota? Por que, a rigor, agora quem define essa nota é o professor? Teria como o aluno participar mais nessa definição da nota?

E- Mas foi o que eu disse assim ó. Eu não sei responder isso. Eu acho que tem que vir de cada um. Não adianta. Não adianta o professor ir lá e fazer um monte de coisa. Que tem muita gente que não presta atenção e fica rindo da cara do professor, dizendo "Ai que idiota.". Não sei como responder isso. Acho que tem que vir de cada um. O professor faz a sua parte, às vezes faz até demais e muita gente não dá valor pra isso. Aí vem aquela questão sabe, se eu fosse professora e eu gostasse muito da profissão, o que eu iria fazer. Só que eu disse, eu iria tentar mas, a vontade teria que vim dele.

R- Não tem como trabalhar sozinha.

E- É.

R- Então está! É isso aí!

## **ENTREVISTA 9 – ALUNO G**

R- Rosiméri

G- Aluno

R- Eu gostaria de esclarecer algumas impressões tuas sobre o tema que é a avaliação. Como é que tu pensas o processo de avaliação? O problema que eu trago para ti é o seguinte: As disciplinas de Ciências, química, física e biologia são aquelas que comumente mais reprovam o aluno, por quê?

G- ...

R- Fala mais alto que eu tenho que gravar... Por que acontece isso? Física, química são disciplinas que junto com matemática reprovam ,e muito. Por que isso

acontece? Na tua opinião... Não precisa olhar... Por que tu achas que essas disciplinas reprovam tantos alunos? Por que há colegas teus que não conseguem entender, que reclamam muito, geralmente, dessas matérias? O que falta para eles? Vamos falar de ti. Lembra do projeto no museu? Como é que foi o trabalho que vocês fizeram? Sobre o que era?

G- Foi sobre religião.

R- Ah, tu também estavas no grupo da 'E'? Tu gostaste do trabalho? Por quê? O que chamou atenção no trabalho? Qual era a religião que tu defendias?

G- A evangélica.

R- Por que este trabalho causou tanto impacto? Eu me lembro que vocês ficaram umas 3 horas...

G- Eu não sei... eu...

R- Foi mais ou menos isso? Por que causou tanto impacto o trabalho de vocês? Foi mais difícil fazer este projeto ou é mais difícil fazer uma prova? O que tu achas?

G- Não dá pra voltar a fita?

R- Não precisa. O que vai acontecer? Eu só vou transcrever as tuas opiniões em função do que tu escreveste na redação. Vou te contar o que eu estou estudando. Eu investigo de que maneira o professor pode ajudar os alunos a participarem mais da avaliação. Por que atualmente o que o aluno faz? Prova. Cabe ao aluno fazer a prova, cabe ao professor o quê? Corrigir a prova e no final do trimestre, temos uma nota. É isso, não é? Será que não dá para mudar esse quadro? Será que não tem uma maneira de fazer o aluno participar da sua avaliação? Além do mero papel de escrever e passar a limpo seus trabalhos. Tu que és aluno, um bom aluno, por sinal. O que tu achas? Da mesma maneira que tu vêes os teus colegas admirarem as tuas boas notas, tu também vêes teus colegas com notas muito baixas... por que existem essas diferenças?

G- Porque o problema é que muitas vezes os alunos não conseguem estabelecer né, uma relação com o que eles aprenderam antes sobre esta matéria, com o que está aprendendo agora assim. Colocar o que aprenderam antes com o que está aprendendo atualmente. Aí tu percebes que o que tu tá aprendendo atualmente, tudo é novo assim, não utiliza o que aprendeu antes.

R- Mas aí é que está. Será que não é o jeito do professor perguntar? O que achas?

G- ... Eu cheguei aqui, eu estudava lá num outro colégio, até a 6a série.

R- Onde é que tu estudaste?

G- No Celina.

R- Lá em cima.

G- Eu cheguei até a 7ª série. E eu me lembro que no começo assim eu tinha muita dificuldade de aprender as matérias, na 7ª e na 8ª.

R- Mas nunca foste reprovado?

G- Não, mas eu quase rodei, fiquei sempre na risca assim para rodar. No segundo ano que eu comecei a ir bem, tirei um 9 até.

R- Eu me lembro de ti como um excelente aluno já no 1º ano.

G- ... Eu me lembro que quando eu cheguei aqui, na 7ª série, a matéria que eu via lá no Celina era completamente diferente da que eu comecei a ver na 7ª série. No Celina, por exemplo, história era só via história do Brasil, matemática, matemática vai umas equações ali do primeiro grau. Ciências era animais assim. E geografia só era geografia assim do Brasil assim. Não via muita coisa assim do mundo. Quando eu cheguei aqui na 7ª série era diferente assim as matérias. Em matemática era Conjuntos, em história era história geral, lá no Absolutismo lá. Ciências a gente começou a ver a parte humana, e eu me atrapalhei tudo assim. Português também, aqui era, a professora ficava colocando ordem pra escrever assim e eu me atrapalhava tudo... Daí não tinha como, que eu não ouvia... acho que na 7ª série era uma continuação do que tinha visto na 6ª, que era assunto de história mundial que eu não tinha essa base. Era diferente.

R- Mas será que o professor não tinha que ter percebido isso? Já no ensino médio foi teu momento alto.

G- Na verdade no ensino médio foi uma revisão de tudo. Ele começou desde o início. Tipo química, física, são matérias que não tinha tido antes. E foi pegando do início da matéria. Eu fui tendo base assim. matemática já... Na 7ª e na 8ª eu já comecei aprendendo umas coisinhas e tendo como base no ensino médio, já fui me acostumando.

R- Tu encontraste o teu caminho e deste a volta por cima Mas a maioria dos teus colegas não tem essa facilidade. Tu encontraste um jeitinho de organizar a vida, de estudar, buscar o conhecimento... E os teus colegas, por que será que muitos não conseguem? O que tu achas que está faltando? Está faltando alguma coisa? Será que é pela matéria? Será que é pelo jeito de se fazer a prova? A tua opinião. Eu quero a tua opinião

G- Eu creio que...

R- Vou te dar um exemplo: Quantas turmas tinham na 7ª quando tu entraste? Lembras?

G- Acho que umas três. Por aí.

R- Quantos 3ºs anos têm?

G- Um.

R- Onde está o resto do pessoal?

G- Acho que muitas pessoas assim, têm uns colegas assim, que não consegue sair, porque eu acho que ... não sei se eles dominaram bem as matérias anteriores para poderem seguir em frente...

R- E vão desistindo aos pouquinhos...

G- É, e vão tendo dúvida, e não vão esclarecendo essas dúvidas e vão aumentando e não foi dominando bem as matérias anteriores e nem isso e vão desistindo assim.

R- E quando as disciplinas são integradas, como foi no projeto?

G- Acho que daí eles falaram o que sabiam né, eles já sabiam cada um sobre a sua religião já sabiam como é que é. E é fácil de falar.

R- E a avaliação que vocês tiveram foi justa? Foi criteriosa? A forma com que estas avaliações foram feitas neste projeto foi tranquila?

G- Foi.

R- No caso vocês tiveram a avaliação de vários professores. De uma maneira geral os professores trabalharam de maneira uniforme e padronizada? O fato de ter várias disciplinas não atrapalha o aluno?

G- ...

R- É. Física, química, biologia, todas essas disciplinas separadas atrapalham ou ajudam? Por quê?

G- Isso ajuda daí, ter uma disciplina que depende um pouco da outra pra entender, no caso...

R- Física e matemática são duas...

G- Física e matemática, literatura e português, história...

R- E isso é um aspecto positivo na tua opinião?

G- É.

R- Esse vínculo que existe entre elas?

G- É.

R- Uma perguntinha mais, e te libero. Deves dar a tua opinião. Como é que fazes para descobrir o porquê daquele "NA" ou "AF" em uma disciplina? Tu tens o hábito de perguntar?

G- Do boletim?

R- É. Nota, da tua nota. Tu recebeste a prova e tiraste "NA". Tu tens o hábito de ir atrás do professor, a fim de perguntar para ele por que isso ocorreu?

G- As coisas que eu erro assim, que eu vejo ali na hora porque que eu errei aí eu já sei por que eu errei. Se eu não sei eu pergunto o que está errado ali.

R- Existem colegas teus que evitam essa pergunta? Ou tu achas que todos insistem e procuram o diálogo?

G- É eu acho que nem todos...

R- Por que será? Por que eles não vão atrás. Afinal de contas é a vida escolar deles, por que eles não vão atrás? Na tua opinião, por quê?

G- Tem gente que pergunta assim, o que está errado...

R- É comum o pessoal participar e perguntar?

G- Acho que é.

R- E tu consideras isso válido? Dá para melhorar isso? Se tu me disseres que sim, eu vou te perguntar como. Se tu disseres que não, eu vou te perguntar o porquê. Pergunto para ti o seguinte : dá para melhorar a participação do aluno na escola, na sala de aula e na avaliação? Tem como o professor incentivar na sala de aula dele a participação dos alunos? Ou tu achas difícil dizer um caminho? Se tu pudesses, gostarias de interferir mais na formação das tuas notas? Há gente que acha que é mais fácil chegar lá como boletim pronto. É "A" tudo bem é "NA", ah tudo bem também. Tu achas que isso é certo?

G- Eu acho que se os caras perguntassem mais o porquê assim... que muitas vezes eles só copiam o que tá lá no quadro assim, eles só copiam, só é montar a fórmula e copiar. Mas eles não sabem o porquê que é assim. Eu acho que se eles perguntassem assim o porquê que o conteúdo é desse jeito...

R- Tu achas que esse seria outro caminho, a forma mais adequada?

G- É. E descobrir mais como é que é a lógica do conteúdo.

R- Isso eu acho que é a falta de hábito. O aluno hoje em dia tem esse hábito?

G- É, perguntarem mais, né?

R- Obrigada.

## **ENTREVISTA 10 – ALUNO A**

R- Rosiméri

A- Aluno

R- Podes ficar à vontade. Esse material não vai ser mostrado para os professores aqui da escola, mas eu prefiro que tu não menciones, se possível, disciplinas ou nomes. Nós vamos conversar preferencialmente sobre as disciplinas de Ciências. E não só sobre as daqui do 3º ano médio, mas das disciplinas de Ciências ao longo da tua vida escolar, na realidade da quinta série até agora. Tu fizeste um texto comentando aspectos sobre a avaliação. E baseada nele, eu tenho algumas questões. Por exemplo: O fato de que há três disciplinas envolvendo as Ciências, isso é algo que ajuda ou atrapalha o aluno na hora em que ele vai construir seu conhecimento?

A- Eu acho que todas as disciplinas são válidas. A gente sempre tira alguma coisa boa de tudo o que a gente aprende. Eu acho que essas de ciências assim, voltadas mais pra natureza, acabam assim nos dando uma consciência de que devemos cuidar, preservar, e as pessoas por mais que não prestem atenção, elas sempre guardam alguma coisa. A gente sempre quando vai fazer alguma coisa errada assim com relação à natureza, sempre pensa duas vezes antes de ir fazer, pensa no que foi dito, no porquê que vai fazer aquilo. Então eu acho que todas as disciplinas, não só as ciências, todas são válidas. Sempre a gente tira alguma coisa de bom.

R- Na tua opinião, Ciências é uma área de conhecimento que desperta curiosidade e interesse das pessoas?

A- Eu acredito que sim, eu acho que mesmo a pessoa que não goste acha alguma coisa na Ciência que vai chamar a atenção e que vai prestar mais atenção. Ainda mais se tiver um professor que saiba interagir, mostrar de maneira diferente a Ciência vai com certeza chamar a atenção e despertar o interesse do aluno, pra querer fazer mais, até aquele desatento, começa a falar de alguma coisa assim do nosso dia-a-dia principalmente, coloca a Ciência, o dia-a-dia e alguma coisa que nós praticamos no dia-a-dia, na aula, e ai acaba chamando mais atenção.

R- Eu concordo contigo porque eu sou professora dessa área. Mas já que é uma das áreas que desperta interesse e atenção por que ela também é uma daquelas que reprovam mais o aluno?

A- Eu acho assim que como nós conversamos em aula, mais as exatas. É que no caso assim, na aula de física, química por exemplo tem ahn cálculo. E nós no geral já viemos com aquela deficiência que vários professores comentam... que nós aprendemos desde a quinta série, da quarta... eu falo da quinta porque é a quinta série que tem mesmo aquela coisa de ensinar pra depois usar. A gente acaba pegando umas coisas com deficiência. A gente aprende no momento e não consegue guardar aquilo. Eu acredito que não seja falta de interesse do professor ou que o professor não tenha vontade de explicar. Eu acho que vai muito da pessoa, de estudar por estudar, estudou e passou na prova e deu... eu acho que a gente se prende muito na nota. Eu acho que a nota é que vai me passar, eu acho que eu tenho que fazer de tudo pra tirar aquela nota. E não é bem isso, eu acho que se tu entender, somente assim. Eu tenho mais facilidade em aprender a teoria, eu não..

eu até vou bem em Matemática, as exatas, só que eu prefiro as humanas assim, eu gosto de ler textos, não gosto de ler livros, eu gosto de pegar um texto assim eu consigo sintetizar, e eu acho que isso pra mim é melhor, eu tenho mais facilidade de guardar isso do que números. Se eu for pegar alguma coisa lá da quinta, sexta série, eu não lembro muita coisa. Já do ano passado, matemática, cálculos, a professora teve que explicar tudo de novo assim. Ela tá dando matéria nova e ela tá revendo algumas coisas dentro da matéria que vem englobado de lá. Então ela tem sempre que revisar. Todos os professores das Ciências têm que revisar as coisas de matemática que foram dadas na 5ª e 6ª série. E eu acho que isso acaba complicando também bastante.

R- É a mesma coisa que me disseste antes. Será que os professores não deveriam ver isso na forma de avaliar? Será que o professor de Ciências esquece o que ele está trabalhando? Uma coisa é o conhecimento científico, outra coisa é o conhecimento matemático. Será que os professores de Ciências fazem uma avaliação justa e adequada à situação?

A- A senhora diz que acha que têm alguns professores que avaliam: "Ai não conhece matemática, não conhece a minha matéria"?

R- É. Não sei se tu preferes assim, achas a avaliação adequada?

A- Eu acho que os professores, os nossos assim, não avaliam desse jeito. "Não sabe matemática, não sabe minha matéria". Eu acho que não. Eu acho muito boa a avaliação do colégio, de avaliar se o aluno faz os exercícios, se conseguiu, se desempenhou. Claro que nem todos os professores vão fazer assim, sempre tem uma exceção à regra. Só que a maioria faz e isso ajuda um monte. A gente consegue demonstrar... muitas vezes a gente não vai bem na prova, mas em aula, a gente pergunta, eu acho que o professor percebe muita gente perguntando: "Ah mas professor como é que é isso? Ah é assim, mas eu não sei fazer tal regra..." Eu peguei muita coisa assim de potência por exemplo, que eu não lembrava, se fosse pegar no início do ano agora, no vestibular, se fosse só potência, eu não saberia. Agora exercícios por exemplo de física que nós fazemos, que voltam nessas matérias acabam fazendo a gente lembrar e isso ajuda muito porque agora eu acredito que eu saiba bem mais, lembre bem mais de potência do que antes. Então são boas essas matérias trazerem esse conhecimento de volta, porque fazem com que a gente lembre por mais tempo, e guarde mais, e muitas pessoas acabam, tá esquecem, e quando começam a re-estudar, eles começam lembrar de volta daquilo e isso é bom, eu acho legal essa leitura de matérias e tal. Apesar de que muitas pessoas têm dificuldade. Mas é legal.

R- Tu não achas que os professores usam a avaliação como uma forma de manter o aluno sobre o centro de controle, isto é, uma maneira de tutelar o aluno? Ou não, a avaliação é feita para auxiliar o aluno, para orientar a construção do conhecimento dele durante aquele período em que ele está na escola?

A- Eu acho que a avaliação, sempre tem que haver avaliação. Independente de ter prova ou trabalho, eu acho que prova deve sempre acontecer. Tem gente que: "Não prova não, não quero prova". Mas eu acho que tem que ter trabalho, mas tem que ter a avaliação porque, quem nunca copiou o trabalho de alguém? sempre. E quem

nunca deu o trabalho para uma pessoa copiar, sempre acontece. Então a gente nunca vai ter certeza se o aluno aprendeu ou não, mesmo aquele aluno que faz as coisas em aula, até esse copia. Quem foi aluno sabe que até esse copia dos outros, ou independente. Então a gente só vê como realmente a maioria dos professores fazem aqui, com avaliações, com provas em aula, mesmo que seja em dupla. Até isso tu percebes as dificuldades, qual sabe um pouco mais, qual sabe um pouco menos, por que eles vão questionar na hora. Aquele que tem dificuldade em aula, e que na hora da prova não pergunta nada, é porque com certeza sentou com alguém que sabe e que vai fazer toda a prova sozinho. Então eu acho que o aluno consegue perceber isso sozinho, e isso é muito bom.

R- Tem como o aluno participar mais no processo de avaliação dele? Tem como o aluno interferir na forma como ele é avaliado naquela tomada de decisão para chegar à menção daquela nota?

A- Eu acho que não, eu acho que, falando daqui da avaliação aqui da escola, eu acho que não tem como ser melhor como dar mais oportunidade. Eu acho que a gente tem professores maravilhosos aqui que dão todas as oportunidades que podem e que a gente merece. Eu acho que se derem mais oportunidades vai ficar muito fácil, muito dado assim. Vai ficar muito dada a nota. Vai ficar muito fácil de alcançar. Tem que ter um pouco de dificuldade, mesmo que tu não consigas, que tire uma nota baixa, eu acho que tem que ter a prova tem que ter essa avaliação em aula, pra que faça... com certeza, quem não pegar um livro e olhar, não vai conseguir tirar uma nota boa. Tudo bem que a pessoa pode estudar e não tirar uma nota muito boa, mas pelo menos tu vai perceber assim -eu acredito que a professora perceba na hora da prova- quem estudou e quem não estudou. Eu acho que tem que ter a prova.

R- Eu acho que isso é um fator que motiva o aluno a passar.

A- É a maioria assim. É que têm alguns que realmente não querem nada com nada e que mesmo que tiver prova ou não tiver prova eles não vão estudar. Vão pegar o trabalho de outro e tal. Eu acho que o que realmente motiva é por exemplo assim: vou dar o exemplo da aula de física. Eu gosto porque, porque eu vejo que eu na sexta feira tô tri cansada, chego em casa às seis e meia e chego aqui às sete. É o pior dia da semana, morrendo de sono, mas eu páro e penso assim: puxa vida, a professora é muito energética assim, tem uma energia né, fabulosa assim. E eu, puxa vida, se a professora tá assim, tenho que dar um né. E a gente comenta isso que como ha professores e professores. Tem professores que chegam aqui: "ai..."... tem professores que não conseguem passar pra gente tanto quanto eles sabem, tanto quanto eles poderiam passar, a gente não consegue sugar deles tanto. Agora tem professores que chegam aqui, que mesmo a gente tando cansado, sabe a gente trabalhar, que a gente consegue tirar bastante coisa, bastante proveito né, por mais cansados que todos estejam. Eu falo no horário da noite né. Eu acho que o que faz o aluno ter bastante interesse é o professor assim, como ele chega na aula, por que eu acho que ele transmite aquilo pra gente. Porque se chegar cabisbaixo, ninguém vai ter o ânimo de prestar atenção num professor que vai estar lá na frente "ahnnnn", vai com certeza surgir a conversa. Também tem aquele professor que chega e não consegue colocar ordem na turma, não se impõe. Por que tem professores que chegam nas turmas que não conseguem se impor na turma, tão sempre reclamando

da turma... Por que em algumas matérias os alunos conversam e em outras os alunos não conversam? Claro, não tou tirando dos alunos, mas eu acho que tem alguns professores que não conseguem se impor tanto assim.

R- Será que não falta maturidade aos alunos? Tu achas que a grande maioria do ensino médio, por exemplo, não teria condições de ajudar mais o professor a fechar a avaliação? Atualmente, eu percebo a situação dessa forma. O aluno faz o trabalho e a prova, e o professor corrige tudo isso que ele fez nesses papéis. Será que o aluno do médio tem maturidade para poder incrementar ou poder influenciar mais em sua nota?

A- É, eu acho que falta bastante. Não estou falando especificamente de um assim. A gente tem muitas pessoas aqui que chegam aqui só pra fazer bagunça e tem algumas pessoas que sabem, como dizia uma professora esses dias: "Pelô amor de Deus, essa criatura sabe, e tira 10 nas notas" e que vem, eu acho que por imaturidade mesmo- não presta atenção nas aulas, fica conversando mas sempre com nota alta, sempre vai bem nos trabalhos. E aí o que vai ser dos outros alunos que não conseguem prestar atenção porque aquele conversa. O que vai ser do professor? Tu vais avaliar como o aluno vai bem nas provas, mostra que sabe mas no qualitativo vai mal. Daí fica aquela coisa, os alunos não aprendem, o professor fica naquela vai ou não vai. Isso ocorre, porque já ocorreu esse ano. E atrapalha os outros também, que não conseguem prestar atenção. Ah, tem gente que consegue prestar atenção mesmo com vários falando, mas a maioria que trabalha o dia inteiro e que chega aqui cansado não tem como. Até de tarde, né independente. Tem gente que qualquer conversinha, eu sou uma, que qualquer conversinha do meu lado eu não consigo. Eu tava sentada hoje e eu tava escutando atrás de mim conversando e eu tava meio... "Opa, espera aí vou pra trás". Que ali não tinha ninguém conversando. Então qualquer barulhinho que eu escute... à tarde eu tava achando muita dificuldade, que eu tava sentada e tinha duas gurias atrás de mim e gurria conversa, não adianta e eu não tava conseguindo prestar atenção...

R- Conseguiu agora...

A- Agora eu consigo, porque se eu sento ali por exemplo com a Fran e com o Rob, ali assim naquela parte eu consigo prestar atenção, agora hoje eu sentei na frente porque eu esqueci a minha folhinha em casa, daí eu sentei na frente do Thi, ele começou a conversar atrás e eu não consegui prestar a atenção, eu cheguei a virar de lado, porque virada de lado pra conseguir prestar a atenção. Eu procuro assim. Não eu tô cansada, mas eu tenho que aprender, se eu não fizer aqui, em casa fica pior ainda né, só no final de semana. E aí no final de semana eu fico assim: se eu estudo pro colégio ou pro vestibular. Bah, e pra semana que só deu trabalho. Foram 3 trabalhos. Um pro dia 3, pro dia 2, pro dia primeiro se eu não me engano e a prova pro dia quatro. E pra segunda feira tem um trabalho também, dia 6. Então é um monte de coisa que durante a semana não tem como fazer nem lá no serviço assim. Eu tenho a liberdade de fazer alguns trabalhos de aula assim, digitar alguma coisa mas não de ficar né todas as 8 horas ali estudando, né?

R- Seria um sonho?

A- Ah, seria maravilhoso.

R- Lembra do projeto que nós fizemos? Baseada no trabalho do museu, que vocês fizeram, como é que tu sentiste a participação do pessoal nesta atividade?

A- Sempre têm aqueles que não participam né. Mas eu acho que como foi nós que pudemos escolher assim, isso faz com que nós, com que a gente consiga ir atrás e que a gente procure sabe. Eu acho bem legal isso, devia ser feito umas duas vezes por ano, assim tipo início e final do ano. Porque é muito bom, a gente procura, só que eu gostei mais dessa parte de ser estabelecida a matéria, né porque , ahn, não vou mostrar pra área de Ciências porque ciências tem, deve ter, tem DSTs tem assuntos mais fáceis assim, ah então vamos para a área de biologia porque a professora avalia melhor é boazinha e tal. E outra porque tem assuntos mais fáceis de pesquisar, vamos lá e pesquisamos e tal e tal. Mas eu acho que mesmo assim, mesmo sendo mais fácil, é uma coisa que tu vai fazer porque tu quer, é uma coisa que se tu tem dúvidas tu sempre acaba tirando as tuas dúvidas. Mas isso de "impor" as matérias, de dividir, é muito bom. Por exemplo, no ano passado não teve, eu não lembro de ter tido trabalho de Língua portuguesa. Esse ano teve e foi bem bom, falou dos vícios da internet, daquelas abreviaturas horrorosas. E isso é legal, são assuntos do dia-a-dia que muitas pessoas têm dúvidas e isso é tri bom assim pra quem nunca soube daquele assunto, pra quem está pesquisando, pra quem vai escutar, pra todos, eu acho isso muito válido.

R- E não houve conflito na hora de vocês serem avaliados por professores diferentes de áreas diferentes com critérios específicos? Não houve conflito em outros grupos já que ouviste outros trabalhos e participaste das notas finais?

A- Eu acho que não teve ninguém que viesse reclamar assim "Ai eu não queria que tal professora me olhasse". Eu não escutei nada disso, pelo contrário, todo mundo assim "Ai a professora tal é bem legal e tal". E outros "Ah professora vem aqui, a senhora não viu meu trabalho" isso teve bastante. E isso é legal. E o meu trabalho eu adorei assim e chamei a professora "Olha professora meu trabalho é assim e assim". E a gente mesmo dividindo o trabalho, mesmo que a gente não estude a matéria do outro, a gente vê nos cartazes e já sabe explicar.

R- E no ano passado houve a mesma motivação deste ano?

A- Eu tive mais ano passado assim. A gente se empenhou mais porque era um assunto adolescente, era sobre DSTs então era, tinha mais recursos digamos assim, a gente conseguiu pesquisar mais, a gente conseguiu pegar camisinha, e é legal porque a gente pode falar pra adolescentes, vai poder apresentar para que usem camisinha, era um assunto bem que a gente queria mesmo assim. O grupo era bom, a gente se entrosou bastante, o grupo era tri bom assim. Apresentamos tri bom assim, a gente percebeu, apresentamos vídeo. Eu ainda sei muita coisa do meu trabalho, não passou batido.. . eu lembro do ano passado, desse ano, bah muito bom.

R- E a maioria dos trabalhos foi de Ciências, assim, achei que a preferência geral...

A- Foi.

R- Já que a maioria gosta da área de Ciências, a reprovação é fator decisivo. Teria como o professor fazer diferente o processo de avaliação?

A- Eu acho que mais trabalhos assim que exigissem essa pesquisa. Eu gosto de pegar uma folha ler, sintetizar e falar é assim e assim. Eu gosto de chegar na frente da turma e explicar. Só que têm alguns alunos que nunca estão contentes com nada e acham que isso não vai dar certo. Aí acham que tem que continuar a prova. Aí quando tem prova, ah não mas acho que podia fazer mais trabalho. Parece que eles nunca tão contentes. E a senhora falou da maturidade né. Nunca se decidem. Mas eu acho que no trabalho, né, ahn que nem a matéria de química. A professora pediu um trabalho: "Peguem qualquer tema de química" do médio, qualquer tema de química. A gente pegou sobre ácidos que é uma coisa tri do dia-a-dia, assim que a gente não imagina que é tanto, mas é, depois tu lendo e estudando, é, não teve como apresentar o meu ácido sem ler o dos outros. E até porque tu fica curiosa, tu acaba indo atrás. A gente acaba sempre estudando.

R- E quando tu fazes esse tipo de projeto, lembrás que vais ser avaliada ou fazes mais em função de que tu queres fazer?

A- Ah, eu fico nervosa sempre, e eu acho que é aí que eu lembro que eu to sendo avaliada. Mas eu acho que eu sempre vou bem assim, pra falar é fácil, e eu gosto. Eu adoro aula de sociologia assim, mesmo que não pegue assim o que é realmente cada palavra eu sempre consigo deduzir assim, interpretar pelo contexto, né? E isso é bem bom assim. Eu vejo que isso tudo assim tá sempre mantendo uma matéria ligada a outra. E se tu pega uma depois tu consegue pegar a outra e depois a outra. E isso é bem bom assim, interagir entra as matérias. Eu não sou muito boa em física... química esse ano eu tô melhor assim porque não é tanto cálculo, é mais lógica assim, é mais nome, mais escrito.

R- Cálculo! A matemática acaba sempre atrapalhando as Ciências.

A- Acabou?

R- Sim, obrigada.